

MESTRADO INTEGRADO  
ARQUITETURA

# **(Re)Interpretar uma Memória:** Centro de Estudos da Fábrica de Cerâmicas do Senhor do Além

Ana Catarina de Oliveira e Sousa

**M**  
**2023**



Ana Catarina de Oliveira e Sousa. (Re)Interpretar uma  
Memória: Centro de Estudos da Fábrica de Cerâmicas do  
Senhor do Além



**M.FAUP 2023**

(Re)Interpretar uma Memória: Centro de Estudos  
da Fábrica de Cerâmicas do Senhor do Além  
Ana Catarina de Oliveira e Sousa





# **(Re)Interpretar uma Memória**

Centro de Estudos da Fábrica de Cerâmicas  
do Senhor do Além

Ana Catarina de Oliveira e Sousa

**Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura**

Apresentada na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

Orientação realizada pela Prof. Maria Clara de Carvalho Pimenta do Vale

Porto, 2023



As citações apresentadas no decorrer da dissertação em língua não-portuguesa, encontram-se traduzidas pela autora.

Foi utilizada a norma de referência bibliográfica APA.

Todas as imagens, mapas e gravuras apresentados nesta dissertação foram redimensionados e cortados pelo autor, possuindo a respetiva referência no índice iconográfico.

A dissertação é constituída pelo corpo de texto e respetivas imagens de apoio, tal como por um grupo de anexos e de apêndices constituídos por desenhos, esquemas, mapas, gravuras e documentos essenciais para estudar o Complexo da Fábrica de Cerâmicas do Senhor do Além.

Apresenta desdobráveis no decorrer da sua leitura, essenciais para o enquadramento visual do que está a ser descrito no texto.

Na versão digital, a dissertação deve ser visualizada em exibição de duas páginas com exceção da folha de rosto.

Fig.A - Desenho da volumetria da cidade do Porto de 1844 por Frederico Perry Vidal com a localização da Fábrica de Cerâmicas do Senhor do Além



Fábrica de Cerâmicas do Senhor do Além

“Chama de amor ardente no peito,  
eu era pintor e tornei-me arquiteto!”

Carlo Aymonino

“Fiamma d’amore m’arse nel petto,  
Ero pittore e divenni architetto!”

Carlo Aymonino



## *Agradecimentos*

Aos meus pais, pelo amor incondicional e pelo apoio inabalável ao longo do meu percurso acadêmico e por terem sido desde sempre, o meu “porto seguro”.  
À minha irmã Francisca, obrigada por despertares em mim uma coragem que desconhecia possuir.

Ao Mario, por nunca ter desistido de me apoiar, pelo carinho, motivação, críticas construtivas e por ter estado sempre ao meu lado.

À Xana, à Bianca, ao Fred, ao Carreno, à Cristina, à Leão e à Catarina, por toda a amizade, companhia, apoio e pelos momentos de pura alegria que compartilhamos durante o nosso percurso acadêmico.

À Professora Clara, obrigada pelos preciosos momentos de aprendizagem ao longo destes anos, pela pessoa inspiradora que é e pelo apoio oferecido nesta fase final.

Por fim, estendo o meu agradecimento a todos os colegas e professores que deixaram a sua marca no meu percurso, contribuindo para o meu crescimento não só profissional mas também como indivíduo.

## ***RESUMO***

A presente dissertação consiste na realização de uma proposta de projeto para um centro de estudos na área da antiga da fábrica de cerâmicas do Senhor do Além, implantada na escarpa da Serra do Pilar, em Vila Nova de Gaia.

Face ao estado de conservação do conjunto edificado, que não permite o acesso, o trabalho de análise e a proposta desenvolveram-se a partir de um levantamento e relatório de arqueologia realizados em 2008. A proposta apresentada pretende ser uma possível resposta, sob a forma de projeto, para oferecer ao lugar uma nova função num novo tempo.

O corpo do trabalho organiza-se em três partes: passado, presente e futuro - três tempos que se dividem entre análise e proposta.

Na primeira parte elabora-se uma narrativa histórica, relativamente à fábrica de cerâmicas e à sua capela, enquadrada no desenvolvimento histórico e urbano das duas cidades que a envolvem, Porto e Vila Nova de Gaia, para contribuir para a identificação de valores a preservar e a valorizar.

A segunda parte tem como objetivo a construção de uma opinião pessoal sobre a intervenção no património, sobre o património industrial, e sobre a preservação da ruína, a partir da bibliografia e da análise de práticas. Para as opções pessoais de projeto foi importante compreender quais são os valores do edifício em ruínas, o valor da memória e as discussões dos últimos dois séculos sobre a intervenção em património. Com o conhecimento adquirido sobre a evolução histórica do lugar da antiga fábrica, bem como das doutrinas internacionais sobre intervenção em património, elabora-se uma proposta de projeto que constitui a terceira parte.

As opções de projeto recaíram, por um lado, em manter os elementos de uma história anterior, na preservação da ruína, apenas fazendo consolidação e conservação das estruturas, e por outro, na proposta de novos usos de maneira a conseguirmos revitalizar este espaço. E a adaptação da envolvente a um novo programa, integrando as necessidades da comunidade atual, aprofunda e fortalece as características do terreno existente, realçando as preexistências.

Palavras-Chave:

Ruína, Memória, Essência, Património Industrial e Centro de Estudos

## ***ABSTRACT***

This dissertation consists of the creation of a project proposal for a study centre in the area of the former Senhor do Além ceramics factory, which is located on the Serra do Pilar escarpment in Vila Nova de Gaia.

Given the state of conservation of the building, which does not allow access, the analysis and proposal were developed on the basis of an archaeological survey and report carried out in 2008. The proposal presented is intended to be a possible response, in the form of a project, to offer the place a new function in a new era.

The body of the work is organised into three parts: past, present and future - three eras that are divided between analysis and proposal.

In the first part, a historical narrative is drawn up about the ceramics factory and its chapel, framed within the historical and urban development of the two cities that surround it, Porto and Vila Nova de Gaia, in order to help identify the values to be preserved and enhanced.

The second part aims to build a personal opinion about heritage intervention, industrial heritage and the preservation of the ruin, based on bibliography and the analysis of practices. For the personal design choices, it was important to understand the values of the ruined building, the value of memory and the discussions of the last two centuries on heritage intervention. With the knowledge acquired about the historical evolution of the site of the old factory, as well as international doctrines on heritage intervention, a project proposal was drawn up, which constitutes the third part.

The design options were, on the one hand, to maintain the elements of a previous history, preserving the ruin, only consolidating and conserving the structures, and on the other, proposing new uses in order to revitalise this space. And adapting the surroundings to a new programme, integrating the needs of the current community, deepens and strengthens the characteristics of the existing site, highlighting the pre-existing features.

Keywords:

Ruin, Memory, Essence, Industrial Heritage and Study Centre



## ***Sumário de conteúdos***

Agradecimentos	VII
Resumo / Abstract	VIII/IX
Sumário de conteúdos	XI
<b><i>Introdução</i></b>	01
<b><i>1. À beira rio</i></b>	05
1.1 - Cidades onde nasceu Porto e Vila Nova de Gaia	07
1.2 - Crescente Identidade De ermida a Fábrica	23
<b><i>2. Uma travessia</i></b>	47
2.1 - Pedras Abandonadas	49
2.2 - Alma Viva	57
2.3 - Identidade Preservada	65
<b><i>3. Um novo horizonte</i></b>	83
3.1 - Análise Crítica	85
3.2 - Organização Programática	95
3.3 - Uma Proposta	103
<b><i>Considerações Finais</i></b>	117
Bibliografia	121
Iconografia	127



<b><i>Sumário de Anexos</i></b>	A2
I - Desenhos de Projeto	A4
II - Sobreposição de Pisos Análise Funcional dos vários espaços da Fábrica	A40
III - Análise Evolutiva	A48
IV - Levantamento de Fachadas	A52
V - Fotografias da Maquete	A56
<b><i>Sumário de Apêndices</i></b>	B1
VI - Cartografia	B3
VII - Gravuras e Fotografias	B15
VIII - Documentos de Apoio	B35



## *Introdução*

O desenvolver desta dissertação surge como um culminar de um percurso académico, que tenciona, com o seu término, aprofundar a ideia de intervir no edificado devoluto, oferecendo-lhe uma nova vida, um novo uso e um novo lugar na sociedade.

No caso do Património Industrial Português, é bastante extenso, aqui será discutido mais a fundo o tema da indústria portuense, constituída por diversos setores de produção (tendo como exemplo o da cerâmica ou o têxtil), denotando a significativa herança cultural que as cidades do Porto e de Vila Nova de Gaia possuem.

Ao longo dos séculos, especialmente no final do século XX, diversas fábricas foram abandonadas, deixadas à mercê da degradação causada pelos elementos naturais ou mesmo demolidas, uma vez que não se reconhecia o seu valor e não eram consideradas edifícios importantes a preservar.

Deixadas ao esquecimento, independentemente da relação que tenham exercido para com a sociedade ou para um recontar da história e do tipo de produção do passado, como elemento cultural.

A escolha e interesse em trabalhar com património industrial deveu-se principalmente a uma convicção muito pessoal, de que existem complexos abandonados em todas as cidades do mundo, e tendo em conta o tamanho que normalmente estes edifícios industriais ocupam, quer seja na história e na área da cidade em si, quer seja no coração dos cidadãos que nelas trabalharam ou fizeram parte das suas vidas, os mesmos merecem a oportunidade de se tornarem novamente “atores vivos”.

Tendo em conta o enorme tamanho do espaço que oferecem, acabam por ser muito versáteis e potenciadores de inúmeras soluções que podem complementar e melhorar a sociedade em que se inserem. Sendo que o seu estado atual de abandono e ruína, não só afeta o edifício, mas também a identidade da própria cidade e de cada um que por ali tenha passado.

O caso que será apresentado, da Fábrica de Cerâmicas do Senhor do Além chamou-me a atenção durante uma visita com amigos aos Guindais, do outro lado do rio. A vista das ruínas encavalitadas no Douro seduziu-me e despertou a imaginação sobre futuros possíveis. Ao notar o imenso estado de degradação, mas principalmente devido ao terreno acidentado e escarpado, achei que poderia ser um caso desafiante e interessante de desenvolver. O caso de estudo foi assim escolhido (entre outros) devido à sua localização estratégica relativamente

ao centro de Vila Nova de Gaia e da cidade do Porto, mas a decisão final foi fundamentalmente devido à sua complexa história e evolução.

A Fábrica de Cerâmicas do Senhor do Além, encontra-se na encosta da Serra do Pilar em Vila Nova de Gaia, junto ao Rio Douro, com vista privilegiada para a, e da, cidade do Porto. Trata-se de um terreno delgado e comprido, onde a cota mais elevada do seu conjunto atinge aproximadamente 35 metros enquanto a sua cota mais baixa beija o Rio Douro. Essa relação forte com as duas margens do Douro realçam a importância de realizar uma pesquisa aprofundada sobre a história das duas cidades e apresentar a complexa evolução do conjunto edificado (que se estendeu por vários séculos). Uma fábrica que nasceu de uma ermida no cimo da escarpa, progredindo a hospício (a 8 metros do nível da água) e variadas fábricas durante o último século em funcionamento.

Denoto que será essencial desenvolver todo um trabalho de investigação histórica, para esboçar uma opinião, uma linha temporal e uma ideia daquilo que ali poderia uma vez ter sido. Mas também a pesquisa sobre a história do património industrial, uma vez que ao longo das décadas as ideias e regras base se encontravam em constante alteração, denotando a sua importância para com o contexto cultural e socioeconómico.

A dissertação será dividida em 3 partes (passado, presente e futuro), uma contextualização histórica, um fundamento teórico (sobre a ruína, memória e património) e uma análise (baseada em documentos, uma vez a impossibilidade de um levantamento no local) do estado atual de conservação da fábrica de cerâmicas, culminando numa proposta de projeto.

No Capítulo I (o passado) elabora-se um pequeno resumo da extensa e complexa história da cidade do Porto e de Vila Nova de Gaia, denotando o carácter das duas cidades. Pretende-se conhecer a história das cidades onde a Fábrica do Senhor do Além nasceu e cresceu, de forma a entender “como” e “onde” as suas primeiras fundações apareceram e o “porquê” das suas diversas fases de alteração volumétrica e funcional ao longo das décadas.

No Capítulo II (o presente) inicia-se a construção de uma opinião, sobre a temática da ruína (como esta pode ser relevante em manter numa perspetiva de projeto), sobre a memória (que poderá possuir uma relação direta/indireta para com a essência do próprio objeto de estudo) e sobre o património (realçando o crescer da opinião debruçada sobre os conceitos de restauro, conservação e monumento).

O Capítulo III (o presente) visa apresentar o objeto de estudo, dividido em três componentes.

O primeiro apresenta um diagnóstico de “levantamento” através de bases bibliográficas, devido à impossibilidade de acesso e de realizar um trabalho de levantamento devido ao mau estado de conservação.

O segundo tenciona manifestar a importância do local (reportando uma análise da sua envolvente próxima, as necessidades e características da sociedade/lugar

onde este se insere) e a descrição da fábrica de cerâmicas no seu estado corrente, tal como uma primeira intenção relativa à temática estudada.

Com o terceiro pretende-se apresentar uma proposta de um projeto de um centro de estudos, denotando a importância de um levantamento detalhado e análise real do estado de conservação do complexo industrial para uma intervenção futura.

Ao esquiçar um cenário de desenvolvimento de uma base teórica, é importante sublinhar que o desenvolvimento de projeto foi efetivamente realizado ao entorno das ruínas da fábrica de cerâmicas, denotando um respeito pela memória que o edifício oferece. A construção de um novo complexo para estudo, na escarpa norte da Serra do Pilar, denota ainda a falta de locais não comerciais dedicados a estudantes e jovens trabalhadores, onde se possam reunir, num ambiente não só de convívio, mas também de trabalho.

Assim, ao intervir na ruína, pensando em restauro ou em reabilitação e reuso, é necessário conhecer as bases teóricas discutidas ao longo dos anos por muitos autores, que serviram para salientar os pontos essenciais a ter em consideração na própria prática.

O projeto proposto assenta numa intenção de oferecer à sociedade algo de novo, com novas valências, mas sem esquecer o seu passado, respeitando a sua essência, e integrando todo o património industrial que ali se encontra discretamente escondido, oferecendo assim uma nova vida e uma nova função.

Assim sublinho, que a presente proposta de projeto que aqui será apresentada, visa unicamente chamar a atenção para as oportunidades que este complexo pode oferecer à sociedade da cidade de Vila Nova de Gaia. Neste caso particular, de intervenção no património, deverá ser envolvida o maior número de especialidades possível, de maneira a conseguir responder da melhor maneira e com o maior respeito possível.

No entanto, apesar da intervenção desafiadora e da rica história do conjunto edificado, este sempre se revela como um caso enriquecedor.



## *1. À beira rio*



## ***I.1 Cidades onde nasceu***

Porto e Vila Nova de Gaia

“Perpassa a história toda, local e estranha, e a geografia, histórias de pessoas e experiências sucessivas, as coisas novas entrevistas, música, literatura, os êxitos e os fracassos, impressões, cheiros e ruídos, encontros ocasionais. Uma película em velocidade acelerada suspensa aqui e ali, em nítidos quadradinhos.

Uma grande viagem em espiral sem principio nem fim, na qual se entra quase ao acaso. Comboio assaltado em movimento.

É preciso parar e ser oportuno na paragem.

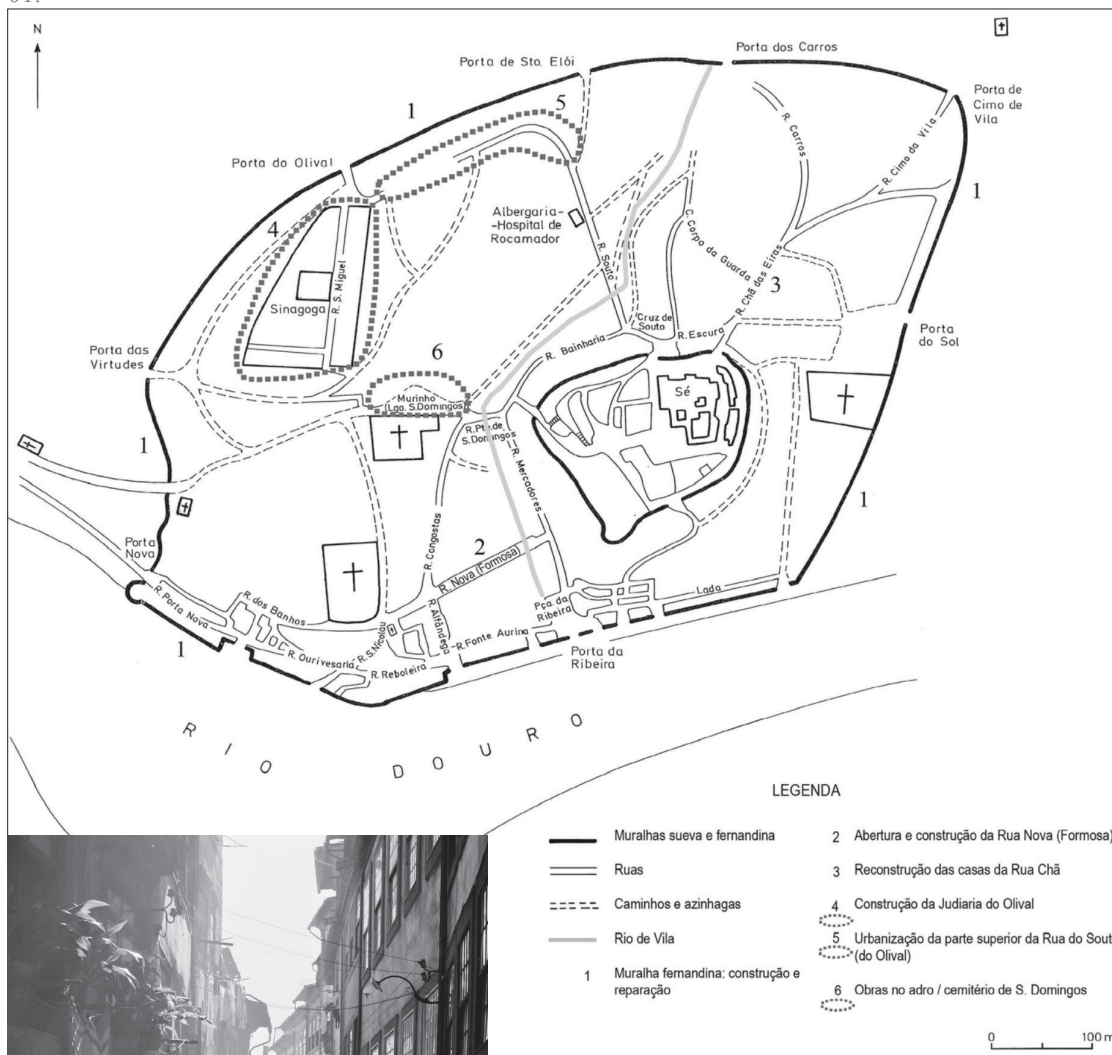
Agora entra a razão, com os seus limites e a sua eficácia.

Talvez retomar a viagem?”<sup>1</sup>

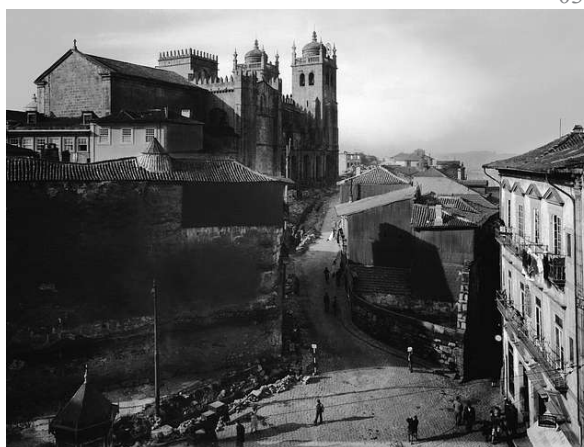
---

1. Siza, Á. (2019). 01Textos. Lisboa: Parceria A. M. Pereira. pp.219

01.



02.



03.

“Olha pela janela, procura uma ideia.

Aí está o Douro - que nunca viu dourado - Gaia, o barco, a ponte.

Cidade do Porto

Pede uma folha de papel.”<sup>2</sup>

Na margem norte do Rio Douro localiza-se a cidade do Porto, pelas características territoriais que facilitaram o assentamento e o desenvolvimento urbano. A sua ocupação remonta ao ano de 417, segundo o Padre Rebelo da Costa<sup>3</sup> ou a 433, segundo outros históricos<sup>4</sup>.

Um ressalto na paisagem (aquele ponto mais alto do terreno do lado norte do rio Douro) foi o local onde se estabeleceu o Morro da Pena Ventosa<sup>5</sup>, mais tarde denominado de Morro da Sé, com a sacralização católica. No século VI, o burgo ocupava o interior fortificado do seu “Portugalensem in castro novo” (relativo ao Morro da Pena Ventosa, denominação atribuída pelo “Paroquial Suevo”<sup>6</sup>).

No século XII a população começou a fixar-se, deu-se as construções das muralhas primitivas denominadas de “muralhas sueva”, edificadas de 1108 a 1110<sup>7</sup>. Este nome, deve-se ter dado por base na maioria da população que ali habitava, principalmente sueva. Tudo isto durante o domínio do Conde D. Henrique (pai de D. Afonso Henriques)<sup>8</sup>.

As características naturais do terreno facilitaram não só a definição do seu centro, mas também as suas próprias defesas, uma vez que sendo um ponto elevado e estratégico, dispunha de visibilidade de potenciais ameaças, enquanto

2. Siza, Á. (2019). 01Textos. Lisboa: Parceria A. M. Pereira. pp.253

3. Costa, A. R. (?-1791). Descrição topografica, e historica da Cidade do Porto. Porto: Oficina de Antonio Alvarez Ribeiro. pp.13

4. Monterey, G. (1972). O Porto: origem, evolução e transportes. Porto: G.M., 2º edição. pp.21

5. Resende, M. (1952). A evolução territorial da cidade do Porto e a orientação a seguir para a urbanização das zonas residenciais. Porto, Porto, Portugal: C.M.. pp.1

6. Veloso, J. L. (2020). “Portucalem Castrum Novum” entre o mediterrâneo e o atlântico: o estudo dos materiais cerâmicos alto-medievais do arqueossítio da rua de d. hugo, no. 5 (porto). Arqueologia em Portugal: 2020 - Estado da Questão. pp.1619

7. Monterey, G. (1972). O Porto: origem, evolução e transportes. Porto: G.M., 2º edição. pp.25

8. Monterey, G. (1972). O Porto: origem, evolução e transportes. Porto: G.M., 2º edição. pp.26

Fig.01 - Planta do Porto Medieval:

construções dos séculos XIV e XV

Fig.02 - Fotografia da rua Intramuros na década de 50/60

Fig.03 - Acesso à zona da Sé do Porto através do Largo do Corpo da Guarda



04.

05.



a zona ribeirinha continuava desprotegida e aberta a todos os visitantes que chegassem por via fluvial<sup>9</sup>.

Com um enorme crescimento do poder eclesiástico, foi oferecida a governança do Couto Portucalense, por D. Teresa ao bispo D. Hugo<sup>10</sup>, tendo sido a partir daqui o início de um novo domínio, o eclesiástico. Com o tempo gerou polémicas entre o povo e o poder do clérigo (que terminaram entre 1405 e 1406 coincidindo com o período onde terminou a autoridade do bispo do Porto)<sup>11</sup>.

Com a densificação da ocupação intramuros, que vinha a ocorrer desde o século XII, o espaço urbano da cidade começou a crescer para além das muralhas construídas, “extravasara da cerca velha para todas as direções”<sup>12</sup>. Com estes progressos, a primeira muralha passou a ser considerada de “Muro Velho, insuficiente e impróprio”<sup>13</sup>.

Só em 1336, é que a muralha se começou a expandir de maneira a albergar a área da Sé até à zona ribeirinha da cidade do Porto<sup>14</sup>, o que permitiria um melhor controlo fiscal das mercadorias que entravam e saíam dos limites da cidade e assim foi batizada a nova muralha de nome fernandina (mandada levantar por D. Afonso IV e terminada no tempo de D Fernando)<sup>15</sup>.

Com o tempo, e o aumento de população, o morro da Pena Ventosa passou a ser um de dois centros urbanos - centro administrativo e social da cidade e de vivência com o clérigo -, enquanto que o segundo se encontrava à beira-rio, na zona da ribeira (funcionando como centro económico e comercial, evidenciado pela colocação da alfândega velha – hoje Arquivo Histórico e Municipal do Porto).

Será justamente na zona da ribeirinha que acabou por se desenvolver um enorme foco no comércio, promovendo uma prosperidade mercantil desta zona e uma futura atração cada vez mais demarcada por empresários burgueses<sup>16</sup>.

“A Baixa portuense, ribeirinha, começou a afirmar-se na segunda metade do século XIV, (...) por efeito da atracção do rio e do mar. Foi obra de pescadores, mareantes, funcionários régios da alfândega, moedeiros, armadores de navios, cambistas e mercadores. Gente do comércio, da finança e da fiscalidade régia e local. Mas também gente dos ofícios e do trabalho à tarefa e à jorna. A praça da Ribeira foi inicialmente o centro dessa zona fervilhante. Depois à medida que a Rua Nova tomava figura,

9. Sequeira, J. (2009). Como nasce uma cidade : das origens ao Condado Portucalense. Matosinhos: QuidNovi. pp.1

10. Monterey, G. (1972). O Porto: origem, evolução e transportes. Porto: G.M., 2ª edição. pp.27

11. Monterey, G. (1972). O Porto: origem, evolução e transportes. Porto: G.M., 2ª edição. pp.28

12. Sousa, Armindo, Tempos medievais, in Ramos, L. A. (1994). História do Porto. Porto: Porto Editora. pp.132

13. Ibidem. pp.136

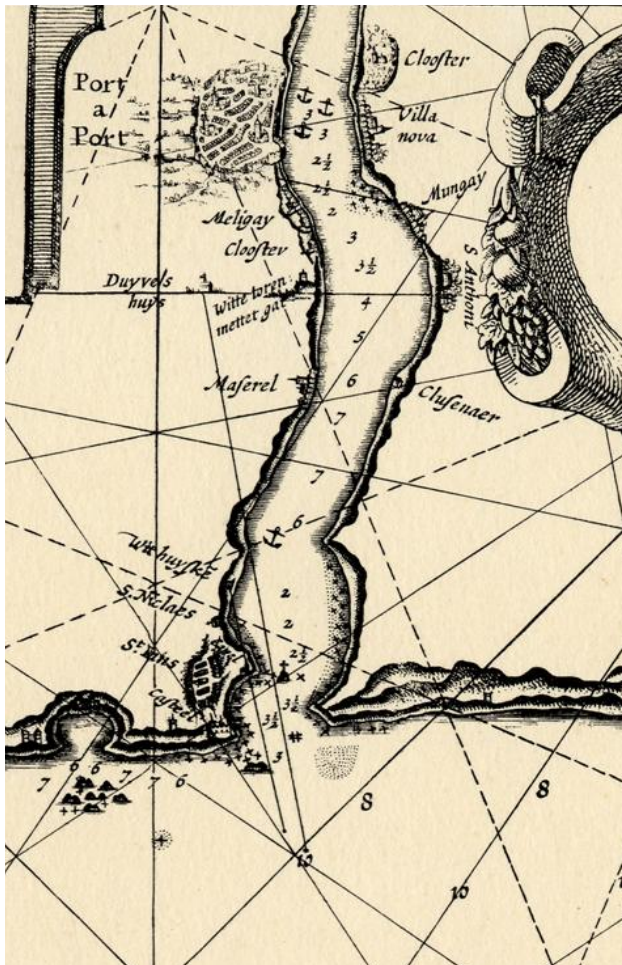
14. Miranda, F. (2010). A cidade dos mercadores : da luta pelo poder civil às guerras fernandinas. Matosinhos: QuidNovi. pp. 76

15. Monterey, G. (1972). O Porto: origem, evolução e transportes. Porto: G.M., 2ª edição. pp.29

16. Teixeira, H. (2010). Porto, 1114-1518 : a construção da cidade medieval. Porto, Portugal: Tese de Dissertação, FLUP. pp.38

Fig.04 - Panorâmica sobre a Ribeira em 1950

Fig.05 - Vista sobre o rio Douro através da Ponte Luís I



06.

07.



o coração da Baixa deslocou-se para aí. Em meados do século XV a deslocação está processada – e a Rua Nova virou rua burguesa, o símbolo adequado do Porto moderno. A contraversão da Alta bispal.”<sup>17</sup>

Cidade de Vila Nova de Gaia

Na margem sul do Rio Douro, a atual cidade de Vila Nova de Gaia (antiga Portucale Castrum Antiquum), teve um desenvolvimento distinto, devido às características “geomorfológicas” do local, que se apresentava como “ancoradouros naturais com areais em arco com eixo voltado a norte”<sup>18</sup>, situação verificada já em tempos remotos (já ali existia um porto do período romano). Esta margem foi desde sempre, e ainda hoje, preferida para a atracagem de barcos e frotas que entravam na barra, como se deduz de um texto do tempo de D. Afonso Henriques<sup>19</sup>.

“Naquele tempo vieram inesperadamente alguns navios da região das Gálias, cheios de homens armados que tinham feito o voto de ir a Jerusalém; tendo chegado ao porto de Gaia e entrado no Douro, o rei soube disso, e alegrou-se pois eram cerca de setenta, e estabeleceu com eles um acordo para irem até Lisboa, eles por mar...”<sup>20</sup>

À função de ancoradouro se terão juntado outras atividades portuárias, tal como de reparação e construção naval, a partir do século X, existindo documentos que o atestam, como bases cartográficas e litografias que referem a grande azáfama portuária na cidade de Gaia, principalmente na segunda metade do século XVIII<sup>21</sup>. Uma destas fontes é a fotografia histórica, podemos referir particularmente o trabalho de Domingos Alvão (século XIX), que fotografou o Porto e Vila Nova de Gaia, captando a sua essência como cidade, mas também a sua evolução ao longo do tempo.

Desde meados do século XVII, estabeleceram-se no Porto negociantes de diversas origens como ingleses, flamengos e hamburgueses, que se enveredaram negócios como panos, ferros, bacalhau, etc, e esporadicamente de vinho<sup>22</sup>.

Foi só a partir do século XVII, que o comércio e a exportação do vinho do Porto para Inglaterra começaram a crescer, acabando por ser cada vez mais controlado por uma forte colónia de negociantes britânicos<sup>23</sup>.

17. Sousa, Armindo, Tempos medievais, in Ramos, L. A. (1994). História do Porto. Porto: Porto Editora. pp.150-151

18. Guimarães, J. A. (2017). Cidade moderna II : Vila Nova de Gaia, a “Southwark do Porto” nos primórdios da época industrial. II Congresso Histórico Internacional. As cidades na História: Sociedade (pp. 243-271). Vila Nova de Gaia: Câmara Municipal de Guimarães. pp.246

19. Ibidem

20. Annales D. Alfonsi, E. 1163 (ed. Blöker-Walter, 1966, p. 155), apud Mattoso, 2011: 141 in Guimarães, J. A. (2017). Cidade moderna II : Vila Nova de Gaia, a “Southwark do Porto” nos primórdios da época industrial. II Congresso Histórico Internacional. As cidades na História: Sociedade (pp. 243-271). Vila Nova de Gaia: Câmara Municipal de Guimarães. pp.246

21. Ibidem. pp.247

22. Mariana Abrunhosa Pereira, As Arquitecturas do vinho de um porto monofuncional. pp.170

23. Ibidem

Fig.06 - Carta do Rio Douro e perspectiva da cidade do Porto e Vila Nova em 1639

Fig.07 - Desenho de Vila Nova em 1848

08.



09.



A margem sul do Rio Douro possuía a maior riqueza mercantil<sup>24</sup>, e assim à medida que os resultados do comércio aumentavam, foram realizadas novas construções, ergueram-se armazéns, estaleiros (para a construção de novas embarcações), bem como de praças para o seu comércio que começaram a ocupar toda a zona da ribeirinha de Gaia<sup>25</sup>.

“Entre 1669 e 1789, dá-se uma explosão de caves de vinho do Porto. Vemos a passagem de uma paisagem rural e fortemente arborizada para uma paisagem densamente construída, em que os telhados longitudinais e extensos denunciam as estruturas das caves.”<sup>26</sup>

Mas, enquanto estes armazéns eram erguidos e cada lugar da margem ficava cada vez mais ocupado, as novas construções foram subindo de cota, propagando-se cada vez mais para o interior do território, acabando por esta zona ribeirinha ficar classificada como a sua baixa, uma muralha medieval imaginária, regida por indústrias e comércio.

“O rio Douro era o porto do Porto e de Gaia e assim permaneceu até meados do século XX, organizando uma rótula permanente de circulação de mercadorias, capitais, pessoas e ideias que iam e vinham do Alto Douro em tempos medievos, de onde depois veio o “vinho fino”; o carvão vinha da serra de Valongo, o pão de Avintes; de ou para Lisboa, Viana do Castelo ou Vigo intensificava-se o tráfego marítimo de proximidade; do Brasil, da Terra Nova, de Londres ou dos portos do Norte da Europa teciam-se outras rotas e trocas.”<sup>27</sup>

Nas margens do Porto e de Gaia, o meio de comunicação e de comércio dominante, e por consequência, o motor económico das cidades durante vários séculos, era o rio Douro, que permitiu não só a distribuição de mercadorias provenientes das margens do Porto e de Vila Nova num movimento cruzado (quer se tratasse de mercadorias para comércio próprio ou de exportação) como também era determinante na deslocação de pessoas. De facto, o Rio Douro era a principal via de entrada e saída de mercadorias do Porto, enquanto ajudava a definir todas as morfologias das duas margens.

A população da cidade do Porto continuava essencialmente dentro das muralhas fernandinas até quase ao final do século XVIII, mesmo com o crescimento do poder económico que se verificou. A época em que se faz a edificação original intramuros, causou ruas estreitas e ainda com um elevado declive, o que levou à necessidade de aumentar a área urbana para as zonas circunvizinhas, nas duas margens do Douro<sup>28</sup>.

24. Mariana Abrunhosa Pereira, *As Arquitecturas do vinho de um porto monofuncional*. pp.170

25. *Ibidem*

26. Mariana Abrunhosa Pereira, *As Arquitecturas do vinho de um porto monofuncional*. pp.175

27. Domingues, Á. A. (2016). *Porto património mundial : 20 anos, 20 imagens : 20 years, 20 pictures : 20 ans, 20 photos : 1996 2016*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. pp.20.

28. Monterey, G. (1972). *O Porto: origem, evolução e transportes*. Porto: G.M.. pp.51

Fig.08 - Fotografia junto à margem do rio Douro do lado de Vila Nova de Gaia

Fig.09 - Engarrafamento, rotulagem e encaixotamento do Armazém Barros



10.

11.



“A comunicação entre o Porto e Vila Nova de Gaia sempre se fez por intermédio de barcos. Porém, só a 4 de Maio de 1744 se estabelece uma carreira regular, entre as duas margens, com barcaças adequadamente construídas para o transporte de passageiros e carga.”<sup>29</sup>

## 1ª Ponte das Barcas

Tendo em conta as necessidades crescentes de transporte de passageiros e de mercadorias entre as duas margens do rio Douro por via fluvial, os habitantes realizaram um pedido de ajuda às autoridades portuenses<sup>30</sup>, e por consequência estas “solicitaram ao Governo a construção de uma ponte de madeira assente sobre 20 barcas, interligadas com amarras de ferro”<sup>31</sup>. A tão desejada ponte foi construída e aberta ao público, no dia 15 de agosto de 1806, e ficou designada por Ponte das Barcas – a primeira. Contudo, “com a segunda invasão francesa, veio a catástrofe”<sup>32</sup>. Em 1809 a população foge do Porto para Vila Nova de Gaia e com o peso a ponte cedeu provocando a morte de mais de 4000 pessoas<sup>33</sup>.

“A meio da ponte aquela massa compacta de fugitivos estava como que estacada diante de um abismo, pelo qual se sumiam, uns após outros, homens, velhos, crianças e mulheres; e, mais atrás desse medonho sorvedouro, os parapeitos de madeira arrebatados vomitavam pelas aberturas milhares de pessoas sobre o rio.”<sup>34</sup>

## 2ª Ponte das Barcas

Após “incendiados os restos da fatídica ponte”<sup>35</sup>, foi construída uma outra ponte, também constituída por barcas, mas desta vez de técnica mais avançada e mais robusta<sup>36</sup>.

Mais tarde, graça às cheias do Porto em 1843<sup>37</sup>, foi necessário desarmar a nova ponte<sup>38</sup> evitando assim o seu desmantelamento. Consequentemente, o trânsito entre as duas margens ficou interrompido.

“A lua cheia deu-nos uma cheia formidavelmente cheia; que á bocca cheia fez dizer os velhos, que se não lembravão d’outra tal.”<sup>39</sup>

29. Monterey, G. (1972). O Porto: origem, evolução e transportes. Porto: G.M.. pp.39

30. Rodrigues, M. M. (11 de Julho de 1887). A Ponte Pensil no Porto. Occidente. pp. 157

31. Monterey, G. (1972). O Porto: origem, evolução e transportes. Porto: G.M.. pp.39

32. Ibidem. pp.39

33. Ibidem. pp.39 e 40

34. Arnaldo Gama, em O Sargento-Mor de Vilar cit. pur. Monterey, G. (1972). O Porto: origem, evolução e transportes. Porto: G.M.. pp.40

35. Ibidem. pp.40

36. Ibidem

37. Azevedo, J. A. (1995). Descrição topographica de Vila Nova de Gaya : e da festividade, que em acção de graças pela restauração de Portugal se celebrou na igreja matriz em 11 de Dezembro de 1808. Vila Nova de Gaia: Associação Cultural Amigos de Gaia. pp.49

38. “Esta nova ponte era constituída por 33 barcas nas quais assentava um estrado de madeira, cujos parapeitos estavam defendidos por grades. Possibilitando a navegabilidade entre os dois troços do rio determinados pela ponte, várias barcas desprendiam-se, abrindo um intervalo por onde se fazia a passagem, técnica, aliás, usada já na primitiva.” in Monterey, G. (1972). O Porto: origem, evolução e transportes. Porto: G.M.. pp. 40

39. Azevedo, J. A. (1995). Descrição topographica de Vila Nova de Gaya : e da festividade, que em acção de graças pela restauração de Portugal se celebrou na igreja matriz em 11 de Dezembro de 1808. Vila Nova de Gaia: Associação Cultural Amigos de Gaia. pp.393

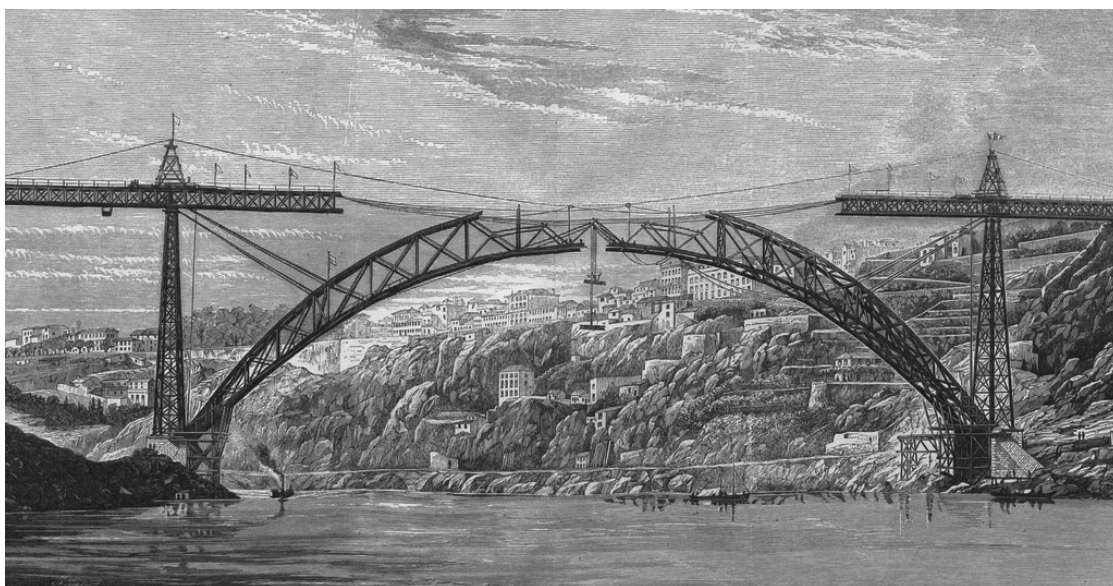
Fig.10 - Gravura de 1885 da catástrofe da Ponte das Barcas

Fig.11 - Fim da batalha do Porto em 29 de Março de 1809

12.



13.



De 1826 a 1834, por todo o território nacional, incluindo o Porto, houve um aumento de todas as manufaturas e indústrias nacionais, com um ritmo relativamente constante, depois do reinado de D. Maria no ano de 1815<sup>40</sup>.

Com o crescimento do comércio e do avanço portuário e com todas as regiões agrícolas e vinícolas que se destacaram ao longo do Alto Douro, as cidades do Porto e Vila Nova de Gaia foram ganhando um progressivo destaque comparativamente a outras da mesma época.

Em 1842, Lisboa tinha na sua posse o controlo de todos os esforços industriais portugueses, encontrando-se o Porto numa posição relativamente premiada<sup>41</sup> devido a todas as exportações a nível nacional, com a ajuda do Rio Douro como seu motor económico.

A Ponte das Barcas permaneceu aberta até 1843, ano da inauguração da Ponte Pênsil<sup>42</sup> (que não se encontrava exatamente na mesma localização, mas ligeiramente mais a Nascente, rematando nos pontos mais altos das suas margens<sup>43</sup>), devido ao aumento de veículos pesados, e a todo o transporte quer mercantil ou dos próprios habitantes, caso contrário ter-se-ia tornado obsoleta<sup>44</sup>.

A Ponte Pênsil possuía uma “altura de 10 metros sobre o nível normal das águas”<sup>45</sup>, com um comprimento de 170,14 metros e largura de 6 metros incluindo já um passeio de cada lado<sup>46</sup>.

Em paralelo com o progresso do país, o caminho de ferro começa a ser construído em Portugal. Em 1857 foi inaugurada o primeiro troço ferroviário que ligava Lisboa ao Carregado (seis carruagens de 1ª, 2ª e 3ª classe), um percurso de 30 quilómetros<sup>47</sup>.

Em 1864, a máquina a vapor chega à Estação das Devesas. Partindo de Lisboa, passando por Aveiro e Espinho, depois “inflete abruptamente para o interior por alturas de Coimbrões, contorna Gaia e vai encontrar o rio sem se mostrar, a nascente da Serra do Pilar”<sup>48</sup> atravessava o Rio Douro através da ponte D. Maria Pia (proposta realizada pelo Engenheiro Gustave Eiffel), construída em 1876, com uma cota de 60 metros acima da linha da água, que assentava um dos seus lados no Monte Seminário do lado do Porto, e na Serra do Pilar no lado

Ponte Pênsil

Ponte D. Maria Pia

40. Oliveira, Aurélio, “As indústrias no Porto nos finais do séc. XVIII”. In Alves, Jorge Fernandes, *A Indústria Portuense em Perspectiva Histórica — Actas do Colóquio*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1998. pp.285

41. Oliveira, A. d. (1998). *As Indústrias no Porto nos finais do século XVIII*. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras. pp.285

42. Monterey, G. (1972). *O Porto: origem, evolução e transportes*. Porto: G.M.. pp. 41

43. Azevedo, J. A. (1995). *Descrição topographica de Vila Nova de Gaya : e da festividade, que em acção de graças pela restauração de Portugal se celebrou na igreja matriz em 11 de Dezembro de 1808*. Vila Nova de Gaia: Associação Cultural Amigos de Gaia. pp.104

44. Ibidem

45. Ibidem

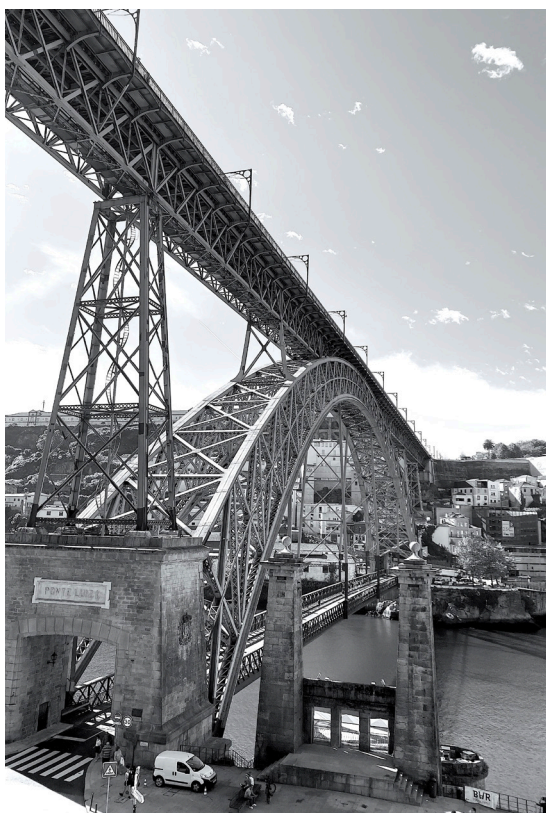
46. Ibidem. pp.44

47. Azevedo, J. A. (1995). *Descrição topographica de Vila Nova de Gaya : e da festividade, que em acção de graças pela restauração de Portugal se celebrou na igreja matriz em 11 de Dezembro de 1808*. Vila Nova de Gaia: Associação Cultural Amigos de Gaia. pp.410

48. Ibidem

Fig.12 - Ponte Pênsil sobre o rio Douro visto da Serra do Pilar

Fig.13 - Construção da Ponte Maria Pia



14.

15.



## Ponte Luís I

de Vila Nova de Gaia<sup>49</sup>. Considerando os interesses da população em realizar a passagem para a outra margem do rio, foi pensada a construção de uma ponte de utilização exclusiva da população, desenhada pelo Eng. Teófilo Seyrig, a Ponte de Luis I.

“É a mais sugestiva das pontes do Porto. É um cartão de visita da cidade é a mais conhecida e a mais bela.”<sup>50</sup>

Inaugurada no dia 31 de outubro de 1886, com um tabuleiro duplo, onde um liga ambas as ribeiras (quer da cidade do Porto, quer da cidade de Vila Nova de Gaia), e outra muito perto do Morro da Pena Ventosa até à Serra do Pilar.

“o alto da Serra do Pilar à plataforma fronteira das portas do Sol, correndo para o interior e contornando o lugar da velha muralha medieval.”<sup>51</sup>

Com o desenvolvimento de inúmeros negócios ao longo dos anos, em parceria com outros países tais como Inglaterra<sup>52</sup>, Porto e Gaia foram crescendo, enquanto cidades portuárias e mercantis.

Assim, as duas irmãs, as cidades de Porto e Gaia, desde a segunda metade do século XIX, empreenderam uma maior dinâmica industrial e comercial que traria inovações, apesar de tardiamente comparativamente a outros países.

49. Azevedo, J. A. (1995). Descrição topographica de Vila Nova de Gaya : e da festividade, que em acção de graças pela restauração de Portugal se celebrou na igreja matriz em 11 de Dezembro de 1808. Vila Nova de Gaia: Associação Cultural Amigos de Gaia. pp.410

50. Monterey, G. (1972). O Porto: origem, evolução e transportes. Porto: G.M.. pp. 46

51. Tavares, D. (Setembro de 1998). Quando cortam a Serra do Pilar. Revista Semestral de Edifícios e Monumentos n°9. pp.61

52. Domingues, Á. A. (2016). Porto património mundial : 20 anos, 20 imagens : 20 years, 20 pictures : 20 ans, 20 photos : 1996 2016. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. pp.20

Fig.14 - Ponte Luís I e ruína da Ponte Pênsil

Fig.15 - Beira-rio, em Vila Nova de Gaia em 1950



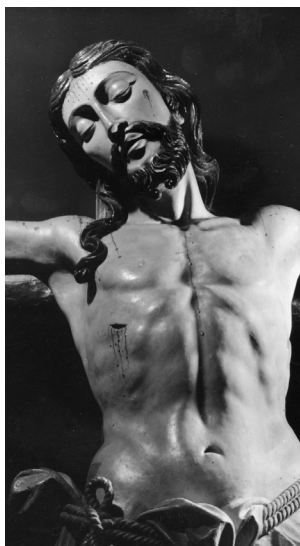
## ***1.2. Crescente identidade***

De Ermida a Fábrica

“Muito pão logo haverá / Muito figo, muita uva, / Graças ao Senhor da Chuva / Que tal regresso nos dá; / No Senhor d’Além tudo há / E não duvide ninguém / Que outro Senhor d’Aquem / Valentes milagres tenha, / Mas este quando se empenha / Deita a barra mais além. / Enfim a barra chegou, / E lá como amigo seu / S. João o recolheu / E com Chuva o baptizou; / dali ao Porto voltou / Com todo o acompanhamento / Espiritual; que isento / Do temporal foi seu canto, / Mas quem leva o Corpo santo / Sempre chega a salvamento”<sup>53</sup>

---

53. Brandão, P. B. cit. pur. Valle, C. (1991). A Capela do Senhor D’Além e o seu Hospício. Boletim do Rotary Club de Vila Nova de Gaia nº99. pp.13



16.

17.



***Existem três versões da lenda:***

A primeira refere-se a uma imagem de Cristo crucificado que terá sido apanhado nas redes dos pescadores do rio Douro, e posteriormente levada para uma ermida já existente no cimo do Monte de S. Nicolau (atual Serra do Pilar)<sup>54</sup>.

Na segunda é referido que quando a imagem foi encontrada no estaleiro do Mosteiro das Donas de São Nicolau, foi erigida no cume do monte uma ermida especialmente para a acolher<sup>55</sup>.

Uma terceira versão da história, explora o porquê de este crucifixo se ter intitulado de Senhor do Além - o facto de ter sido albergado para além do Rio Douro, para além do local onde terá sido avistado pela primeira vez<sup>56</sup>.

Encontrada no ano de 1139<sup>57</sup> e, independentemente das diferenças entre as várias lendas, é indiscutível a presença, o simbolismo e devoção que esta imagem alimentou durante séculos.

No século XII, um inesperado encontro com uma imagem de Cristo crucificado terá sido responsável por despoletar aquela que viria a ser uma incansável devoção, alimentada ao longo dos anos, e trazida até aos nossos dias, ainda que, resistindo a diversas adversidades, conseguiu atribuir novos conceitos e significados aos diversos locais por onde terá permanecido.

Desse modo, como habitualmente, todas as crenças possuem, por consequência, o seu lugar de devoção, procurei este local ou, neste caso particular, as várias localizações da antiga Ermida de S. Nicolau até à atual Capela do Senhor do Além.

Originalmente edificada em meados de 1139/1340<sup>58</sup>, no cimo do Monte de S. Nicolau, a Ermida de mesmo nome, terá sido um local de enorme devoção pelo

1ª Localização  
Ermida de S. Nicolau  
(No cimo do monte)

54. Cleto, J. (2016). O Senhor do Além. O Tripeiro nº7. pp.218

55. Ferreira, S. (2008). A fortaleza. O mosteiro da Nossa Senhora do Pilar: Para além da Serra. pp.93

56. Costa, V. B. (2012). A multissecular Capela do Senhor do Além: um percurso atribulado. Boletim da Associação de Amigos de Gaia vol.12. pp.7

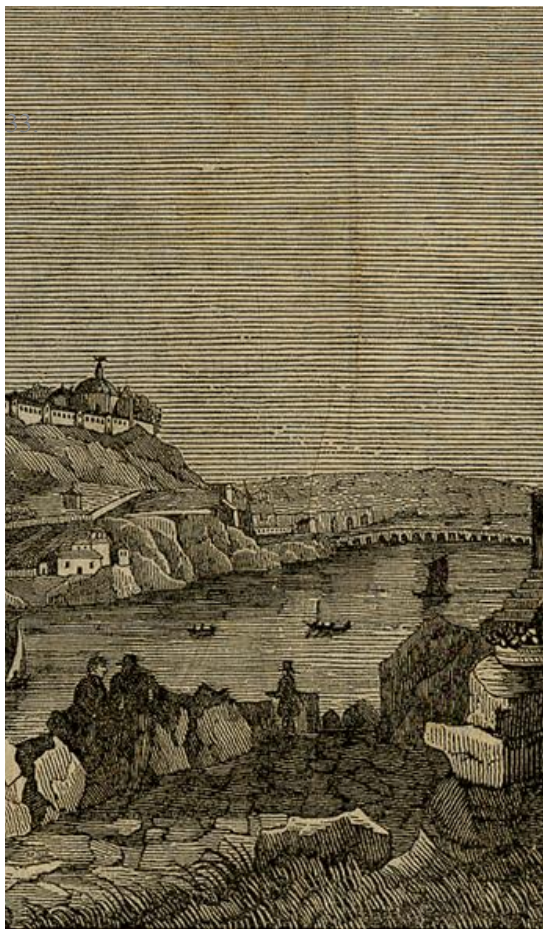
57. Costa, A. R. (?-1791). Descrição topografica, e historica da Cidade do Porto. Porto: Officina de Antonio Alvarez Ribeiro, Capítulo 3. pp.59

58. S.A. (1909). Antiguidades: Festas e solemnidades extintas. O Tripeiro Porto nº37. pp.380,491-492

Fig.16 - Cristo Crucificado do Senhor do Além

Fig.17 - Mapa da Serra do Pilar com a localização da Primitiva Ermida

18.



19.



povo de ambas as margens do rio Douro. Era conhecida por albergar não só peregrinos, mas também marinheiros, cujo padroeiro seria S. Nicolau.

Durante vários anos, diversas barcas partiram em procissão levando o Senhor d'Além em direção à Barra do Douro<sup>59</sup>. Esta celebração fazia-se com a dualidade do percurso sobre o rio Douro, e de um percurso a nível térreo, percorrendo os caminhos desde a Sé do Porto até ao topo da ermida, o seu lugar de origem.

Salientam-se as Procissões das Preces e das Graças que sucediam dependendo das “tragédias” que iam acontecendo, desde cheias a secas<sup>60</sup>, procurando amparo ou agradecimento dessas mesmas ocorrências<sup>61</sup>, através da oração na Ermida de S. Nicolau.

Estando estas procissões divididas entre a terra e a água, estes atos de devoção levaram a marcas embebidas no território. Estes mesmos fluxos de gente a divulgar a crença pelo Senhor, quer nas águas do rio Douro, quer nas ruas das cidades do Porto e Gaia, influenciaram todos aqueles que por eles passavam.

Esta ermida funcionou quase como um farol, pois possuía no seu interior um fogo que permanecia sempre aceso, guiando todos aqueles que entravam nas águas do rio Douro, e em simultâneo uma fonte de calor para todos os seus devotos que por lá decidiam pernoitar<sup>62</sup>.

Tornou-se assim, num marco importante para a entrada no Porto por via fluvial, sendo possível avistá-la antes mesmo, que a própria Sé Catedral.

Após alguns anos, foi realizado o lançamento da primeira pedra na construção do Mosteiro de São Salvador do Mundo, conhecido atualmente por mosteiro da Serra do Pilar<sup>63</sup>.

Com a construção do novo mosteiro deu-se a ordem de construção de um novo espaço de adoração, desta nova Ermida de S. Nicolau (2ª construção) dedicada ao santo de mesmo nome, em substituição daquela que se encontrava no cimo da escarpa, numa outra localização, muito perto da atual<sup>64</sup>.

2ª Localização  
Capela de S. Nicolau  
(No sopé da escarpa)

59. Costa, A. R. (?-1791). Descrição topográfica, e histórica da Cidade do Porto. Porto: Oficina de Antonio Alvarez Ribeiro, capítulo 3. pp.59

60. Amorim, I., Silva, L., & Garcia, J. C. (2017). As cheias do rio Douro no Porto (Portugal) do Século XVIII. SÉMATA, Ciências Sociais e Humanidades vol.29. pp. 205

61. s.n. (1909). Antiguidades: Festas e solemnidades extintas. O Tripeiro Porto nº37, pp. 380,pág. 492.

62. Guimarães, J. G. (1995). Gaia e Vila Nova na Idade Média : arqueologia de uma área ribeirinha. Porto: Universidade Portucalense. pp.164

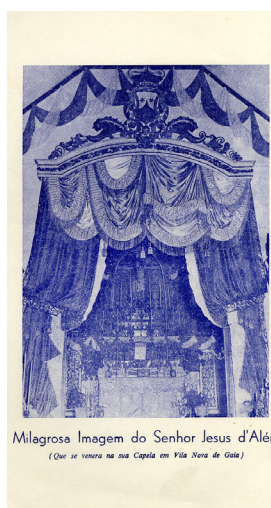
63. Freitas, E. (1964). O Mosteiro da Serra do Pilar no século XVI: Notas de história e de arte. O Triperio. Porto. pp. 34

64. Guimarães, J. A. (1999). A Serra do Pilar, Património Cultural da Humanidade. Fundação Salvador Caetano. pp.12

Fig.18 - O rio Douro visto das fontainhas, com uma volumetria particular no Lugar do Senhor do Além

Fig.19 - As cheias pelas ruas da cidade do Porto

20.



21.

22.



“Este edifício sofreu, posteriormente uma fase de abandono e uma fase de reconstrução e ampliação (transformando-se em capela), antes de ser doado para a fundação de um hospício.”<sup>65</sup>

Assim, no dia 24 de Agosto de 1540 foi feita a cerimónia de colocação de Cristo Crucificado na nova capela, retirado da sua posição privilegiada no cimo da escarpa, onde todos os que entravam e saíam o viam, e recolocado no sopé da mesma.

A cerimónia terá incluído, quer procissão em terra, quer transporte de barco pelas águas do Rio Douro, acompanhado por um cortejo solene em seu nome, tendo sido colocado em novo pedestal<sup>66</sup> com toda a sua devida dignidade.

No século XVI, a capela sofreu obras, de maneira a serem colocadas no seu interior as imagens de São Nicolau e de São Bartolomeu<sup>67</sup> (que acabaram por ser levadas pelas águas das cheias em 1739<sup>68</sup>).

No início do século XVI, a Ordem Regrante de Santo Agostinho é alvo de uma grande reforma. Neste contexto, Frei Brás de Braga ordena a mudança dos frades de Grijó para o atual Monte de S. Nicolau, devido não só às reduzidas condições do Mosteiro precedente, mas também ao elevado interesse de manter uma relação de proximidade com o Porto<sup>69</sup>.

Em 1542, os frades mudaram-se oficialmente para o Mosteiro de São Salvador do Mundo, instalando-se em “dependências temporárias improvisadas”<sup>70</sup>.

Com os anos, as obras para o Mosteiro foram crescendo e a antiga Ermida de São Nicolau foi perdendo a sua essência, dado que à medida que o Mosteiro ia sendo construído, a antiga ermida ainda permanecia apesar de inutilizada.

Com o aumento de tal ameaça, a população de Vila Nova escreveu uma petição à Câmara do Porto pedindo que não autorizasse a demolição da ermida primitiva do cimo do monte<sup>71</sup>. Apesar de todos os esforços por parte da população, a ermida foi demolida.

Com a separação entre o Mosteiro de São Salvador de Grijó e o Mosteiro de São Salvador do Mundo, e com a consequente mudança da invocação deste último,

65. Silva, M. T. (2017). A Fábrica de Cerâmica do Senhor D' Além (V. N. Gaia - Portugal). II Congresso Internacional sobre Património Industrial - Património, museus e Turismo Industrial: uma oportunidade para o século XXI (pp. 667-681). Porto: Fundação Calouste Gulbenkian. pp.668

66. Machado, J. A. (1994). A Capela do Senhor Jesus de Além. Na escarpa da Serra do Pilar. O Tripeiro, VOL XIII, VI Série. pp.273

67. Silva {et al.}, T. (2013). Intervenção Arqueológica: Fábrica de Cerâmica do Senhor d'Além Vila Nova de Gaia 2008. Relatório Final, Vila Nova de Gaia. pp.18

68. Nouel, J. (1964). Descrição / da freguezia de Sta. Marinha de Villa Nova / de Gaya em Abril de 1758. O Tripeiro Porto vol. 4. pp.292

69. Freitas, E. (1964). O Mosteiro da Serra do Pilar no século XVI: Notas de história e de arte. O Triperio. Porto. pp. 33

70. Freitas, E. (1964). O Mosteiro da Serra do Pilar no século XVI: Notas de história e de arte. O Triperio. Porto. pp. 35

71. Freitas, E. (1987). A Ermida de S. Nicolau: Um pleito curioso no século XVI. Gaya. Actas do 1º Congresso Internacional sobre o Rio Douro (pp. 132-135). Vila Nova de Gaia: Vila Nova de Gaia: Gabinete de História e Arqueologia. pp.132-134

Fig.20 - Procissão do Senhor do Além a sair da Capela do Senhor do Além  
Fig.21 - Milagrosa imagem do Senhor Jesus d'Além  
Fig.22 - Procissão do Senhor do Além no percurso em barco  
Fig.23 - Fotografia com o mosteiro da Serra do Pilar, um dos volumes da fábrica (ainda sem a última construção da capela do Senhor do Além) e a ponte pênsil  
Fig.24 - Mosteiro da Serra do Pilar

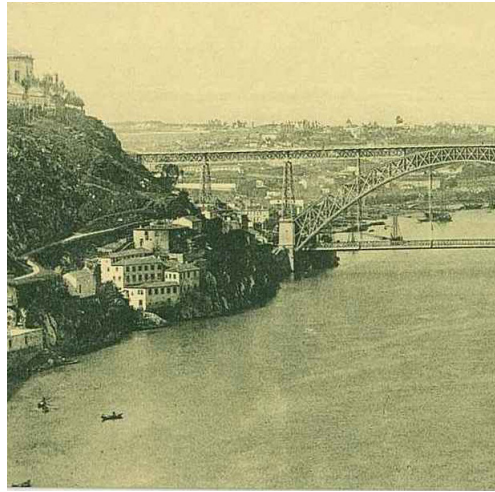
23.



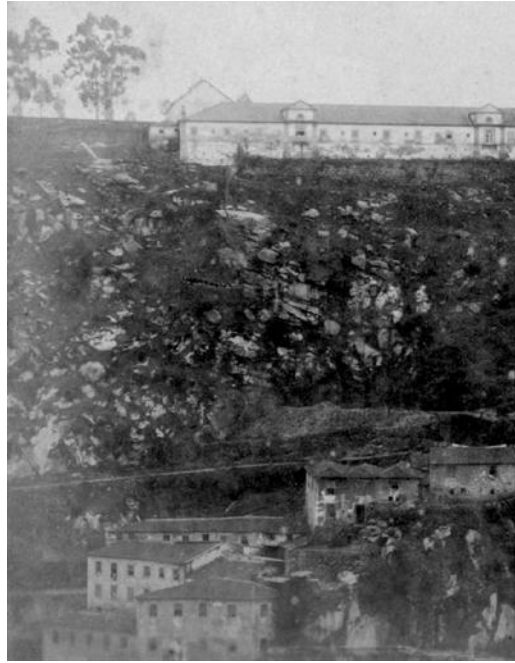
24.



25.



26.



27.



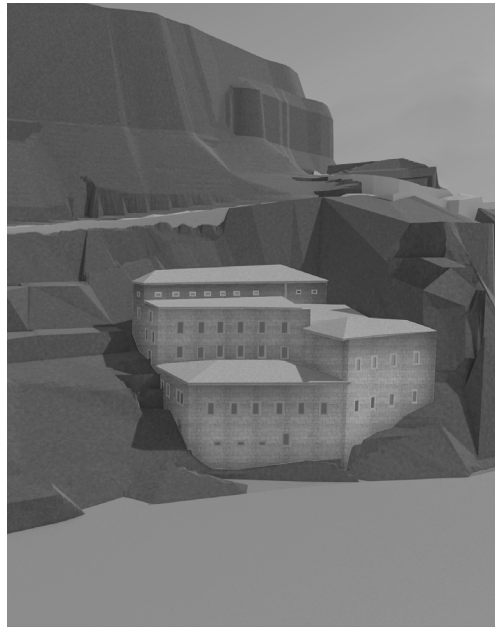
28.



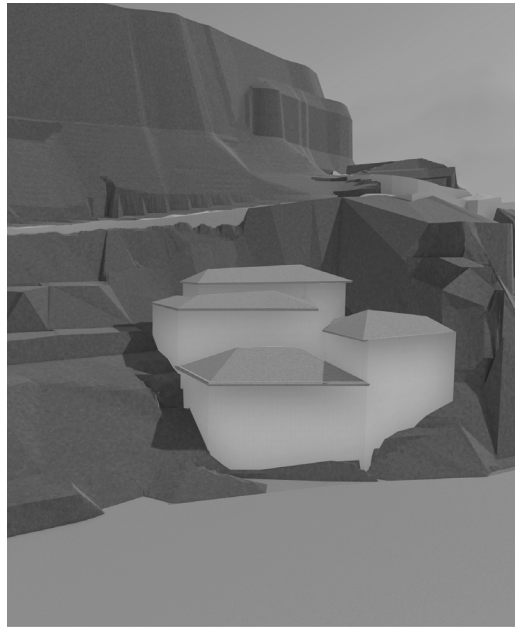
29.



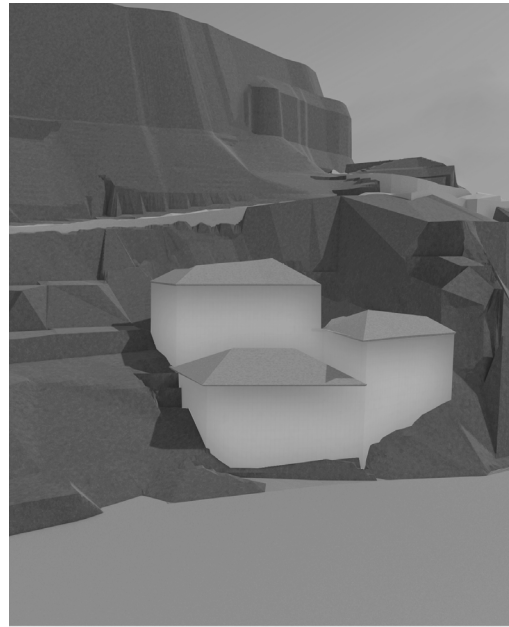
30.



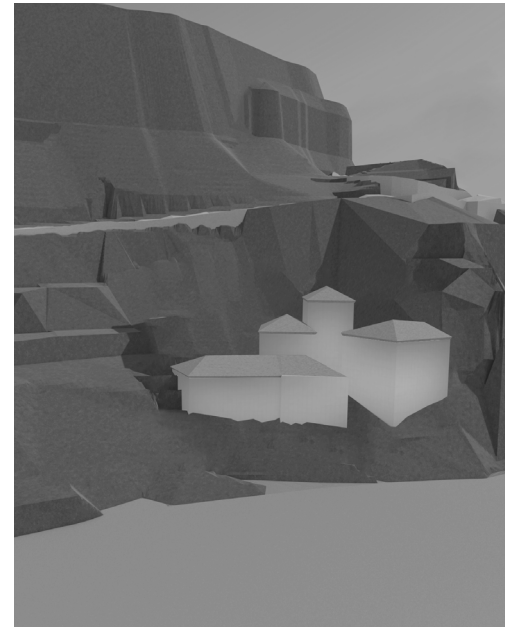
31.



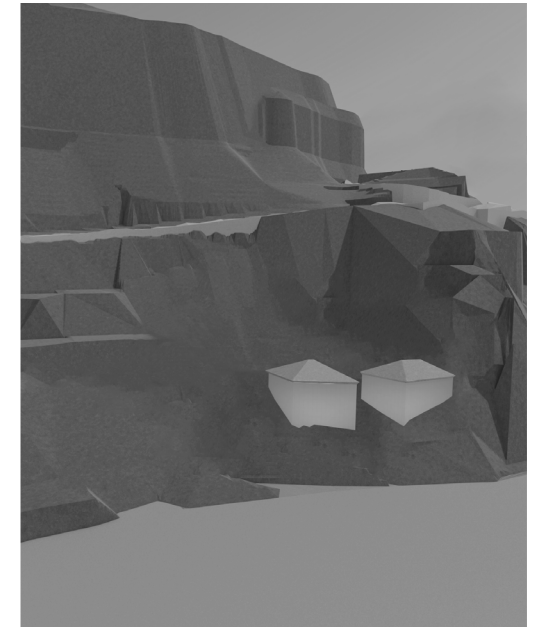
32.



33.



34.



o mosteiro no cimo da Serra do Pilar passou a ser designado por Mosteiro de Santo Agostinho<sup>72</sup>.

No século XVII, no ano de 1631, o Cabido do Porto esteve encarregado da imagem do Senhor do Além durante uma estadia na Sé, o que levou a sucessivas alterações na dinâmica das procissões entre a Capela e a Sé<sup>73</sup>.

Após 133 anos de lançada a primeira pedra, é dada como concluída a construção do Mosteiro de Santo Agostinho<sup>74</sup> e, após 8 anos da sua conclusão, passa a ser designado pelo nome que o conhecemos atualmente, Mosteiro da Serra do Pilar<sup>75</sup>.

Em 1705, Domingos da Costa era o proprietário da Capela de S. Nicolau.

Foi aqui, com a capela de S. Nicolau, que foram criadas as primeiras fundações daquilo que viria a ser a atual Fábrica de Cerâmicas do Senhor do Além.

Estabelecida a norte da Serra do Pilar, muito perto das margens do rio Douro, na zona meridional da cidade, “junto à ermida vinha funcionando um hospital para tratamento de empestados”<sup>76</sup>.

Durante séculos, sofreu várias alterações, quer no seu conteúdo tal como na sua volumetria como grupo edificado.

Em 1733, a capela e o Hospício são doados à Ordem das Carmelitas Calçados pelo Padre Faustino da Costa, filho de Domingues da Costa<sup>77</sup>.

Posteriormente, em 1739, foi inaugurado o Hospício do Senhor d’Além<sup>78</sup>, que fazia parte de um conjunto de edifícios compostos pela Capela e pelos restantes volumes que o constituíam<sup>79</sup>.

Só no dia 5 de março de 1739 foi realmente ocupada e aumentada<sup>80</sup>, por cinco Carmelitas Calçados<sup>81</sup>, sempre rigorosos em horários de confessionário e responsáveis pela previdência e conservação da capela<sup>82</sup>, apesar desta já existir há vários anos.

Hospício dos Carmelitas  
Calçados do Senhor d’Além

Fig.25 - Postal do rio Douro com a  
Fábrica de Cerâmicas e a capela do  
Senhor do Além representadas

Fig.26 - Fotografia da Fábrica de  
Cerâmicas do Senhor do Além e do  
Convento da Serra do Pilar

Fig.27 - Mosteiro da Serra do Pilar e  
do volume do edifício da fábrica de  
cerâmicas em 1849/1859

Fig.28 - Mapa de 1825 com indicação  
de edifícios no Senhor do Além

Fig.29 - Mapa de 1813 das cidades  
à beira rio, com a localização da  
primeira e segunda capela dedicadas  
a S. Nicolau

Fig.30 - Representação do edifício  
em 1886.

Fig.31 - A ampliação do edifício para  
a adaptação da fábrica (2ª Metade do  
Século XIX)

Fig.32 - Representação partindo de  
uma imagem de Frederick Flower  
(Meados do Século XIX)

Fig.33 - O hospício das Carmelitas  
Calçadas (Século XVIII/XIX)

Fig.34 - A Ermida de S. Nicolau e a  
Casa do Ermitão (Século XVI)

72. Veiga, C. (1908). A igreja da Serra do Pilar. O Tripeiro. Porto. pp.51

73. Couto, L. d. (s.d.). Origem das procissões da Cidade do Porto, com sub-notas, Prefácio e Apêndice de A. Magalhães Basto. Porto: CMP. pp.189

74. Costa, V. B. (2012). A multissecular Capela do Senhor do Além: um percurso atribulado. Boletim da Associação de Amigos de Gaia vol.12. pp.6

75. Veiga, C. (1908). A igreja da Serra do Pilar. O Tripeiro. Porto. pp.51

76. Machado, J. A. (1994). A Capela do Senhor Jesus de Além. Na escarpa da Serra do Pilar. O Tripeiro, VOL XIII, VI Série. pp.273

77. Wermers, M. M. (1963). A Ordem Carmelita e o Carmo em Portugal. Lisboa: União Gráfica. pp.256

78. Vitorino, P. (1930). Cerâmica portuense. Gaia: Apolino. pp.57

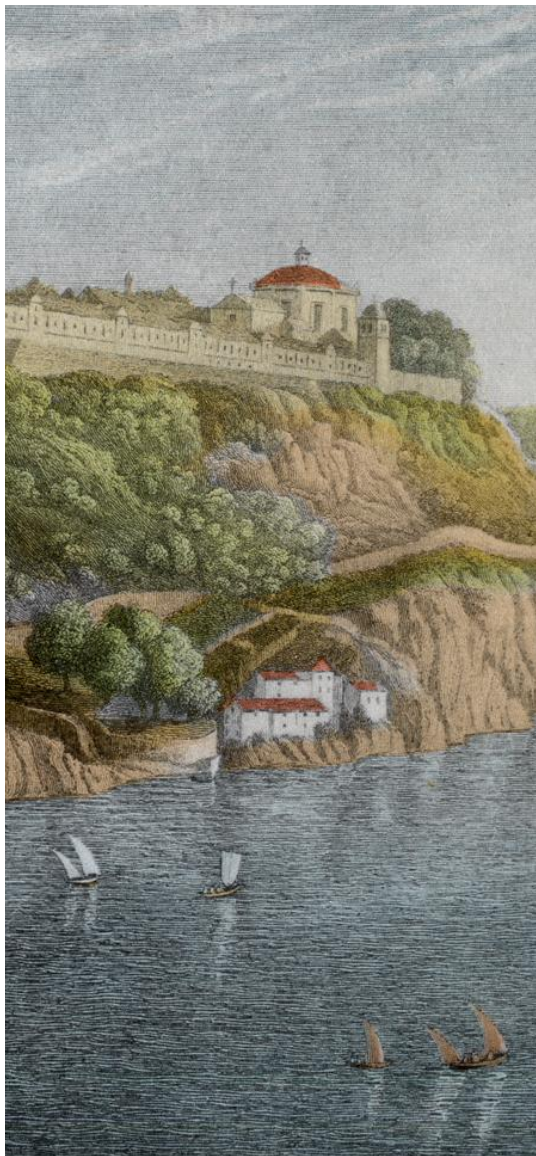
79. Azevedo, J. A. (1995). Descrição topographica de Vila Nova de Gaya : e da festividade, que em acção de graças pela restauração de Portugal se celebrou na igreja matriz em 11 de Dezembro de 1808. Vila Nova de Gaia: Associação Cultural Amigos de Gaia. pp.49

80. Ibidem

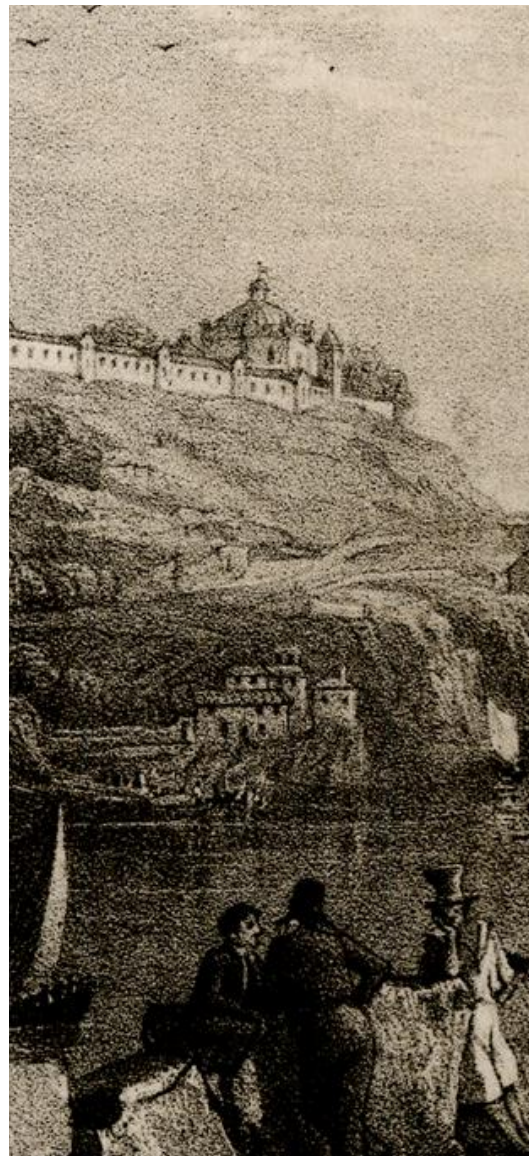
81. Segundo notícia da revista “O Tripeiro”, nr 3, de Março de 1963, p. 91 (VI série, ano III), “os frades carmelitas estavam no confessionário desde o nascer do sol até ao meio dia para quem quisesse abeirar-se deles para confessar os seus pecados e descarregar a consciência.”apud Valle, C. (1991). A Capela do Senhor D’Além e o seu Hospício. Boletim do Rotary Club de Vila Nova de Gaia nº99. pp.13

82. Barbosa, Francisco Ferreira, in Valle, C. (1991). A Capela do Senhor D’Além e o seu Hospício. Boletim do Rotary Club de Vila Nova de Gaia nº99. pp.13

35.



36.



O hospício, “anexo à capela, era um edifício, (...) pequeno e pobre (...)”<sup>83</sup>, que somente foi reconhecido pela autoridade no tempo de D. Maria I, em 1779<sup>84</sup>, cujo funcionamento durou até aproximadamente meados de 1832<sup>85</sup>.

Com todos os conflitos liberais do seu tempo e a extinção das ordens religiosas<sup>86</sup>, as atividades do Hospício das Carmelitas Calçadas terminam e o seu “monumento” acabou por ser vendido e aumentado pelo proprietário seguinte em 1834<sup>87</sup>.

Apesar da sua venda não ter sido considerada fácil, uma vez que, as circunstâncias “sombrias” em que este se colocava não a ajudavam, foi seguidamente comprado em hasta pública por Justiniano César Osório.

Considerado “um imóvel de reduzido valor”<sup>88</sup>, a seguinte revenda só foi registada em leilão a 1844<sup>89</sup>, tendo sido comprado com o objetivo de num futuro ser de Joaquim Fernandes de Araújo e utilizado como habitação<sup>90</sup>.

Após sofrer várias obras de adaptação ao longo da sua vida, a primeira obra mais marcante e fora do contexto religioso e industrial foi a “transformação” para a passagem de hospício para habitação<sup>91</sup> ainda que temporária, enquanto as restantes eram de cariz mais industrial.

Com o crescimento de indústrias fabris na atual zona de Vila Nova de Gaia, também o antigo hospício foi transformado, de maneira a conseguir albergar a fábrica que ali se viria a erguer, fundada por Rodrigues dos Santos em 1856.

Em 1859, o antigo hospício foi usado, não só por uma fábrica de moagem e vapor<sup>92</sup>, mas também como descasque de arroz, uma padaria e até fábrica de bolacha<sup>93</sup>. Outros autores, como Azevedo em 1861, apoiam o facto de que nesta altura tenha sido transformada numa Fábrica de Cola.

Fábrica:  
Moagem e vapor  
Descasque de arroz  
Padaria  
Bolacha  
Cola

83. Valle, C. (1991). A Capela do Senhor D’Além e o seu Hospício. Boletim do Rotary Club de Vila Nova de Gaia nº99. pp.13

84. Leão, M. (Junho de 2003). A fábrica de Cerâmica do Senhor do Além. Boletim Cultural Amigos de Gaia vol.9 nº56. pp.47

85. Temudo {et al.}, A. P. (2009). O Mosteiro da Serra do Pilar... Para além da Serra. Vila Nova de Gaia: Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, Pelouro da Cultura, Divisão Municipal de Arquivo. pp.13

86. Azevedo, J. A. (1995). Descrição topographica de Vila Nova de Gaya : e da festividade, que em acção de graças pela restauração de Portugal se celebrou na igreja matriz em 11 de Dezembro de 1808. Vila Nova de Gaia: Associação Cultural Amigos de Gaia. pp.50

87. Costa, V. B. (2012). A multissecular Capela do Senhor do Além: um percurso atribulado. Boletim da Associação de Amigos de Gaia vol.12. pp.9

88. Leão, M. (Junho de 2003). A fábrica de Cerâmica do Senhor do Além. Boletim Cultural Amigos de Gaia vol.9 nº56. pp.47-50

89. Temudo {et al.}, A. P. (2009). O Mosteiro da Serra do Pilar... Para além da Serra. Vila Nova de Gaia: Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, Pelouro da Cultura, Divisão Municipal de Arquivo. pp.15

90. Leão, M. (Junho de 2003). A fábrica de Cerâmica do Senhor do Além. Boletim Cultural Amigos de Gaia vol.9 nº56. pp.47-49

91. Ibidem. pp.47

92. Temudo {et al.}, A. P. (2009). O Mosteiro da Serra do Pilar... Para além da Serra. Vila Nova de Gaia: Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, Pelouro da Cultura, Divisão Municipal de Arquivo. pp.15

93. Silva, A. M., Guimarães, J. A., & Resende, N. (15 de maio 2020). Capela do Senhor do Além. Vila Nova de Gaia: Gabinete de História, Arqueologia e Património - Amigos do Solar condes de Resende - Confraria Queirosiana. pp.42

Fig.35 - Gravura de 1829 com o morro das fontainhas em primeiro plano e o antigo Hospício e a Serra do Pilar

Fig.36 - Gravura de 1835 com a calçada no morro das fontainhas em primeiro plano e o antigo Hospício e a Serra do Pilar em segundo lugar



37.

Apesar da sua excelente posição geográfica, foi novamente vendida, desta vez por 3 contos de reis a António Rodrigues dos Santos, que seriam pagos dentro de três anos, venda assinada em 1861.

“Na zona norte da Serra, voltada ao rio, tinha aparecido em data anterior a 1861 a fábrica de cola do Sr. D’Além de efêmera duração e que deverá ter cedido as instalações para alargamento da fábrica de cerâmica, que por volta de 1860, ali se tinha instalado (...).”<sup>94</sup>

”A fábrica de fazer cola “(...) estabelecida no antigo edifício, que serviu de hospício dos Religiosos do Senhor d’Além, e que está hoje muito levantado do humilde abatimento, em que outr’ora jazia, o quão não obstante era muito adequado ao estado religioso, para que por ventura fôra edificado.”<sup>95</sup>

Mais tarde, nas ruínas do antigo Hospício, instala-se uma nova fábrica, perto do rio Douro, em frente à área da Corticeira, “quase em paralelo à fábrica inicial do Carvalhinho, apenas na outra margem”<sup>96</sup>.

Terá surgido antes de 1861, por iniciativa de António e Manuel Rodrigues dos Santos, (...)”<sup>97</sup>, uma fábrica de faiança e azulejo no antigo edifício dos Carmelitas Calçados do Senhor d’Além, em Vila Nova de Gaia, tendo António R. Dos Santos iniciado o processo de licenciamento da Fábrica no dia 24 de Outubro<sup>98</sup>.

“O próprio risco de incêndio estava acautelado, porque o depósito da urze estava distante do forno e isolado. A vistoria às instalações não demorou: foi feita em 28 de outubro de 1861, tendo requerimento a data de 19 do mês. (...) A vistoria estabeleceu condições para a laboração desta industria.”<sup>99</sup>

“... e que deverá ter cedido as instalações para alargamento da fábrica da cerâmica por volta de 1861, ali se tinha instalado no abandonado Hospício das Carmelitas Descalços...”<sup>100</sup>

94. Guimarães, J. A. (1999). A Serra do Pilar, Património Cultural da Humanidade. Fundação Salvador Caetano. pp.30

95. Azevedo, J. A. (1995). Descrição topographica de Vila Nova de Gaya : e da festividade, que em acção de graças pela restauração de Portugal se celebrou na igreja matriz em 11 de Dezembro de 1808. Vila Nova de Gaia: Associação Cultural Amigos de Gaia. pp.190

96. Guimarães, J. A. (1999). A Serra do Pilar, Património Cultural da Humanidade. Fundação Salvador Caetano. pp.72

97. Ibidem

98. Leão, M. (Junho de 2003). A fábrica de Cerâmica do Senhor do Além. Boletim Cultural Amigos de Gaia vol.9 nº56. pp.47-49

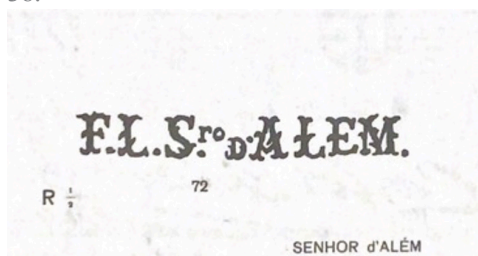
99. Ibidem

100. Guimarães, G. (s.d.). O Pólo Industrial da Serra do Pilar. pp.242

Fábrica de Faiança e Azulejo

Fig.37 - Em primeiro plano, imagem de um barco rabelo a transportar vinho do Porto, vendo-se, em segundo plano, a faixa que identifica a indústria “Fábrica de Louça do Senhor D’Além”

38.



39.



40.



## Fábrica de Cerâmicas

Transformada em Fábrica de Cerâmicas em 1862<sup>101</sup> e adquirida pelo proprietário João Vieira de Braga, segundo o Almanaque de 1871, nesta primeira época já existia louça marcada com F.L.SR, D’ALEM<sup>102</sup>.

Posteriormente constituiu sociedade com o irmão, em 23 de outubro de 1875, passando a ser denominada de firma de João Vieira Braga & Irmão<sup>103</sup>, sucessores diretos de Manuel Rodrigues dos Santos, que muito provavelmente já se encontravam a trabalhar no setor industrial, muito antes do contrato de arrendamento que assinaram em 1868<sup>104</sup> (algo que também tinha sido referido mais tarde no Almanaque de 1872)<sup>105</sup>.

Com o pedido de renovação da licença ao Governo, foi realizada uma descrição da fábrica acompanhada de uma planta, para um melhor apoio tendo em conta toda a complexidade do conjunto e as suas diversas cotas.

“«O edifício compõe-se de salão térreo – b – de 33 m. 3 de extensão, onde do lado Nascente – \* – se hão-de vir a colocar os tanques necessários para a preparação da argila, servindo igualmente para depósito da chamiça, ou urze combustível empregado, e do lado do poente tem de fazer-se o deposito de caixarias, e a porta ou entrada do forno – f – Este salão tem do lado do nascente uma porta que da saída para o rocio e capela do Hospício – C – que he logradouro público, uma casa de pedra que comunica com o interior do edifício e além disso uma porta interior que comunica com outro armazém sobradado de 11 m de extensão e que tem de servir de escritório e depósito de louça e inferiormente uma peça loja lageada para deposito de areia, vidro e outros objectos.

Junto ao local do forno, encontra-se a pequena casa antiga habitação dos religiosos um tanto isolada do edifício, em cujo pavimento inferior se ha-de depositar a argila e nos 2 superiores a louça, quando abunde, servindo principalmente de habitação dos operários.

Pela parte superior deste armazem fica outro sobrado – g – da mesma extensão, que ha-de dividir-se de forma seguinte: para o lado do Nascente, casa de rodas e pintura e para o lado do poente a casa do forno, ou estufa para secar a louça, na ausencia de sol ou vento. Pelo lado do Nascente é a primeira propriedade da povoação e do lado do poente tem à distancia de 30 m, uma pequena casa térrea que ainda assim fica num plano muito

Fig.38 - Marca usada nas loiças da Fábrica de Cerâmicas do Senhor do Além em meados de 1870

Fig.39 - Cerâmica marcada pela fábrica do senhor do além

Fig.40 - Cerâmica Portuense com uma das primeiras marcas da Fábrica de Cerâmicas do Senhor do Além

101. Leão, M. (Junho de 2003). A fábrica de Cerâmica do Senhor do Além. Boletim Cultural Amigos de Gaia vol.9 n°56. pp.47-49

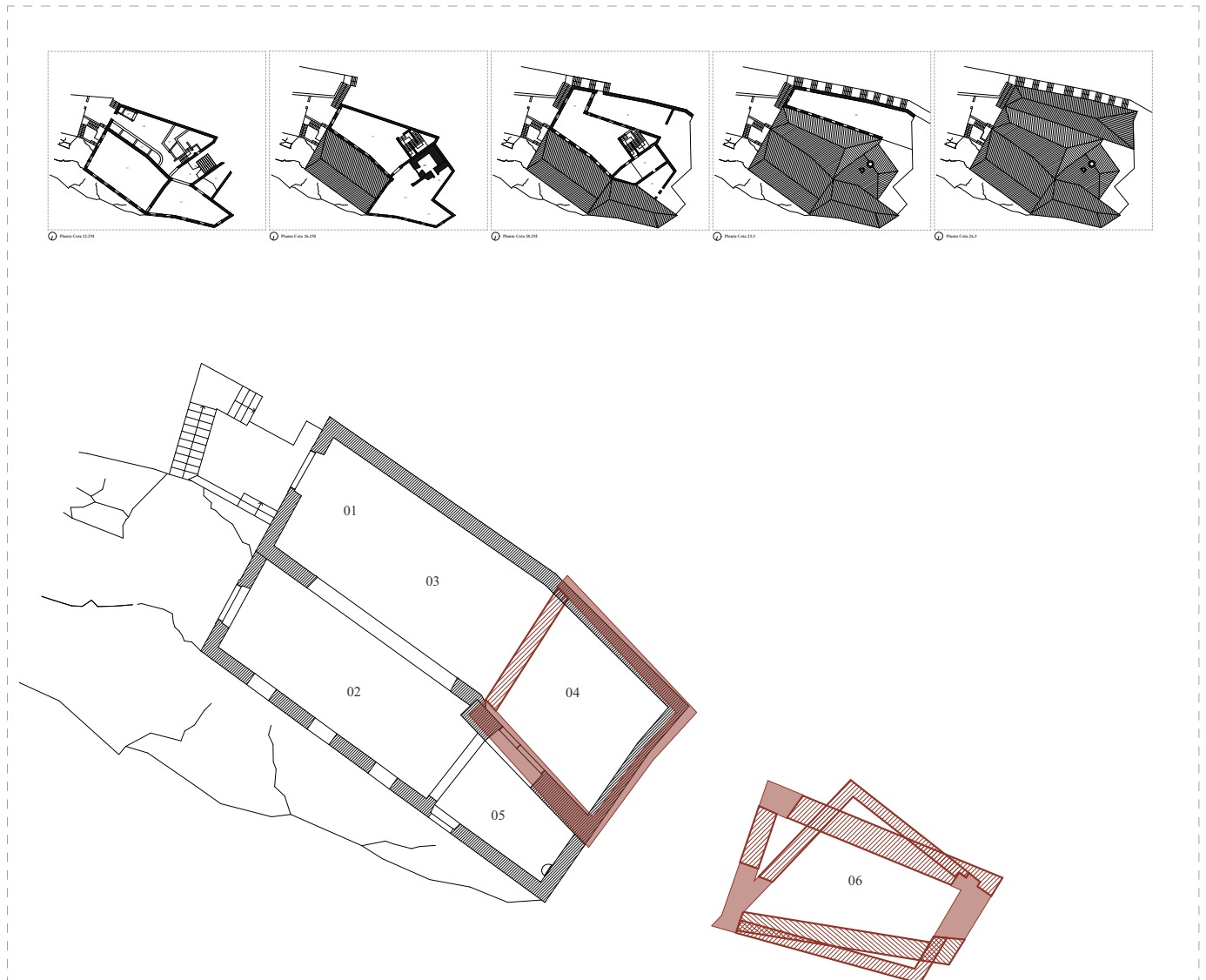
102. Vitorino, P. (1930). Cerâmica portuense. Gaia: Apolino. pp.57

103. Revista, P. (2018). Portvgalia : Revista De Arqueologia Do Departamento De Ciências E Técnicas Do Património. FLUP. pp.258

104. Leão, M. (Junho de 2003). A fábrica de Cerâmica do Senhor do Além. Boletim Cultural Amigos de Gaia vol.9 n°56. pp.49

105. Vitorino, P. (1930). Cerâmica portuense. Gaia: Apolino. pp.56

41.



**Planta Cota 8M**

- 01\_Capela
- 02\_Armazenamento de matérias-primas
- 03\_Casa moinhos
- 04\_Antiga ermida
- 05\_Sacristia
- 06\_Casa do Ermitão
- 07\_Tanques
- 08\_Preparação da pasta
- 09\_Forno
- 10\_Acesso ao forno e câmara inferior
- 11\_Armazém do produto final
- 12\_Acesso à fornalha e à câmara inferior do Forno
- 13\_Armazenamento de argila (1861)
- 14\_Antigo armazém de louça (em chacota na última fase)
- 15\_Dormitório dos operários (1861)
- 16\_Acesso à câmara superior do forno
- 17\_Casa das rodas e pintura
- 18\_Estufa
- 19\_Escritório
- 20\_Alojamento dos operários (?)

superior ao do edifício. O terreno sobre o edifício assenta na rocha granítica com uma tenue camada de humos vegetal.

A água para uso da fabrica provem de uma abundante mina existente dentro do edifício donde é conduzida para os tanques por canos também antigos, vai desaguar no rio Douro com as águas pluviais. Os ventos dominantes são de norte e seu quadrante e por isso seco e arejado o local. O combustível empregado he chamiça ou urze e o forno solidamente construído e ingastado na rocha de 2,5 m de diametro elevando-se de altura 50 p., desde o fundo da caldeira até ao extremo do berzinote, apresentando a caldeira 2 m de altura, o crivo 1 p., o enxacote em que tem lugar a la cozedura 10 p. e o bezinote 4 m....»<sup>106</sup>

Em 1875 ainda pertencia a Vieira Braga & Irmão, mas na década seguinte, passa a pertencer a José Pereira Valente Júnior, um ex-proprietário de uma fábrica de louças nas Devesas, proveniente assim de uma experiência mais alargada<sup>107</sup>.

A Fábrica do Senhor do Além possuía dois acessos: um acesso por terra, através de uma escadaria, e um acesso por água, através de um cais no rio. Apesar dos acessos difíceis, a fábrica não perdia o seu valor. Só o acesso ao cais do rio, através do terreno da fábrica, representava em si um ponto muito relevante de ajuda aos meios de transporte que faziam o seu envio para todo o país, facilitando a entrada e saída de mercadorias.

Entretanto, a antiga Capela de S. Nicolau, foi alvo de polémica na Junta de Freguesia de Santa Marinha com a Fábrica de Cerâmicas do Senhor do Além em 1873, foi mandado construir em 1877, uma nova capela, pela segunda vez, em substituição da existente, onde a sua volumetria, passará a ser parte da íntegra do conjunto da fábrica<sup>108</sup>.

Este novo volume, reposicionado no lado oposto do Lugar do Senhor do Além, possui uma distância aproximada de 15 metros da Capela de S. Nicolau, onde foi colocada com cuidado, numa cota mais elevada que a sua precedente.

Desta maneira, foi possível identificar com mais clareza, o que era propriedade da fábrica (Antigo Hospício), e o que era propriedade da Junta, encontrando-se separadas por plataformas de espaço verde. Assim, é possível verificar com os diferentes espaços que a classificam, como a escadaria a sul, fontes de água<sup>109</sup>, a propriedade fabril e a sua ligação com o rio<sup>110</sup>.

### 3ª Localização

Capela do Senhor do Além  
(No sopé da escarpa)

Fig.41 - Plantas de análise funcional

Nota\_ O presente conjunto de desenhos deveria ser apresentado sobre a forma de vegetais sobrepostos, na página 38 em conjunto com a descrição funcional apresentada. Devido à impossibilidade de representação das sobreposições em formato digital foi decidido colocar apenas a cota 8 (a cota mais baixa) sendo as restantes plantas apresentadas em anexo.

106. GCP – Fábricas e Estabelecimentos Insalubres, mç. 1448, cit. pur. Soeiro, T., Alves, J. F., Lacerda, S., & Oliveira, J. (1995). A Cerâmica Portuense, Evolução Empresarial e Estruturas Edificadas. Portugalia v.16. pp.258

107. Guimarães, G. (s.d.). O Pólo Industrial da Serra do Pilar. pp.242

108. Costa, V. B. (2012). A multissecular Capela do Senhor do Além: um percurso atribulado. Boletim da Associação de Amigos de Gaia vol.12. pp.10

109. Leão, M. (Junho de 2003). A fábrica de Cerâmica do Senhor do Além. Boletim Cultural Amigos de Gaia vol.9 n°56. pp.49

110. Costa, V. B. (2012). A multissecular Capela do Senhor do Além: um percurso atribulado. Boletim da Associação de Amigos de Gaia vol.12. pp.8



A capela do antigo Hospício e atual fábrica de 1880 conservaram os macróbios altares e as restantes imagens perduraram, enquanto servia de depósito de outros materiais (incluindo neles explosivos<sup>111</sup>). Após dois anos, assentaram os seus alterares<sup>112</sup> e abençoaram-na mesmo que ainda estivesse por concluir<sup>113</sup>.

Após a construção da Ponte D. Luís I (1881-1886), que fazia a ligação das cidades do Porto e de Vila Nova de Gaia, ao ser constituída por 2 níveis, dois tabuleiros em diferentes cotas, por um lado facilitava a travessia entre margens, por outro lado, tendo em conta que a cota do tabuleiro inferior se encontra, relativamente a mesma cota que a da Capela do Senhor do Além, esta encontra-se infelizmente ocultada para quem a via e ainda tenta ver da Ribeira do Porto.

Outro ponto que poderá ter contribuído para a sua degradação, e pouca visita por parte da população, seriam os seus acessos por terra, uma vez que segundo a cartografia o único acesso seria através da rua do Senhor do Além (atual Rua de Cabo Simão), onde muito provavelmente seria feita através de uma escadaria em declive muito íngreme, dificultando a sua acessibilidade.

Através do inquérito realizado em 1881<sup>114</sup>, podemos confirmar que o terreno se encontrava classificado como “dantesco”<sup>115</sup>.

“é p tipo da immundicie, da ruina e da sordidez na casa, e os produtos infinitamente grosseiros representam os primórdios de uma arte bárbara.”<sup>116</sup>

Durante o mesmo ano, o espaço fabril era ocupado por 25 operários, possuindo um capital inicial de seis contos de réis, os barros eram provenientes de Lisboa e de Avintes, com uma produção anual no valor de 7000\$000 réis<sup>117</sup>. No final do século empregava entre vinte a trinta operários, reduzindo substancialmente o valor do seu capital (dois contos), com uma produção de má qualidade<sup>118</sup>.

Segundo diversos autores, as louças desta época, não eram consideradas da melhor qualidade, denominadas como vulgares e mal concebidas<sup>119</sup>, de fabrico

111. Silva, A. M., Guimarães, J. A., & Resende, N. (15 de maio 2020). Capela do Senhor do Além. Vila Nova de Gaia: Gabinete de História, Arqueologia e Património - Amigos do Solar condes de Resende - Confraria Queirosiana. pp.43

112. Silva, A. M., Guimarães, J. A., & Resende, N. (15 de maio 2020). Capela do Senhor do Além. Vila Nova de Gaia: Gabinete de História, Arqueologia e Património - Amigos do Solar condes de Resende - Confraria Queirosiana. pp.43

113. Costa, V. B. (2012). A multissecular Capela do Senhor do Além: um percurso atribulado. Boletim da Associação de Amigos de Gaia vol.12. pp.12

114. Revista, P. (2018). Portugalia : Revista De Arqueologia Do Departamento De Ciências E Técnicas Do Património. FLUP. pp.258

115. Revista, P. (2018). Portugalia : Revista De Arqueologia Do Departamento De Ciências E Técnicas Do Património. FLUP. pp.258

116. Museu, N. S. (2001). Itinerário da Faiança do Porto e Gaia. Porto: Instituto Português de Museus. pp.12

117. Queirós, J. (1987). Cerâmica portuguesa e outros estudos. Lisboa: Presença. pp.121 e 122

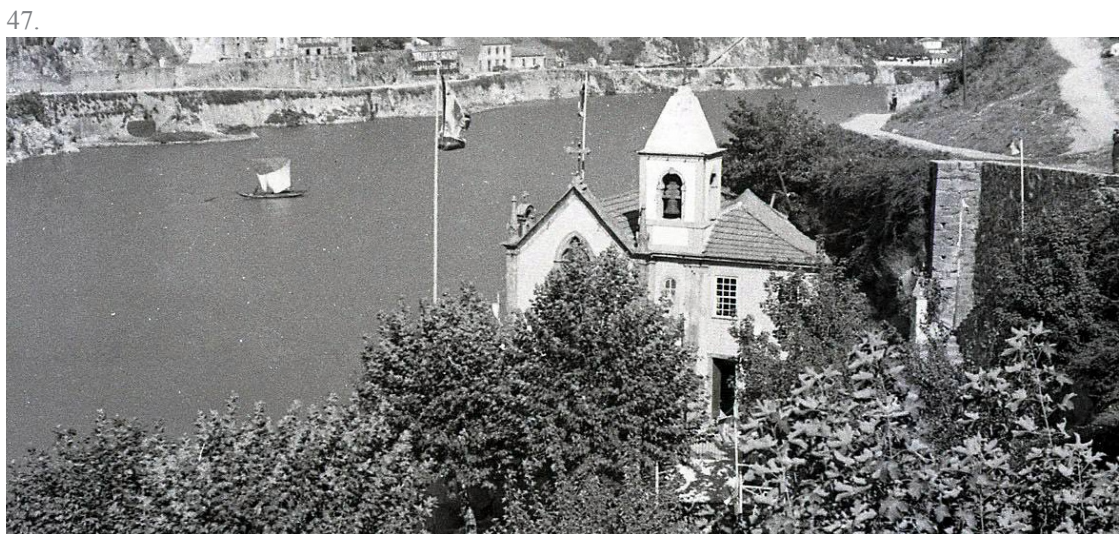
118. Revista, P. (2018). Portugalia : Revista De Arqueologia Do Departamento De Ciências E Técnicas Do Património. FLUP. pp.258

119. Sandão, A. (1999). Faiança Portuguesa, séculos XVIII e XIX (Vol. 2). Porto: Livraria Civilizações. pp.204, cit. pur. Costa, V. B. (2012). A multissecular Capela do Senhor do Além: um percurso atribulado. Boletim da Associação de Amigos de Gaia vol.12. pp.7-13

Fig.42 - Planta das instalações da Fábrica do Senhor d'Além em 1861/70

Fig.43 - Fábrica do Senhor d'Além e Capela (sem a torre sineira)

Fig.44 - Planta relativa ao pedido de melhoria da Fábrica de 1916



pouco primoroso, denotando o detalhe na sua pintura, “em grande parte estampilha”<sup>120</sup>.

“Na primeira época desta fábrica, trabalhou como chefe da roda Manuel Rôla, pai. Deste tempo há louça marcada; F. L. SR. D’ALEM. O fabrico era pouco primoroso, especialmente na pintura, em grande parte de estampilha, «muito de aldeia» como a denominava meu pai.”<sup>121</sup>

O pintor e ceramista Carlos Branco estabeleceu-se no Senhor d’Além em 1906, nesta época as peças eram marcadas de uma outra maneira<sup>122</sup>.

Em 1909, a sacristia anexa à capela é concluída, mas esta ainda não se dá por terminada. Só mais tarde, já no século XX, entre 1910-1920, é realizada a construção da sua torre sineira e a casa do seu zelador, anexos à capela<sup>123</sup>.

Após uma vida de cerca de meio século pouco proveitosa e digna, a Fábrica do Senhor do Além renovou-se com a entrada de novos e importantes artistas em 1908, que constituíam a sociedade Barbosa, Branco & C<sup>a</sup> Mecanizada. Com cerca de trinta trabalhadores e uma produção artística com muito melhor qualidade e após as renovações das instalações, a empresa tornou-se mais capaz de competir com as restantes<sup>124</sup>.

Ao longo de vários anos, e diversas alterações nas suas variadas componentes e conteúdos, a Capela do Senhor do Além continuou a passar por diversos proprietários. Pertenceu à administração da comissão Fabriqueira da paróquia de Santa Marinha em 1929, à Junta de Freguesia de Santa Marinha, por apropriação em 1950 da Capela e do seu anexo<sup>125</sup>. Atualmente, pertence à Diocese do Porto.

Em 1960, com o aluimento do cais de onde saía a procissão do Senhor do Além por via fluvial<sup>126</sup> provocou um progressivo desaparecimento da procissão do Senhor do Além que viria a extinguir-se perto de 1997.

A última e mais recente alteração realizada foram as obras de requalificação começadas em 2020, projeto realizado pelo Arquiteto Joaquim Coimbra em parceria com a Diocese do Porto, com um valor aproximado de 300 mil euros.

Atualmente, a Capela do Senhor do Além, em Vila Nova de Gaia, não passa indiferente aos olhares rasantes que recebe através de passeios pela ponte Luís I,

120. Vitorino, P. (1930). Cerâmica portuense. Vila Nova de Gaia: Apolino. pp.57, cit. pur. Costa, V. B. (2012). A multissecular Capela do Senhor do Além: um percurso atribulado. Boletim da Associação de Amigos de Gaia vol.12. pp.9

121. Vitorino, P. (1930). Cerâmica portuense. Gaia: Apolino. pp.57

122. Vitorino, P. (1930). Cerâmica portuense. Gaia: Apolino. pp.57

123. Silva {et al.}, T. (2013). Intervenção Arqueológica: Fábrica de Cerâmica do Senhor d’Além Vila Nova de Gaia 2008. Relatório Final, Vila Nova de Gaia. pp.6

124. Revista, P. (2018). Portvgalia : Revista De Arqueologia Do Departamento De Ciências E Técnicas Do Património. FLUP. pp.258

125. Silva, A. M., Guimarães, J. A., & Resende, N. (15 de maio 2020). Capela do Senhor do Além. Vila Nova de Gaia: Gabinete de História, Arqueologia e Património - Amigos do Solar condes de Resende - Confraria Queirosiana. pp.43

126. Machado, J. A. (1994). A Capela do Senhor Jesus de Além. Na escarpa da Serra do Pilar. O Tripeiro, Vol XIII, VI Série. pp.273

Fig.45 - “Assinaturas” realizadas por Carlos Branco nas fábricas onde trabalhou ao longo dos anos

Fig.46 - Fotografia da marca de Carlos Branco numa das peças da Fábrica

Fig.47 - Capela do Senhor do Além coberta pela vegetação da Fábrica

48.



embarcações de turistas que cruzam as águas do Rio Douro ou mesmo através de um passeio discreto pelas ruas que abraçam o seu terreno.

Uma resposta muda e simples devido ao seu natural abandono, mas que não passa indiferente a um olhar curioso de quem por ela passe.

Desta maneira, exposta a contextualização histórica de ambas as cidades, torna-se evidente a necessidade e a importância de entender não só como é que a fábrica de Cerâmicas do Senhor do Além surgiu, mas também os seus respetivos motivos e tudo aquilo que a afetou ao longo das décadas.

A história entrelaçada da fábrica para com as duas cidades, uma vez desbravando as suas várias camadas, oferece uma visão dinâmica e igualmente fascinante debruçada sobre a sua verdadeira essência, a qual se pretenderá realçar.



## ***2. Uma travessia***



## ***2.1 Pedras Abandonadas***

“Así, reconstruir la arquitectura del pasado es justificar para siempre la invención del arte de construir, burlando audazmente el olvido. Por ello las Ruinas representan para el arquitecto, de forma ejemplar y enigmática, la síntesis artística más fortuita y perfecta que puede resultar de la colaboración entre el hombre, el tiempo y la historia: esto es el fragmento.”<sup>127</sup>

---

127. Ustároz, A. (1997). La Lección de las Ruinas: Presencia del pensamiento griego y del pensamiento romano en la arquitectura. Barcelona: Fundación Caja de Arquitectos. pp33

49.



Ruína

À primeira vista a ruína surge como algo enigmático, envolto de um grande mistério daquilo que poderá ter sido. Como um vestígio do passado, um retalho histórico que naturalmente ao longo dos anos tem vindo a influenciar, em alguns casos as várias gerações que com ela têm contacto, ainda que passivamente pelo seu estado de deterioração. Mas que igualmente apela pela imaginação face ao desconhecido do que foi e poderá vir a ser.

Dos vários sentimentos contraditórios suscitados ao longo da história, destacam-se dois principais.

O primeiro, a ideia romântica de permitir finalmente o seu corpo descansar depois de tamanha destruição, admitindo inevitavelmente o seu direito à dignidade da “morte”. Esta posição oferece um convite para regressar às ideias do passado, uma transferência pelo tempo, que nos relembra e demarca a sua fragmentação das formas. Este processo evidencia a diferença entre a estrutura e o ornamento, entre o essencial e o dispensável, para uma leitura do próprio edificado.

Leon Battista Alberti

Alberti demarca um ponto relevante, com o tempo, uma “arquitetura ferida”<sup>128</sup> leva o objeto a transformar-se num fantasma em continuidade. Demonstrar que o edifício em fase de ruína perpétua no tempo, demarcando todos os efeitos naturais que foi sofrendo ao longo da sua vida. De certa maneira, também o tempo é um construtor e a ruína pode ser exemplo disso. Ela indica distância, transporta-nos para a atualidade e omite aquilo que já veio a ser.

Aldo Rossi

Tal como Aldo Rossi já referiu “Estando, precisamente, em Sant’Andrea de Mântua, tive esta primeira impressão da relação do tempo, no duplo significado atmosférico e cronológico, com a arquitectura; via o nevoeiro entrar na basílica (...) como o elemento imprevisível que modifica e altera, como a luz e as sombras. Como as pedras desgastadas e polidas pelos pés e pelas mãos de gerações de homens. (...) sabia que havia sido tornada possível por uma forma precisa que combatia o tempo a ponto de por ele ser destruída.”<sup>129</sup>

Fig.49 - Museu Arqueológico do Carmo em Lisboa

128. Ustároz, A. (1997). La Lección de las Ruinas: Presencia del pensamiento griego y del pensamiento romano en la arquitectura. Barcelona: Fundación Caja de Arquitectos. pp.19

129. Rossi, A. (2018). Autobiografia Científica. Lisboa: Edições 70. pp.23

50.



51.



52.



53.



Fort Macquarie  
Opera de Sidney

Enquanto o segundo, simplesmente usufrui de uma veia progressista, de recuperação completa, esquecendo aquilo que ali esteve, levando à sua destruição completa, esquecendo-o.

Podemos usar como exemplo o antigo Fort Macquarie, uma parte de Tram Depot, demolido em 1958 para abrir caminho à Opera de Sidney. Este caso específico da destruição completa de um edifício para dar lugar a um novo, apagou por completo os resíduos, identidade e a presença do anterior. Agora quem visita a Opera de Sidney não se apercebe do que ali esteve, da história que fez parte daquele local.

É importante prolongar a história, mesmo que parcial, adaptar o existente àquilo que pretendemos, não podemos simplesmente ignorar a sua identidade.

Considero importante demarcar que, no interior da sua essência, persiste a memória e a nostalgia.

Efetivamente, a ruína transmite conhecimento através da revelação da sua própria identidade, oferecendo àquele que a observa o reconhecimento do local onde se faz ser ruína. Enquanto demonstra a importância da compreensão do lugar onde esta se insere, ao mesmo tempo, ela própria o vai modelando, se apropria e lhe atribui uma essência.

A ruína possui assim, um pé no passado e um outro no presente, oferece uma existência em continuidade, ao demonstrar que o edifício em fase de ruína perpetua no tempo, demarcando todos os efeitos naturais que foi sofrendo ao longo da sua vida.

“Ruinas habitadas. Ruinas remendadas, enmendadas. Ruinas no acabadas. Activas espoletas para la mente de un arquitecto que ve en ellas la obra que le espera, quizás siempre soñada. Las ruinas como excusa para el dibujante. Como ocasión para quien al dibujar piensa de nuevo la arquitectura.”<sup>130</sup>

Desta maneira, a ruína é para o arquiteto um “suporte” persistente e coerente no tempo, que se adapta conforme o seu presente. Assim através da sua tripla herança, “conceptual, técnica e formal” demonstram como é feita esta parceria entre a ruína e o próprio arquiteto.

As ruínas parecem, de certa maneira, desenhadas e criadas para o arquiteto, para o envolver de prazer como um exercício conceptual, com um desafio, onde os factos do presente dão continuidade a toda uma experiência imersiva. Segundo Alberto Ustárrroz, as ruínas apresentam-se ao arquiteto sobre quatro formas.

A primeira, como uma síntese que nos transporta ao conhecimento arquitetónico final, uma forma que se aumenta e se transforma conforme as suas experiências contínuas.

Alberto Ustárrroz

Fig.50 - Fort Macquaire na Austrália antes da sua demolição

Fig.51 - Torre do Fort Macquarie durante a demolição

Fig.52 - Ópera de Sydney na Austrália

Fig.53 - Antes o Fort Macquarie e depois a Ópera de Sydney

130. Ustárrroz, A. (1997). La Lección de las Ruinas: Presencia del pensamiento griego y del pensamiento romano en la arquitectura. Barcelona: Fundación Caja de Arquitectos. pp.6

54.



56.



55.



A segunda, sobre a evocação, explica aqui que as ruínas evocam, naquele que as vê com olhos de ver, uma relação emocional, mas também racional entre dois mundos, o passado e o presente, permitindo uma relação entre ambos.

A terceira, uma origem de hipóteses formais, que servem como a prole de ideias formais, que são verificadas à medida que são pensadas em conjunto com novos projetos, esquecendo a simples cópia ou reprodução arqueológica.

A quarta, denota a importância da materialidade onde as ruínas se apresentam constantemente num estado fragmentado denotando o entrelaçamento na beleza de construir, o mundo formal e o material.

Todo um mundo de soluções e de problemáticas, de histórias e de factos, indicando distância muitas vezes da própria certeza e nos transporta de volta para a atualidade omitindo aquilo que já veio a ser.

As ruínas são elementos que desafiam a visão sobre a arquitetura, oferecendo inspiração, conexão para com o passado e ideias sobre a sua relação material com o presente. Para além de ter vindo a apaixonar gerações de arquitetos ao longo da história, por detrás desse valor sentimental e simbólico, a ruína possui ao mesmo tempo um valor didático, trata de transmitir uma mensagem, uma herança, uma viagem ao passado.

Simultaneamente fragmentada, transformada, desnaturalizada, corrupta e aniquilada, apesar de se tratar constantemente de uma vítima de causas naturais ou/e de acontecimentos variados, também executados pelo homem. Aqui as formas permanecem, com os resíduos da sua luta permanente contra as adversidades.

“Como en toda búsqueda los fragmentos comienzan a ir a su lugar. Pero a diferencia del juego del rompecabezas, donde se poseen de entrada todas las piezas necesarias y también la certeza de una imagen final única y conocida de antemano, aquí -frente a las Ruinas- ni se poseen todas sus piezas -conceptuales, técnicas o formales- ni tampoco la imagen final es unívoca o predeterminada. Así sucede que toda Ruina es antes que nada una invitación al arte de construir.”<sup>131</sup>

A ruína é fascinante, se realizarmos um exercício simples ao trocar esta ideia pré-existente de “fraqueza”, quando observamos a ruína, por uma ideia de “poder”<sup>132</sup>. Se colocarmos de lado tudo aquilo que já sabemos e formos à procura daquilo que nos escapa, quando damos por nós, encontramos-nos submersos de ideias, histórias e factos. Estas levam-nos a ponderar variadas componentes, cada uma mais diversa da anterior, mas que nos enriquecem como arquitetos.

“Sólo una cosa no hay: Es el Olvido. El presente está sólo. La memoria erige el tiempo”<sup>133</sup>

131. “Ustároz, A. (1997). La Lección de las Ruinas: Presencia del pensamiento griego y del pensamiento romano en la arquitectura. Barcelona: Fundación Caja de Arquitectos. pp.12

132. Ibidem. pp.15

133. Ibidem. pp.12

Fig.54 - Detalhe da construção nova no atual Mercado Cultural do Carandá pelo Arquitecto Eduardo Souto de Moura

Fig.55 - Fotografia de uma antiga coluna e escada do antigo mercado do Carandá em Braga e do atual Mercado Cultural do Carandá pelo Arquitecto Eduardo Souto de Moura

Fig.56 - Detalhe da construção nova e da existência de colunas antigas do antigo mercado do Carandá em Braga no atual Mercado Cultural do Carandá pelo Arquitecto Eduardo Souto de Moura



## ***2.2 Alma Viva***

“não se pode projectar sem memória, tal como não se pode projectar sem a existência de uma relação com a vida”<sup>134</sup>

“É curta, e por vezes mal medida, a distância entre a Memória e o Esquecimento”<sup>135</sup>

---

134. Alexandre Alves Costa. “O Lugar da História” in *Textos Datados*, Coimbra, Edarq, 2007. pp.254

135. Mesquita Mário., & Menéres A. (2006). *António Menéres-:dos anos do inquérito à arquitectura regional portuguesa*. pp.0

57.



58.



## Memória

“¿Por qué esta fascinación por estos fragmentos del pasado? Porque ellos nos convierten en una especie de dioses cuando los miramos, recordamos o soñamos desde nuestro presente: Ellos son nuestra memoria y crear sólo es recordar Sólo el recuerdo nos salva del caos.”<sup>136</sup>

A memória que debruçada sobre as ruínas se transforma em conhecimento – ou melhor, reconhecimento – de formas, lugares, modos de fazer, de toda uma forma que se caracteriza por criar o mundo<sup>137</sup>.

Classificando a memória como percepção do passado, é possível verificar que se encontra presente nas nossas vidas mesmo antes de lhe atribuímos um nome. Não existe pessoa, objeto ou lugar isento de uma história, de algo que o construiu e o influenciou.

Consequentemente, a arquitetura não deixa de estar isenta de relações, quer sejam vestígios daquilo que já foi, algo construído ou fragmentado, mas sempre em parceria com as relações, visíveis ou não visíveis, com a história, cultura ou sociedade.

“As formas destroem-se com o tempo, mas as ideias permanecem, são eternas.”<sup>138</sup>

A memória, individual ou coletiva, faz parte da identidade da ruína e faz-nos viajar entre tempos e épocas, deixando à interpretação de cada um, cada indivíduo ou coletivo, a sua versão de essência.

É essencial estudar e pesquisar mais do que aquilo que sabemos, para melhor compreender o edifício em que nos encontramos a trabalhar.

Fig.57 - Fotografia das ruínas da Banqueting Hall do Sudeley Castle, na cidade de Winchcombe, Inglaterra  
Fig.58 - Fotografia da Abadia de Fountains na cidade de Ripon no Reino Unido

136. “Porquê este fascínio por estes fragmentos do passado? Porque eles fazem de nós uma espécie de deuses quando os olhamos, recordamos ou sonhamos a partir do nosso presente: Eles são a nossa memória e criar é apenas recordar Só a memória nos salva do caos” in Ustároz, A. (1997). La Lección de las Ruinas: Presencia del pensamiento griego y del pensamiento romano en la arquitectura. Barcelona: Fundación Caja de Arquitectos. pp.12

137. Ustároz, A. (1997). La Lección de las Ruinas: Presencia del pensamiento griego y del pensamiento romano en la arquitectura. Barcelona: Fundación Caja de Arquitectos. pp.12

138. Baeza, A. C. (2004). A Ideia Construída. Casal de Cambra: Caleidoscópio. pp. 9

59.



60.



“Ele retoma a tradição com maior vitalidade porque opera através da memória e não pela ideologia”<sup>139</sup>

Simultaneamente à análise do objeto de estudo, tem de existir também uma análise da sua envolvente, que a define e caracteriza, mas que também a criou. Significa, assim, que aquilo que analisamos pode não ser aquilo que observamos atualmente, mas sim aquilo que ali já existiu.

O impressionante da arquitetura, é que a partir de algum momento no tempo, sempre fez parte de um lugar, o “ser imutável e contudo acordar em cada dia diferente”<sup>140</sup>.

#### Função do Arquiteto

A função do arquiteto é indispensável para desenvolver uma resposta coerente e pensada para com o local onde o objeto de estudo se insere, sem esquecer tudo aquilo que lhe é precedente. Possui a responsabilidade de respeitar a memória daquilo que o edifício era, isto é, conciliar aquilo que uma vez o foi e aquilo que poderá vir a ser.

A memória torna as ruínas em testemunhas, que já serviram os tempos antigos e agora esperam uma função, uma nova vida para se oferecer à sociedade. Onde se procura respeitar os desejos da atualidade, a identidade do passado e de, entre todas elas, as suas relações não visíveis.

#### Relações não visíveis

Por relações não visíveis entende-se que dentro do fragmento da ruína, é possível supor ou concluir variados assuntos, a sua passada função, ou uma possível relação que teve para com a sociedade. Trata-se de algo que não é diretamente explicado ou mostrado ao visitante, mas sim que o leva a deambular dentro do próprio pensamento e de tentar regressar ao passado para chegar a uma conclusão.

De certa maneira, para ser possível compreender o valor que a ruína tem no presente, é necessário mapear as necessidades atuais da comunidade que desta viveu e que desta usufruiu utilizando a memória como recurso.

Neste caso em particular, realizar um projeto, ou talvez, um pensamento, uma proposta, sobre aquilo que permanece, trata-se de um prestígio, uma oportunidade para estudar aquilo que os antigos nos deixaram, para ensinar a gerações futuras o dever de conservar ou de restaurar aquilo que é mais importante.

Não se trata de desvalorizar a sua importância, mas sim de salientar os “esforços isolados e desatenção ao desafio”<sup>141</sup> que um edifício em ruínas se impõem ao longo das várias décadas.

Mas também, entender o empenho que foi necessário para erguer as suas paredes, a velha técnica utilizada, sem a desvalorizar, uma vez que, ainda hoje, a construção tradicional demonstra a sua presença e aquilo que o tempo nos conta dela.

Fig.59 - Desenho da Acrópole de Atenas em 1911 pelo Arquiteto Le Corbusier

Fig.60 - Alexandre Alves Costa, Sérgio Fernandez, José Grade, Alcino Soutinho, Fernando Távora e Álvaro Siza na Acrópole de Atenas em 1976

139. Rossi, A. (2018). Autobiografia Científica. Lisboa: Edições 70. pp.134

140. Siza, Á. (2018). 02Textos. Lisboa: Parceria A. M. Pereira. pp.22

141. Valentim, N. (2018, 16 de novembro). Arquitetura e Património: sem redoma de vidro. Youtube. <https://www.youtube.com/watch?v=83ZqOToLo04&t=1025s>

61.



Arquitetura Tradicional

A arquitetura tradicional desenvolve-se sobre a procura de soluções para as necessidades do dia a dia da população, uma tradição, uma imagem e forma, transmitida ao longo dos tempos de geração em geração. De certa maneira, chega a ser uma materialização da tradição.

“a arquitetura é o único meio de que dispomos para conservar vivo um laço com um passado ao qual devemos nossa identidade, e que é parte de nosso ser.”<sup>142</sup>

Fig.61 - Basílica de Sant'Andrea de Mântua de Leon Battista Alberti

---

142. Choay, F. (2000). A alegoria do património. Lisboa: Edições 70. pp.121



## ***2.3 Identidade Preservada***

“O alibi neste momento é o ‘património que é preciso recuperar... e não há município que não disponha de verba para tanto nem discurso que o ignore.

Mas basta alargar um pouco no espaço a noção de património, saindo do solar, da pequena praça ou do núcleo amuralhado, para mergulhar no caos, na desordem, na incomodidade física e visual.

A noção de património como ‘múmia envolvida em saco de plástico: que já referi pelos anos sessenta continua...’<sup>143</sup>

---

143. Távora, F. cit. pur. Valentim, N. (2018, 16 de novembro). Arquitetura e Património: sem redoma de vidro. Youtube. <https://www.youtube.com/watch?v=83ZqOToLo04&t=1025s>

62.



## Património

O património possui em si um ideal de valorizar, quer seja a nossa identidade como sociedade, quer seja a identidade do próprio edifício.

A identidade de um determinado local pressupõe a conservação e posterior divulgação, dando-se a conhecer o mesmo. Algumas identidades marcaram mais as sociedades, as suas vidas passadas e atuais, outras passaram despercebidas devido à falta de documentação e do seu estudo. Só com o passar das décadas, é que se foi educando o pensamento, quer singular, quer coletivo sobre a conservação de conjuntos ou elementos edificados em mau estado. Para tal, ao longo do tempo foram criadas normas base e documentos internacionais para ajudar na sua caracterização.

“Definizione di termini:

La conservazione (o salvaguardia o protezione) si definisce come: «azione di mantenimento in stato di efficienza, in condizione di essere usato». Essa, è, dunque, una azione. In particolare, tale azione: 1) è rivolta ad un fine; che è l'utilizzazione; 2) è operante su di un oggetto che, potendo essere utilizzato, possiede utilità (cioè, capacità di soddisfare bisogni) e che, quindi, per definizione, è un bene; 3) è esercitata da un soggetto; 4) è produttiva di vantaggio (vale a dire di utilità)”<sup>144</sup>

## Renascimento Italiano

A primeira etapa relativa à construção de uma teoria da conservação terá sido o Renascimento italiano<sup>145</sup>, por uma via legal. O poder de controlo era todo entregue ao papa. Tratava-se de uma legislação “particularmente severa”, onde ameaçava excomungar todos aqueles que ousavam demolir ou transformar os elementos dos edifícios do passado<sup>146</sup>.

144. “ Definição dos termos: A conservação (ou preservação ou proteção) é definida como: “ação de manter num estado de eficácia, em condições de ser utilizado”. Trata-se, portanto, de uma ação. Em particular, tal ação: 1) é dirigida a um fim; que é o uso; 2) é realizada sobre um objeto que, podendo ser usado, possui utilidade (isto é, a capacidade de satisfazer necessidades) e que, portanto, por definição, é um bem; 3) é exercida por um sujeito; 4) é produtiva de vantagem (isto é, utilidade).” in Stefano, R. D. (1979). Il recupero dei valori : centri storici e monumenti : limiti della conservazione e del restauro.Napoli: Edizioni Scientifiche Italiane. pp.33

145. Aguiar, J. (2002). Cor e cidade histórica : estudos cromáticos e conservação do património. Porto: Faup Publicações. pp.35

146. Aguiar, J. (2002). Cor e cidade histórica : estudos cromáticos e conservação do património. Porto: Faup Publicações. pp.35

63.



Leon Battista Alberti

No Tratado “Da Arte Edificatória” de Leon Battista Alberti, publicado em 1485, o autor refere a importância de manter as obras e as construções realizadas pelos antigos e descarta por completo a opção de as demolir<sup>147</sup>.

“É este um erro que deve ser verberado; de facto, o desaforo da sorte, a adversidade dos tempos, o acaso e a força das circunstâncias, podem ocasionar muitas vicissitudes que nos aconselhem a não prosseguir a obra já iniciada e até impeçam a sua continuação; e ao mesmo tempo é, sem dúvida, vergonhoso não poupar as obras dos antigos, nem respeitar as vantagens de que os cidadãos usufruem, acostumados aos lares dos seus antepassados; pelo que, destruir, demolir e arrasar completamente o que quer que seja, em qualquer parte, deve ser uma opção a pôr de lado, sempre. Por conseguinte, eu gostaria que se conservassem intactas as construções antigas, sempre que não seja impossível levantar uma nova sem as destruir.”<sup>148</sup>

Alberti, realizou uma primeira teoria de forma a juntar quer a estética, quer a arquitetura, na ação de “reutilização de preexistências”<sup>149</sup>. Esta, organiza-se segundo três pontos essenciais:

-“Continuar o monumento no estilo primitivo”<sup>150</sup>;

-“Tentar uma simbiose entre o estilo antigo e as linguagens contemporâneas”;<sup>151</sup>

-“Ocultar ou recobrir a estrutura antiga sob uma nova membrana”<sup>152</sup>

Revolução Francesa

A Revolução Francesa foi, não só um momento de tremenda destruição no percurso da história, como também o momento onde surgiu a “moderna jurisprudência para a salvaguarda do património”, tal como fez surgir uma matriz de ideias base que levaram ao desenvolvimento do corpo da teoria do Restauro Moderno, e que ainda hoje se tratam de ideias utilizadas<sup>153</sup>.

Françoise Choay caracteriza dois tipos de doutrinas no século XIX, uma intervencionista (mais presente nos países europeus) e outra anti intervencionista (mais presente em Inglaterra), respetivamente correlacionada com Eugène Viollet-le-Duc (1814-1879) e Ruskin (1819-1900)<sup>154</sup>.

Viollet-le-Duc

Viollet-le-Duc quase que ‘governa’ a prática do restauro francês, com o ideal “Restaurar um edifício é restabelecê-lo num estado completo que pode nunca ter existido num dado momento”<sup>155</sup>, e com um elevado interesse pela história e práticas do passado. Choay questiona se esta teoria de Viollet-le-Duc se

147. Alberti, L. B. (2011). Da arte edificatória. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. pp.233

148. Ibidem

149. Ibidem

150. Ibidem

151. Ibidem

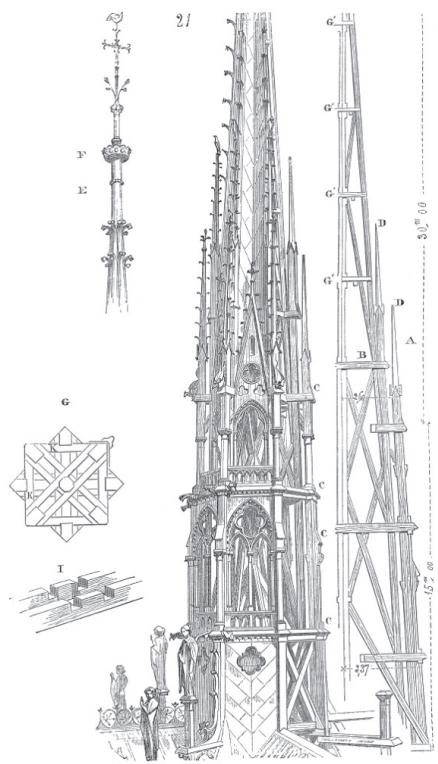
152. Ibidem

153. Ibidem. pp.36 e 37

154. Choay, F. (2000). A alegoria do património. Lisboa: Edições 70. pp.129 e 130

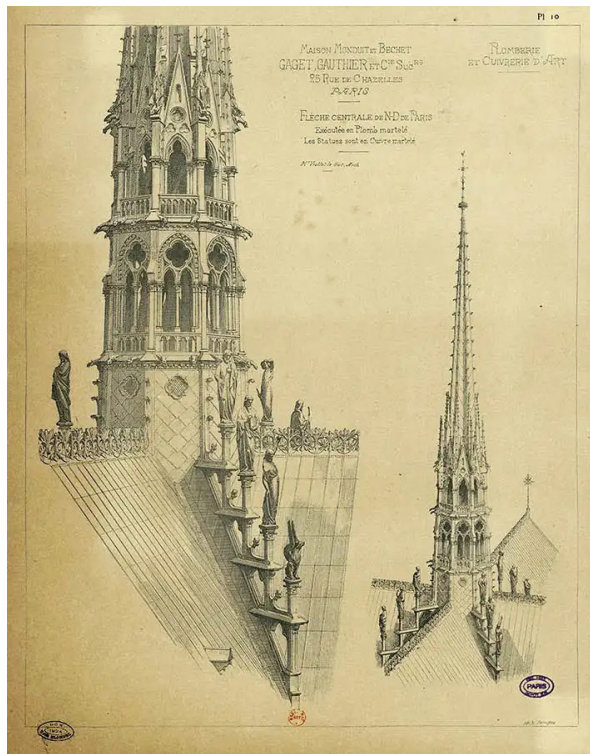
155. Choay, F. (2000). A alegoria do património. Lisboa: Edições 70. pp.131

Fig. 63 - A insurreição de 10 de agosto de 1792 por Jacques Bertaux

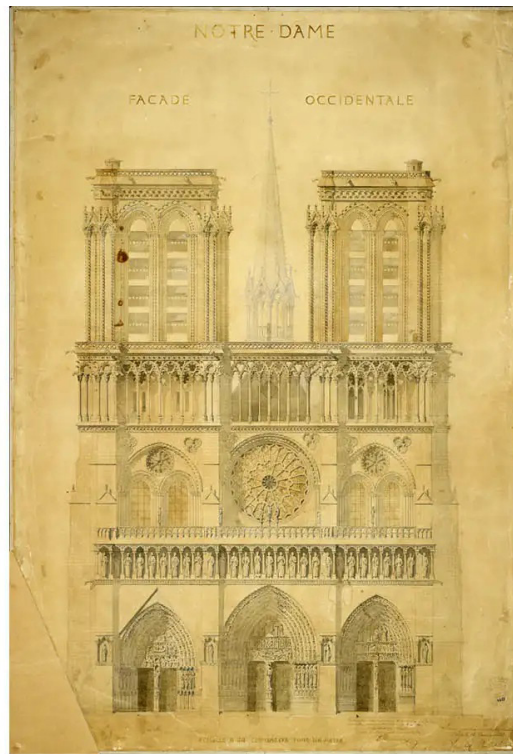


64.

65.



66.



Ruskin

encontra dentro de uma perspectiva “agressiva” ou “historicizante”<sup>156</sup>. Este encontrava-se profundamente influenciado pelo neoclassicismo e ecletismo, que o acompanharam durante toda a sua vida<sup>157</sup>.

Ruskin refere que não devemos tocar nos monumentos do passado, que não nos pertencem, mas sim aos seus devidos autores ou das gerações que os acompanharam<sup>158</sup>. Desta maneira, este anti-intervencionismo, destaca-se pelo “sacrilégio”<sup>159</sup> de que se trata. Para Ruskin, restaurar um monumento histórico é inviável. “Tanto como dar vida a um morto”<sup>160</sup>.

Até essa altura, não se fazia a distinção entre denominações, o monumento consiste num elemento de preservação da memória, apenas com Alois Riegl (1858-1905), que em 1902 se tornou presidente da Comissão Austríaca dos monumentos históricos, desenvolveu uma obra de nome “O Culto dos Monumentos” onde faz essa distinção<sup>161</sup>. Uma teoria avaliada em duas partes, a ligação dos edifícios para com o passado e a presente relação para com a atualidade<sup>162</sup>.

“O valor da memória intencional tem em geral, desde o início, quer dizer, desde a edificação do monumento com um fim específico, de fazer que, em certa medida, um monumento nunca se torne passado, tem de mantê-lo sempre presente e vivo na consciência dos vindouros.”<sup>163</sup>

Contudo, não terminou aqui, mais tarde adiciona um novo valor que aparece na segunda metade do século XIX, “o valor de antiguidade”<sup>164</sup>. Refere-se assim à idade do objeto de estudo, avaliando o estado de degradação do mesmo que o leva de volta à ideia da memória<sup>165</sup>. Ainda refere, num outro capítulo, e não menos relevante o “valor do uso” e o “valor de arte”<sup>166</sup>.

“Ele demonstrou que em matéria de restauração não pode existir nenhuma regra científica absoluta, cada caso inscreve-se numa dialéctica particular de valores em jogo.”<sup>167</sup>

A Revolução Industrial começou no século XVIII, encontrava-se ligada à urgência de uma sensibilidade para com as obras de património histórico<sup>168</sup>,

156. Ibidem. pp.132

157. Ceschi, C. (1970). Teoria e storia del restauro. Roma: Mario Bulzoni. pp.68

158. Choay, F. (2000). A alegoria do património. Lisboa: Edições 70. pp.130

159. Ibidem

160. Ibidem

161. Ibidem. pp.139

162. Ibidem

163. Riegl, A. (2020). O culto moderno dos monumentos e outros ensaios estéticos. Lisboa: Edições 70. pp.42

164. Ibidem

165. Ibidem

166. Ibidem

167. Choay, F. (2015). As questões do património - Antologia para um combate. Lisboa: Edições 70. pp.33

168. Aguiar, J. (2002). Cor e cidade histórica : estudos cromáticos e conservação do património. Porto: Faup Publicações. pp.37

Fig.64 - Desenho do pináculo de Notre Dame, na cidade de Paris, França, por Viollet-le-Duc

Fig.65 - Desenho do pináculo de Notre Dame, na cidade de Paris, França, por Viollet-le-Duc

Fig.66 - Desenho da Fachada de Notre Dame, na cidade de Paris, França, por Viollet-le-Duc

67.



68.



foi um acontecimento fundamental para o desenvolvimento da sociedade e do seu conhecimento, devido ao seu acelerado crescimento nos métodos arquitectónicos “modernos”, durante o século XX<sup>169</sup>.

Carta de Atenas (1931)

Em 1931, é redigida a chamada Carta de Atenas, que adveio de um tema discutido na conferência Internacional de Atenas, o restauro dos monumentos. Esta carta trouxe uma proposta de envolvimento solidário ao nível internacional, como consequência desta percepção de um património internacional. Uma atenção “às coisas de interesse notável”<sup>170</sup>.

Foi definido um conceito de pensamento geral de que o restauro e conservação não tem unicamente em consideração o objeto, mas também a sua envolvente, realçando que devemos considerar o monumento como um “objeto de cuidados particulares”<sup>171</sup>. “Considera que a deslocação das obras do enquadramento para o qual elas tinham sido criadas é em princípio indesejável”<sup>172</sup>.

Inclusive foram discutidos alguns pontos, que ainda hoje são considerados como ideias essenciais, tal como a conservação e cuidado dos elementos originais de tempos antigos, denotando que não é aconselhado a restituição da sua totalidade. Neste sentido, podemos denotar uma privilegiada intenção na conservação dos elementos ao contrário do seu restauro.

Segunda Guerra Mundial

A Segunda Guerra Mundial (1939-1945) provocou uma enorme destruição, com foco nas terras europeias, que levou a uma enorme necessidade de construir e recuperar, não só monumentos, mas inclusive cidades inteiras, numa tentativa de voltar a ser aquilo eram antes, de maneira a conseguir albergar mais uma vez a população, impulsionar a sua economia e progresso, denotando a importância da identidade do objeto no ato da sua reconstrução.

Carta de Veneza (1964)

Em 1964 é publicada a Carta de Veneza, sobre a conservação (dos “bens culturais”<sup>173</sup>) e restauro de monumentos e dos sítios, cujo primeiro artigo assinala que a “noção de monumento histórico engloba a criação arquitectónica isolada bem como o sítio rural ou urbano que testemunhe uma civilização particular, uma evolução significativa ou um acontecimento histórico. Esta noção estende-se não só às grandes criações mas também às obras modestas que adquiriram com o tempo um significado cultural”<sup>174</sup>.

Fig.67 - Fotografia da Galeria Vittorio Emanuele II em Milão, Itália durante a Segunda Guerra Mundial

Fig.68 - Fotografia da Catedral de St Paul's na cidade de Londres, durante o Blitz na Segunda Guerra Mundial

169. Dias, M. G. (s.d.). Formas Arquitectónicas Populares e Urbanas (Vernáculas?) em Portugal (Sem se saber bem porquê e 49 legendas). Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas (ACIME). pp.314

170. Stefano, R. D. (1979). Il recupero dei valori : centri storici e monumenti : limiti della conservazione e del restauro.Napoli: Edizioni Scientifiche Italiane. pp.41

171. Serviço Internacional de Museus. (1931). Carta de Atenas Sobre o Restauro de Monumentos. Atenas, Grécia. Traduzido por Flávio Lopes & Miguel Brito Correia. Ponto III

172. Ibidem. Ponto V

173. Stefano, R. D. (1979). Il recupero dei valori : centri storici e monumenti : limiti della conservazione e del restauro.Napoli: Edizioni Scientifiche Italiane. pp.41

174. ICOMOS. (1964). Carta de Veneza sobre a Conservação e o Restauro de Monumentos e Sítios. Veneza, Itália. Traduzido por Flávio Lopes & Miguel Brito Correia. Artigo I

69.



Deste modo, no momento de exercer sobre uma conservação ou restauro, a mesma apela à intervenção de todas as ciências e técnicas que possam ajudar na sua salvaguarda<sup>175</sup>.

O objetivo principal era salvaguardar não só a obra como também o seu testemunho histórico<sup>176</sup>. Quer a conservação ou o restauro, possuem nesta carta detalhes específicos para serem seguidos.

Na conservação é destacada a importância da sua manutenção, aplicados quer à sua função na sociedade<sup>177</sup> (tendo em conta que as alterações que sejam realizadas, têm de ser consideradas conforme a evolução dos usos e dos costumes<sup>178</sup>), quer à escala onde este mesmo se enquadra (dependendo do seu enquadramento original, que deverá ser conservado, impedindo novas construções com diferentes relações de volume ou cor que possam prejudicar a sua essência<sup>179</sup>).

No restauro denota-se o carácter excecional, num cuidado acrescido no reconhecimento indispensável do valor histórico dos monumentos e das suas componentes, levando a uma catalogação detalhada das suas diversas fases de vida<sup>180</sup>. Sempre que as técnicas tradicionais sejam inconvenientes para o seu restauro, “a consolidação de um monumento pode ser assegurada com o apoio”<sup>181</sup> de técnicas modernas dentro da área de conservação e construção que tenham demonstrado potencial para serem consideradas.

Com esta carta veio uma consciência coletiva de proteger o património de gerações anteriores, de maneira a ser possível dá-lo a conhecer às futuras. Contribui também para um desenvolvimento, a nível internacional, na produção de documentos sobre todo o processo de restauro, dentro da ICOM, UNESCO e na criação de um Centro Internacional para o Estudo da Preservação e Restauro de Bens Culturais.

Com o passar do tempo, e com o aumento do interesse sobre a preservação do património, houve a necessidade de atualizar e aumentar tudo aquilo que tinha sido discutido em 1964.

Carta de Amsterdão (1975)

Assim, em 1975, foi criada a Carta Europeia do Património Arquitetónico, também conhecida como Carta de Amsterdão. Aqui, desejava-se unir todos os esforços a nível europeu, de maneira a criar uma visão e linguagem comum que

175. ICOMOS. (1964). Carta de Veneza sobre a Conservação e o Restauro de Monumentos e Sítios. Veneza, Itália. Traduzido por Flávio Lopes & Miguel Brito Correia. Artigo II

176. ICOMOS. (1964). Carta de Veneza sobre a Conservação e o Restauro de Monumentos e Sítios. Veneza, Itália. Traduzido por Flávio Lopes & Miguel Brito Correia. Artigo III

177. Stefano, R. D. (1979). Il recupero dei valori : centri storici e monumenti : limiti della conservazione e del restauro. Napoli: Edizioni Scientifiche Italiane. pp.42

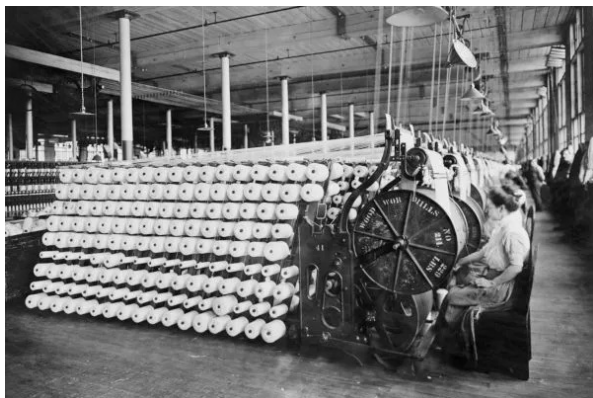
178. ICOMOS. (1964). Carta de Veneza sobre a Conservação e o Restauro de Monumentos e Sítios. Veneza, Itália. Traduzido por Flávio Lopes & Miguel Brito Correia. Artigo V

179. Ibidem. Artigo VI

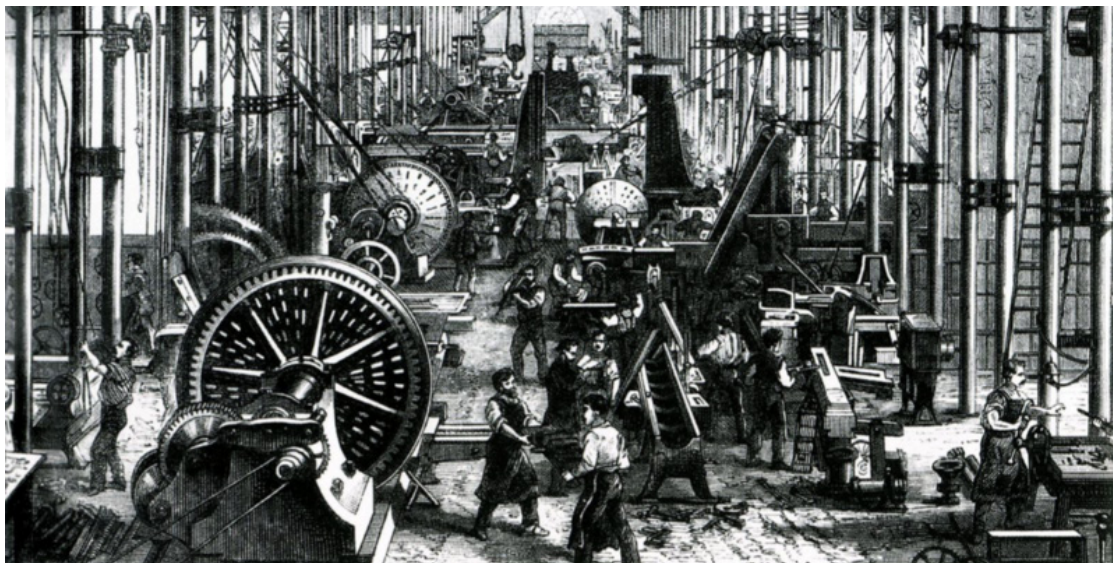
180. Ibidem. Artigo IX

181. Ibidem. Artigo X

70.



71.



consequentemente guiará aqueles que trabalham na área e os próprios cidadãos a adotar a mesma<sup>182</sup>.

É realçado que o património arquitetónico não é só constituído pelos monumentos que ali se inserem, mas também pelos agregados que constituem as nossas cidades e aldeias. Não só se deve proteger os monumentos como também o enquadramento onde se encontram inseridos, num ato de *conservação integrada*<sup>183</sup>.

Carta de Washington (1987)

Posteriormente, a Carta de Washington de 1987 (Carta Internacional para a Salvaguarda das Cidades Históricas), tal como o nome indica, veio reformular e renovar a Carta de Veneza (1964), relativa mais precisamente às cidades, de todos os tamanhos e aos seus centros históricos<sup>184</sup>. Promove a elaboração de estratégias, de maneira a salvaguardar o carácter das cidades, independentemente das várias alterações que estas tiveram com o seu crescimento acelerado<sup>185</sup>.

Podemos verificar que até finais do século XX, a Carta de Veneza ainda se tratava de uma enorme referência para a salvaguarda do património mundial. Apesar de ao longo dos anos ter sido reforçada com novos documentos, mas nunca foi completamente alterada.

Carta de Cracóvia (2000)

Em 2000, foi criada a Carta de Cracóvia, que veio de certa maneira atualizar os conceitos e princípios realizados em 1964, tendo em consideração a realidade da atualidade em que foi escrita, para com o tempo contemporâneo<sup>186</sup>. Representa ainda hoje, uma referência essencial e base, para guiar a intervenção no património existente.

Possui como principais objetivos, a conservação do património no qual os monumentos se encontram inseridos, onde considera tão importante o edifício, quanto a sua envolvente. Denota ainda a manutenção e reparação, como partes fundamentais no seu procedimento, envolvendo estudos prévios e fases de pesquisa de pré-realização<sup>187</sup>.

Aquando da conservação do património construído, esta deve ser baseada de acordo com o “projeto de restauro”, abordando diversas disciplinas, todas

182. Conselho da Europa. (1975). Carta Europeia do Património Arquitectónico, Amsterdão. Traduzida por Flávio Lopes e Miguel Brito Correia. pp.1

183. “*A conservação integrada evita estes perigos. A conservação integrada atinge-se através da aplicação conjugada de técnicas adequadas de restauro e da escolha correta de funções apropriadas.*

Com a passagem do tempo os centros históricos e algumas das nossas aldeias e vilas deterioraram-se e foram abandonados, convertendo-se em áreas de edifícios de baixa qualidade habitacional. O seu restauro deve ser empreendido dentro de um espírito de justiça social para não provocar o êxodo dos seus habitantes mais desfavorecidos. Por este motivo, a conservação integrada deve constituir uma das primeiras metas dos projetos de planeamento urbano e regional.

Deve realçar-se que a conservação integrada não impede a introdução de arquitetura contemporânea nos conjuntos antigos. Porém, esta deve respeitar o contexto, as proporções, as formas e as escalas existentes e deve utilizar materiais tradicionais.” in Conselho da Europa. (1975). Carta Europeia do Património Arquitectónico, Amsterdão. Traduzida por Flávio Lopes e Miguel Brito Correia. pp.3

184. ICOMOS. (1987). Carta Internacional sobre a Salvaguarda das Cidades Históricas. Washington D.C., EUA. Traduzido por Flávio Lopes & Miguel Brito Correia. pp.1

185. Ibidem

186. Carta de Cracóvia 2000: Princípios para a Conservação e o Restauro do Património Construído. (2000). Cracóvia, Polónia. Traduzido por Flávio Lopes & Miguel Brito Correia. pp2

187. Carta de Cracóvia 2000: Princípios para a Conservação e o Restauro do Património Construído. (2000). Cracóvia, Polónia. Traduzido por Flávio Lopes & Miguel Brito Correia. pp2

Fig.70 - Fotografia de uma das indústrias têxteis que marcou a Revolução Industrial  
Fig.71 - Gravura representativa da indústria depois da Revolução Industrial

72.



aquelas que se classificarem como pertinentes e que levaram a “bom porto” a sua conservação e restauro<sup>188</sup>.

Sobre reconstruções, devem ser evitadas ações em partes significativas do projeto. É referido que a ação em partes limitadas do projeto, podem ser aceites, se esta fundamentar significado arquitectónico e documentação irrefutável. Considera-se que a reconstrução total de um edifício, que tenha sido destruído por ações naturais ou humanas, apenas é aceitável, se este mesmo possuir motivos sociais e culturais que se encontrem diretamente correlacionados com a sociedade da zona<sup>189</sup>.

Carta Nizhny Tagil (2003)

Relativamente ao Património Cultural, a Carta de Nizhny Tagil (2003) aprovada pela Comissão Internacional para a Conservação do Património Industrial (TICCIH), inclui na sua essência e base, as Cartas de Veneza (1964), a Carta de Burra (1994) e a Recomendação R(90) 20 do Conselho da Europa<sup>190</sup>.

“O período histórico de maior relevo para este estudo estende-se desde os inícios da Revolução industrial, a partir da segunda metade do século XVIII, até aos nossos dias, sem negligenciar as suas raízes pré e pro-industriais. Para além disso, apoia-se no estudo das técnicas de produção, englobadas pela história da tecnologia.”<sup>191</sup>

Revolução Industrial

Refere que a Revolução Industrial fez parte de um fenómeno histórico que marcou intensamente a humanidade, uma vez que estes vestígios materiais possuem um valor humano universal, devido ao seu próximo relacionamento com o progresso e a evolução histórica<sup>192</sup>.

Tratam-se de provas físicas, de métodos e técnicas vernaculares, embutidos na história mundial. Desta maneira, existe uma intenção de conservar, manter e divulgar à população, a sua história, finalidade e técnica<sup>193</sup>.

Podemos considerar o Património Industrial como interdisciplinar, albergando nele valores históricos, tecnológicos, sociais, arquitectónicos e científicos<sup>194</sup>. Que aumentam por consequência a necessidade da sua compreensão do passado e do presente industrial.

Trata-se de um testemunho histórico, que ainda possui consequências profundas e valor universal. Uma vez que se encontra envolvido diretamente com a sociedade possui um valor identitário, enquanto na história da indústria possui

188. Ibidem

189. Carta de Cracóvia 2000: Princípios para a Conservação e o Restauro do Património Construído. (2000). Cracóvia, Polónia. Traduzido por Flávio Lopes & Miguel Brito Correia. pp2

190. TICCIH, ICOMOS.(2003) Carta de Nizhny Tagil sobre o Património Industrial . Traduzida por APPI (Associação Portuguesa para o Património Industrial). pp.2

191. Ibidem

192. Ibidem

193. Ibidem

194. Ibidem

Fig.72 - Antiga mina de carvão Zeche Zollverein, em Essen, inscrito na lista de Património Mundial da UNESCO desde 2001

73.



um valor científico e tecnológico, podendo também apresentar um valor estético dentro da qualidade de arquitetura<sup>195</sup>.

Uma proteção que proveio de situações pontuais a globais, “o perigo está no passo seguinte”<sup>196</sup>, sobre a total proteção, que tal como podemos concluir depois de analisar, que não a protege de todo<sup>197</sup>.

Estes mesmos valores encontram-se embutidos na própria essência do sítio, quer relativo à maquinaria, estrutura, documentação, na memória da sociedade e das suas tradições que por ali passaram. Enquanto a raridade de determinados elementos aumenta cada vez mais o seu valor, principalmente os mais antigos e pioneiros<sup>198</sup>.

Mais uma vez denota a importância da criação de inventários, levantamentos de campo, investigação arqueológica, entre outros, de maneira a preservar e conservar o património quer para estudos atuais ou ensinamentos futuros<sup>199</sup>.

Fig.73 - Incêndio na Catedral de Notre Dame em Paris, França, em 2019, com detalhe da queda do pináculo

195. TICCIH, ICOMOS.(2003) Carta de Nizhny Tagil sobre o Património Industrial. Traduzida por APPI (Associação Portuguesa para o Património Industrial). pp.2

196. Stefano, R. D. (1979). Il recupero dei valori : centri storici e monumenti : limiti della conservazione e del restauro. Napoli: Edizioni Scientifiche Italiane.pp.41

197. Ibidem

198. TICCIH, ICOMOS.(2003) Carta de Nizhny Tagil sobre o Património Industrial. Traduzida por APPI (Associação Portuguesa para o Património Industrial). pp.2

199. Ibidem



### ***3. Um novo horizonte***

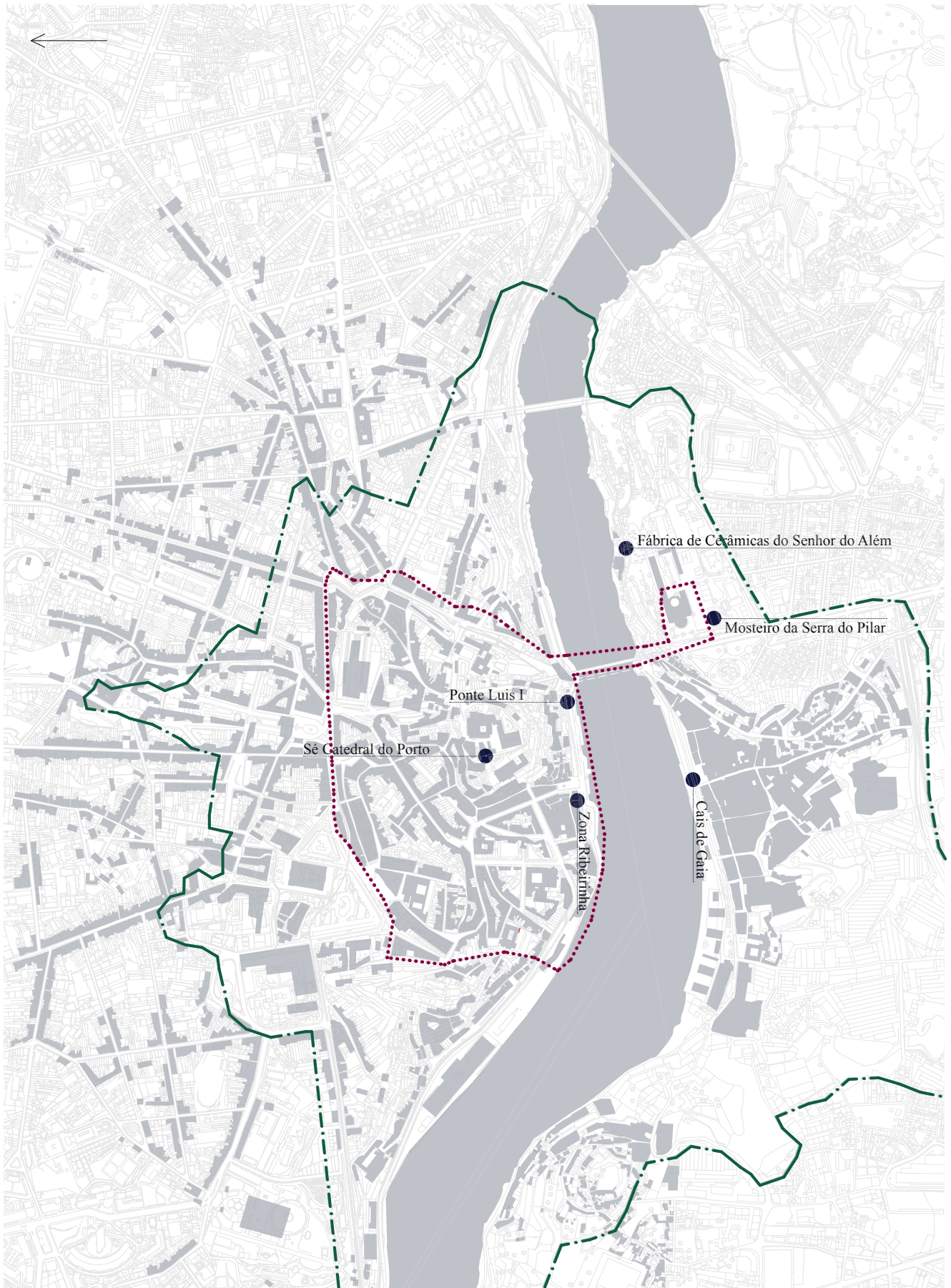


### ***3.1 Análise Crítica***

“É essencial fixar a memória dos dias. Um perfume, um som, uma cor, uma textura, um grito no peito ou um arrepio na espinha. Alcançar a verdade? Reconstituir? Talvez, um dia, seja possível. Por agora, resta-nos preparar esse caminho de uma forma ponderada, plural e sólida, com capacidade para sublinhar valores.”<sup>200</sup>

---

200. Mesquita Mário., & Menéres A. (2006). António Menéres:-dos anos do inquérito à arquitectura regional portuguesa, pág. 0



Encostada ao limite  
Zona Non Aedificandi (ZNA)

Classificada como Imóvel de  
Interesse Público

Inserida dentro da Área de  
Reabilitação Urbana de Vila  
Nova de Gaia (ARU)

Capela Restaurada pelo  
Arquiteto Joaquim Coimbra

Fig.74 - Desenho da cidade atual do Porto e de Vila Nova de Gaia, com sobreposição da volumetria da cidade de 1844 por Frederico Perry Vidal. Limite Bordeaux\_Área do Bem inscrito na Lista do Património Mundial da UNESCO Limite Verde\_Zona tampão (186 ha - sem proteção legal nacional)  
Fig.75 - Fotografia da Fábrica de Cerâmicas para a cidade do Porto  
Fig.76 - Fotografia das ruínas da Fábrica de Cerâmicas do Senhor do Além em primeiro plano e da cidade do Porto em segundo plano

Tal como já referido, o complexo da abandonada Fábrica de Cerâmicas do Senhor do Além situa-se na freguesia de Santa Marinha e São Pedro da Afurada, concelho de Vila Nova de Gaia. Implanta-se, a norte da Serra do Pilar, na escarpa que se desenvolve na margem do rio Douro e que culmina no antigo Mosteiro.

Os limites principais do terreno são a rua do Cabo Simão (a Sul) e o rio Douro (a Norte).

O conjunto encontra-se encostada ao limite da Zona Non Aedificandi (ZNA) e dentro da Zona Especial de Proteção (ZEP) do Mosteiro da Serra do Pilar (considerada em 1910 como Monumento Nacional), na escarpa da Igreja e desde 1935 a Fábrica do Senhor do Além foi classificada como Imóvel de Interesse público<sup>201</sup>. Devemos, também, realçar que a Igreja da Serra do Pilar faz parte da lista do Património Mundial da UNESCO, dentro da listagem atribuída ao Porto (sendo a única exceção fora do concelho)<sup>202</sup>.

A Fábrica de Cerâmicas do Senhor do Além encontra-se enquadrada na zona tampão (buffer zone) dentro da Área de Património Mundial da UNESCO e como parte da Área de Reabilitação Urbana (ARU) de Vila Nova de Gaia.

Atualmente o complexo da Fábrica de Cerâmicas é composto pela Capela do Senhor do Além, o esqueleto em ruínas da fábrica e o lavadouro, entre os dois edifícios. A capela, restaurada há relativamente pouco tempo (2020) pelo Arquiteto Joaquim Coimbra em conjunto com a Diocese do Porto, destaca-se por se tratar do elemento em melhor estado de conservação de todo o conjunto.

Em 2008, após uma primeira limpeza do interior do edificado da fábrica e da posterior realização de um levantamento arquitectónico e 11 sondagens, levadas a cabo pelo grupo de Arqueologia e Património<sup>203</sup>, foi possível averiguar o seu estado de conservação naquele momento. O edifício esteve sem proteção nos últimos 15 anos, o estado de conservação do mesmo deve ter sofrido algumas alterações, aumentando ainda mais a degradação.

201. Teixeira, R., & Fonseca, V. (2013). Relatório Final - Intervenção Arqueológica Fábrica de Cerâmica do Senhor d' Além. Matosinhos: Arqueologia e Património, pág.13

202. Diário da República n.º 245/2018, Série II de 2018-12-20, páginas 34217 – 34219 dentro CULTURA - Gabinete da Secretária de Estado da Cultura - Aviso n.º 19137/2018

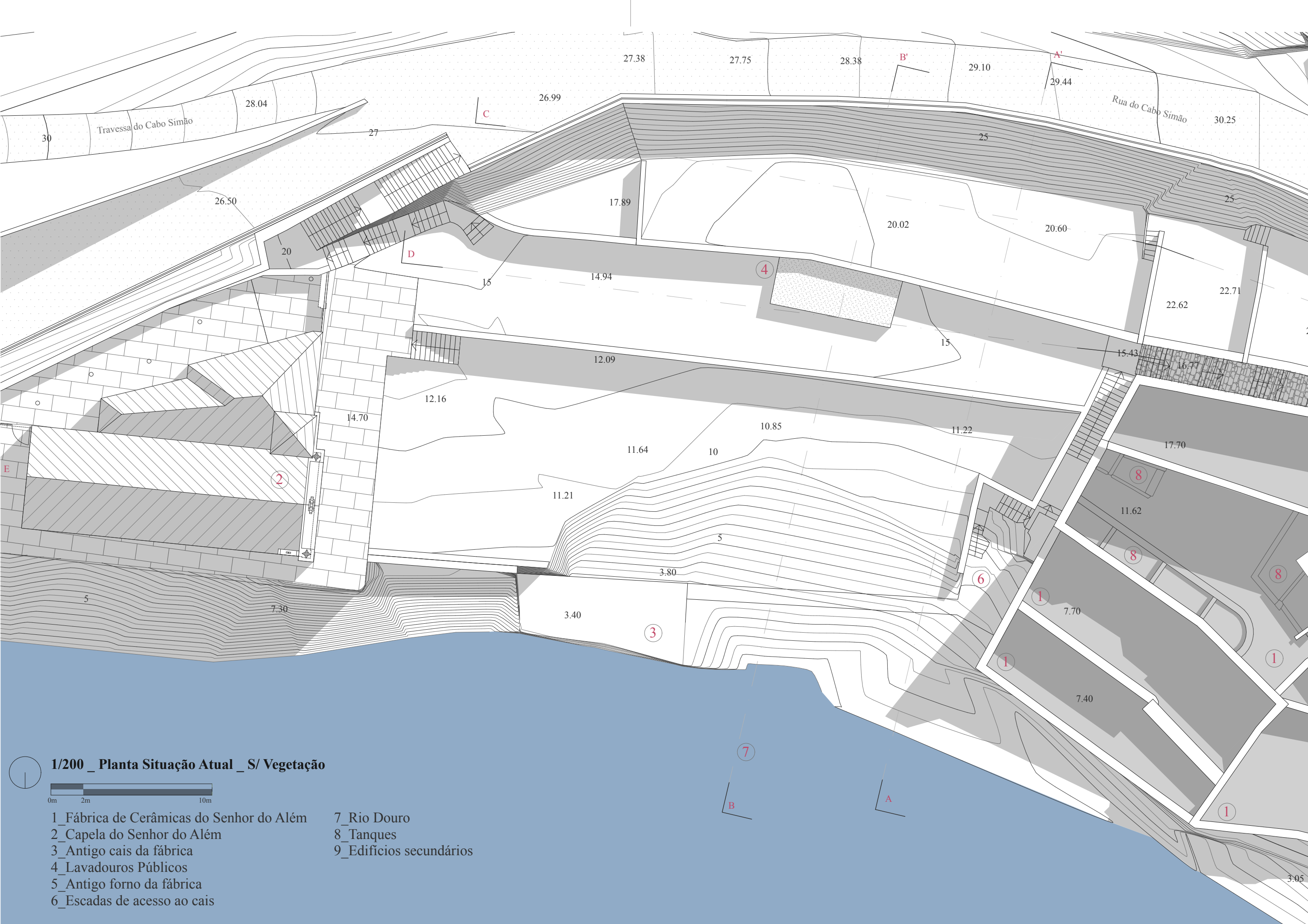
203. Teixeira, R., & Fonseca, V. (2013). Relatório Final - Intervenção Arqueológica Fábrica de Cerâmica do Senhor d' Além. Matosinhos: Arqueologia e Património

75.



76.

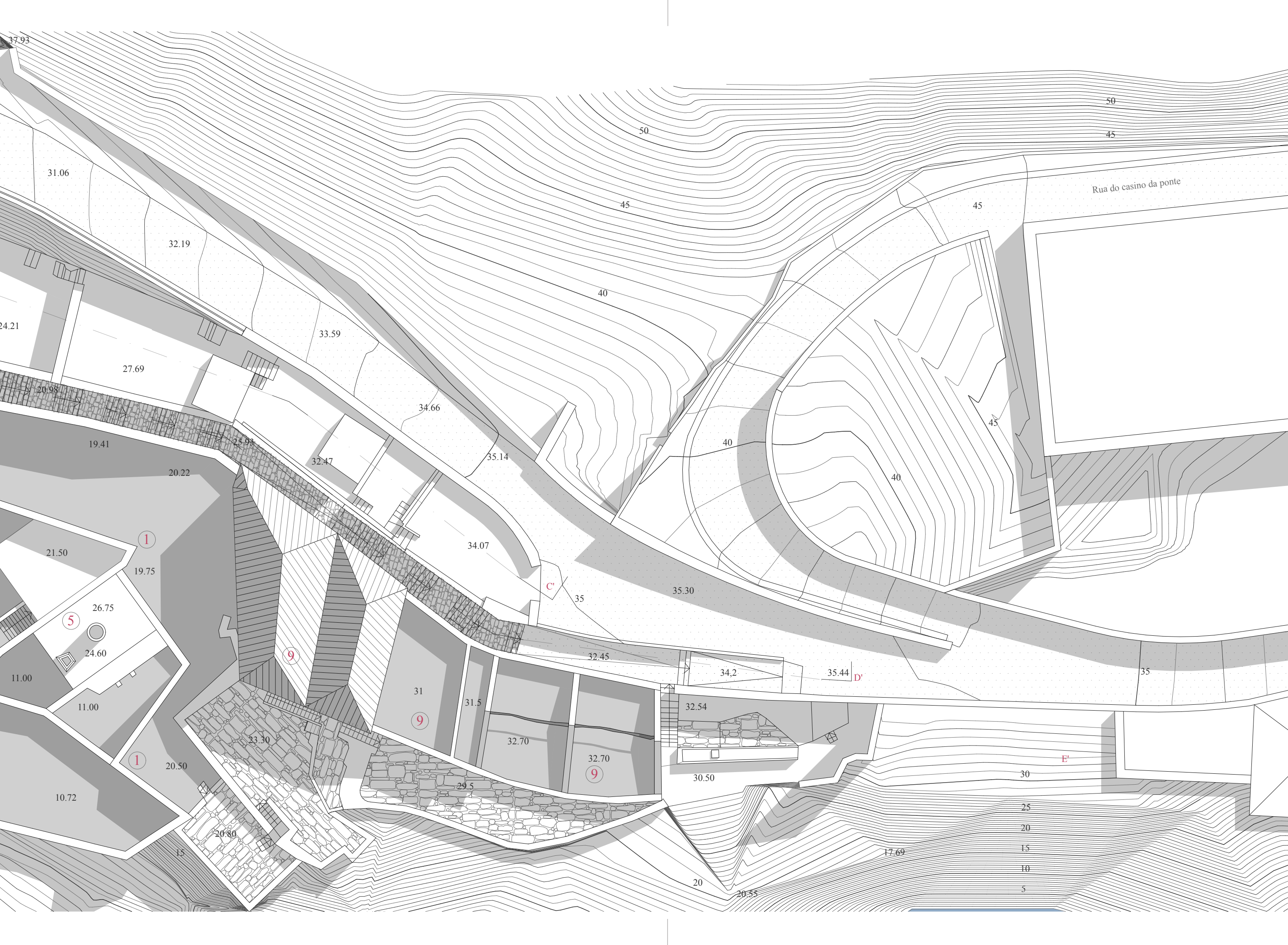




1/200 \_ Planta Situação Atual \_ S/ Vegetação



- 1\_ Fábrica de Cerâmicas do Senhor do Além
- 2\_ Capela do Senhor do Além
- 3\_ Antigo cais da fábrica
- 4\_ Lavadouros Públicos
- 5\_ Antigo forno da fábrica
- 6\_ Escadas de acesso ao cais
- 7\_ Rio Douro
- 8\_ Tanques
- 9\_ Edifícios secundários



Rua do casino da ponte

1

5

9

9

9

C'

D'

E'

31.06

32.19

33.59

34.66

35.14

34.07

35

35.30

32.45

34.2

35.44

31

31.5

32.70

32.70

32.54

30.50

50

45

50

45

40

45

45

40

35

30

25

20

15

10

5

37.93

24.21

27.69

20.98

19.41

20.22

21.50

19.75

26.75

24.60

11.00

11.00

10.72

23.30

20.50

20.80

15

29.5

20

20.55

17.69

77.

Relativamente ao estado de conservação atual, tendo em consideração o elevado estado de degradação e o perigo em aceder ao interior destes edifícios (F10 e F20), como podemos verificar através das fotografias, o levantamento não foi realizado com o pormenor que gostaríamos. Assim, a descrição que a seguir se faz foi suportada por diversos documentos, sobretudo o “Relatório Final – Intervenção Arqueológica Fábrica de Cerâmica do Senhor d’Além”<sup>204</sup>, e por dois documentos fornecidos com gentileza pela autora Teresa Silva, um deles “A Fábrica do senhor do Além”<sup>205</sup> apresentado no II Congresso internacional de Património Industrial, e “Azulejos da fábrica de cerâmica do Senhor d’Além - Contributos de uma intervenção arqueológica para o seu estudo”<sup>206</sup> apresentado no Congresso internacional “AZULEJAR” em 2012.

Estes documentos foram fundamentais para realizar uma análise e proposta de projeto para a Fábrica de Cerâmicas do Senhor do Além.

Construtivamente, o corpo principal é de alvenaria de pedra de granito, com aberturas com guarnição em granito aparente (F21). Do seu passado industrial, ainda possui os tanques (para tratamento das argilas) no entorno do seu espaço interior principal e um forno industrial (para cozedura dos elementos cerâmicos). Atualmente, a chaminé não se encontra visível devido à imensa vegetação que a envolve (F06, F08 e F16), mas quando foi realizado o levantamento arqueológico em 2008, ainda se encontrava em pé.

A antiga fábrica encontra-se neste momento sem coberturas apresentando unicamente as suas paredes com zonas particularmente em ruína (F22), sem qualquer tipo de proteção superior, deixadas à degradação, tornando-a, assim, aberta e mais vulnerável aos elementos naturais, prejudicando a sua conservação.

Relativamente ao interior, não foi possível verificar totalmente a sua condição atual, tal é o estado de degradação e a dificuldade extrema de acesso. Apenas foi possível visitar os interiores dos edifícios à cota superior (F09, F10 e F12), mas supõe-se que as características construtivas não diferem, face ao que se conhece da história do conjunto.

Os edifícios secundários, mais perto da Rua do Cabo Simão (F15, F16 e F24), em parte encontram-se cheios de entulho (possivelmente das coberturas desabadas). Apresentam, da mesma maneira, alvenaria de pedra (que poderia ou não ter uma camada de acabamento, mas que hoje não estão revestidos); arranques de uma antiga cobertura em telha com estrutura em madeira; alguns elementos de tijolo e de tabique (principalmente no primeiro edifício, logo a seguir à fábrica).

Alvenaria de granito

Invadida por vegetação

Fig.77 - Conjunto de 32 fotografias de levantamento fotográfico do estado atual do complexo da fábrica de Cerâmicas do Senhor do Além  
 Fig.78 - Fotografia aérea da Área de Reabilitação Urbana (ARU) de Vila Nova de Gaia  
 Fig.79 - Estudo da topografia do terreno e das opções de projeto  
 Fig.80 - Fotografia da maquete de estudo do terreno da Fábrica de Cerâmicas do Senhor do Além

204. Teixeira, R., & Fonseca, V. (2013). Relatório Final - Intervenção Arqueológica Fábrica de Cerâmica do Senhor d’Além. Matosinhos: Arqueologia e Património.

205. Silva, M. T. (2017). A Fábrica de Cerâmica do Senhor D’Além (V. N. Gaia - Portugal). II Congresso Internacional sobre Património Industrial - Património, museus e Turismo Industrial: uma oportunidade para o século XXI (pp. 667-681). Porto: Fundação Calouste Gulbenkian

206. Silva, T. (2012). Azulejos da Fábrica de Cerâmica do Senhor d’Além – Contributos de uma intervenção arqueológica para o seu estudo. Congresso Internacional “Azulejar”, (pp. 1-14). Matosinhos.



F01.



F02.



F03.



F04.



F09.



F10.



F11.



F12.



F17.



F18.



F19.



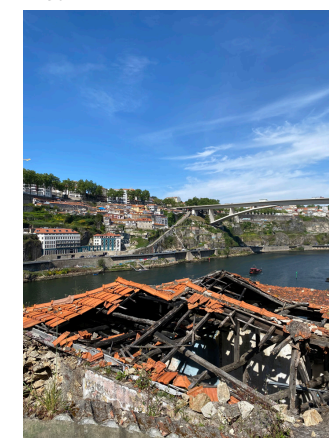
F20.



F25.



F26.



F27.



F28.



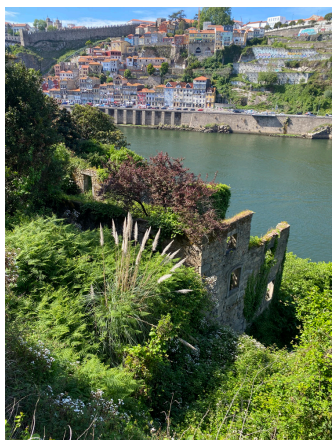
F05.



F06.



F07.



F08.



F13.



F14.



F15.



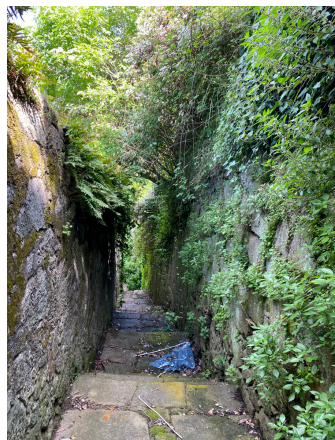
F16.



F21.



F22.



F23.



F24.



F29.



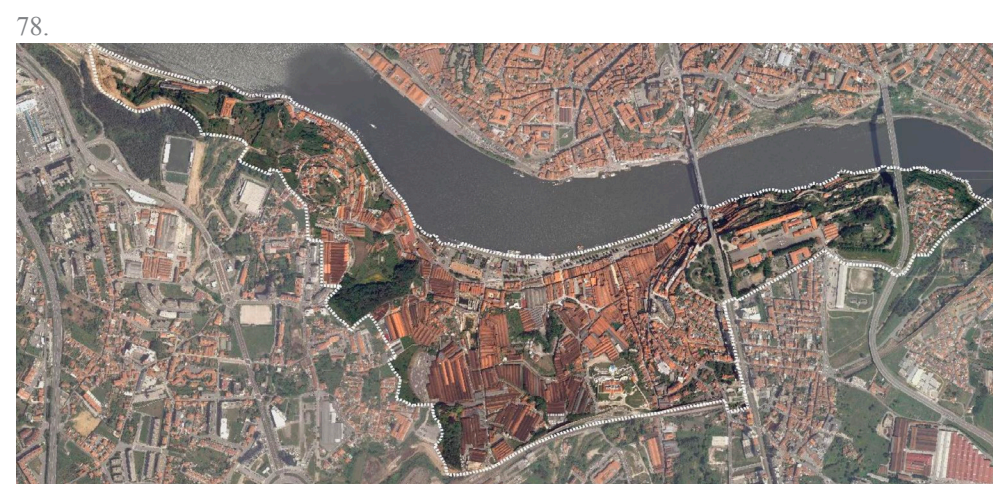
F30.



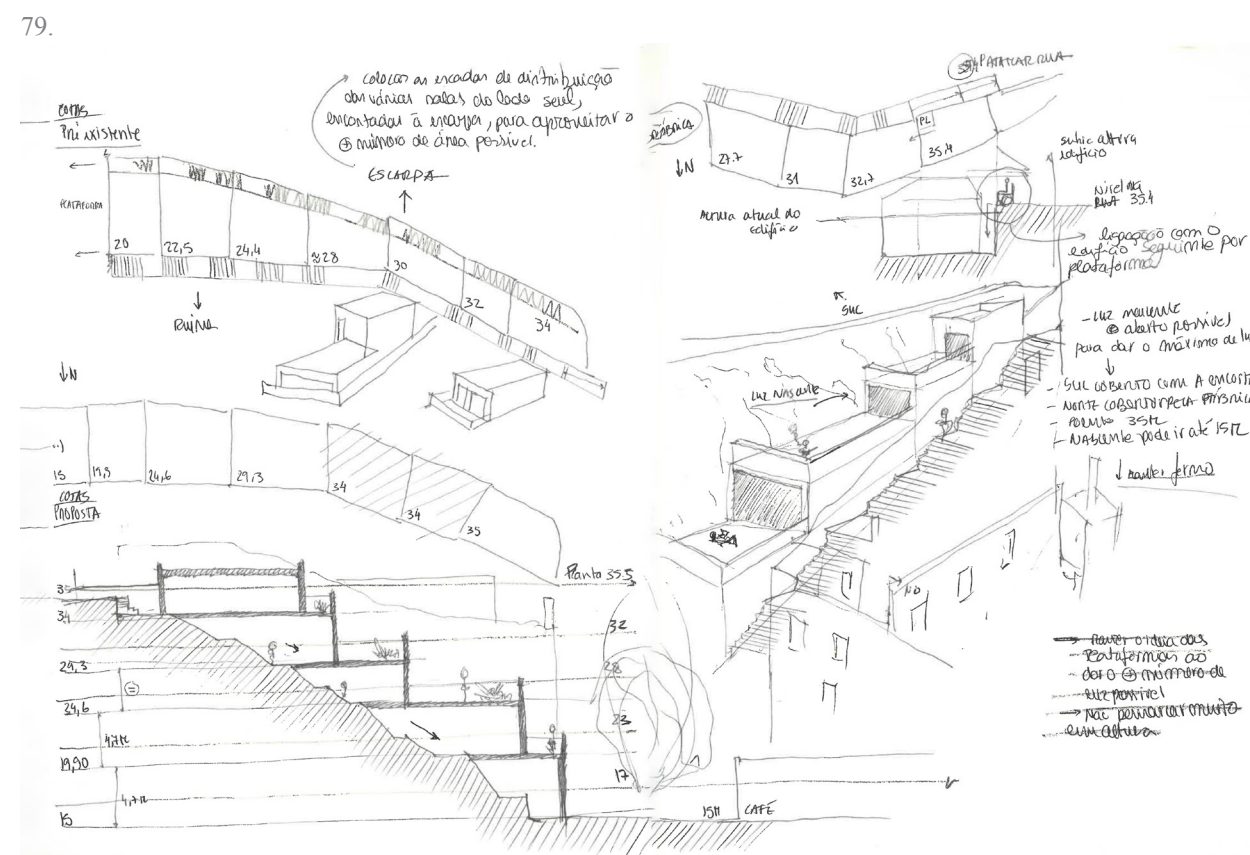
F31.



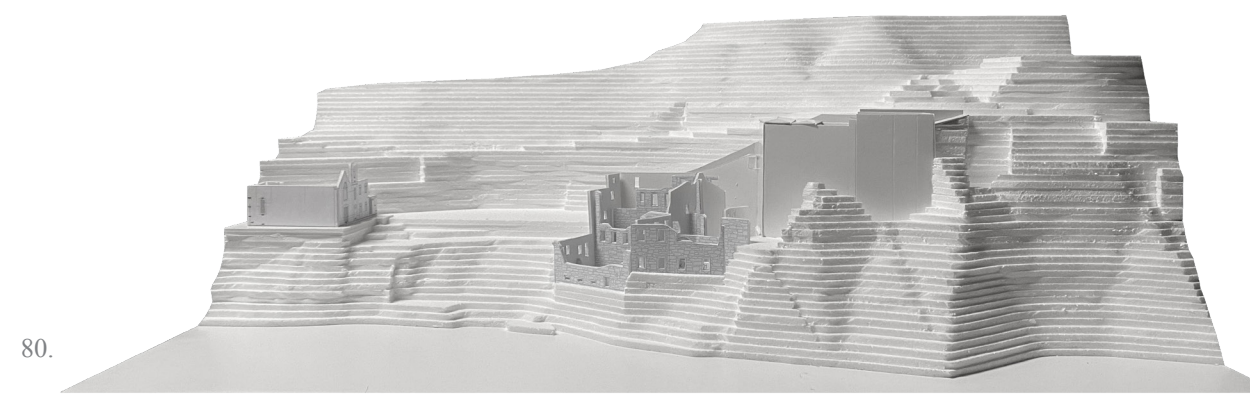
F32.



78.



79.



80.



Os seus terrenos e os seus interiores foram completamente invadidos de vegetação brava e de entulho, incluindo o principal percurso pelas escadas (F01 e F23), que ligam a Rua do Cabo Simão (cota 35) ao lavadouro (cota 15), estando neste momento coberto por trepadeiras e vegetação alta. Isto sucede quer no interior da fábrica, quer nas suas plataformas a Sul (F16), onde esta cobertura vegetal que cobre a maior parte da luz natural que deveria atingir todas as plataformas.

Estas ligam uma pequena “entrada” improvisada (localizada a poente, na cota 35, indicada em F19) da rua de Cabo Simão à plataforma por trás do lavadouro (cota 20), e descem, gradualmente, do lado sul do terreno e encontram-se delimitadas pelas escadas de acesso (a norte) e pela rua pública (a sul). Não se sabe que função estas plataformas poderiam ter no complexo da antiga fábrica, apenas podemos verificar, atualmente, o seu aspeto abandonado, com novas construções em cubos de betão (F15), no topo, e a vegetação a envolvê-las.

O lavadouro ainda se encontra em funcionamento (F30, F31 e F32), e uma vez que a capela e os espaços verdes que partilha com a fábrica são de cariz público, acredita-se que ainda existam pessoas que o utilizam pelas marcas no terreno (F13), uma vez que, apesar de se encontrar no interior de um espaço aparentemente abandonado, possui “caminhos naturais” criados por aqueles que por ali passam e que atrasaram, por consequência, o crescimento da vegetação.



### ***3.2 Organização Programática***

“Un edificio deve essere perfettamente integrato con il luogo, la gente lo deve sentire proprio; un’ architettura che permane d’origine in modo naturale, non spettacolare.

Um fare semplice e naturale: è una mia idea guida, molto elementare data la mia scarsa predisposizione ad intellettualizzare.”<sup>207</sup>

---

207. Távora, F. (2000). Fernando Távora, pensieri sull’architettura, raccolti da Giovanni Leoni con Antonio Esposito. Casabella. pp.14-17

82.



Estudar um lugar significa estudar várias componentes. Tanto podem ser diretamente relacionadas com o projeto em si, ou com a obra e o local, como podem estar mais ligadas a um estilo de vivência da própria comunidade. Não só devemos fazer uma leitura do passado, para compreender a essência do local e a sua origem, como também devemos conseguir observar a obra e a cidade na qual esta se insere atualmente.

A Fábrica de Cerâmicas do Senhor do Além é considerado imóvel de interesse público e dentro da zona especial de proteção (ZEP), tal como a sua proximidade para com o Mosteiro da Serra do Pilar, considere-se que teria de ser uma proposta que colocasse lado a lado, com a intenção da criação de algo novo para usufruto da comunidade, uma análise histórica do edifício e da sua envolvente, e em paralelo, um estudo que permitisse adquirir uma base teórica relativa à conservação e restauro.

Atualmente, o estado de degradação da fábrica é bastante elevado, tendo perdido grande parte da sua essência original, no entanto ainda é possível observar as robustas paredes de granito da fábrica, que criam um contraste com os espaços verdes circundantes e as águas do rio. Estas mesmas ruínas escondem, como vimos, séculos de transformações, variados usos, desde uma capela à beira-rio, um hospício para os doentes, e as variadas fábricas, à medida que o seu corpo edificado crescia.

Ao efetuar uma análise inicial da envolvente próxima, foi possível verificar a grande importância histórica do lugar, as suas respectivas marcas do tempo e a quantidade de visitantes que percorrem os seus espaços.

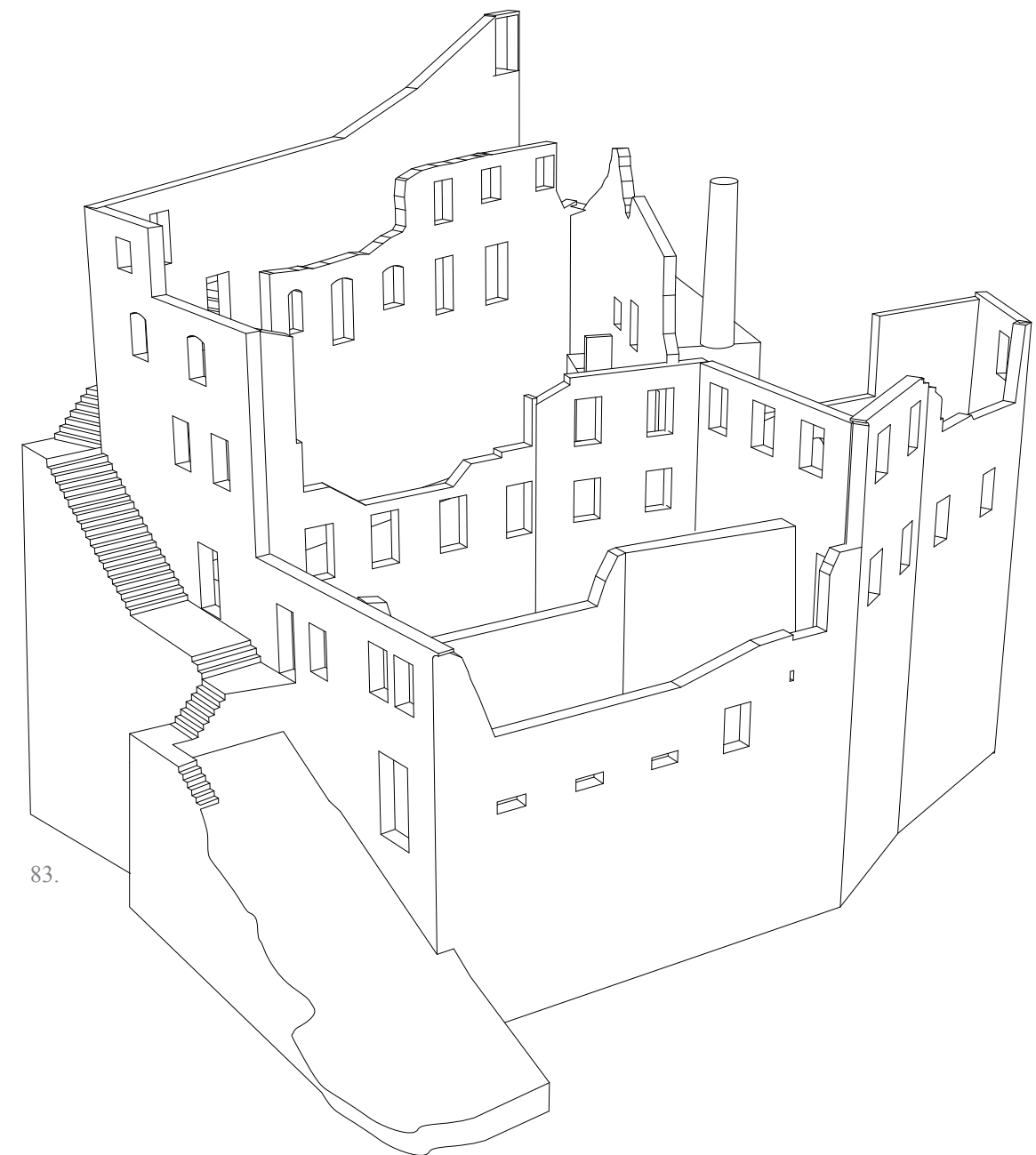
Do lado sul, no topo da escarpa, o Mosteiro da Serra do Pilar e a atual Base Militar, formam um conjunto delimitador singular no centro histórico de Vila Nova de Gaia (que inclui as áreas da antiga “Villa Nova” e “Gaia” onde se encontra próximo o edificado em estudo).

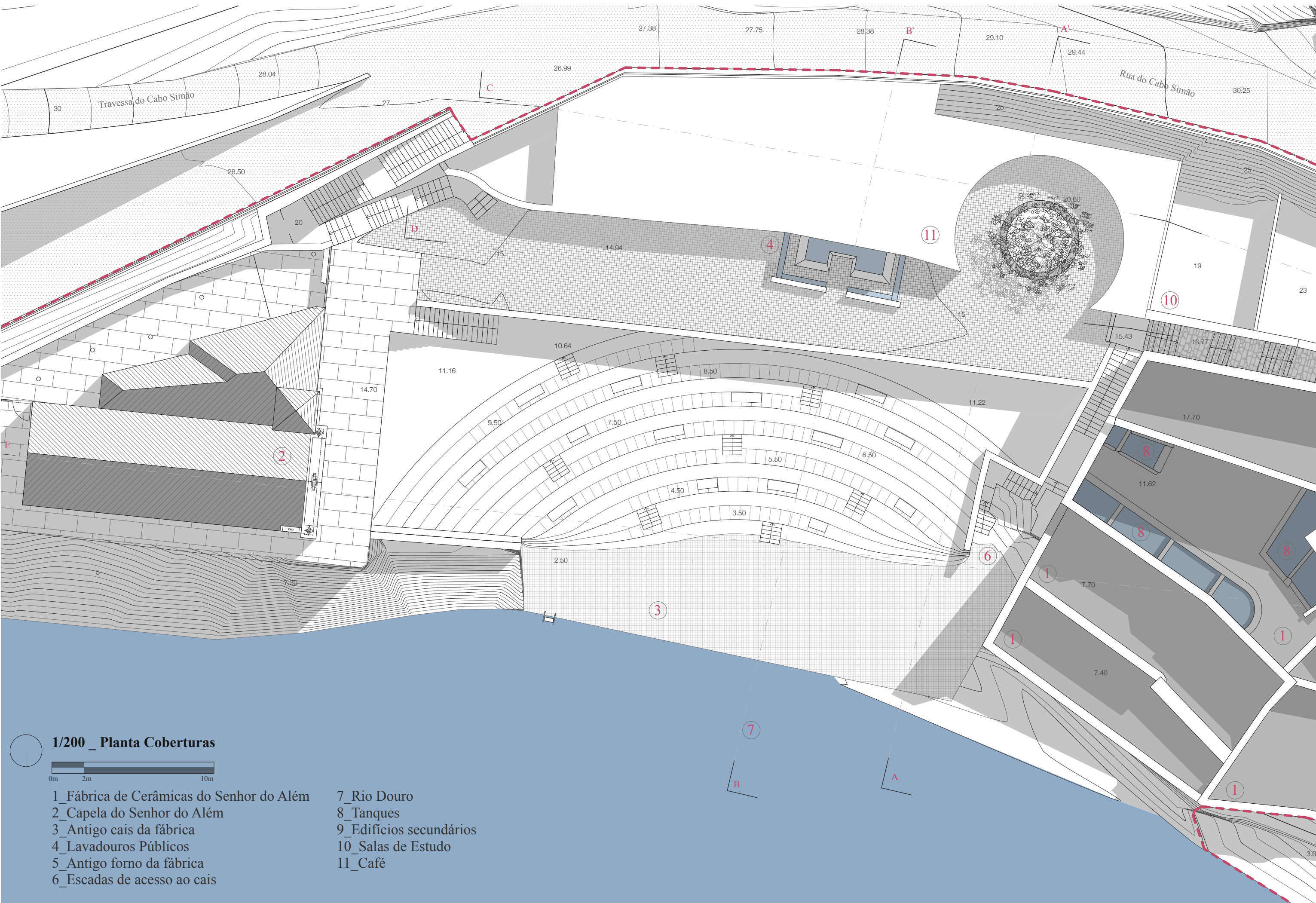
A nível de equipamentos, no entorno da fábrica existem, a poente, na ribeira de Gaia, muitas caves de vinho do porto, que ainda hoje persistem e se demarcam na malha urbana da cidade. A nascente, podem existir pretensões de construção dado tratar-se de uma zona menos densificada e mais aberta a uma relação para com a escarpa da Serra do Pilar. A Fábrica de Cerâmicas do Senhor do Além encontra-se a meio caminho da área densificada da zona da ribeira de Vila Nova de Gaia e da área menos densificada a nascente.

Estado de degradação elevado

Análise da envolvente

Fig. 82 - Fotografia tirada dos Guindais para Vila Nova de Gaia, com a Fábrica de Cerâmicas do Senhor do Além em primeiro plano e o Mosteiro da Serra do Pilar em segundo plano

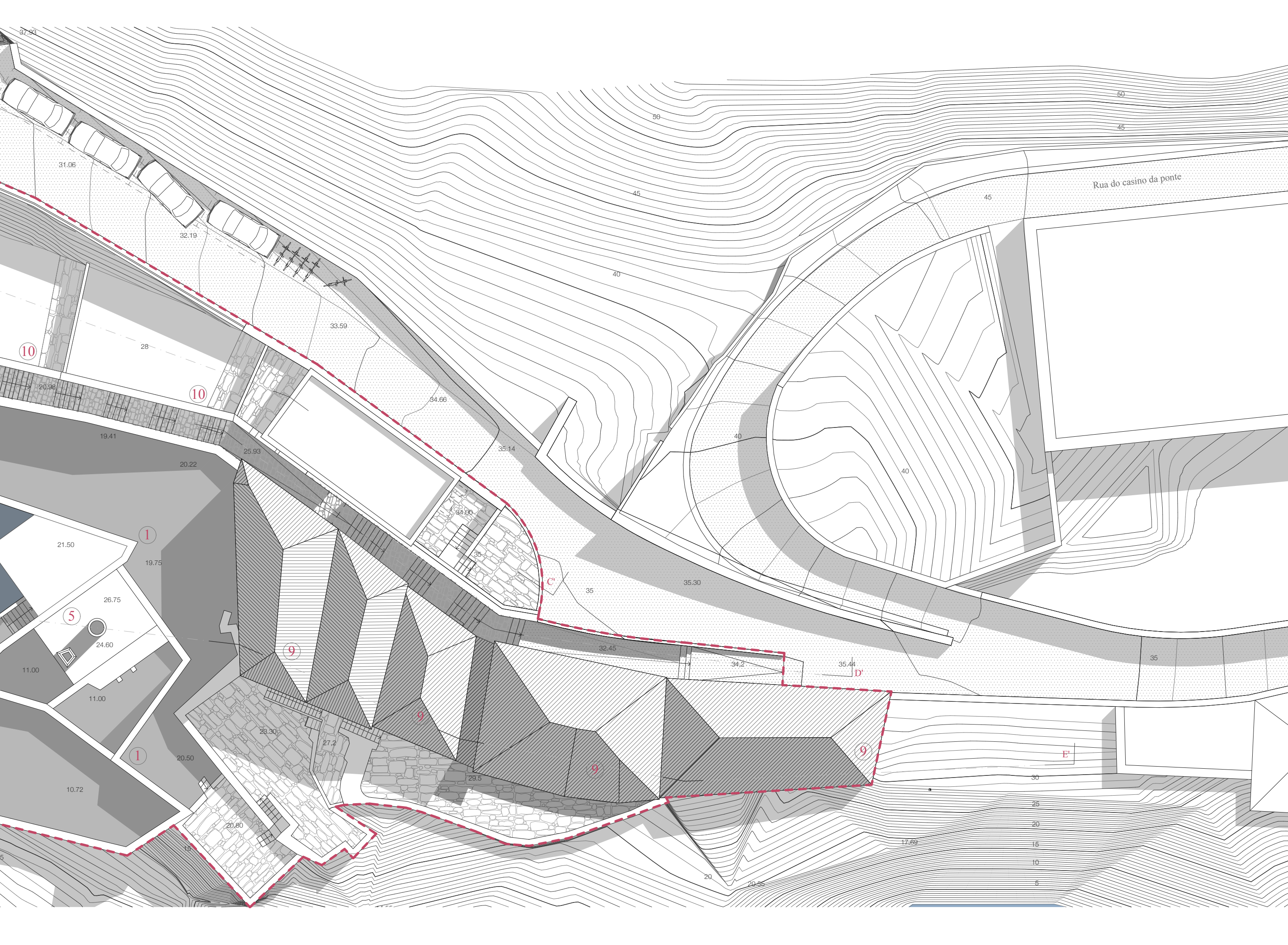




1/200 \_ Planta Coberturas



- 1\_ Fábrica de Cerâmicas do Senhor do Além
- 2\_ Capela do Senhor do Além
- 3\_ Antigo cais da fábrica
- 4\_ Lavadouros Públicos
- 5\_ Antigo forno da fábrica
- 6\_ Escadas de acesso ao cais
- 7\_ Rio Douro
- 8\_ Tanques
- 9\_ Edifícios secundários
- 10\_ Salas de Estudo
- 11\_ Café



Rua do casino da ponte

37.93

31.06

32.19

33.59

34.66

35.14

34.90

35.14

35.30

32.45

34.2

35.44

1

21.50

19.75

26.75

5

24.60

11.00

11.00

9

1

20.50

23.30

27.2

20.80

29.5

9

9

E'

30

25

20

16

10

5

17.69

20

20.35

35

50

45

45

40

45

50

40

40

19.41

20.22

25.93

10

28

20.98

10

5

Armazéns de Vinho do Porto

Se realizarmos uma análise do seu entorno, podemos verificar que existem dois grandes pontos de interesse, as caves de vinho do porto e serviços. Os armazéns da ribeira de Gaia que existem ali há várias décadas, mantendo a sua densidade quase que integral, demonstram facilmente, a quem os vê da ribeira do Porto, a grande importância presente não só atualmente, mas também no passado para com a exportação de Vinho do Porto.

Serviços dedicados ao Turismo

Com o denso aumento do turismo quer na cidade do Porto ou em Vila Nova de Gaia, foram cada vez mais construídos equipamentos para o apoiar. E aqueles que podem ser classificados como equipamentos, são principalmente de cariz privado, o que significa que a sociedade carece de espaços de cariz público (para além dos espaços exteriores), destinados à população residente da cidade.

Tal como na maioria dos centros históricos, é cada vez maior o peso do setor terciário, substituindo a habitação. Neste caso em particular (mas que se pode estender ao Porto), as ruas desde a zona ribeirinha e as suas mais variadas pendentes acentuadas até ao cimo das encostas, com o aumento de construções, sem um alargamento de largura de vias, ou abertura de novas vias, tornam cada vez mais difícil a definição de uma rede de transportes públicos eficiente que sirva a zona, nomeadamente de autocarros. Foi essencial a criação do passadiço ao longo da margem do Douro, da ribeira de Gaia à Afurada. Este projeto de um “Arranjo urbano com o alargamento da marginal em consola” realizado pelo Atelier CPrata Arquitetos (tendo sido terminada a sua construção em 2002) demonstrou-se essencial para oferecer aos vilanovenses um novo conforto na ligação da ponte da Arrábida, e de Coimbrões, à marginal.

Deverá ser realçando o difícil acesso ao terreno de projeto, devido às suas ruas estreitas, íngremes, de sentido único, e da impossibilidade de acomodar um grande afluente de carros ao seu entorno, sendo unicamente possível garantir estacionamento para pouco mais de meia dúzia de lugares automóveis, mas com a possibilidade de estacionamento para bicicletas.

Estudantes e jovens trabalhadores

Tendo em conta as questões de acesso, foi decidido dedicar o espaço a reabilitar aos estudantes e jovens trabalhadores, uma vez que têm mais facilidade em deslocar-se a pé ou de bicicleta. Relativamente ao acesso a transportes públicos, considerando que se encontra a 5 minutos a pé da ponte Luís I e a 5/7 minutos a pé da paragem de metro do Jardim do Morro, será de fácil acesso de qualquer zona da cidade do Porto ou de Gaia, ao recorrer aos transportes públicos e fazendo a última parte do seu trajeto a pé. Assim, será proposto um centro de estudos, dedicado a estudantes e jovens trabalhadores, de forma a conseguir oferecer espaços de convívio, de encontro e de estudo, de acordo com uma carência atrás identificada.

Achamos que é essencial criar um espaço para a comunidade académica e outros, um lugar que lhes ofereça conforto, acessibilidade e a capacidade de ser utilizado tanto individualmente como em grupo. Desta maneira, um ambiente adequado para estudantes e trabalhadores, onde possam encontrar tranquilidade para estudar, trabalhar e conviver.

Fig.83 - Esquema axonométrico das paredes existentes em ruínas da Fábrica de Cerâmicas



O programa do centro de estudos será constituído por salas de estudo, instalações sanitárias de apoio, arrumos destinados ao apoio do centro de estudos e respectivos móveis (localizada nas várias plataformas e edifícios reabilitados), área administrativa (localizada principalmente no volume superior da rampa), cafetaria (para momentos de pausa e de encontros menos formais), espaços exteriores para circulação (entre as várias áreas e os seus respectivos acessos) e espaços para estar (um anfiteatro natural, de maneira a aproveitar a pendente do terreno virado para norte).



### *3.3 Uma Proposta*

“Não é necessário destruir para transformar. Para a transformar, é necessário e indispensável não destruir a cidade”<sup>208</sup>

208. Siza, Á. (2019). 01Textos. Lisboa: Parceria A. M. Pereira. pp.19



85.



“Era um lugar involgarmente belo para construir”<sup>209</sup>

O principal objetivo deste projeto não é propor uma intervenção na fábrica para lhe oferecer uma nova forma, uma nova imagem, mas sim preservar a sua ruína, a sua história e o tempo que esta mesma testemunhou durante a sua vida.

Uma vez que esta fábrica não possuía, nem possui, o aspeto ‘habitual’ de um edifício industrial, este facto pode tornar-se, por um lado, facilitador no seu desenvolvimento dentro da temática de projeto, tornando mais acessível para potencialmente adaptar a outras funções. Mas, por outro lado, pode ser um fator que implique uma enorme dificuldade ao intervencionar no edifício, pois sendo um dos principais objetivos deixar a essência do edifício quase intacta, o seu passado industrial, evidenciar aquilo que era reveste-se de uma dificuldade acrescida, uma vez que não é óbvio o seu aspeto industrial.

É importante denotar que se temos de intervir em determinado edifício, não é necessário construir unicamente elementos novos, nem utilizar unicamente os edificadas da sua pré-existência, mas sim, entender aquilo que o projeto nos pede, entender o que é importante manter e o que podemos fazer para oferecer uma nova vida aos espaços e uma nova oferta para a sociedade.

Desta maneira, a proposta apresentada visa respeitar a essência do edifício e das suas componentes, trata-se de um conjunto, onde podemos verificar a presença tanto de elementos novos, como de elementos restaurados e conservados.

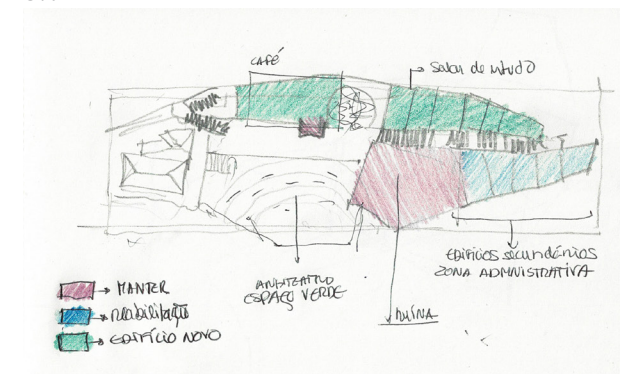
O trabalho de projeto foi realizado em simultâneo com uma análise da situação atual do edifício, possuindo como uma das principais condicionantes a sua pré-existência.

Um dos elementos que faz parte da antiga Fábrica de Cerâmicas do Senhor do Além, para além do seu conjunto edificado em ruínas, é a Capela do Senhor do Além (contudo como a capela foi recentemente intervencionada e como tem um uso específico, foi integrada na proposta sem qualquer intervenção) e os espaços verdes nos seus limites (quer entre a capela e o complexo industrial, quer entre a fábrica e a estrada da Rua de Cabo Simão)

O projeto organiza-se então sobre 4 intenções de intervenção.

A principal intenção, a conservação, presente desde o início do estudo da obra, era o de manter a ruína da antiga fábrica, ao realizar primeiramente uma limpeza dos seus espaços interiores e das respetivas paredes, fazendo uma consolidação,

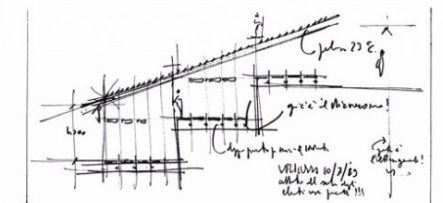
87.



88.



89.



90.

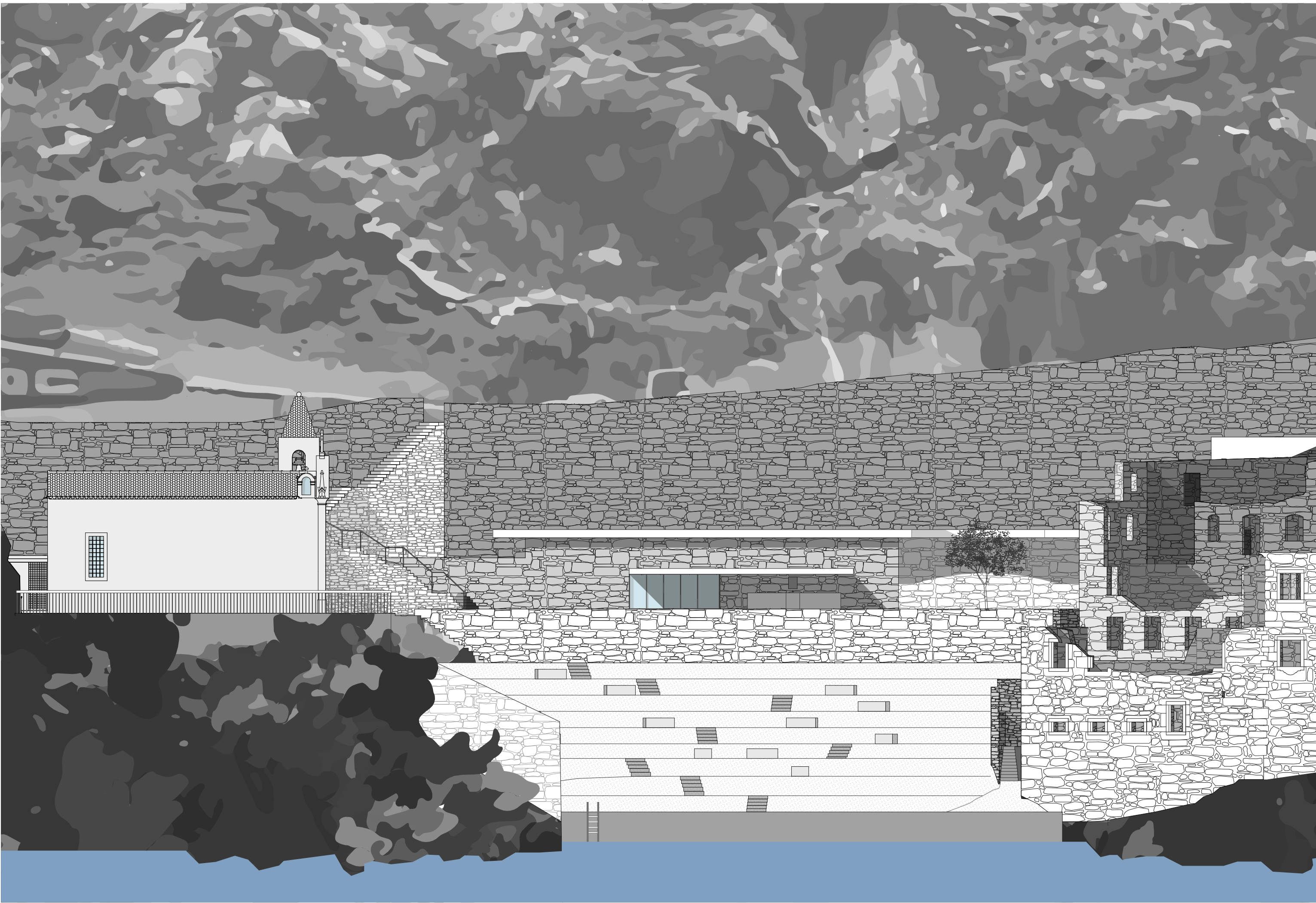


Fig.85 - Fotografia do estado atual da vista a Nascente da Fábrica de Cerâmicas

Fig.86 - Conjunto de desenhos realizados no decorrer do trabalho do estudo histórico e de uma proposta de projeto

Nota\_ Os desenhos encontram-se a uma escala maior nos anexos.

209. Baeza, A. C. (2004). A Ideia Construída. Casal de Cambra: Caleidoscópio. pp.101





Manter a ruína

de maneira a ajudar a conservar e representar, efetivamente, a sua essência como um “monstro à beira-rio”.

Foi decidido manter a sua presente condição com as suas paredes deterioradas, desmoronadas ou incompletas. O que nos permite lembrar o que a fábrica sofreu, ao mesmo tempo que aproveitamos os seus espaços abertos, agora invadidos pela natureza, mas tratados de forma a não acelerar a sua degradação e oferecer espaços de descoberta a quem a for visitar.

Desta maneira, é possível oferecer aos visitantes do local a oportunidade de imaginar-se dentro das robustas paredes da antiga fábrica de cerâmicas e tentar compreender como seria a mesma, as suas diversas componentes e respectivas funcionalidades. Oferecendo assim uma visita ao passado.

Quanto à preservação da ruína, acreditamos que seja essencial conservar os elementos que a caracterizam como uma antiga Fábrica de Cerâmicas, como os seus antigos tanques, o forno e a chaminé onde serão aplicados, percursos de visita, livres, onde possuirão elementos informativos junto aos mesmos, como meio de um reconhecimento do processo industrial. Os mesmos devem ser preservados e destacados como marcos históricos da respetiva época.

Como referência prática, podemos analisar um exemplo, aproximado à opção de projeto que aqui se toma, a casa de Baião do Arquiteto Souto de Moura.

Nesse caso em particular, podemos verificar que o arquiteto tomou a opção de manter a ruína intacta, projetando assim uma casa ao lado da mesma, tornando-se a ruína num jardim privado, respeitando a sua presença.

“Fiz o maior esforço possível para intervir ao mínimo; o processo foi omitir para não desequilibrar o que já estava bem.”<sup>210</sup>

Ao adicionar um novo corpo, mantém o pré-existente e a sua identidade. Desta maneira, Souto de Moura reconhece as necessidades existentes no local em estudo, denotando as suas características morfológicas e históricas, com esta opção base definida, tenta complementar este local com um novo corpo, com a nova arquitetura que harmonize no ambiente no qual se insere. Procurando sempre a maior autenticidade possível.

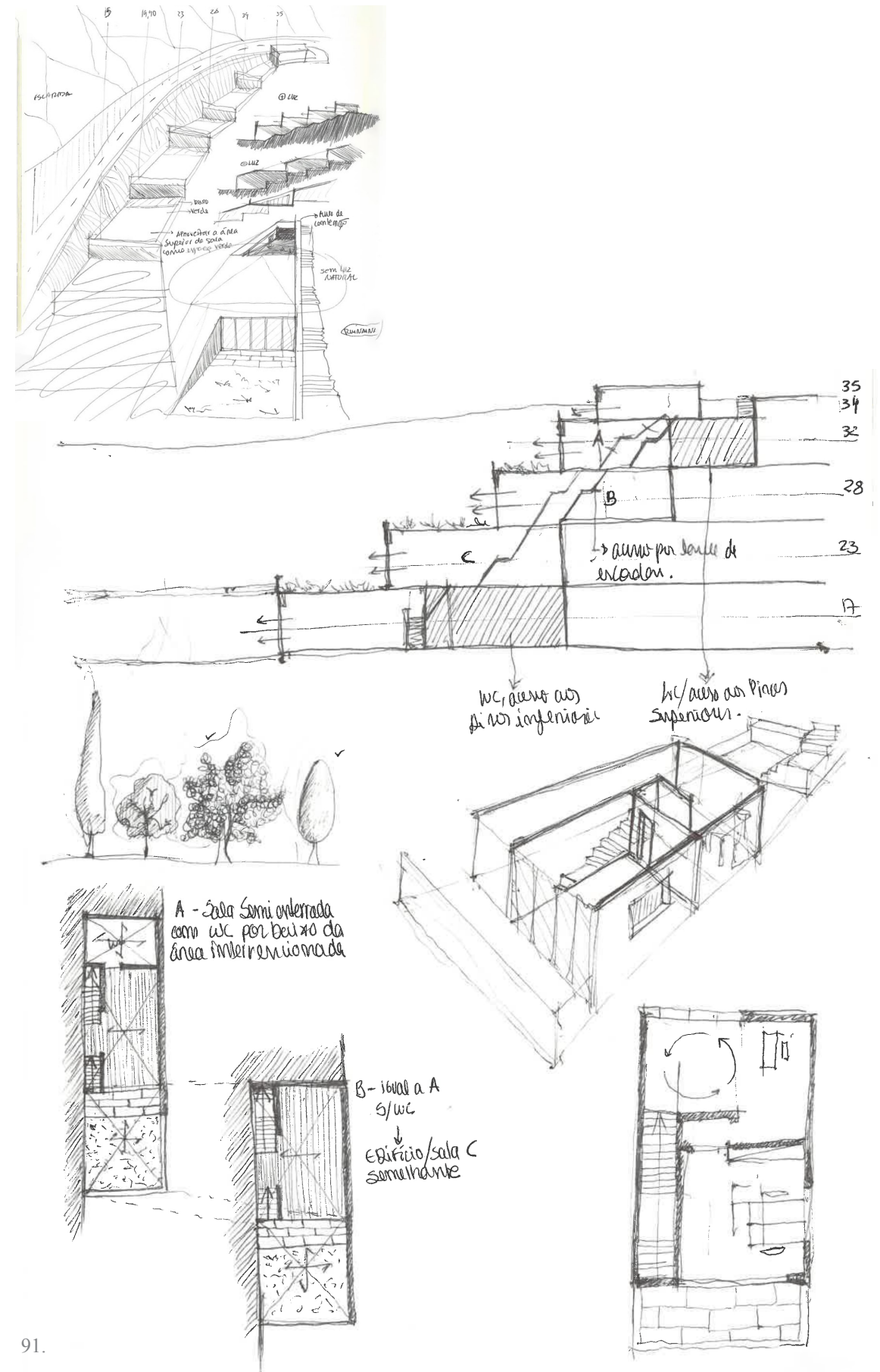
“Tudo o que já existe pode ser aproveitado, não precisa de ser feito, quer se trate da natureza ou da cultura.”<sup>211</sup>

O mesmo conceito será aplicado no lavadouro presente no terreno. Optamos por não o remover ou reposicionar, uma vez que acreditamos que não devemos modificar o que era, originalmente, um espaço de encontro da comunidade, de apoio às lavadeiras do Senhor do Além, e, por isso, devemos manter a sua memória. Em vez disso, acreditamos que podemos criar um projeto de arquitetura que considere todos os elementos e vontades. A única alteração

Fig.87 - Esquema das principais estratégias no projeto  
Fig.88 - Detalhe da situação atual da Fábrica de Cerâmicas  
Fig.89 - Imagem de um desenho de estudo do Estúdio de Renzo Piano  
Fig.90 - Fotografia da Casa de Baião por Eduardo Souto de Moura

210. Trigueiros, L. (2000). Eduardo Souto de Moura. Lisboa: Editorial Blau. pp.32  
211. Pessanha, M. (2003). Siza : lugares sagrados, monumentos. Porto: Campo das Letras. pp.104

Preservar o conhecimento



realizada no lavadouro foi a remoção da sua cobertura, a adição de azulejos semelhantes aos fabricados pela fábrica (na parede onde se localiza a fonte) e os desvios através de tubagens para ser possível efetuar a construção do café por detrás do mesmo.

Assim optamos por tornar o lavadouro num elemento singular que pode ser utilizado pela comunidade (que ali poderá voltar), uma vez que os espaços verdes estarão abertos ao público, não só a estudantes e a trabalhadores como também à comunidade local. Ideia tal como na Casa de Viana do Castelo, do arquiteto Nuno Valentim, onde podemos verificar mais uma vez o respeito por parte do autor para com a pré-existência. Neste caso, não a faz parte da casa, mas sim dos seus espaços verdes circundantes, envolvendo-a nos espaços abertos do edifício habitacional e mantendo a sua presença e identidade. O que pretendemos apresentar corresponde a este conceito, pretendemos oferecer o máximo de autenticidade possível ao pré-existente, e criar algo novo, que seja independente.

#### Reabilitação parcial

A segunda intenção consiste na reabilitação parcial e análise dos edifícios, neste caso em cotas superiores às da ruína (à cota 20 metros), uma vez que estes ainda possuíam as suas paredes (pelo menos delimitadoras) quase intactas e relativamente completas, apesar da falta das suas coberturas. Tendo em conta estas características, decidiu-se intervir no tratamento das paredes exteriores e construir no seu interior. Desta maneira seria possível manter a volumetria original dos edifícios e a criação de novos espaços interiores, alterando unicamente cotas de pavimentos (ainda que com pouca diferença das cotas originais) e subindo pés direitos. Esses edifícios serão reabilitados, podendo ser adaptados para funções administrativas, salas de estudo e apoios sanitários entre outros.

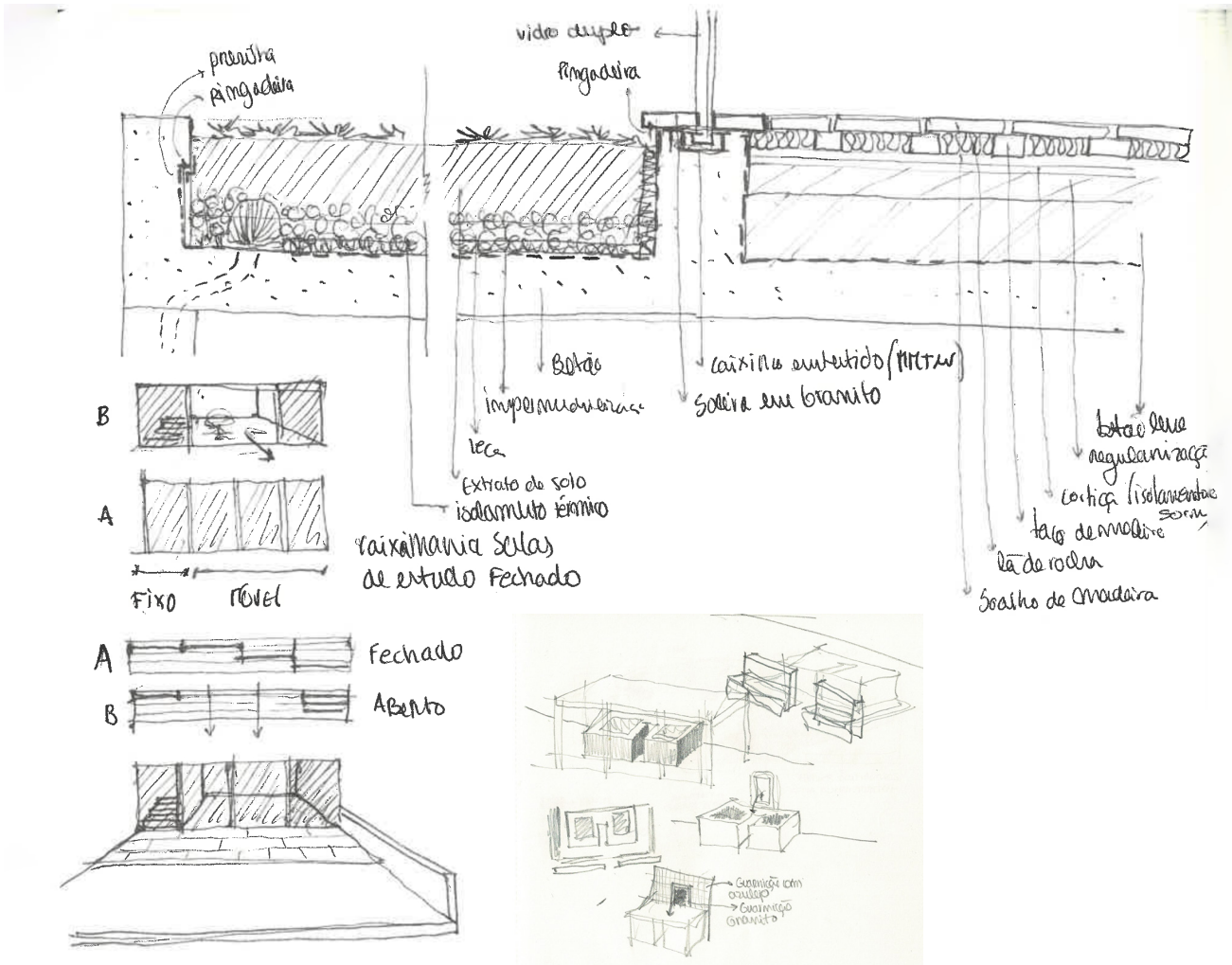
#### Construção nova

A terceira intenção corresponde à construção nova, de dois novos edifícios, as salas de estudo e o café, que oferecem corpo, conforto e finalidade às plataformas de jardins a sul do terreno, um local que, de outra forma, seria negligenciado. Mantêm as suas linhas horizontais e adaptando os seus níveis de maneira a manter, superficialmente, as cotas anteriores, mas simultaneamente, conseguir proporcionar uma relação mais direta entre as várias componentes de projeto e principalmente para com a cota 15m, como o epicentro de todas as componentes ao seu redor.

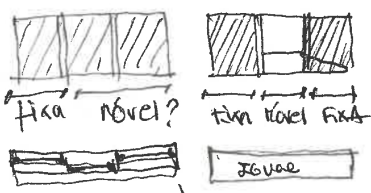
Tendo em consideração a localização da fábrica de cerâmicas e denotando a inexistência de serviços no seu entorno, foi necessária a criação de um elemento de cariz público, comercial, o café/bar (à cota 15). Desta maneira oferecerá um momento de pausa e comodidade para aqueles que ali pertencessem e reforçava a ideia de um convívio e o encontro entre visitantes.

Em relação ao restante espaço verde, a sul da atual propriedade do Senhor do Além, esta área foi considerada inutilizável ou de difícil exploração em todo o percurso dos desníveis. Uma vez que o terreno é muito estreito e longo, encostado à escarpa da Serra do Pilar (a sul) e virado a nascente (porque todo o

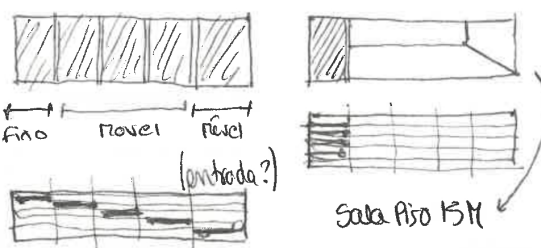
Fig.91 - Esquissos de processo já numa fase mais final



Caixilhança tipo para selas intermédias. **Fixo + móvel**



Caixilhança do Primeiro Piso (35 M)



93.



94.



92.

seu lado poente possui uma cota mais alta) e uma vez que as ruínas o impedem de olhar a norte, possuem pouca luminosidade e difícil acesso.

Neste mesmo local foram criadas as salas de estudo foram planeadas e distribuídas conforme a pré-existência de plataformas no lado sul do terreno. Desta maneira, ao criar um layout escalado, seria possível oferecer a aquele que entra pela entrada da escadaria do lado poente, maior conforto e luminosidade, uma vez que a atual entrada “dantesca”, escura e invadida pela natureza, não possui essa liberdade.

As salas de estudo encontram-se ligadas entre si por uma escadaria, onde cada casa de banho serve de apoio a dois espaços em cotas distintas. Cada sala possui uma cobertura verde praticável, onde oferece não só a possibilidade deste espaço ser invadido por mesas e cadeiras ao ar livre, como uma extensão das salas interiores. Tal proporciona para o interior das salas a maior entrada de luz natural possível virada a nascente tal como a possibilidade de se estenderem para o exterior. Para além disso, é esperado a incorporação de um sistema de iluminação controlado e regulado para garantir um ambiente adequado para o estudo ao longo do dia.

As salas de estudo podem ser usadas tanto individualmente, como para reuniões em grupo, graças a um planeamento livre de espaço sem obrigatoriedade de ocupação, proporcionando versatilidade e conforto de função.

Desta maneira foi-lhes atribuída uma função, a de salas de estudo, apesar de terem sido intervencionados com uma nova construção, encostada à escarpa da Serra do Pilar, a sua cobertura verde oferece um levantar de cota, mais confortável, que lhes presenteia mais conforto. Desta maneira, é possível manter a sua imagem original das suas plataformas sendo que em alguns casos se sobe de altura à procura do sol. Desta maneira, apesar de se construir ou a cima, ou a baixo das plataformas originais procura-se a maior fonte de luz natural possível.

A última intenção equivale à limpeza, reorganização e criação de espaços exteriores, não só de cariz unicamente de percurso, como também de permanência para usufruto da comunidade que ali se poderá inserir. Desta maneira seria possível tirar o melhor partido da proximidade ao rio e da sua vista para a cidade do Porto.

A principal área que precisava de ser trabalhada, tratava-se de todo o terreno entre a ruína (a poente), lavadouro (a sul), igreja (a nascente) e o rio Douro (a norte). Este terreno (de cariz público), sem função e aparentemente invadido de vegetação, possui vários desníveis que nos levam ao encontro do Rio Douro. No seu fim encontrava-se ali um cais, desde os primórdios, que era um dos pontos essenciais da fábrica.

Devido à demarcada história e presença do cais, ainda é um dos pontos cruciais do projeto, graças à sua localização próxima à ponte Luís I e com uma vista privilegiada para o Porto a norte, o que oferece muitas possibilidades.

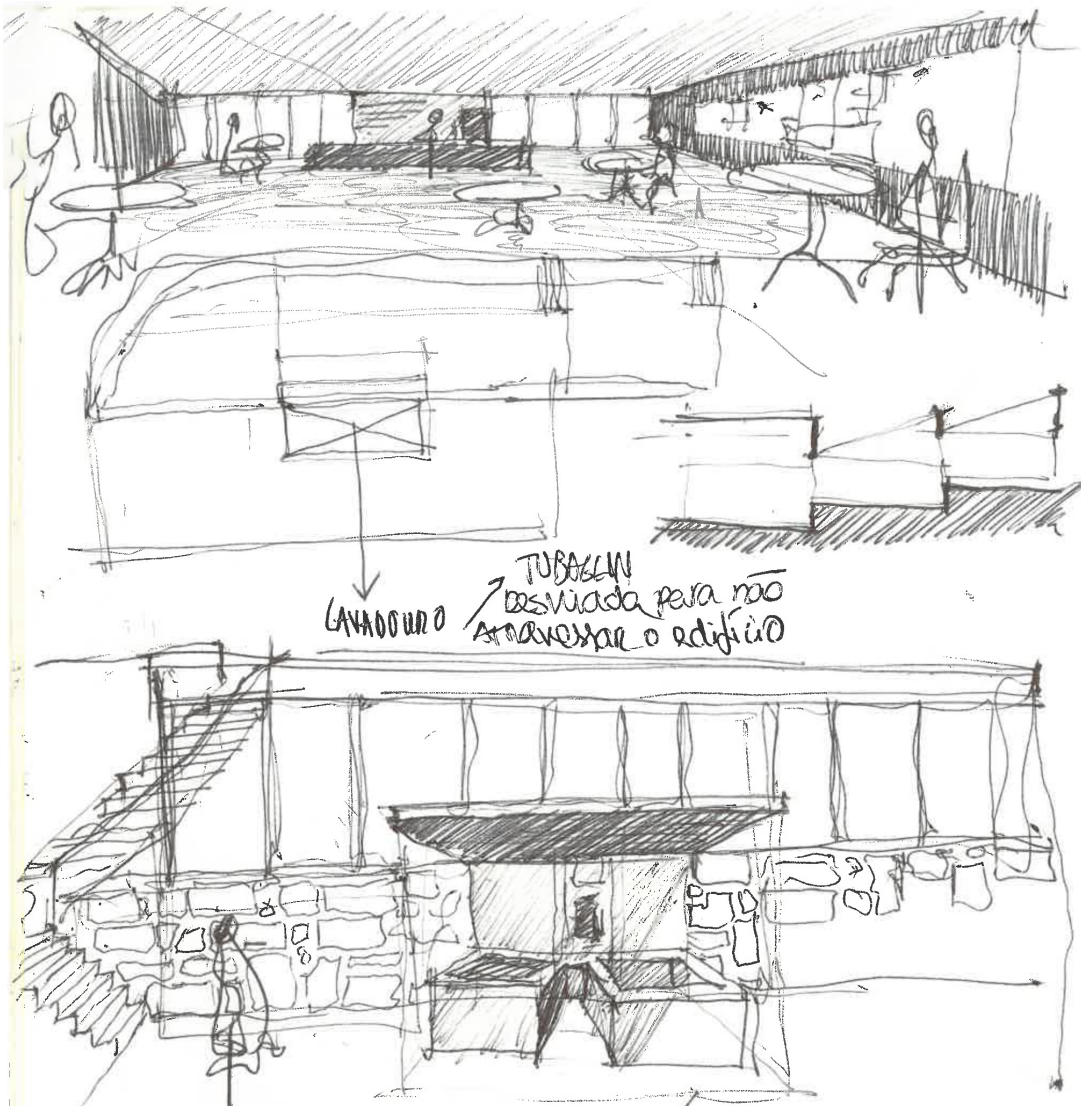
#### Reorganização dos espaços exteriores

Fig.92 - Conjunto de esboços de processo já numa fase mais final  
 Fig.93 - Imagem da proposta do Atelier Ventura Partners para a Fábrica do Senhor do Além  
 Fig.94 - Imagem da proposta do Atelier Ventura Partners para a Fábrica do Senhor do Além

95.



96.



Ao analisar as plantas e a topografia do local, fez-me lembrar um anfiteatro natural. E assim ficou. Um anfiteatro ao ar livre com vista para o Rio Douro, oferecendo assim um espaço para reunião, encosto e descanso a toda a comunidade que poderá vir a usufruir deste espaço.

Assim, ao contrário de criar uma plataforma e de regularizar todo-o-terreno, foi escolhido manter, em parte, esta mesma inclinação, conjugando, entre o regular e o irregular. O ponto regular, trata-se da distribuição dos vários níveis, de metro a metro, enquanto o irregular são o posicionamento das escadas de acesso e dos bancos em betão pré-fabricado. Desta maneira é possível guiar aquele que ali se encontra, a fazer o trajeto desenhado, obrigando-o a levar o seu tempo, sugerindo uma apreciação da paisagem envolvente até se encontrar à beira-rio. Assim é possível oferecer uma área para atividades ao ar livre, reuniões de grupo, organização de eventos e pequenos concertos a acontecer naquele pequeno cais utilizando a imagem do porto como “pano de fundo”.



## *Considerações finais*

Esta dissertação pretende analisar a intervenção em património industrial, e possuiu como foco o caso específico do complexo da Fábrica de Cerâmicas do Senhor do Além, dispondo de uma vasta base bibliográfica devido à sua complexa história e estado atual.

Decorreu de um desejo de contribuir com uma ideia para um futuro, uma vontade de desenhar o que a fábrica de cerâmicas do Senhor do Além poderá vir a oferecer à comunidade, neste caso em particular, à comunidade académica.

Com o estudo do lugar aprendi (e partilho aqui) vários factos sobre as cidades do Porto e de Vila Nova de Gaia, que ajudam na compreensão da sua história e de como se desenvolveram nos lugares que ainda hoje conhecemos. Percebendo também a influência que estas tiveram para a concretização da fábrica, direta ou indiretamente.

Foi necessário estudar o lugar e a sua história, não apenas isolado, mas também integrado no contexto urbano da cidade onde se insere - Vila Nova de Gaia, e na vizinha cidade do Porto. Desta maneira foi possível entender que as dinâmicas históricas das duas cidades que rodeiam a Fábrica tornaram-se pontos fulcrais no desenho de uma linha cronológica das suas mais variadas fases, na ajuda da compreensão da sua essência e respetivas funcionalidades que possuiu ao longo dos anos.

Sem esta densa pesquisa histórica, não seria possível entender que tudo começou a partir de um Cristo crucificado encontrado nas margens do rio Douro, este conhecimento da história da capela e da antiga fábrica foram determinantes para a identificação de valores que interessou preservar no projecto.

A profunda devoção ao Senhor do Além, com peregrinações que envolviam grande parte da população, fazem com que um lugar marginal na cidade, quase mergulhando nas águas do Douro, seja um local central, do ponto de vista de significado para a sociedade. E foi sobre esse valor não tangível que a proposta fundou uma grande parte das suas opções.

Assim, tendo em consideração toda a história precedente, foi decidido com o desenvolver do projeto, manter as ruínas atuais da fábrica, devido à sua larga presença na história, não só devido ao seu enorme valor sociocultural, como também para com o seu valor cultural.

Relativamente às suas ruínas, é proposto unicamente uma análise para o estudo do seu atual estado e futura conservação, quer das suas paredes, tal como dos equipamentos que no seu interior se encontram.

O estudo prévio da história da preservação do património industrial e do ponto de vista internacional foram bases necessárias para o desenvolvimento não só de projeto, mas também de uma opinião teórico-crítica sobre a temática, relacionada ainda com as teorias do restauro e da conservação que influenciaram as práticas de intervenção.

O património industrial, não se trata unicamente da conservação da memória do sistema produtivo, mas também da conservação do seu testemunho histórico. Desta maneira, foi decidido manter a presença dos tanques e o antigo forno que ainda hoje se mantém em pé, para dar a conhecer a aquele que por ali passa, uma história e técnicas que já não se realizam atualmente.

Devemos ter em consideração o seu carácter como objeto singular, como organismo e parte de um coletivo, da sociedade e da cidade. Temos que considerar a conservação das suas tecnologias, das mais variadas técnicas que vão sendo esquecidas na sociedade e que devem ser conservadas, para conseguirmos compreender como era feito antes e a passarmos esse mesmo conhecimento a gerações futuras.

As doutrinas internacionais falam sucessivamente da importância do envolvimento de distintas áreas e técnicas das mesmas, no trabalho de análise e conservação do património.

No entanto, ao intervir no terreno da escarpa e na sua necessidade de escavações para a inserção dos novos volumes, acreditamos que tal levará à criação de muros de suporte abaixo dos muros existentes, o que necessitará da intervenção de outras áreas científicas essenciais para o desenvolvimento de uma proposta, (todos os projectos precisam de uma equipa).

Por sua vez, a análise realizada sobre o território foi necessária para a compreensão do espaço específico onde a fábrica se insere atualmente. Com o aprofundamento da investigação desta vez, não só da história da cidade (e dos seus principais centros), como também dos aglomerados de serviços públicos e privados da área principal mais próxima ao complexo estudado (da área da ribeira de Gaia), foi possível compreender o que ali falta. O culminar deste ponto levou à escolha do tipo de serviço que ali seria implementado no espaço do Senhor do Além, de cariz público.

Como resultado de uma análise a nível de acessibilidade ao local em estudo, denotando as ruas estreitas e de sentido único que a envolvem e a presença de transportes públicos nas suas redondezas, foi possível concluir qual o público ao qual este projeto seria direcionado. Neste caso, aos estudantes e novos trabalhadores, que podem facilmente aceder aos vários espaços do projeto, realçando as várias diferenças de nível que este mesmo possui e a sua difícil acessibilidade.

Denotando também a falta de espaços públicos, sem contar com universidades e bibliotecas, em que os estudantes ou jovens trabalhadores se possam reunir (não só para trabalho, mas também para momentos de convívio) é relativamente

reduzida. Deste modo foi possível decidir o tipo de função que poderia vir a ser implementada na área do Senhor do Além, de um centro de estudos.

Assim sublinho que a presente proposta de projeto que aqui já foi apresentada, visa unicamente chamar a atenção para as oportunidades que este complexo pode oferecer à sociedade da cidade de Vila Nova de Gaia. Neste caso particular, de intervenção no património, deverá ser envolvida o maior número de especialidades possíveis, de maneira a conseguir responder da melhor maneira e com o maior respeito possível.

Não obstante, apesar da desafiante intervenção e recheada história do conjunto edificado, acaba sempre por se revelar enriquecedor.

Este trabalho ofereceu-me a oportunidade de interagir com o tema da reabilitação do existente e, em particular, com uma memória histórica que é vista por todos na cidade. Estudar uma proposta desafiou-me do ponto de vista projetual, de investigação, mas também da representação daquilo que era e na escolha de uma linguagem arquitetónica que não extinga a sua essência e características anteriores. A natureza do lugar, a paisagem e a localização na cidade onde se insere é também um ponto importante a ter em consideração, de maneira a respeitar não só o edifício mas também o ambiente que o envolve.

Os documentos e os inquéritos construíram uma grande parte da base de conhecimento, mas também, muita da informação foi recolhida em fotografias e mapas históricos e da experiência na visita ao local. Este trabalho contribuiu para a minha formação, comparando os meus conhecimentos técnicos sobre a intervenção no existente e dando-me a capacidade de trabalhar dentro do contexto, avaliando os aspectos de importância comprovada e os que poderiam ser alterados.

O resultado alcançado, de um centro de estudos, inserido na memória existente da fábrica, é fruto do estudo de muitos exemplos de intervenções semelhantes, de abordagens ao ambiente construído e do desejo de tornar esta arquitetura novamente ativa e não apenas uma memória. O restauro e estudo do património são áreas fascinantes que devem continuar a ser suportadas.

Se o projeto da Fábrica de Cerâmicas do Senhor do Além fosse concretizado, poderia assim voltar a participar vivamente nas atividades diárias das comunidades que o envolvem, que entrem nos seus espaços, que os definem e os caracterizam conforme as suas necessidades. A sua localização e a ligação com o rio podem ser um chamariz para todos os interessados em a conhecer, tal como a sua localização em relação a áreas menos construídas da escarpa da Serra do Pilar, pode levar a futuras discussões e diversas propostas para lhe oferecer mais funcionalidade e abertura aos cidadãos.



## ***Bibliografia***

Abrunhosa, M. (2008). As arquitecturas do vinho de um Porto monofuncional. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras.

Aguiar, J. (2002). Cor e cidade histórica : estudos cromáticos e conservação do património. Porto: Faup Publicações.

Alarcão, P. (2014). Intervenção arquitectónica em contexto arqueológico : propostas e desafios para a cidade de Braga. Porto: Faup Publicações.

Alarcão, P. (2018). Construir na ruína : entre a reconstituição e a reabilitação. Porto: FAUP.

Alberti, L. B. (2011). Da arte edificatória. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Amorim, I., Silva, L., & Garcia, J. C. (2017). As cheias do rio Douro no Porto (Portugal) do Século XVIII. SÉMATA, Ciências Sociais e Humanidades vol.29, pp. 185-217.

Azevedo, J. A. (1995). Descrição topographica de Vila Nova de Gaya : e da festividade, que em acção de graças pela restauração de Portugal se celebrou na igreja matriz em 11 de Dezembro de 1808. Vila Nova de Gaia: Associação Cultural Amigos de Gaia.

Baeza, A. C. (2004). A Ideia Construída. Casal de Cambra: Caleidoscópio.

Barbosa, F. F. (1991). A Capela do Senhor Jesus D'além e o seu Hospício. Boletim do Rotary Club de Vila Nova de Gaia nº99.

Bastos, C., & Sousa, M. d. (Fevereiro de 1964). O mosteiro da serra do pilar no século XVI. O Tripeiro.

Cantante, J. (2019). Proposta de intervenção para a escarpa da Serra do Pilar: A Fábrica de Cerâmica do Senhor d'Além. Porto: FAUP.

Carta de Cracóvia 2000: Princípios para a Conservação e o Restauro do Património Construído. (2000). Cracóvia, Polónia. Traduzido por Flávio Lopes & Miguel Brito Correia. Disponível em <https://www.icomos.pt/images/pdfs/2021/42%20Carta%20de%20Crac%C3%B3via%202000.pdf>

Ceschi, C. (1970). Teoria e storia del restauro. Roma: Mario Bulzoni.

Choay, F. (2000). A alegoria do património. Lisboa: Edições 70.

Cleto, J. (2016). O Senhor do Além. O Tripeiro nº7, pp. 218-219.

Conclusões da Conferência Internacional de Atenas sobre o Restauro dos Monumentos (1931). Carta de Atenas Sobre o Restauro de Monumentos. Atenas, Grécia. Traduzido por Flávio Lopes & Miguel Brito Correia. Disponível em <https://www.icomos.pt/images/pdfs/2021/3%20Carta%20de%20Atenas%20restauro%20monumentos%201931.pdf>

Conselho da Europa. (1975). Carta Europeia do Património Arquitectónico, Amsterdão. Traduzida por Flávio Lopes e Miguel Brito Correia. Disponível em <https://www.icomos.pt/images/pdfs/2021/18%20Carta%20europeia%20do%20património%20arquitectónico%201975.pdf>

Costa, A. R. (?-1791). Descrição topografica, e historica da Cidade do Porto. Porto: Oficina de Antonio Alvarez Ribeiro.

Costa, V. B. (2012). A multissecular Capela do Senhor do Além: um percurso atribulado. Boletim da Associação de Amigos de Gaia vol.12, 12, pp. 7-13.

Couto, L. d. (s.d.). Origem das procissoés da Cidade do Porto, com sub-notas, Prefácio e Apêndice de A.Magalhães Basto. Porto: CMP.

Dias, L. T., & Alarcao, P. (2011). Interpretar a ruína, contribuições entre campos disciplinares : actas do seminário internacional de arquitectura e arqueologia, Faup 2008. Porto: Faup Publicações.

Dias, M. G. (s.d.). Formas Arquitectónicas Populares e Urbanas (Vernáculas?) em Portugal (Sem se saber bem porquê e 49 lendas). Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas (ACIME).

Domingues, Á. A. (2016). Porto património mundial : 20 anos, 20 imagens : 20 years, 20 pictures : 20 ans, 20 photos : 1996 2016. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Ferreira, S. (2008). A fortaleza. O mosteiro da Nossa Senhora do Pilar: Para além da Serra.

Frampton, K. (1996). Studies in Tectonic Culture: The Poetics of Construction in Nineteenth and Twentieth Century Architecture. Chicago, Illinois: The MIT Press.

Freitas, E. (1964). O Mosteiro da Serra do Pilar no século XVI: Notas de história e de arte. O Triperio. Porto, pp. 33-35.

Freitas, E. (1987). A Ermida de S. Nicolau: Um pleito curioso no século XVI. Gaya. Actas do 1º Congresso Internacional sobre o Rio Douro (pp. 132-135). Vila Nova de Gaia: Vila Nova de Gaia: Gabinete de História e Arqueologia.

Guimarães, G. (s.d.). O Pólo Industrial da Serra do Pilar.

Guimarães, J. A. (1999). A Serra do Pilar, Património Cultural da Humanidade. Fundação Salvador Caetano.

Guimarães, J. A. (2017). Cidade moderna II : Vila Nova de Gaia, a “Southwark do Porto” nos primórdios da época industrial. II Congresso Histórico Internacional. As cidades na História: Sociedade (pp. 243-271). Vila Nova de Gaia: Câmara Municipal de Guimarães.

Guimarães, J. G. (1995). Gaia e Vila Nova na Idade Média : arqueologia de uma área ribeirinha. Porto: Universidade Portucalense.

ICOMOS. (1964). Carta de Veneza sobre a Conservação e o Restauro de Monumentos e Sítios. Veneza, Itália. Traduzido por Flávio Lopes & Miguel Brito Correia. Disponível em <https://www.icomos.pt/images/pdfs/2021/11%20Carta%20de%20Veneza%20-%20ICOMOS%201964.pdf>

ICOMOS. (1987). Carta Internacional sobre a Salvaguarda das Cidades Históricas. Washington D.C., EUA. Traduzido por Flávio Lopes & Miguel Brito Correia. Disponível em <https://www.icomos.pt/images/pdfs/2021/28%20Carta%20cidades%20hist%C3%B3ricas%20-%20ICOMOS%201987.pdf>

Leão, M. (Junho de 2003). A fábrica de Cerâmica do Senhor do Além. Boletim Cultural Amigos de Gaia vol.9 n°56, pp. 47-50.

Machado, J. A. (1994). A Capela do Senhor Jesus de Além. Na escarpa da Serra do Pilar. O Tripeiro, VOL XIII, VI Série, p. 273.

Melo, A. S., & Ribeiro, M. (2011). História da construção : os construtores. Braga: CITCEM-Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória.

Miranda, F. (2010). A cidade dos mercadores : da luta pelo poder civil às guerras fernandinas. Matosinhos: Quidnovi.

Monterey, G. (1972). O Porto: origem, evolução e transportes. Porto: G.M.

Morelli, M. D. (2002). Saper Credere in Architettura: venticinque domande a Carlo Aymonino. Napoli: Clean Edizioni.

Museu, N. S. (2001). Itinerário da Faiança do Porto e Gaia. Porto: Instituto Português de Museus.

Nouel, J. (1964). Descrição / da freguesia de Sta. Marinha de Villa Nova / de Gaya em Abril de 1758. O Tripeiro Porto vol. 4, pp. 290-294.

Oliveira, A. d. (1998). As Indústrias no Porto nos finais do século XVIII. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras.

Oliveira, J. M. (18 Fevereiro 2021). A cidade do Porto como centro urbano “Histórico”. IMPACTUM Coimbra University Press, 1-22.

Pessanha, M. (2003). Siza : lugares sagrados, monumentos. Porto: Campo das Letras.

Portugal, Diário da República n.º 245/2018, Série II de 2018-12-20, páginas 34217 – 34219 dentro CULTURA - Gabinete da Secretária de Estado da Cultura - Aviso n.º 19137/2018

Queirós, J. (1987). Cerâmica portuguesa e outros estudos. Lisboa: Presença.

Ramos, L. A. (1994). História do Porto. Porto: Porto Editora.

Resende, M. (1952). A evolução territorial da cidade do Porto e a orientação a seguir para a urbanização das zonas residenciais. Porto, Porto, Portugal: C.M.

Revista, P. (2018). *Portvgalia : Revista De Arqueologia Do Departamento De Ciências E Técnicas Do Património*. FLUP.

Riegl, A. (2020). *O culto moderno dos monumentos e outros ensaios estéticos*. Lisboa: Edições 70.

Rodrigues, M. M. (11 de Julho de 1887). *A Ponte Pensil no Porto*. Occidente, pp. 154-160.

Rossi, A. (2018). *Autobiografia Científica*. Lisboa: Edições 70.

S.A. (1909). *Antiguidades: Festas e solemnidades extintas. O Tripeiro Porto nº37*, pp. 380,491-492.

Sandão, A. (1999). *Faiança Portuguesa, séculos XVIII e XIX (Vol. 2)*. Porto: Livraria Civilizações.

Sequeira, J. (2009). *Como nasce uma cidade : das origens ao Condado Portucalence*. Matosinhos: QuidNovi.

Silva {et al.}, T. (2013). *Intervenção Arqueológica: Fábrica de Cerâmica do Senhor d'Além Vila Nova de Gaia 2008. Relatório Final*, Vila Nova de Gaia.

Silva, A. M., Guimarães, J. A., & Resende, N. (15 de maio 2020). *Capela do Senhor do Além. Vila Nova de Gaia: Gabinete de História, Arqueologia e Património - Amigos do Solar condes de Resende - Confraria Queirosiana*.

Silva, M. T. (2017). *A Fábrica de Cerâmica do Senhor D'Além (V. N. Gaia - Portugal). II Congresso Internacional sobre Património Industrial - Património, museus e Turismo Industrial: uma oportunidade para o século XXI (pp. 667-681)*. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian.

Silva, T. (2012). *Azulejos da Fábrica de Cerâmica do Senhor d'Além – Contributos de uma intervenção arqueológica para o seu estudo*. Congresso Internacional “Azulejar”, (pp. 1-14). Matosinhos.

Siza, Á. (2018). *02Textos*. Lisboa: Parceria A. M. Pereira.

Siza, Á. (2019). *01Textos*. Lisboa: Parceria A. M. Pereira.

Soeiro, T., Alves, J. F., Lacerda, S., & Oliveira, J. (1995). *A Cerâmica Portuense, Evolução Empresarial e Estruturas Edificadas*. *Portugalia* v.16, 203-287.

Sousa, F. d. (2008). *Espólio fotográfico português*. Porto: CEPSE - Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade.

Stefano, R. D. (1979). *Il recupero dei valori : centri storici e monumenti : limiti della conservazione e del restauro*. Napoli: Edizioni Scientifiche Italiane.

Távora, F. (2000). *Fernando Távora, pensieri sull'architettura, raccolti da Giovanni Leoni con Antonio Esposito*. Casabella, 14-17.

Tavares, D. (Setembro de 1998). *Quando cortam a Serra do Pilar*. *Revista Semestral de Edifícios e Monumentos nº9*, pp. 55-61.

Teixeira, H. (2010). Porto, 1114-1518 : a construção da cidade medieval. Porto, Portugal: Tese de Dissertação, FLUP.

Teixeira, R., & Fonseca, V. (2013). Relatório Final - Intervenção Arqueológica Fábrica de Cerâmica do Senhor d'Além. Matosinhos: Arqueologia e Património.

Temudo {et al.}, A. P. (2009). O Mosteiro da Serra do Pilar... Para além da Serra. Vila Nova de Gaia: Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, Pelouro da Cultura, Divisão Municipal de Arquivo.

TICCIH, ICOMOS.(2003) Carta de Nizhny Tagil sobre o Património Industrial. Traduzida por APPI (Associação Portuguesa para o Património Industrial) Disponível em <https://ticcih.org/wp-content/uploads/2013/04/NTagilPortuguese.pdf>

Trigueiros, L. (2000). Eduardo Souto de Moura. Lisboa: Editorial Blau.

Ustárroz, A. (1997). La Lección de las Ruinas: Presencia del pensamiento griego y del pensamiento romano en la arquitectura. Barcelona: Fundación Caja de Arquitectos.

Valle, C. (1991). A Capela do Senhor D'Além e o seu Hospício. Boletim do Rotary Club de Vila Nova de Gaia nº99, p. 13.

Veiga, C. (1908). A igreja da Serra do Pilar. O Tripeiro. Porto, p. 51.

Veloso, J. L. (2020). “Portucalem Castrum Novum” entre o mediterrâneo e o atlântico: o estudo dos materiais cerâmicos alto-medievais do arqueossítio da rua de d. hugo, no. 5 (porto). Arqueologia em Portugal: 2020 - Estado da Questão, 1619-1625.

Veneza, C. d. (25 a 31 de Maio de 1964). Sobre a conservação e restauro dos monumentos e dos sítios. Veneza.

Vitorino, P. (1930). Cerâmica portuense. Vila Nova de Gaia: Apolino.

Wermers, M. M. (1963). A Ordem Carmelita e o Carmo em Portugal. Lisboa: União Gráfica.



## *Iconografia*

Fig.A - Desenho da autoria de Ana Catarina Sousa

Fig.01 - Melo, A. S., & Ribeiro, M. (2011). História da construção : os construtores. Braga: CITCEM-Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória. pp. 103

<http://repositorium.uminho.pt/bitstream/1822/15455/1/Os%20construtores%20das%20Cidades%20de%20Braga%20e%20Porto%20%28s%C3%A9culos%20XIV%20a%20XVI%29.pdf>

Fig.02 - Fotografia da autoria de Artur Pastor

<https://agendaculturalporto.org/o-porto-de-artur-pastor/>

Fig.03 - Fotografia da Autoria de Domingos Alvão <https://garystockbridge617.getarchive.net/amp/topics/domingos+alvao>

Fig.04 - Fotografia da autoria de Artur Pastor

<https://agendaculturalporto.org/o-porto-de-artur-pastor/>

Fig.05 - Autoria de Ana Catarina Sousa

Fig.06 - <https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/428341/>

Fig.07 - Desenho da autoria de Cesário Augusto Pinto

<https://arquivo.cm-gaia.pt/units-of-description/documents/298706/>

Fig.08 --Fotografia da Autoria de Domingos Alvão

<https://garystockbridge617.getarchive.net/amp/topics/domingos+alvao>

Fig.09 - Sousa, F. d. (2008). Espólio fotográfico português. Porto: CEPESSE - Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade. pp.208 e 209

Fig.10 - <http://lisboa-e-o-tejo.blogspot.com/2018/04/da-ponte-do-rio-douro-que-liga-villa.html>

Fig.11 - Obra pintada por Siméon Fort e gravada por Skeltrov <https://limaosocial.wordpress.com/2017/05/19/ponte-das-barcas-pontes-no-rio-douro-entre-porto-e-v-n-gaia-e-vice-versa-1/>

Fig.12 - <https://www.ogaiense.pt/noticias/noticiario/ponte-pensil-primeira-ponte-permanente-entre-o-porto-e-gaia>

Fig.13 - <https://ncultura.pt/porto-a-insolit-a-inauguracao-da-ponte-d-maria-pia/>

Fig.14 - Autoria de Ana Catarina Sousa

Fig.15 - <https://www.publico.pt/2023/01/27/p3/fotogaleria/viajar-numa-capsula-tempo-ate-vila-nova-gaia-outro-seculo-409636#&gid=1&pid=1>

Fig.16 - <https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/336832/?q=cristo+crucificado>

Fig.17 - <https://bndigital.bnportugal.gov.pt/records/item/15863-planta-e-perfis-das-forteficacoens-e-do-edificio-da-serra-do-pillar-celebre-sustentaculo-dos-heroe?offset=106>

Fig.18 - <https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/573416/?q=James+Forrester>

Fig.19 - Sousa, F. d. (2008). Espólio fotográfico português. Porto: CEPSE - Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade. pp.224

Fig.20 - <https://arquivo.cm-gaia.pt/units-of-description/documents/274172/?q=senhor+do+além>

Fig.21 - <https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/587014/?q=senhor+do+além>

Fig.22 - <https://arquivo.cm-gaia.pt/units-of-description/documents/274191/?q=senhor+do+além>

Fig.23 - <https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/312402/?q=serra+do+pilar>

Fig.24 - <https://cciporto.com/2020/09/01/sabia-que-o-mosteiro-da-serra-do-pilar-demorou-mais-de-100-anos-a-ser-construido/>

Fig.25 - <https://repositorio-tematico.up.pt/handle/10405/1084>

Fig.26 - <https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/303461/?q=serra+do+pilar>

Fig.27 - <http://doportoenaoso.blogspot.com/2020/07/>

Fig.28 - <https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/812093/>

Fig.29 - <https://purl.pt/27625>

Fig.30 - Imagem 3D de autoria de Ana Catarina Sousa

Fig.31 - Imagem 3D de autoria de Ana Catarina Sousa

Fig.32 - Imagem 3D de autoria de Ana Catarina Sousa

Fig.33 - Imagem 3D de autoria de Ana Catarina Sousa

Fig.34 - Imagem 3D de autoria de Ana Catarina Sousa

Fig.35 - <https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/429773/>

Fig.36 - <https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/428369/>?

Fig.37 - Sousa, F. d. (2008). Espólio fotográfico português. Porto: CEPSE - Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade. pp.40

Fig.38 - Vitorino, P. (1930). Cerâmica portuense. Gaia: Apolino. pp.71

Fig.39 - <https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/291784/?q=senhor+do+além>

Fig.40 - Teixeira, R., & Fonseca, V. (2013). Relatório Final - Intervenção Arqueológica Fábrica de Cerâmica do Senhor d' Além. Matosinhos: Arqueologia e Património. pp.148

Fig.41 – Autoria de Ana Catarina Sousa

Fig.42 – Soeiro, T., Alves, J. F., Lacerda, S., & Oliveira, J. (1995). A Cerâmica Portuense, Evolução Empresarial e Estruturas Edificadas. Portugalia v.16. pp.260

Fig.43 - Teixeira, R., & Fonseca, V. (2013). Relatório Final - Intervenção Arqueológica Fábrica de Cerâmica do Senhor d' Além. Matosinhos: Arqueologia e Património. pp.146

Fig.44 – Soeiro, T., Alves, J. F., Lacerda, S., & Oliveira, J. (1995). A Cerâmica Portuense, Evolução Empresarial e Estruturas Edificadas. Portugalia v.16. pp.260

Fig.45 - Vitorino, P. (1930). Cerâmica portuense. Gaia: Apolino. pp.72

Fig.46 – Teixeira, R., & Fonseca, V. (2013). Relatório Final - Intervenção Arqueológica Fábrica de Cerâmica do Senhor d' Além. Matosinhos: Arqueologia e Património. pp.143

Fig. 47 - [https://www.facebook.com/PortoDesaparecido/photos/capela-do-senhor-dalém-ca1950veja-mais-fotos-antigas-de-vila-nova-de-gaia-httpgo/3245333232188523/?paipv=0&eav=Afa9MXH2jKirhieIFRG-opMpPy2mT2jPPc-WPaZojNY6iAN4sBOB0u5egh3G2i4uCbzw&\\_rdr](https://www.facebook.com/PortoDesaparecido/photos/capela-do-senhor-dalém-ca1950veja-mais-fotos-antigas-de-vila-nova-de-gaia-httpgo/3245333232188523/?paipv=0&eav=Afa9MXH2jKirhieIFRG-opMpPy2mT2jPPc-WPaZojNY6iAN4sBOB0u5egh3G2i4uCbzw&_rdr)

Fig.48 - Autoria de Ana Catarina Sous

Fig.49 – <https://twitter.com/museuarqcarmo/status/1251888506122756098/photo/1>

Fig.50 – <https://artsandculture.google.com/asset/fort-macquarie-tram-depot-government-of-new-south-wales/XQEdqVinbOIciw>

Fig.51 – <https://www.smh.com.au/national/nsw/then-and-now-the-evolution-of-sydney-20210421-p57104.html>

Fig.52 – <https://abcnews.go.com/OnCampus/google-launches-virtual-tour-inside-sydney-opera-house/story?id=38703007>

Fig.53 – <https://twitter.com/sydthenandnow/status/579935802630619136/photo/1>

Fig.54 - Fotografia da autoria da autora

Fig.55 - Fotografia da autoria da autora

Fig.56 - Fotografia da autoria da autora

Fig.57 - <https://mattlewisauthor.wordpress.com/tag/sudeley-castle/>

Fig.58 - <https://www.wearecapco.com/news/adventure-play-extensions/>

Fig.59 - [http://www.artecapital.net/arq\\_des-130-na-pegada-de-le-corbusier](http://www.artecapital.net/arq_des-130-na-pegada-de-le-corbusier)

Fig.60 - <https://gulbenkian.pt/noticias/os-universalistas-chegam-paris/>

Fig.61 - <https://pt.wahooart.com/@@/8XZ8RV-Leon-Battista-Alberti-Fachada>

Fig.62 - <https://veracidadeversusmentira.blogspot.com/2018/11/4-22nov18-leon-battista-alberti.html>

Fig.63 - <https://jardin-secrets.com/andre-thouin.html>

Fig.64 - <https://commonedge.org/the-restoration-argument-respecting-violet-le-duc-at-notre-dame/>

Fig.65 - <https://www.thecollector.com/eugene-violett-le-duc-notre-dame-de-paris-architect/>

Fig.66 - <https://www.thecollector.com/eugene-violett-le-duc-notre-dame-de-paris-architect/>

Fig.67 - <https://www.milaonasmaos.it/milao-e-os-bombardeios-da-segunda-guerra-mundial/>

Fig.68 – <https://www.stpauls.co.uk/resources/st-pauls-cathedral-during-blitz>

Fig.69 – [https://pt.pngtree.com/freebackground/views-of-the-ancient-roman-coliseum-it-is-the-largest-amphitheatre-ever-built-and-is-considered-one-of-the-greatest-works-of-architecture-and-engineering-photo\\_2375713.html](https://pt.pngtree.com/freebackground/views-of-the-ancient-roman-coliseum-it-is-the-largest-amphitheatre-ever-built-and-is-considered-one-of-the-greatest-works-of-architecture-and-engineering-photo_2375713.html)

Fig.70 – <https://www.preparaenem.com/sociologia/materialismo-historico.htm>

Fig.71 – <https://humanidades.com/br/revolucao-industrial/>

Fig.72 – [https://designbuild.nridigital.com/design\\_build\\_review\\_dec18/industrial\\_beauty\\_the\\_zollverein\\_coal\\_mine\\_industrial\\_complex](https://designbuild.nridigital.com/design_build_review_dec18/industrial_beauty_the_zollverein_coal_mine_industrial_complex)

Fig.73 – <https://wired.jp/2019/08/21/the-notre-dame-fire-spread-toxic-lead-dust-over-paris/>

Fig.74 – Autorialia de Ana Catarina Sousa

Fig.75 – Autorialia de Ana Catarina Sousa

Fig.76 – Autorialia de Ana Catarina Sousa

Fig.77 – Autorialia de Ana Catarina Sousa

Fig.78 – [https://www.gaiurb.pt/gaiurb/uploads/document/file/494/volume\\_i.pdf](https://www.gaiurb.pt/gaiurb/uploads/document/file/494/volume_i.pdf)

Fig.79 – Autorialia de Ana Catarina Sousa

Fig.80 – Autorialia de Ana Catarina Sousa

Fig.81 – Autorialia de Ana Catarina Sousa

Fig.82 – Autorialia de Ana Catarina Sousa

Fig.83 – Autorialia de Ana Catarina Sousa

Fig.84 – Autorialia de Ana Catarina Sousa

Fig.85 – Autorialia de Ana Catarina Sousa

Fig.86 – Autorialia de Ana Catarina Sousa

Fig.87 – Autorialia de Ana Catarina Sousa

Fig.88 – Autorialia de Ana Catarina Sousa

Fig.89 – <https://www.google.com/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Fwww.smb-sarl.com%2Frenzo-piano-building-workshop-genoa-k>.

Fig.90 - <https://ofhouses.com/post/150787770104/351-eduardo-souto-de-moura-house-in-baião>

Fig.91 - Autorialia de Ana Catarina Sousa

Fig.92 - Autorialia de Ana Catarina Sousa

Fig.93 - <https://venturaandpartners.com/projects/hospitality/senhor-dalem-hotel>

Fig.94 - <https://venturaandpartners.com/projects/hospitality/senhor-dalem-hotel>

Fig.95 - <https://www.agenceaps.com/realisations-aps/theatre-de-verdure-grane-drome/>

Fig.96 - Autorialia de Ana Catarina

## ***Corpo de Anexos***

### **Cartografia**

Cartografia.01 – <https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/428341/>

Cartografia.02 - <https://purl.pt/29075>

Cartografia.03 - <https://purl.pt/27625>

Cartografia.04 - <https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/535310/>

Cartografia.05 - <https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/812093/>

Cartografia.06 - <https://catalogo.bnportugal.gov.pt/ipac20/ipac.jsp?profile=bn&uri=full=3100024~!442373~!0>

Cartografia.07 - <https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/428364/?q=mapa+porto++Clarke>

Cartografia.08 - <https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/611057/>

Cartografia.09 - <https://purl.pt/3556>

### **Gravuras e Fotografias**

Imagem01 - <https://almada-virtual-museum.blogspot.com/2017/08/lisboa-vista-do-porto-brandao-por-james.html>

Imagem02 - <https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/428387/>

Imagem03 - <https://historiaschistoria.blogspot.com/2015/03/da-ponte-das-barcas-ponte-luiz-i-no.html>

Imagem04 - <https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/428343/>

Imagem05 - <https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/573416/?q=James+Forrester>

Imagem06 - <https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/428347/>

Imagem07 - <https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/429773/>

Imagem08 - <https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/345860/?q=James+Forrester>

Imagem09 - <https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/428389/>

Imagem10 - <https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/305424/>

Imagem11 – [documents/428362/](https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/428362/)

Imagem12 – Soeiro, T., Alves, J. F., Lacerda, S., & Oliveira, J. (1995). A Cerâmica Portuense, Evolução Empresarial e Estruturas Edificadas. Portugalia v.1.. pp. 259

Imagem13 - Sousa, F. d. (2008). Espólio fotográfico português. Porto: CEPESE - Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade. pp.,40

Imagem14 – <https://repositorio-tematico.up.pt/bitstream/10405/1084/3/109013-Porto-Ponte%20D.%20Luiz%20I%20sobre%20rio%20Douro.jpg>

Imagem15 - [http://doportoenaoso.blogspot.com/2020/07/aquela-praia-na-curva-do-rio\\_10.html](http://doportoenaoso.blogspot.com/2020/07/aquela-praia-na-curva-do-rio_10.html)

Imagem16 - <https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/312402/>

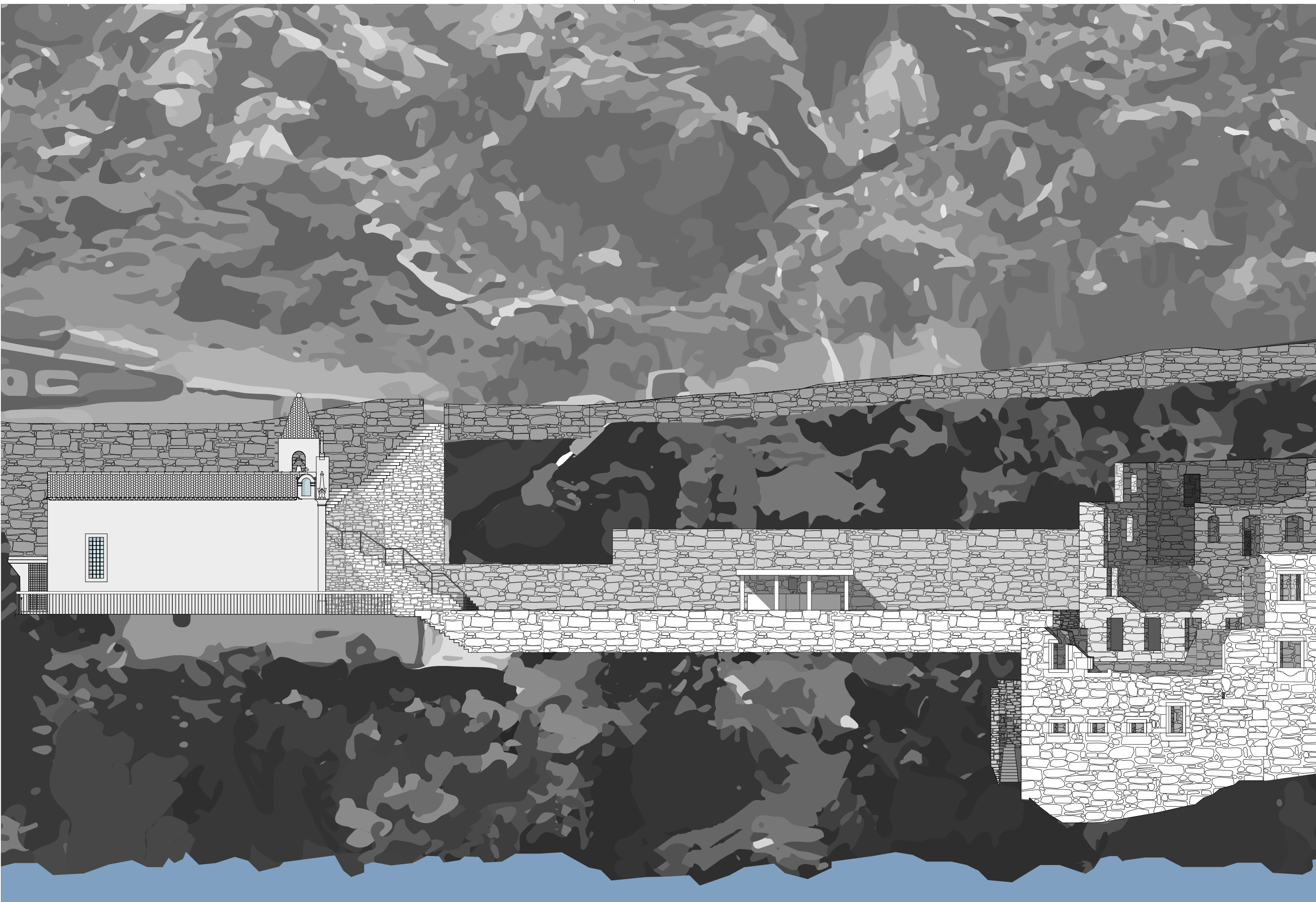
Imagem17 - Teixeira, R., & Fonseca, V. (2013). Relatório Final - Intervenção Arqueológica Fábrica de Cerâmica do Senhor d' Além. Matosinhos: Arqueologia e Património.pp.146



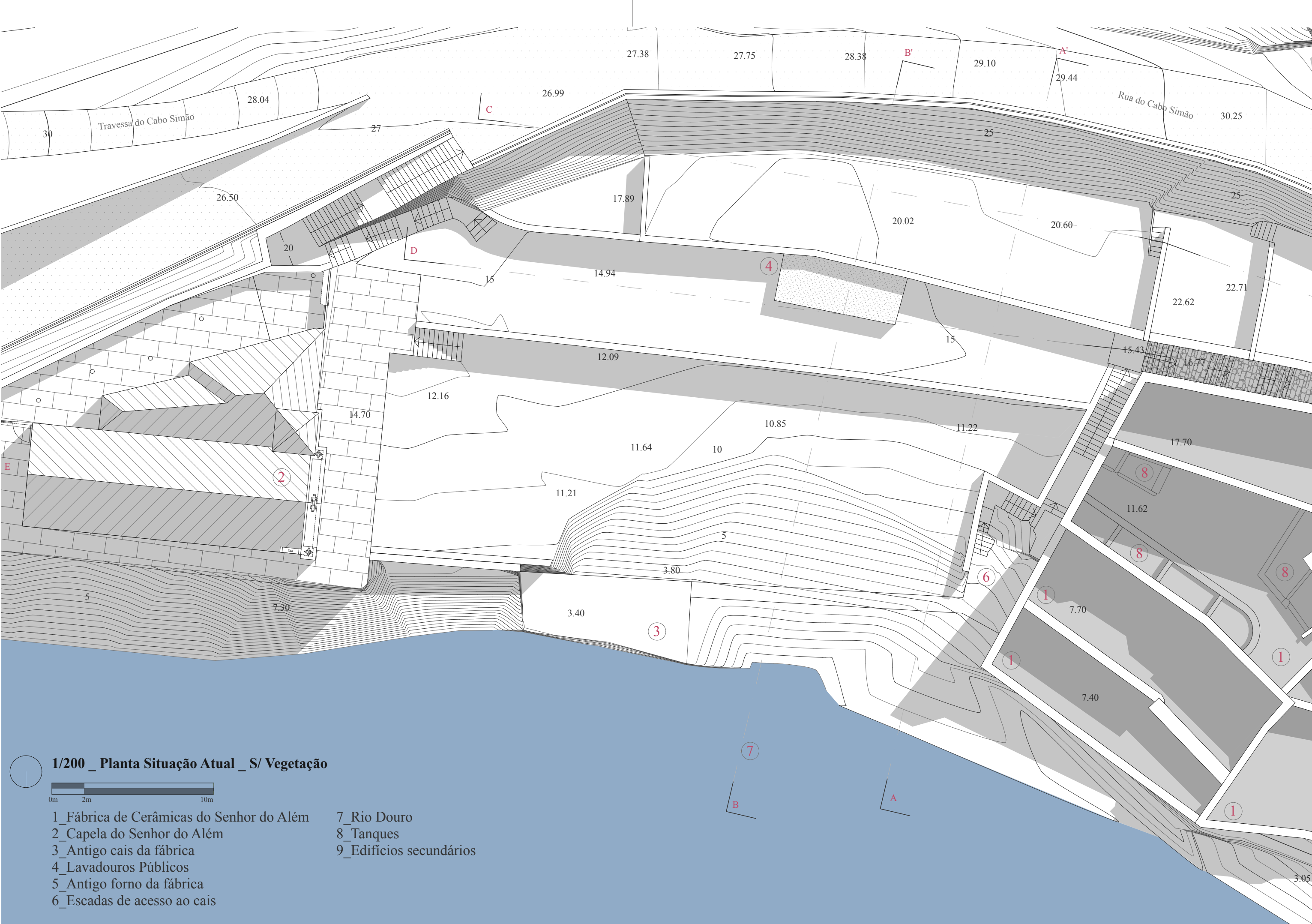
*CORPO DE ANEXOS*



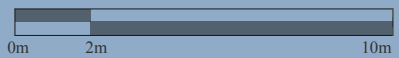
## *I\_Desenhos de Projeto*



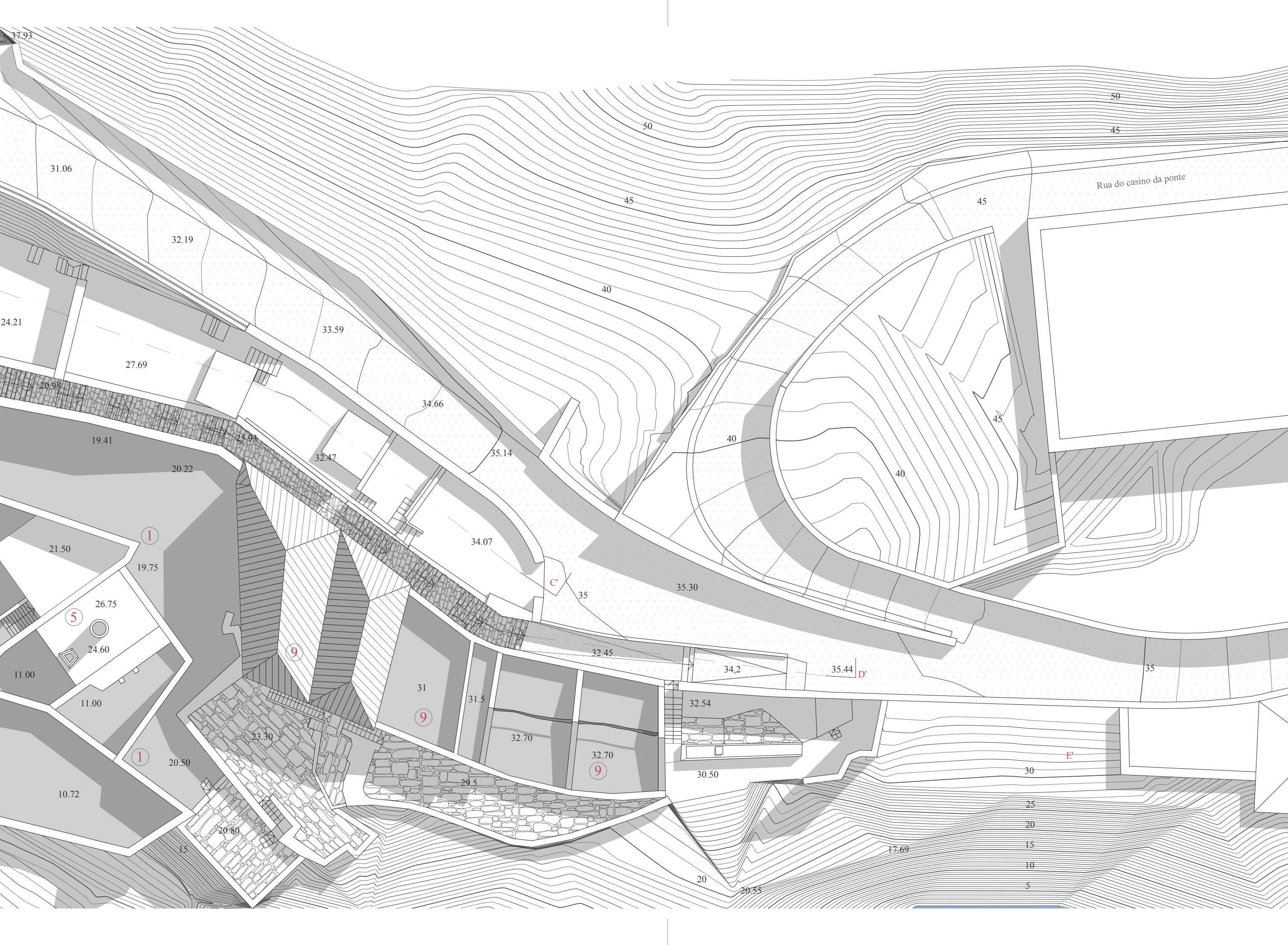




1/200 \_ Planta Situação Atual \_ S/ Vegetação



- 1\_ Fábrica de Cerâmicas do Senhor do Além
- 2\_ Capela do Senhor do Além
- 3\_ Antigo cais da fábrica
- 4\_ Lavadouros Públicos
- 5\_ Antigo forno da fábrica
- 6\_ Escadas de acesso ao cais
- 7\_ Rio Douro
- 8\_ Tanques
- 9\_ Edifícios secundários



Rua do casino da ponte

30  
25  
20  
15  
10  
5

37.93

31.06

32.19

50

50

45

45

45

24.21

27.69

33.59

40

20.98

34.66

40

45

19.41

20.22

32.47

35.14

40

1

21.50

19.75

34.07

C'

35

35.30

26.75

24.60

9

34.07

32.45

35.30

35

11.00

11.00

31

31.5

34.2

35.44

D'

5

1

20.50

23.30

9

32.70

32.70

9

32.54

30.50

E'

10.72

15

20.80

29.5

32.70

32.70

30.50

20

20.55

17.69

30

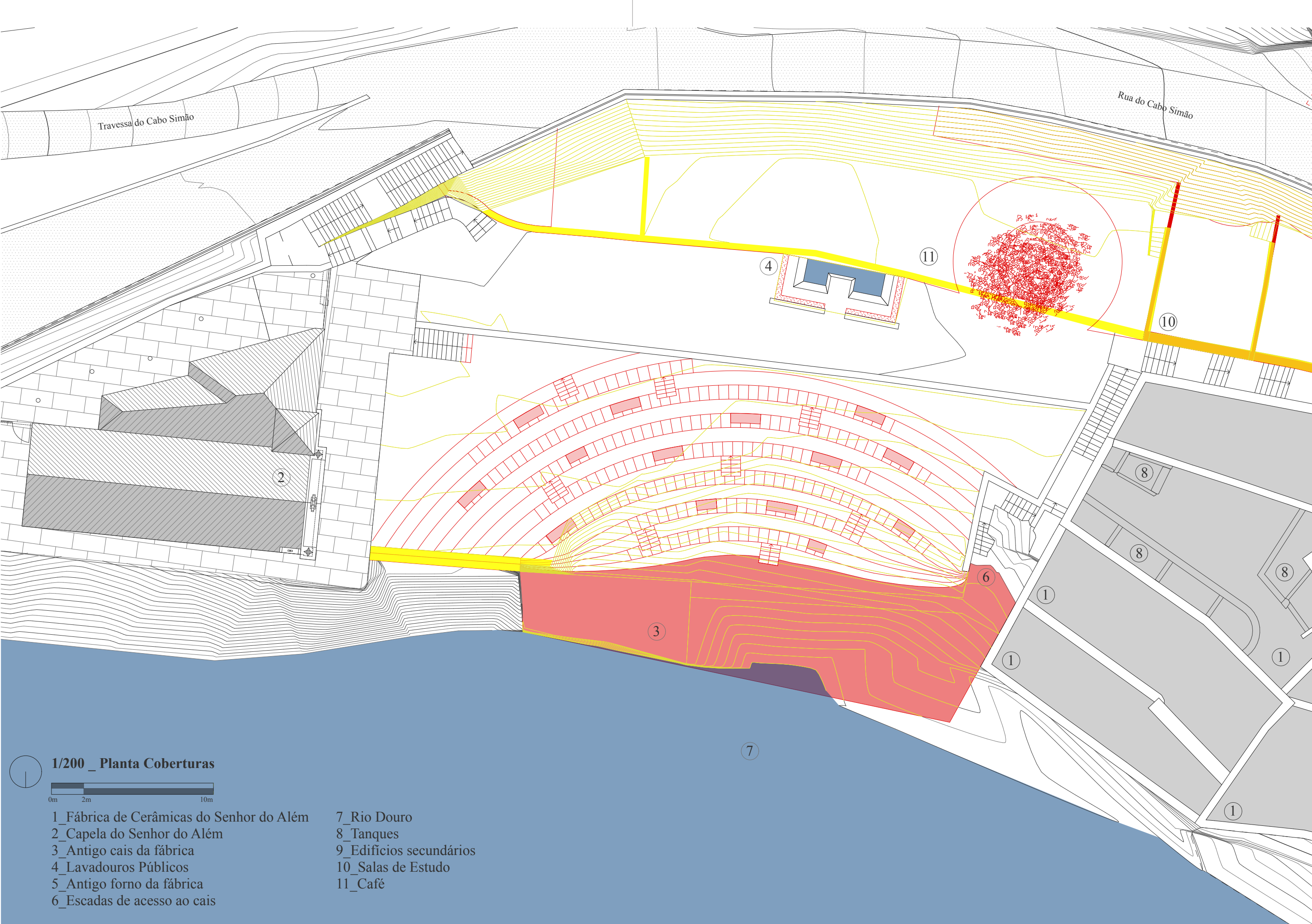
25

20

15

10

5



1/200 \_ Planta Coberturas



- 1\_ Fábrica de Cerâmicas do Senhor do Além
- 2\_ Capela do Senhor do Além
- 3\_ Antigo cais da fábrica
- 4\_ Lavadouros Públicos
- 5\_ Antigo forno da fábrica
- 6\_ Escadas de acesso ao cais
- 7\_ Rio Douro
- 8\_ Tanques
- 9\_ Edifícios secundários
- 10\_ Salas de Estudo
- 11\_ Café



Rua do casino da ponte

10

10

1

5

9

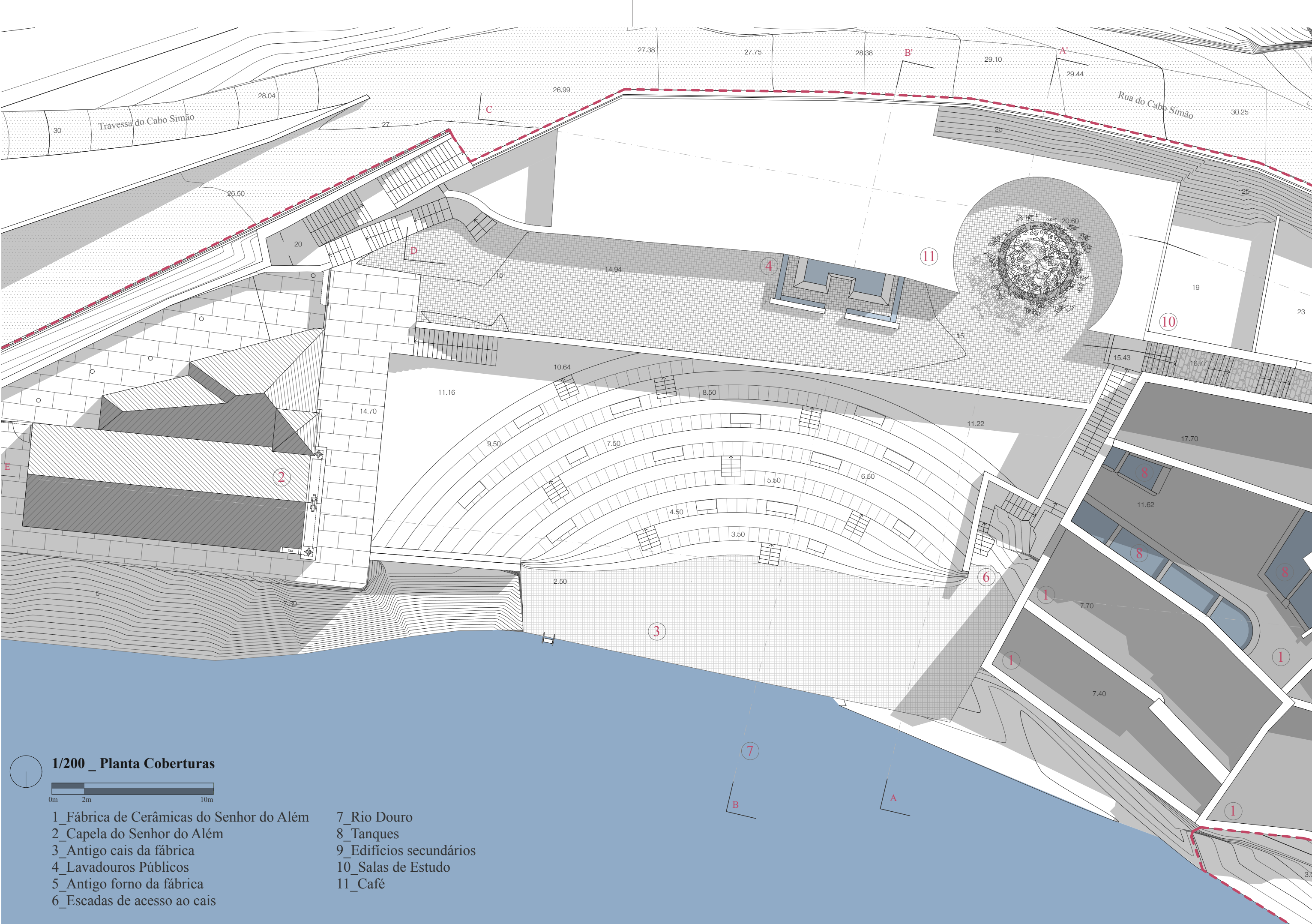
9

9

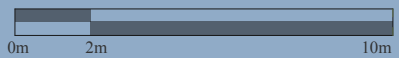
9





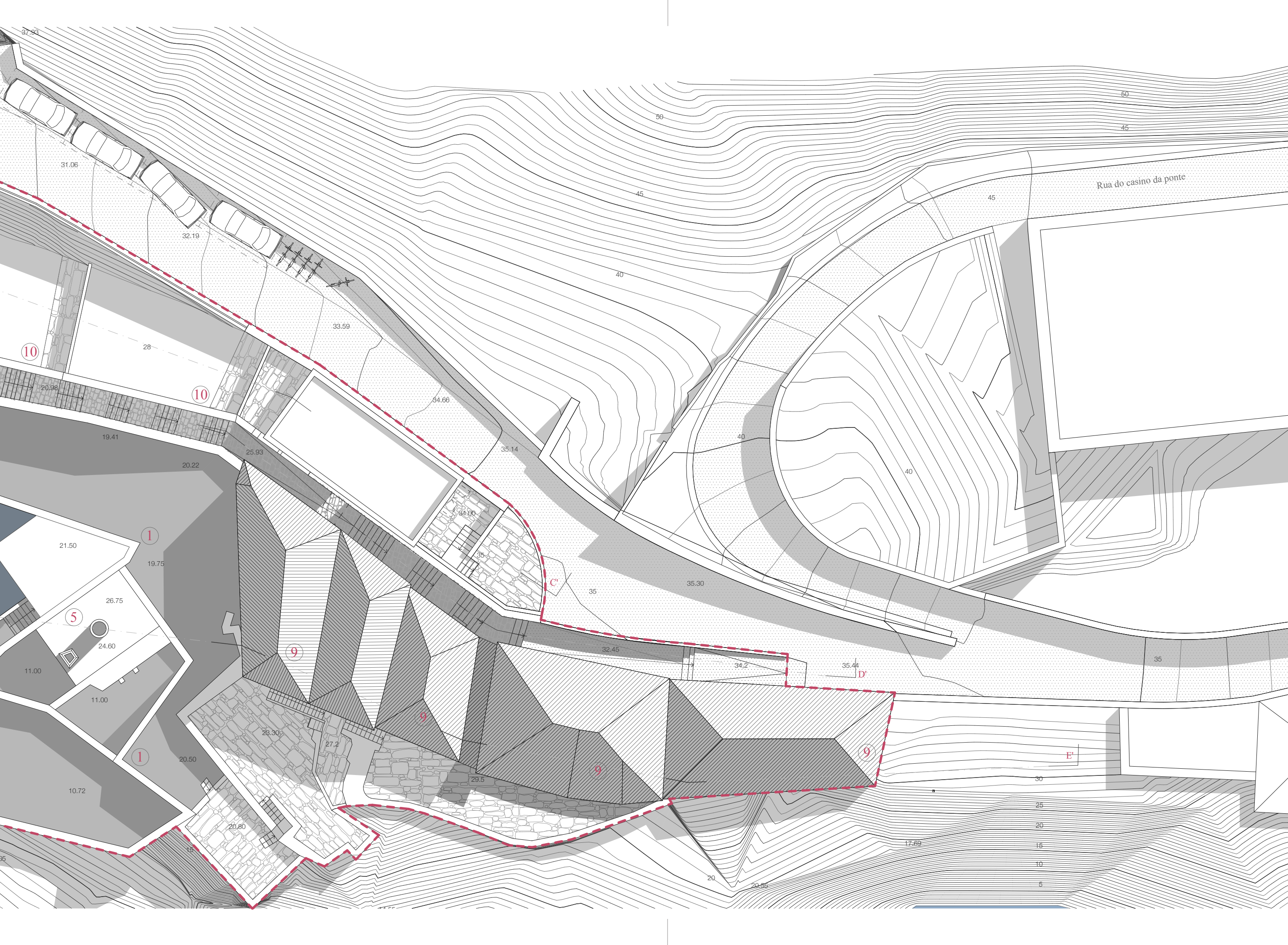


**1/200 \_ Planta Coberturas**



- 1\_ Fábrica de Cerâmicas do Senhor do Além
- 2\_ Capela do Senhor do Além
- 3\_ Antigo cais da fábrica
- 4\_ Lavadouros Públicos
- 5\_ Antigo forno da fábrica
- 6\_ Escadas de acesso ao cais

- 7\_ Rio Douro
- 8\_ Tanques
- 9\_ Edifícios secundários
- 10\_ Salas de Estudo
- 11\_ Café



Rua do casino da ponte

E'

9

D'

C'

10

10

1

5

9

9

9

37.93

31.06

32.19

33.59

34.66

35.14

34.60

35.14

35

35.30

32.45

34.2

35.41

35

21.50

19.75

26.75

24.60

11.00

11.00

28.30

27.2

29.5

20.50

10.72

20.80

15

20

20.55

17.69

30

25

20

15

10

5

50

45

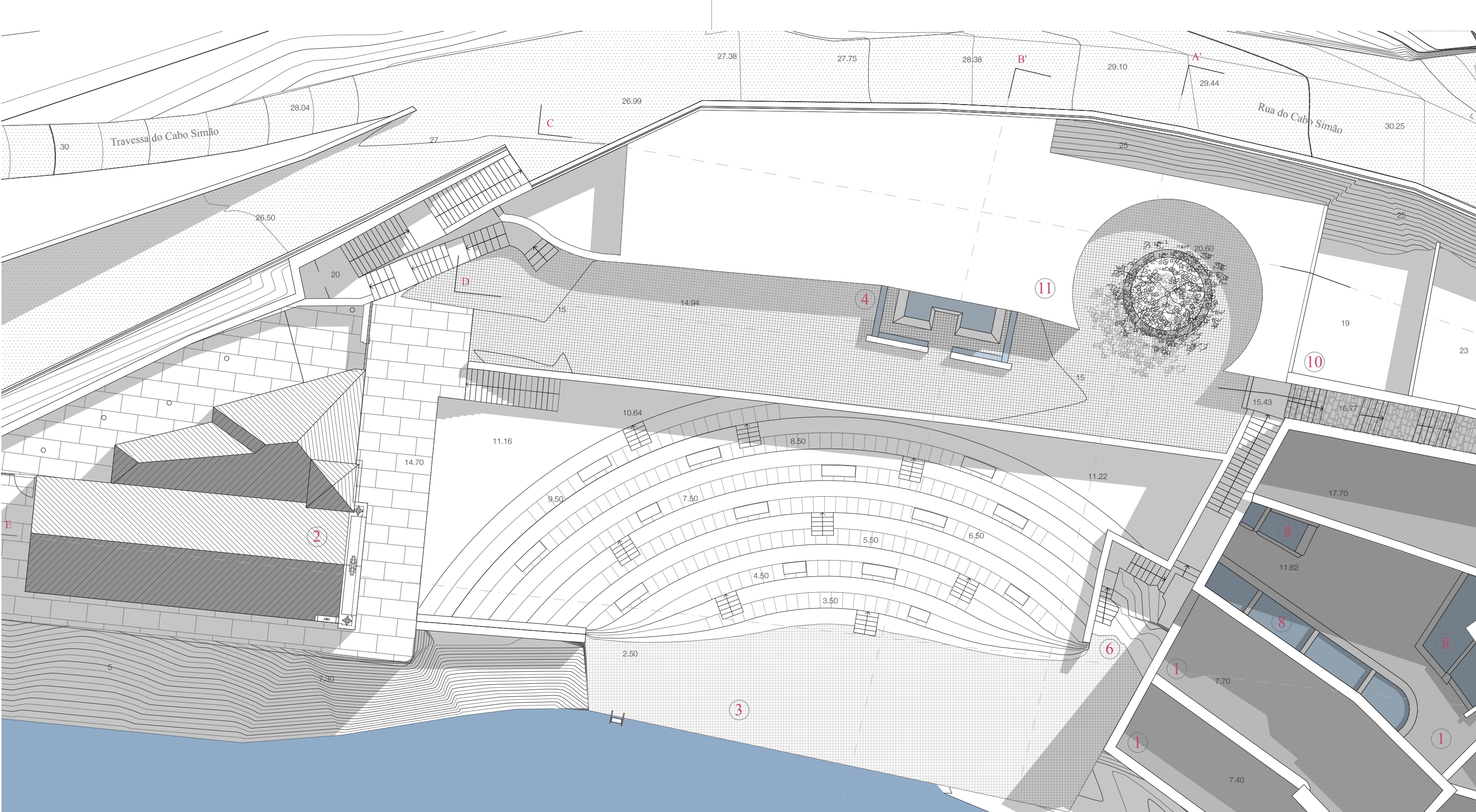
50

45

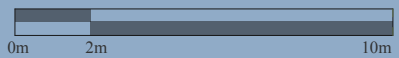
40

40

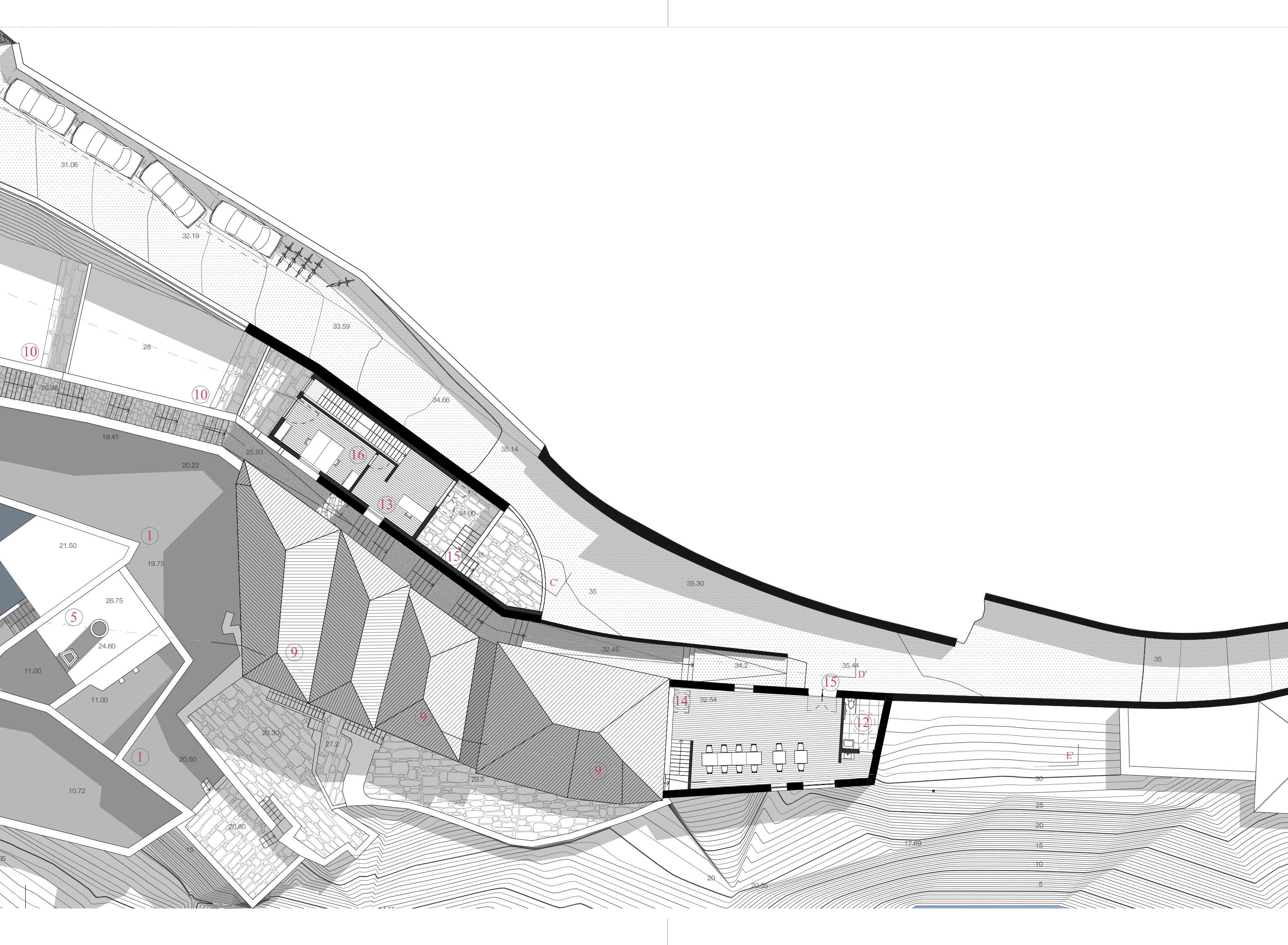
40

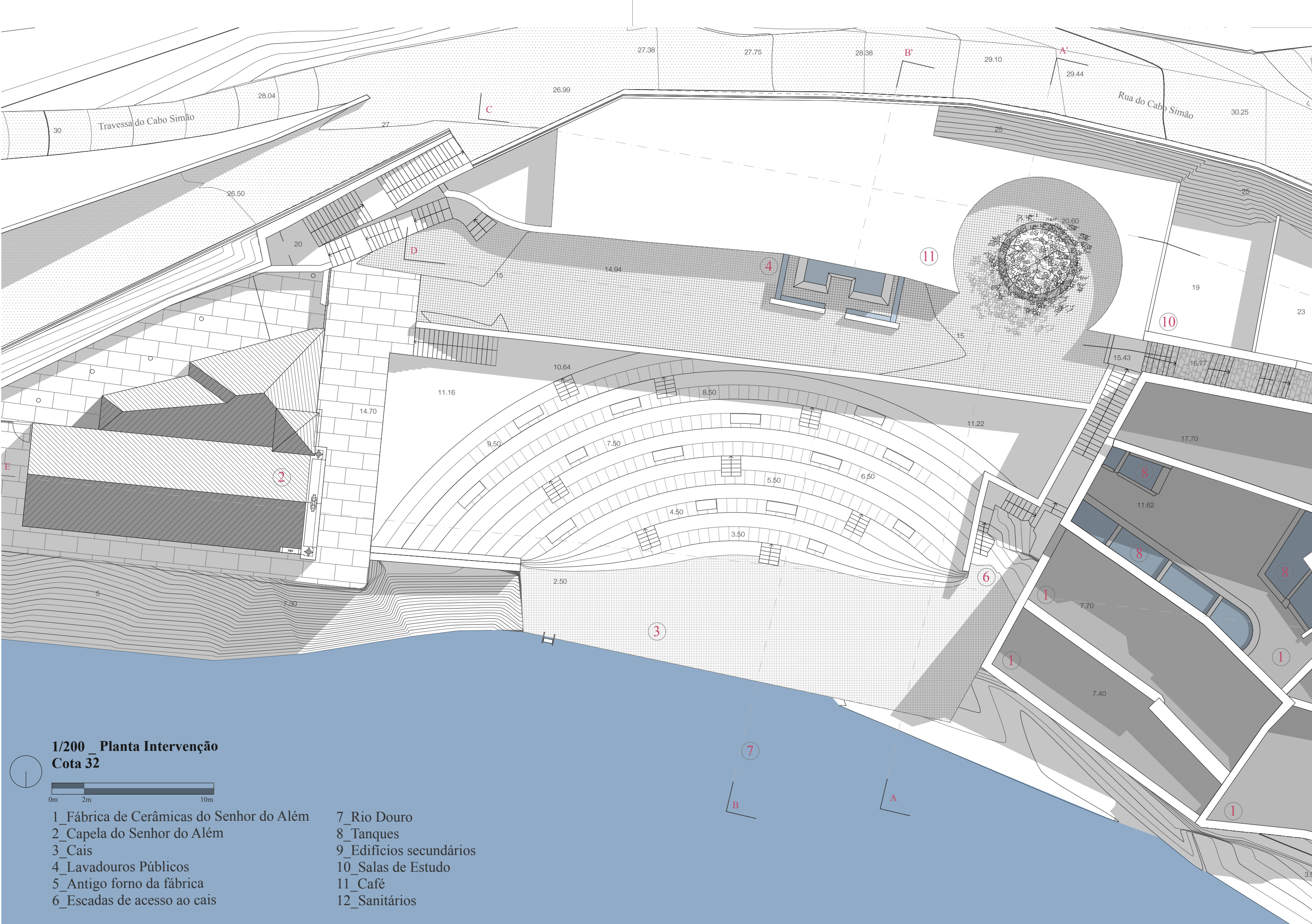


**1/200 \_ Planta Intervenção**  
**Cota 35.5**

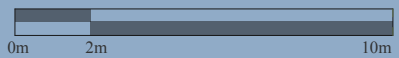


- |   |                          |                                    |
|---|--------------------------|------------------------------------|
| 1_ Fábrica de Cerâmicas do Senhor do Além | 7_ Rio Douro             | 13_ Segurança                      |
| 2_ Capela do Senhor do Além               | 8_ Tanques               | 14_ Plataforma Mobilidade Reduzida |
| 3_ Cais                                   | 9_ Edifícios secundários | 15_ Entrada                        |
| 4_ Lavadouros Públicos                    | 10_ Salas de Estudo      | 16_ Administração                  |
| 5_ Antigo forno da fábrica                | 11_ Café                 |                                    |
| 6_ Escadas de acesso ao cais              | 12_ Sanitários           |                                    |

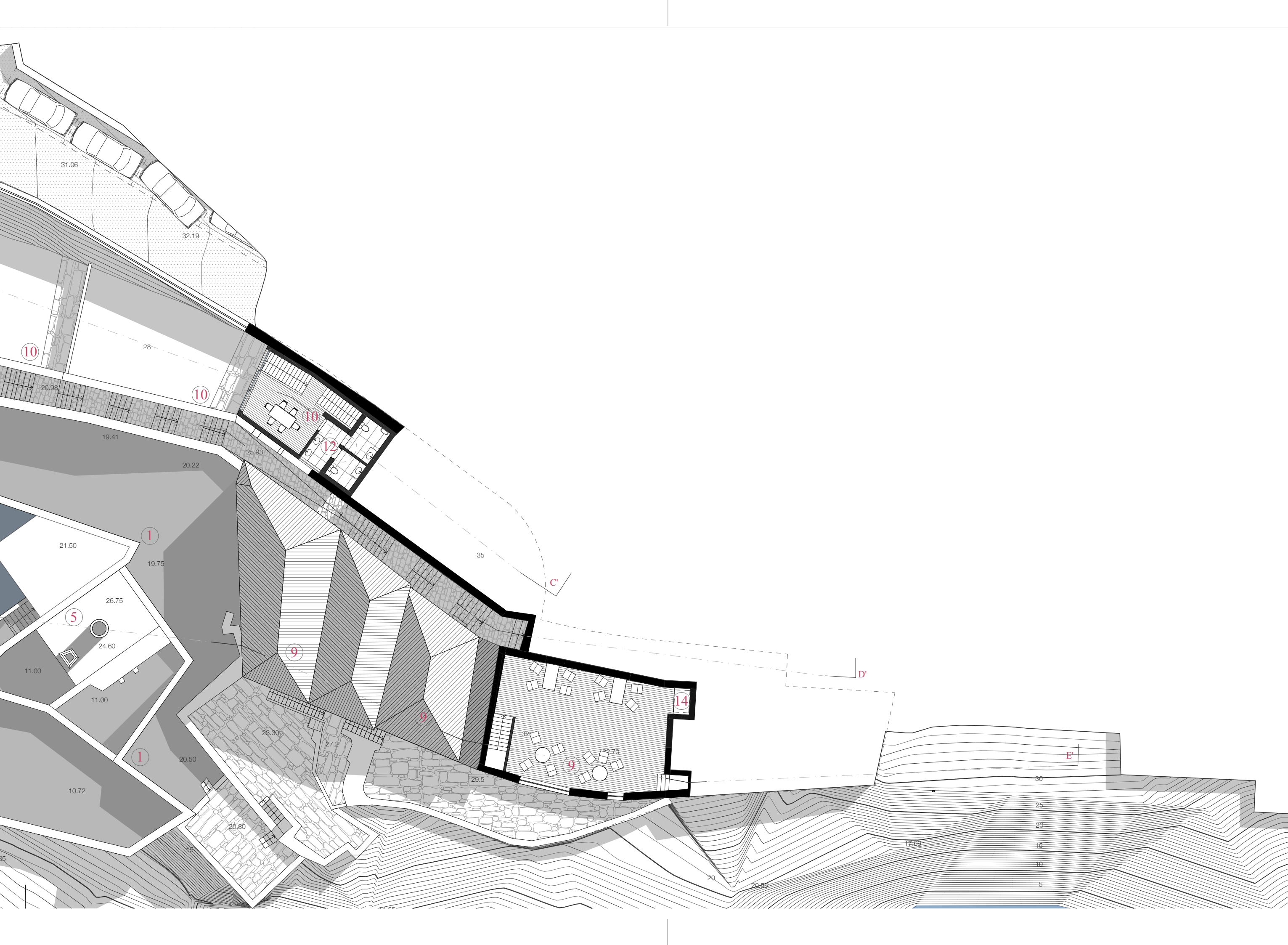


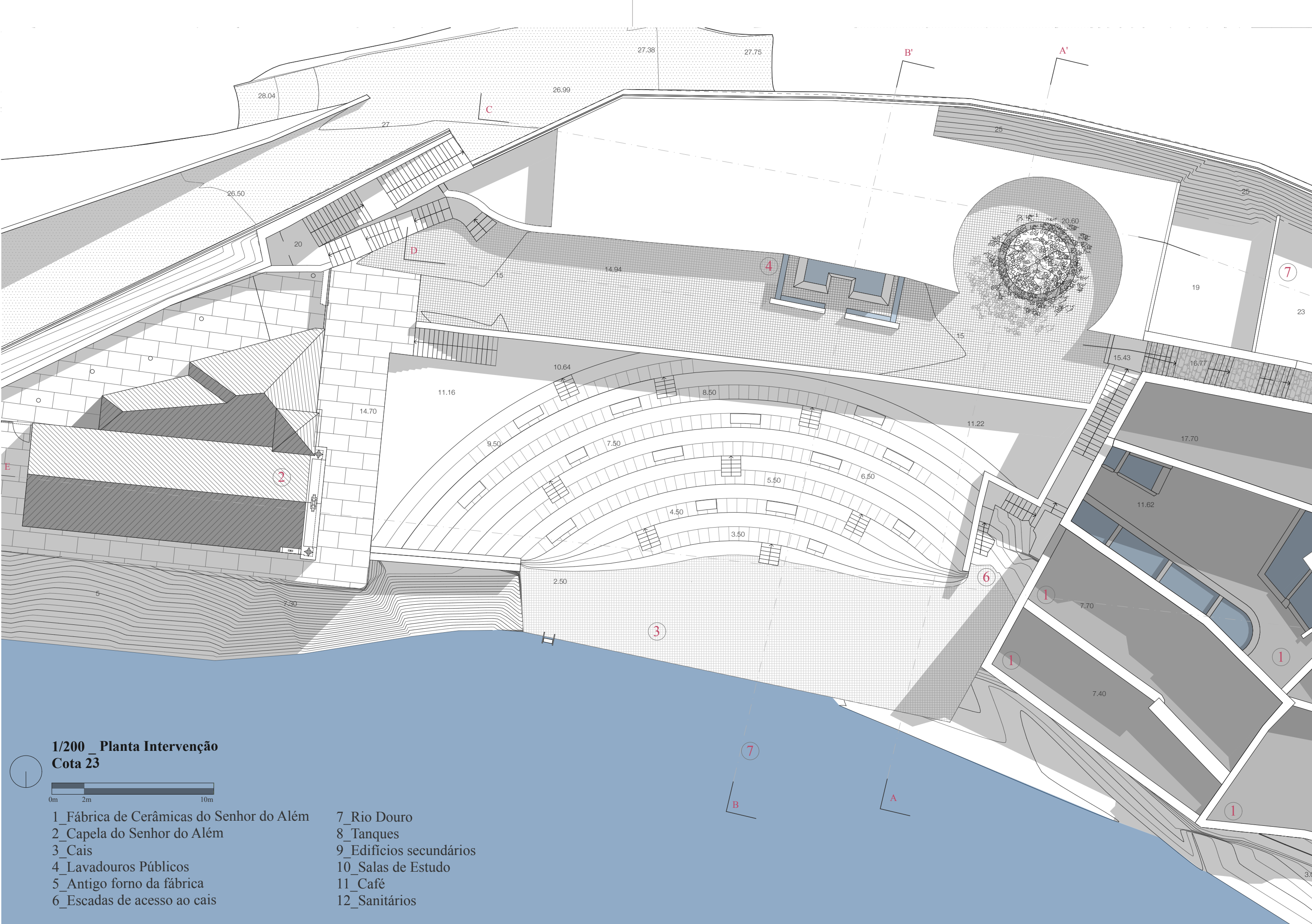


**1/200 \_ Planta Intervenção**  
**Cota 32**

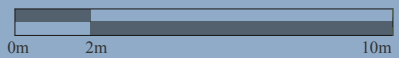


- |   |                          |
|---|--------------------------|
| 1_ Fábrica de Cerâmicas do Senhor do Além | 7_ Rio Douro             |
| 2_ Capela do Senhor do Além               | 8_ Tanques               |
| 3_ Cais                                   | 9_ Edifícios secundários |
| 4_ Lavadouros Públicos                    | 10_ Salas de Estudo      |
| 5_ Antigo forno da fábrica                | 11_ Café                 |
| 6_ Escadas de acesso ao cais              | 12_ Sanitários           |

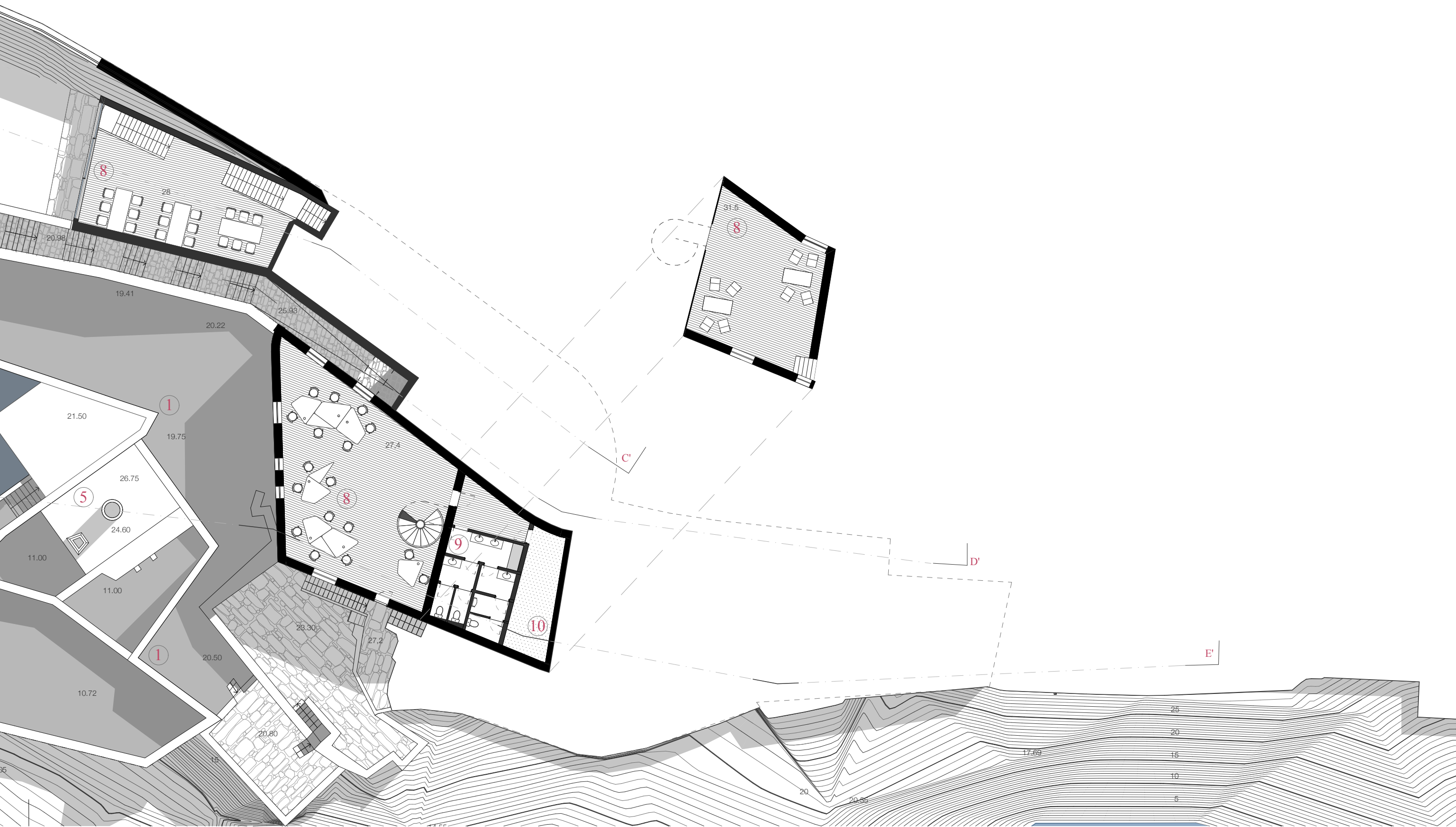


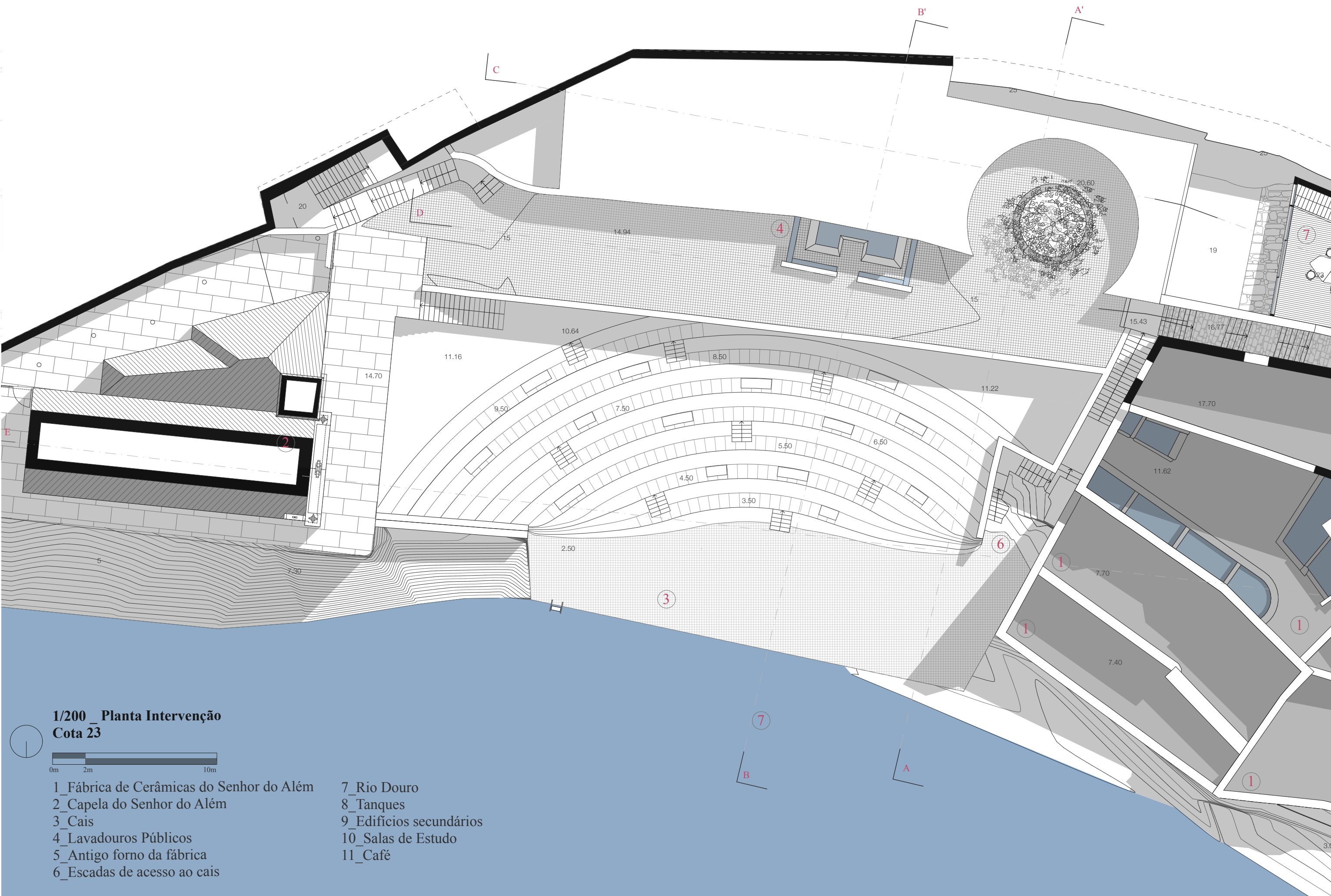


1/200 \_ Planta Intervenção  
Cota 23

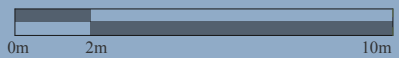


- |   |                          |
|---|--------------------------|
| 1_ Fábrica de Cerâmicas do Senhor do Além | 7_ Rio Douro             |
| 2_ Capela do Senhor do Além               | 8_ Tanques               |
| 3_ Cais                                   | 9_ Edifícios secundários |
| 4_ Lavadouros Públicos                    | 10_ Salas de Estudo      |
| 5_ Antigo forno da fábrica                | 11_ Café                 |
| 6_ Escadas de acesso ao cais              | 12_ Sanitários           |

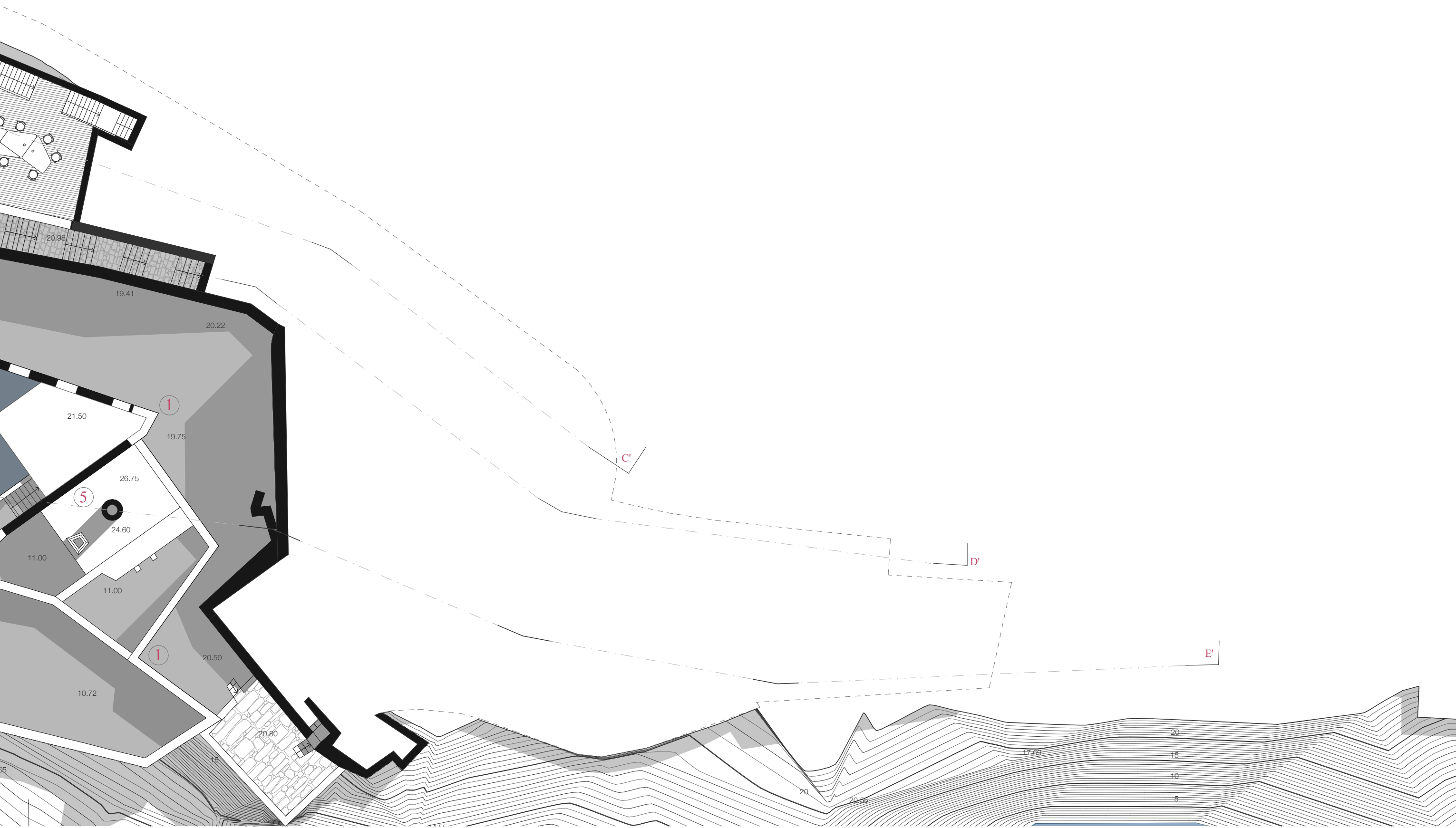


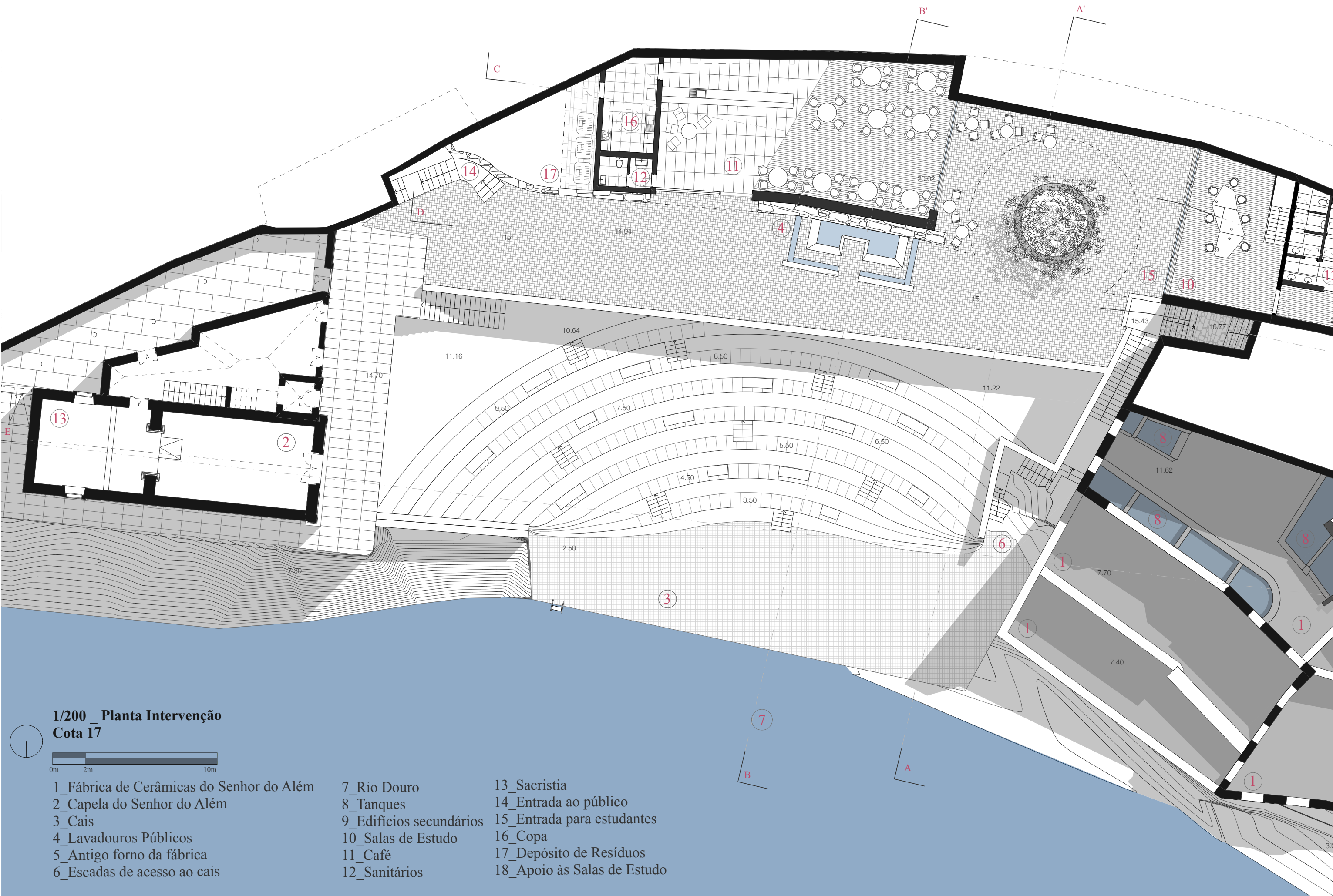


1/200 \_ Planta Intervenção  
Cota 23

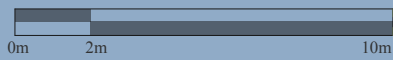


- |   |                          |
|---|--------------------------|
| 1_ Fábrica de Cerâmicas do Senhor do Além | 7_ Rio Douro             |
| 2_ Capela do Senhor do Além               | 8_ Tanques               |
| 3_ Cais                                   | 9_ Edifícios secundários |
| 4_ Lavadouros Públicos                    | 10_ Salas de Estudo      |
| 5_ Antigo forno da fábrica                | 11_ Café                 |
| 6_ Escadas de acesso ao cais              |                          |





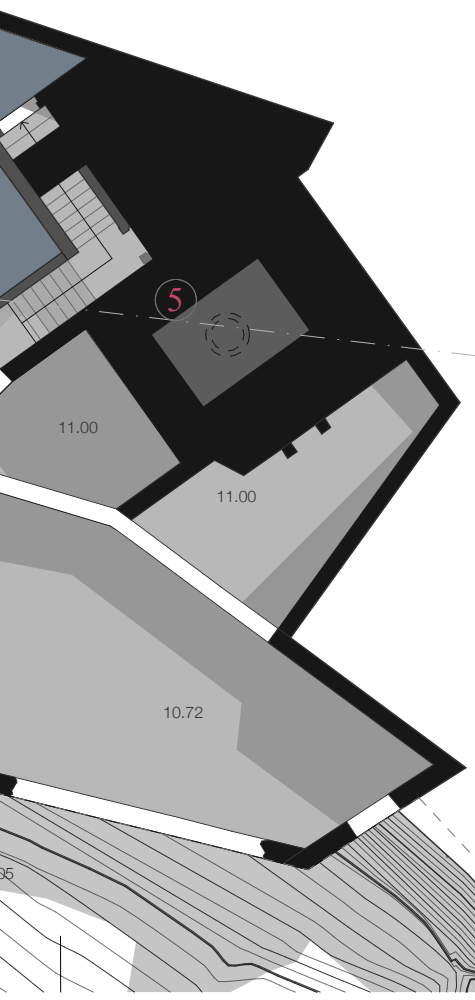
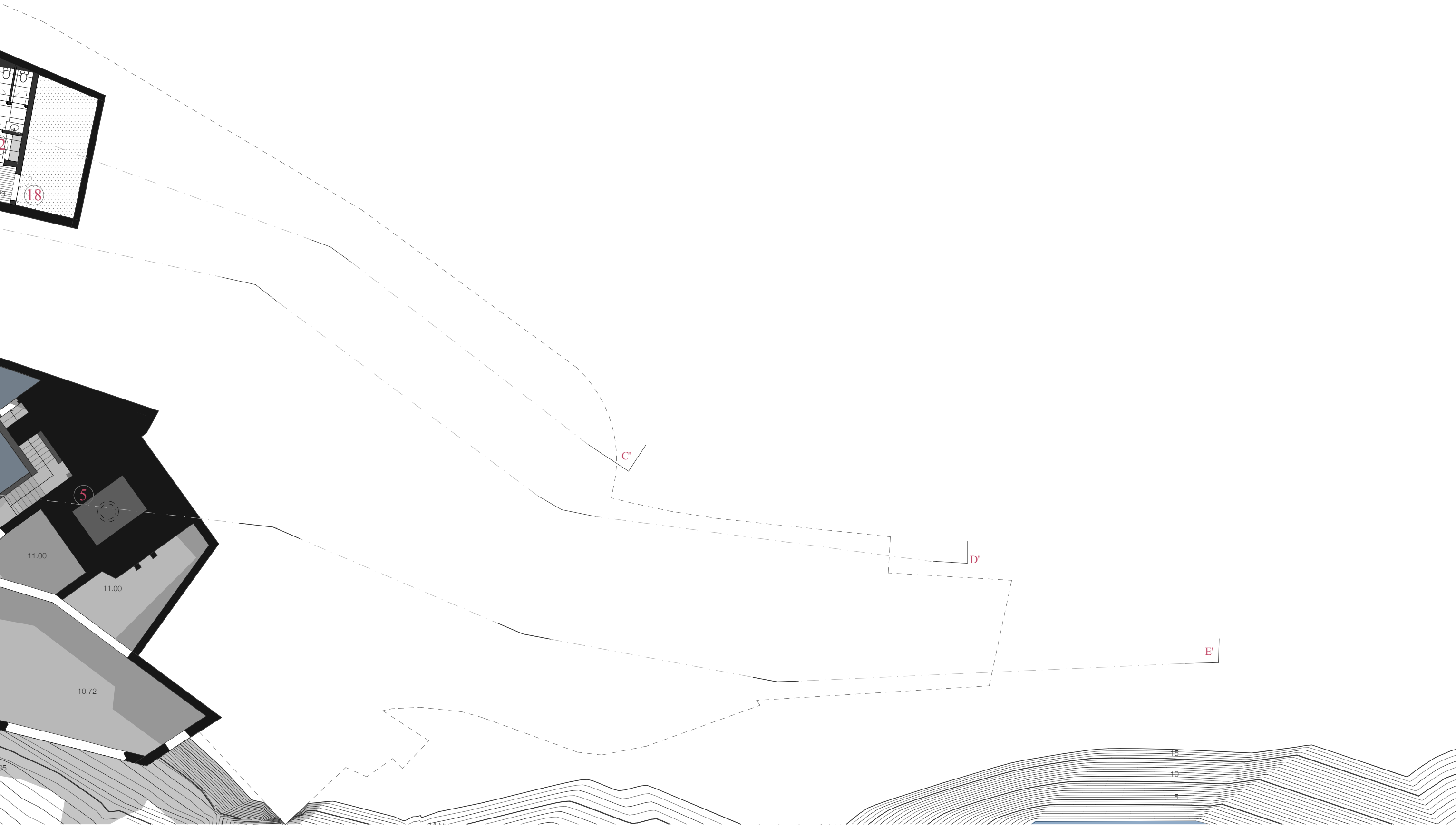
1/200 \_ Planta Intervenção  
Cota 17



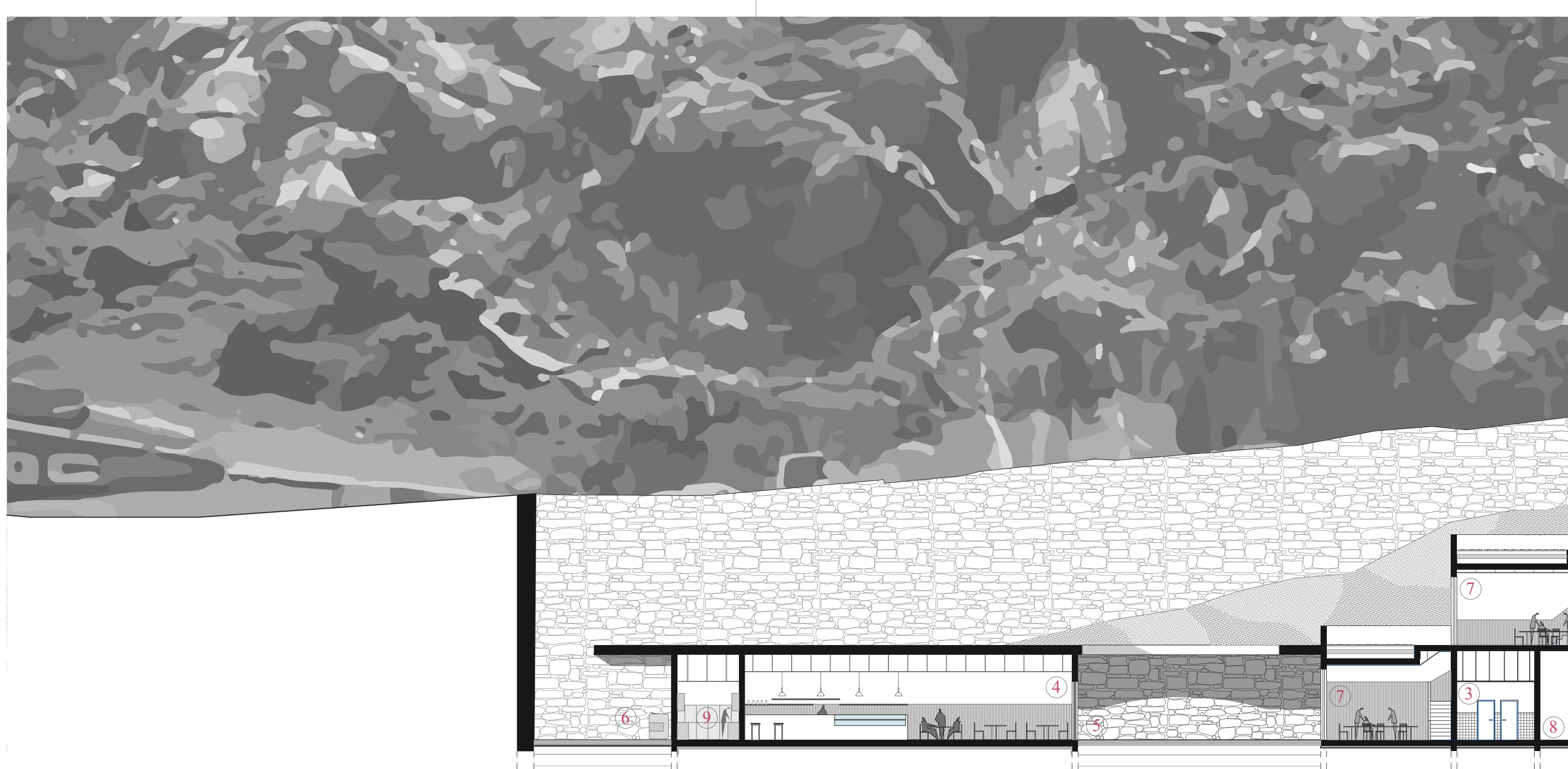
- 1\_ Fábrica de Cerâmicas do Senhor do Além
- 2\_ Capela do Senhor do Além
- 3\_ Cais
- 4\_ Lavadouros Públicos
- 5\_ Antigo forno da fábrica
- 6\_ Escadas de acesso ao cais

- 7\_ Rio Douro
- 8\_ Tanques
- 9\_ Edifícios secundários
- 10\_ Salas de Estudo
- 11\_ Café
- 12\_ Sanitários

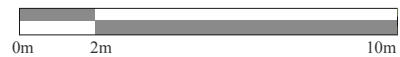
- 13\_ Sacristia
- 14\_ Entrada ao público
- 15\_ Entrada para estudantes
- 16\_ Copa
- 17\_ Depósito de Resíduos
- 18\_ Apoio às Salas de Estudo



15  
10  
5

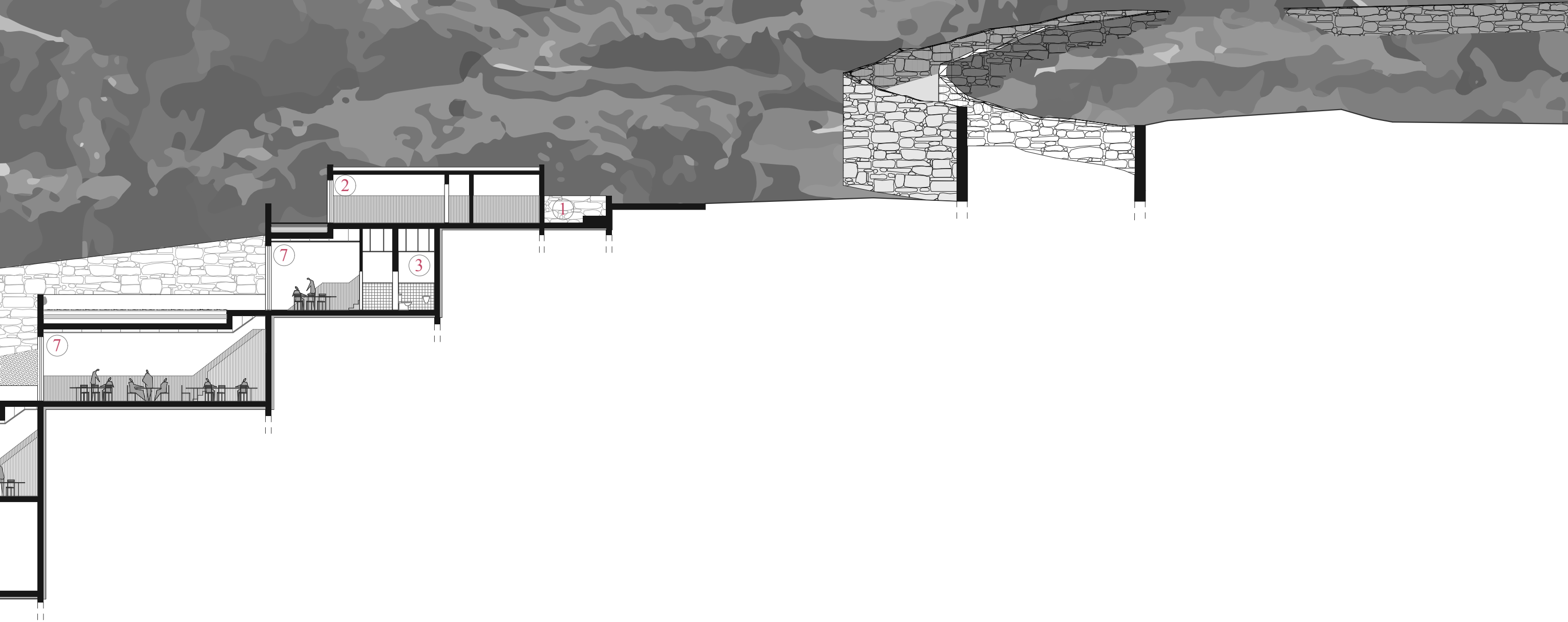


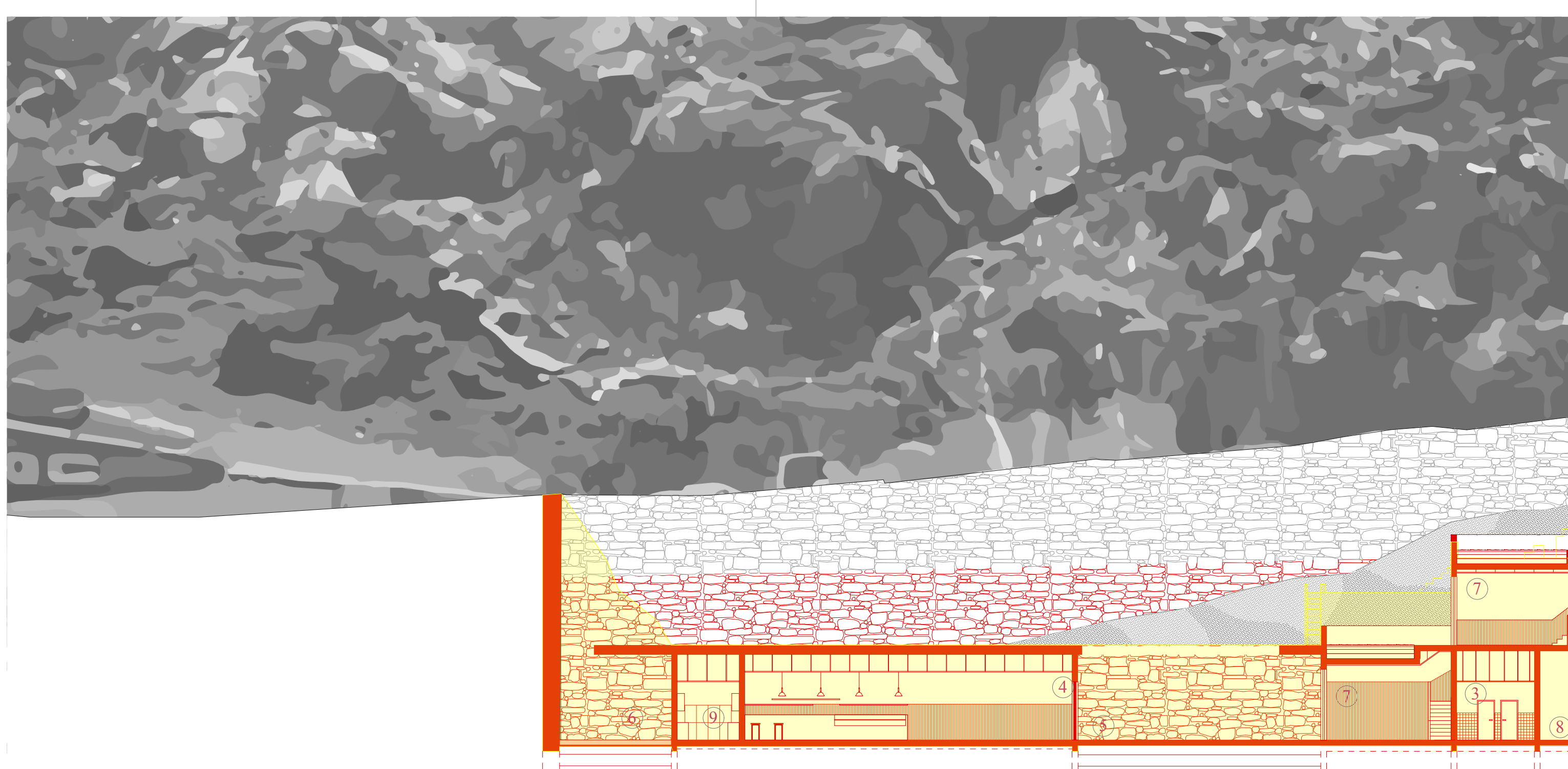
**1/200 \_ Corte CC'**  
**Corte pelas Salas de Estudo**



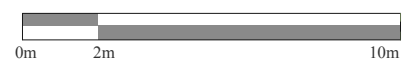
- 1\_Entrada Salas de Estudo
- 2\_Administrativo
- 3\_Sanitário
- 4\_Café
- 5\_Jardim
- 6\_Depósito de Resíduos

- 7\_Salas de Estudo
- 8\_Apoio às salas de estudo
- 9\_Copa



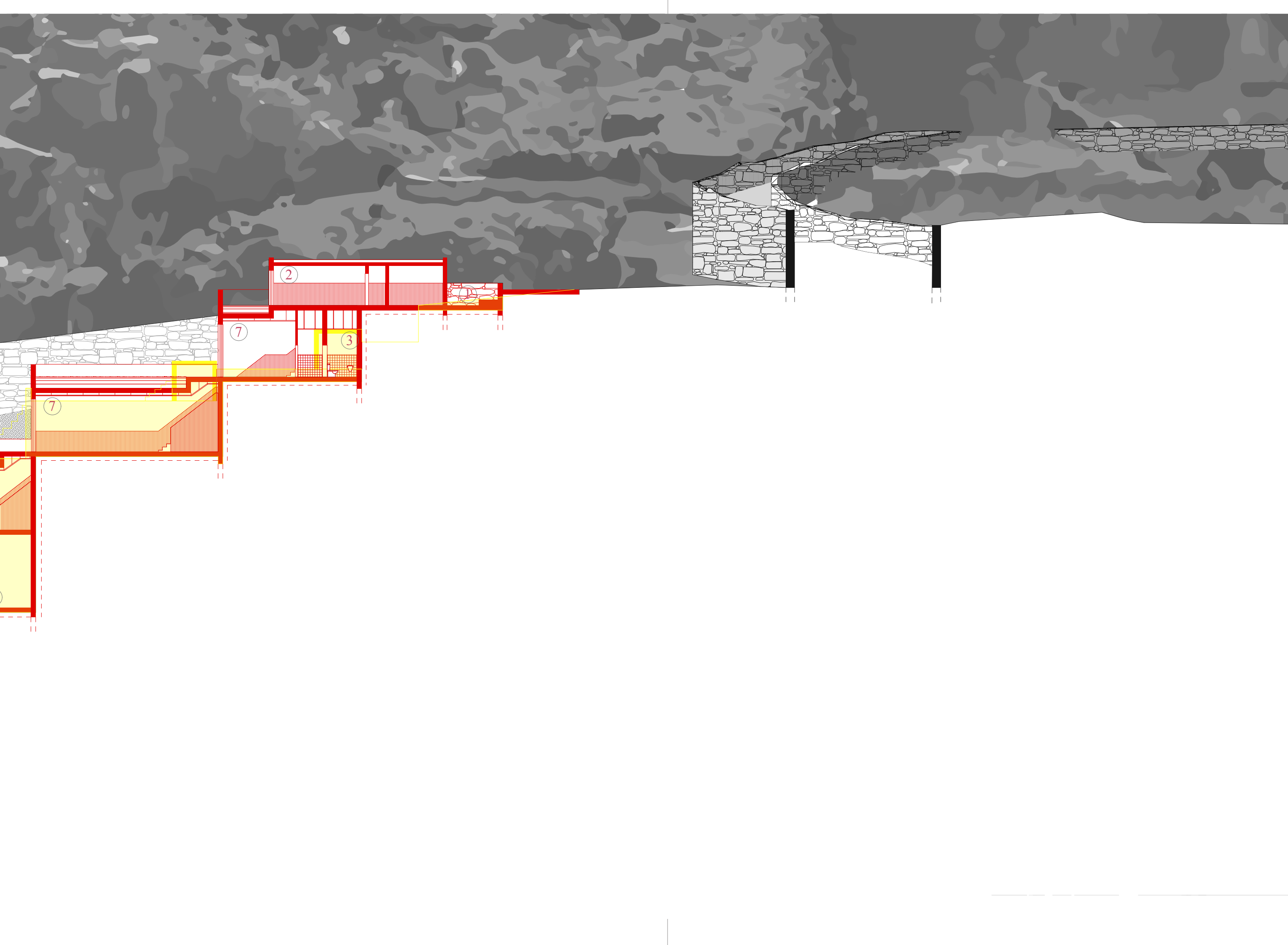


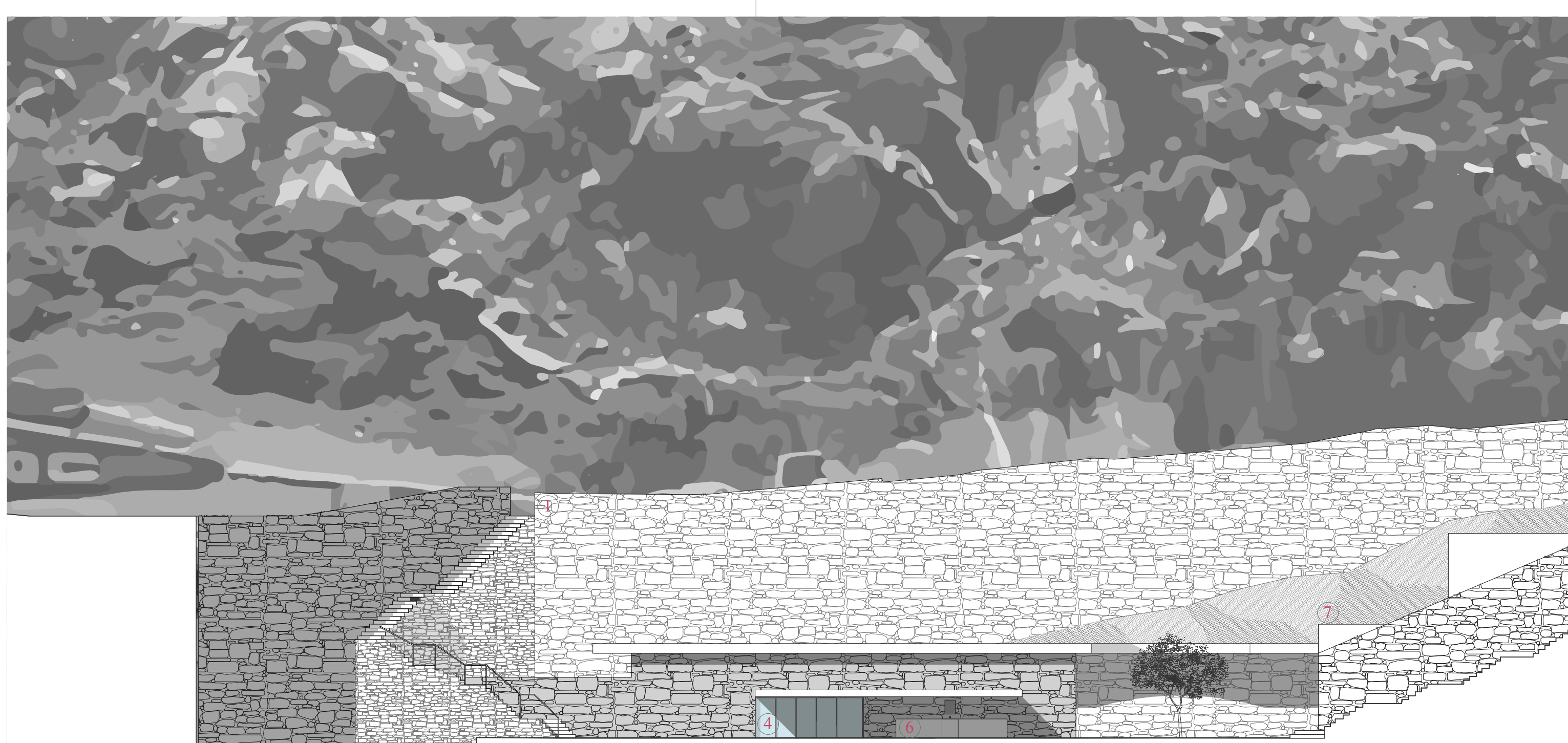
**1/200 \_ Corte CC'**  
**Vermelhos e Amarelos do Corte pelas Salas de Estudo**



- 1\_ Entrada Salas de Estudo
- 2\_ Administrativo
- 3\_ Sanitário
- 4\_ Café
- 5\_ Jardim
- 6\_ Depósito de Resíduos

- 7\_ Salas de Estudo
- 8\_ Apoio às salas de estudo
- 9\_ Copa





**1/200 \_ Corte DD'**  
**Corte pelas Escadas**



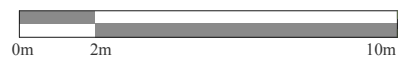
- 1\_ Entrada Espaço Público
- 2\_ Administrativo
- 3\_ Escadas de Acesso ao Jardim
- 4\_ Café
- 5\_ Jardim
- 6\_ Lavadouro

- 7\_ Salas de Estudo
- 8\_ Entrada Sala de Estudo





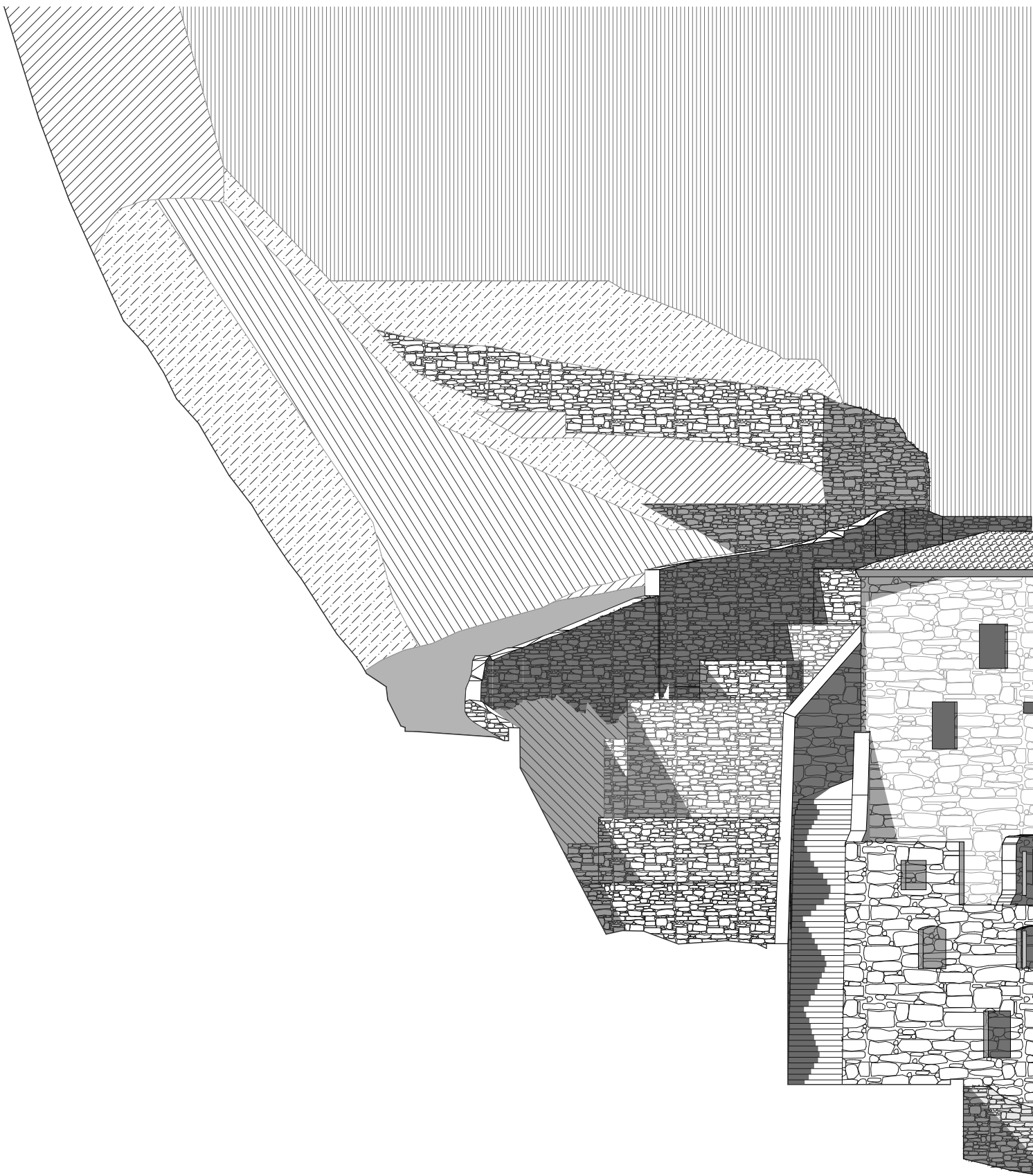
1/200 \_ Corte CC'  
Corte pelas Salas de Estudo



- 1\_ Entrada Salas de Estudo
- 2\_ Salas de Estudo
- 3\_ Sanitário
- 4\_ Café
- 5\_ Jardim
- 6\_ Lavadouro

- 7\_ Anfiteatro
- 8\_ Sacristia
- 9\_ Ruínas
- 10\_ Tanques
- 11\_ Forno

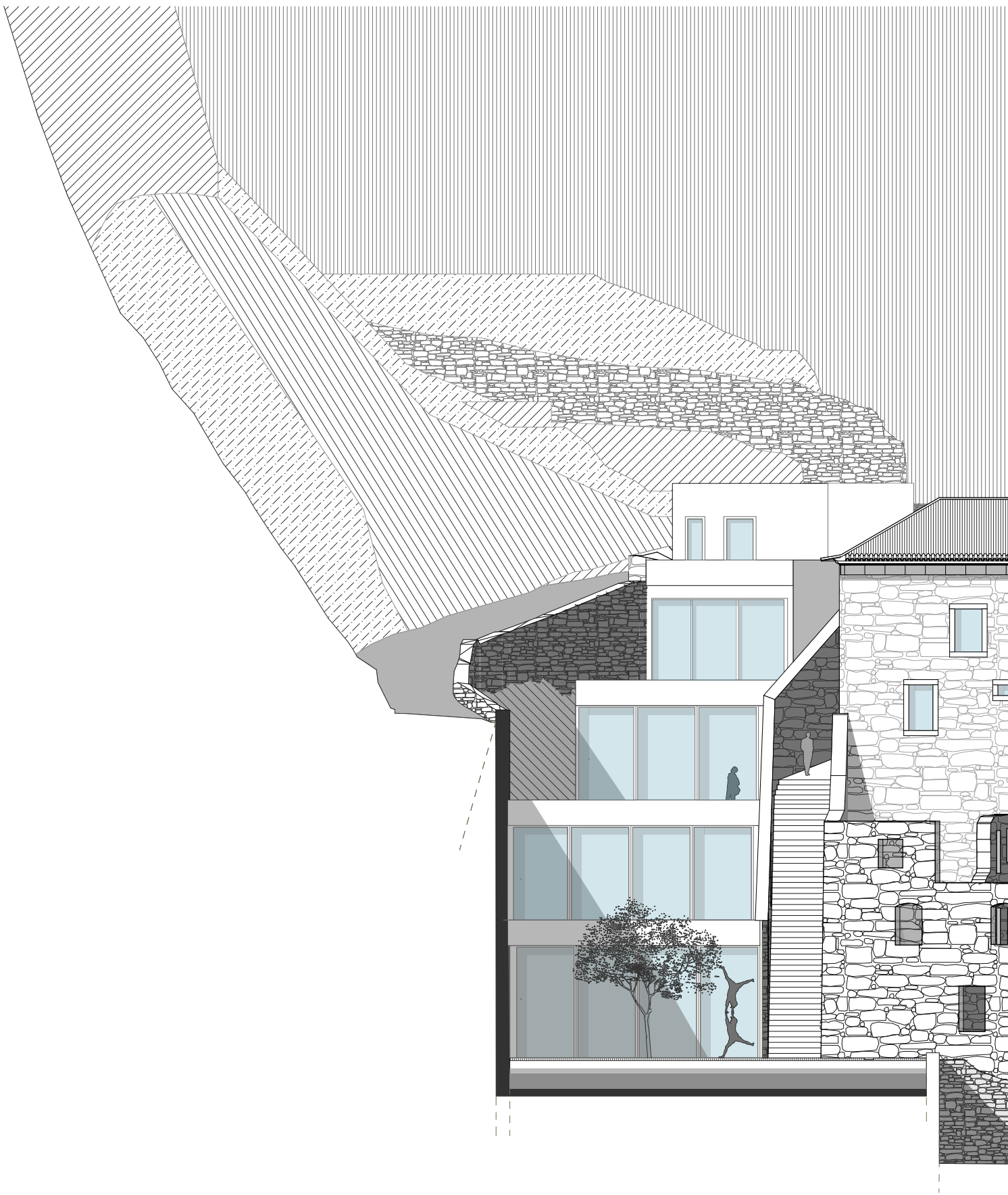




**1/200 \_ Corte AA'**  
**Corte da Situação Atual**

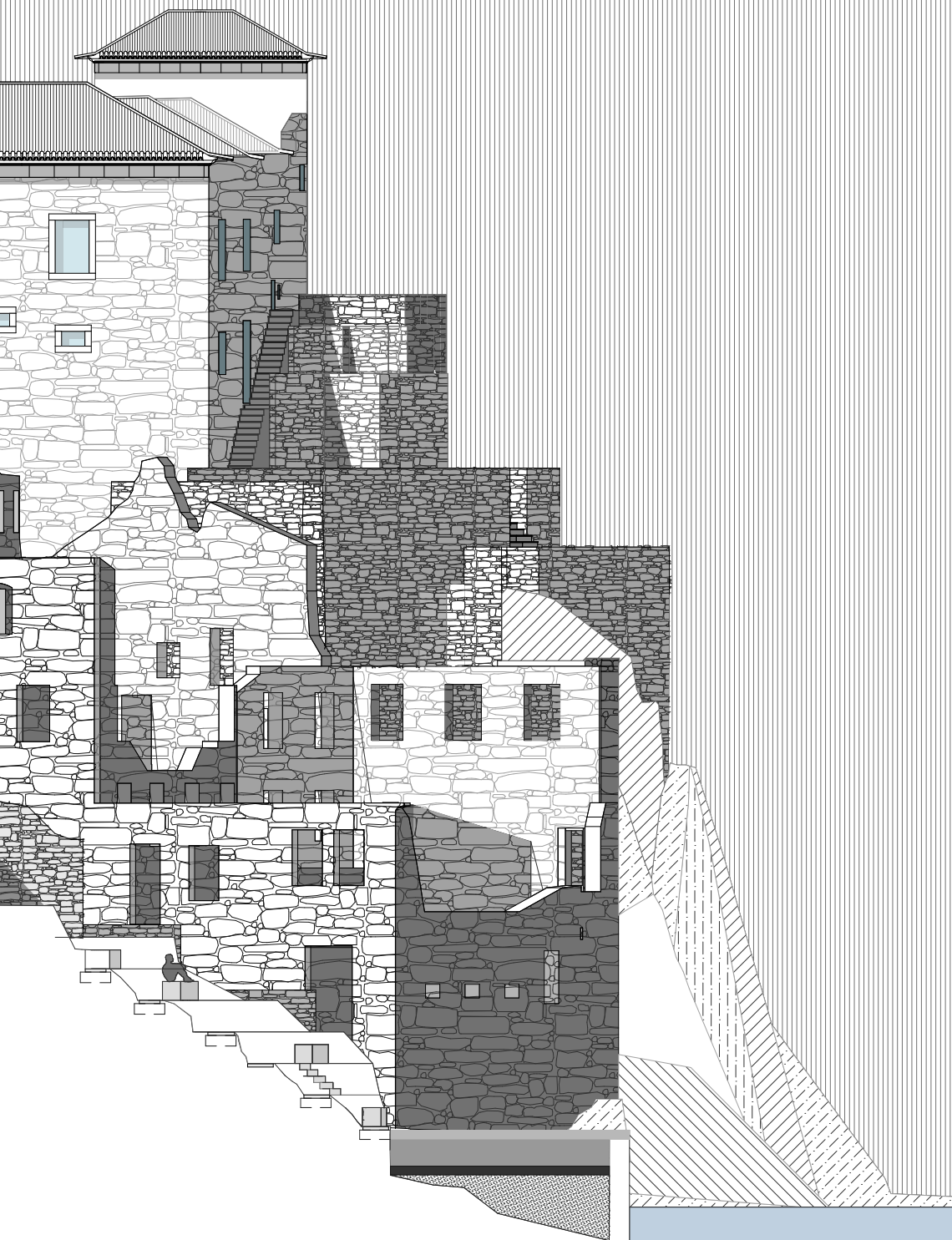






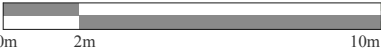
**1/200 \_ Corte AA'**  
**Corte pelo Projeto**

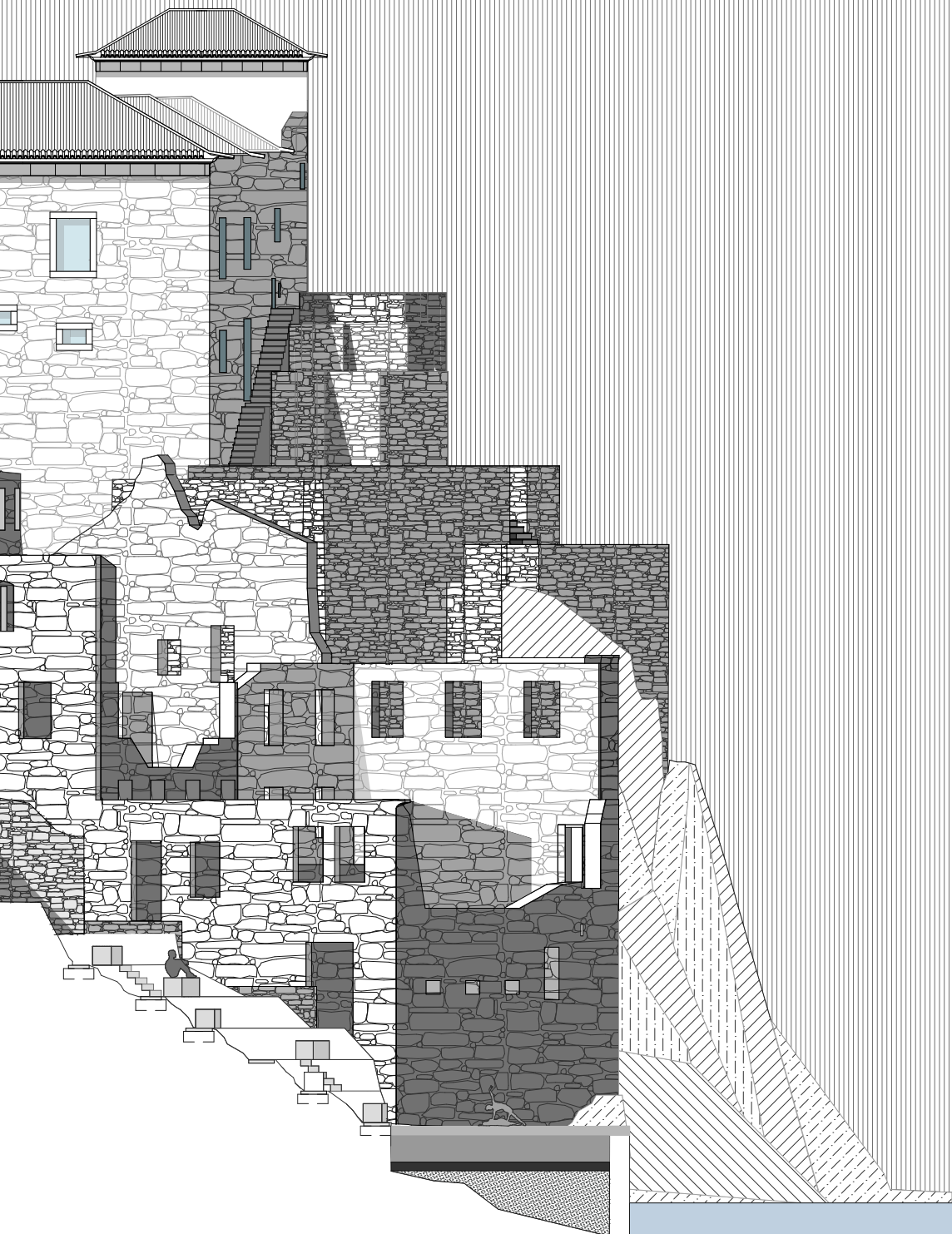






**1/200 \_ Corte BB'**  
**Corte pelo Café e pelo Anfiteatro**



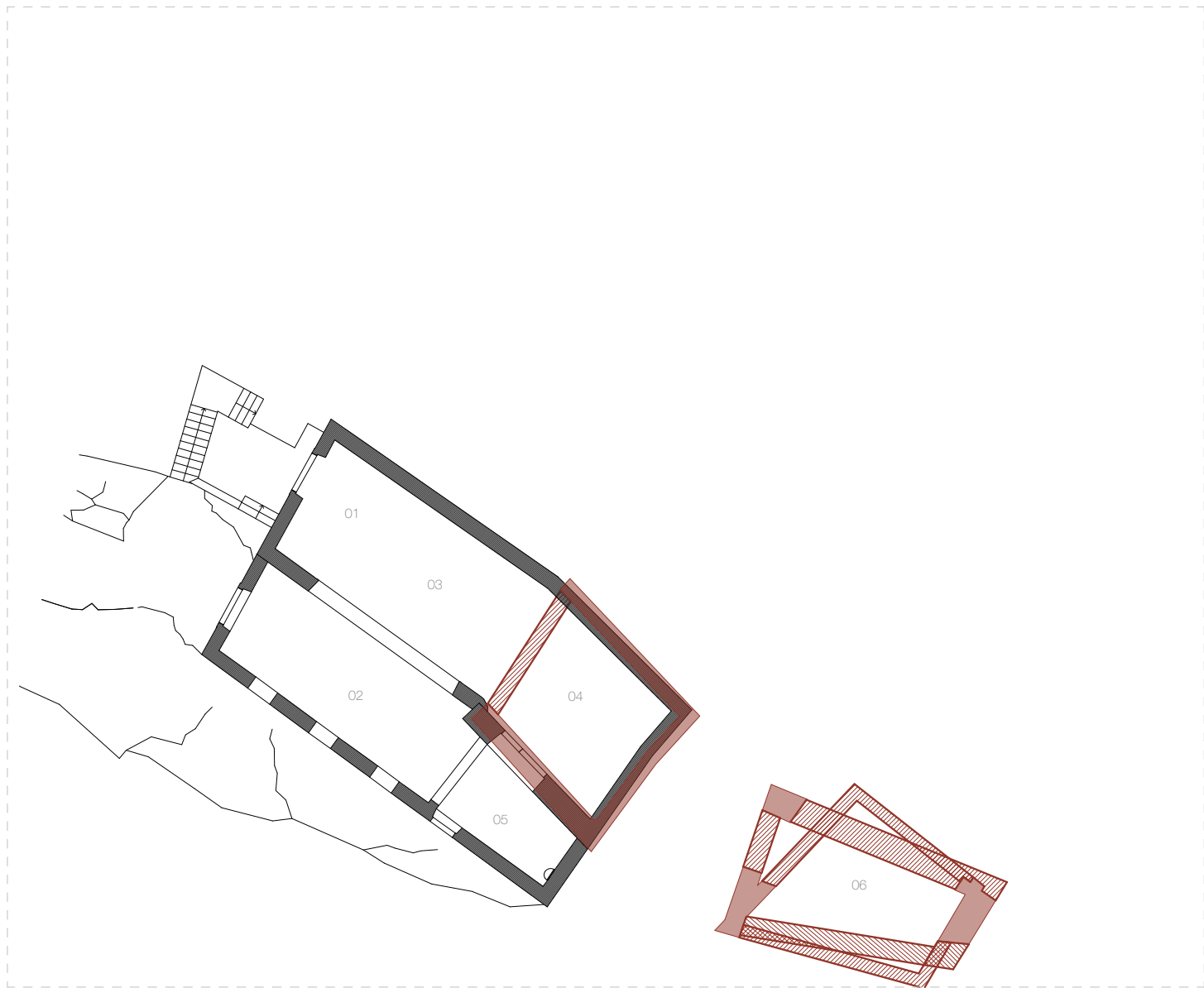




## ***II\_ Sobreposição de Pisos***

Análise Funcional dos vários espaços da Fábrica de Cerâmicas do Senhor do Além

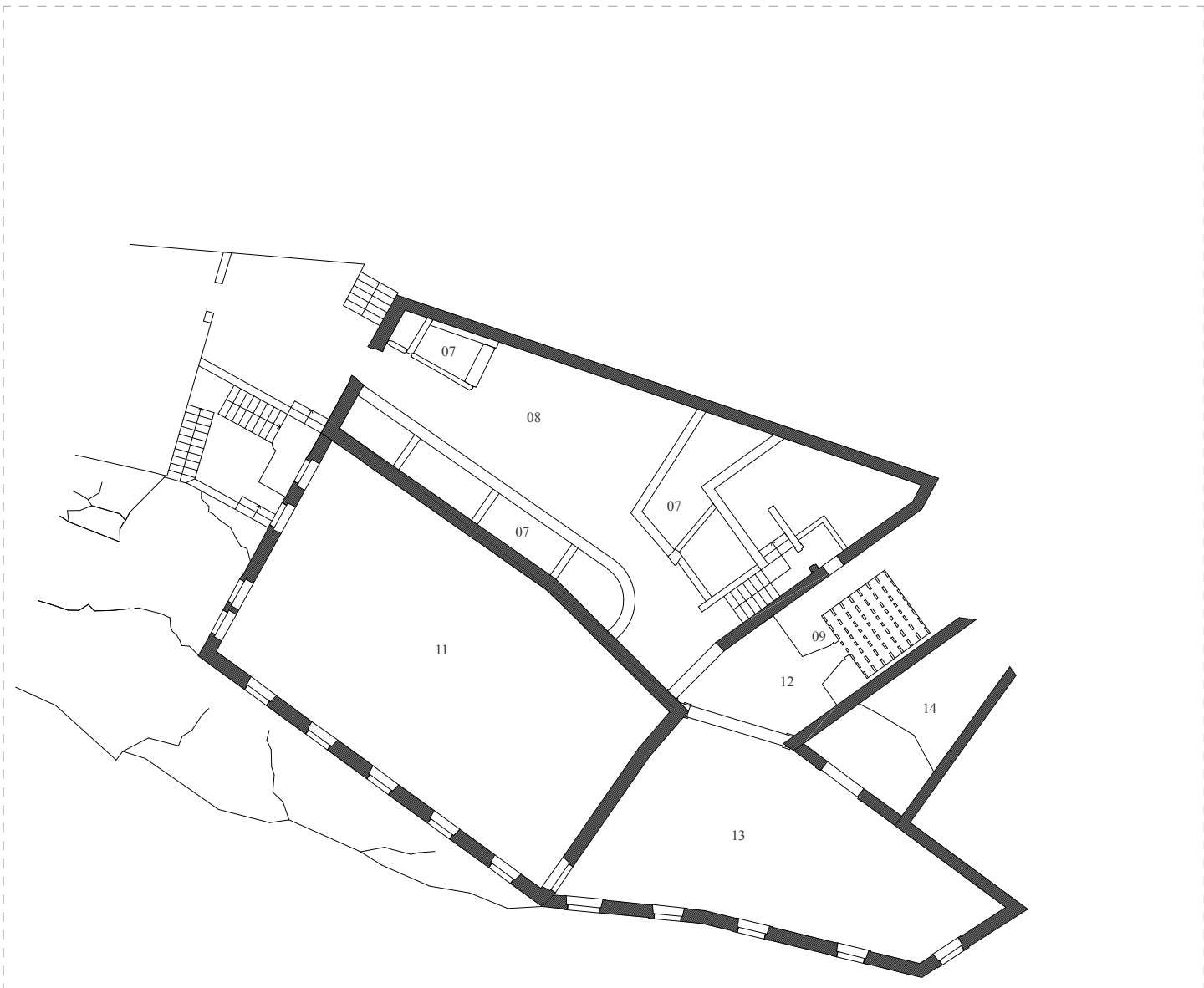
NOTA\_ O presente conjunto de desenhos, deveria ser apresentado, teoricamente, sobre a forma vegetais sobrepostos, na página 50 em conjunto com a descrição funiocnal apresentada. Devido à impossibilidade de representação em formato digital foi decidido colocar o último e os restantes apresentados em anexo.



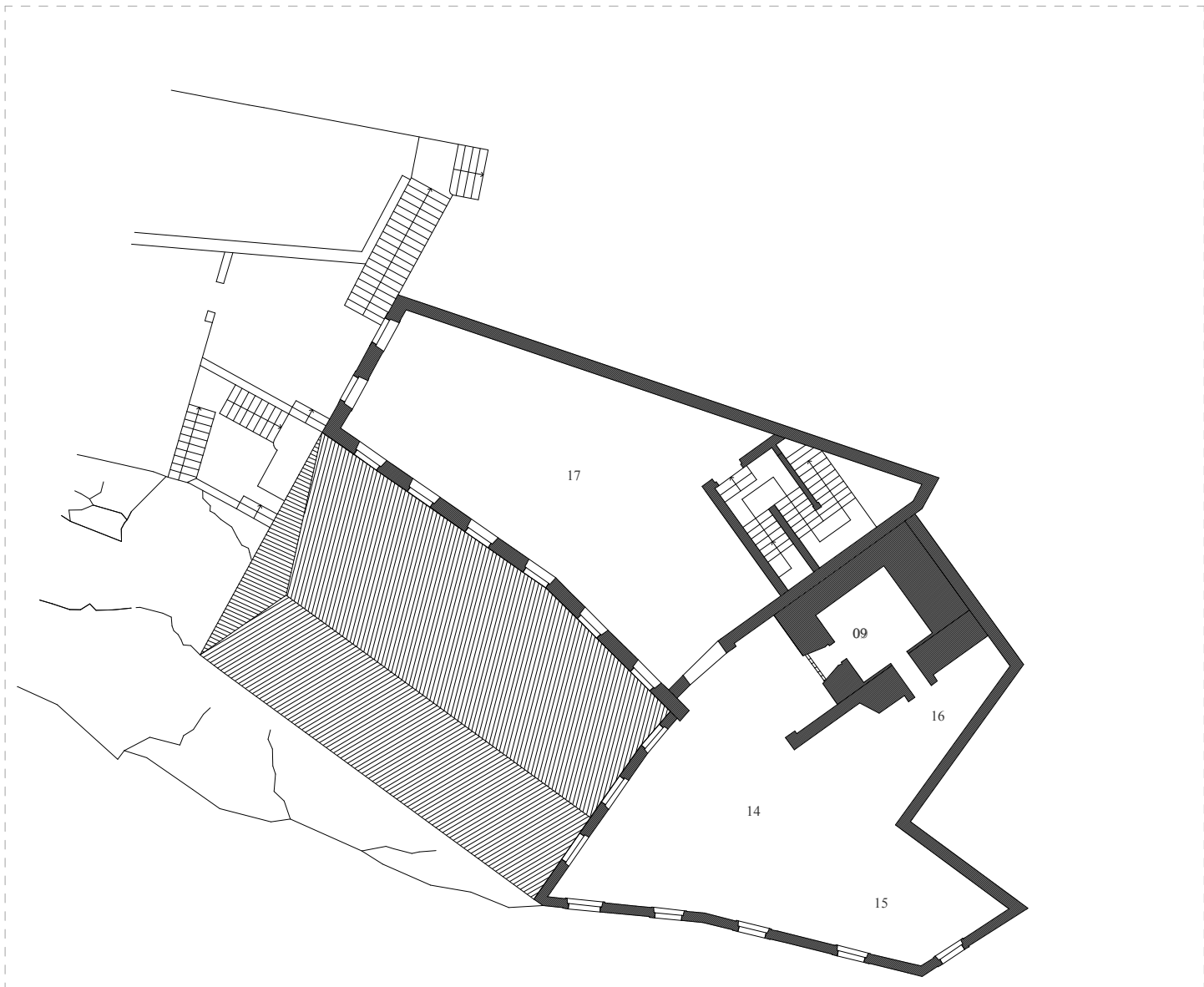
Ⓛ Planta Cota 9.2

- 01\_Capela
- 02\_Armazém de Matérias-primas (?)
- 03\_Casa Moinhos
- 04\_Antiga Ermida
- 05\_Sacristia (?)
- 06\_Casa do Ermitão
- 07\_Tanque
- 08\_Preparação da Massa
- 09\_Forno
- 10\_Acesso ao forno e câmara inferior

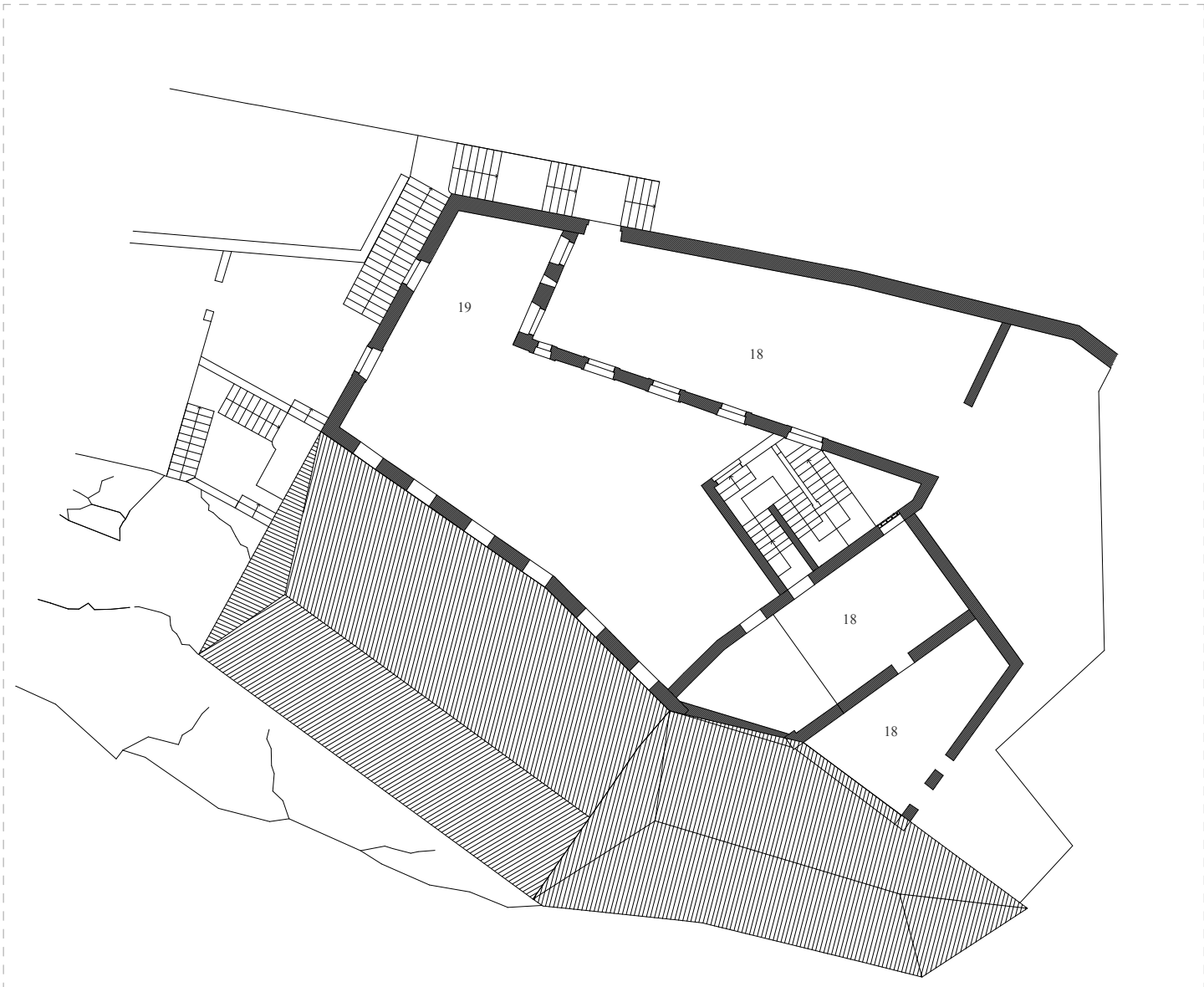
- 11/12\_Armazém dos produtos finais
- 13\_Armazém de argila
- 14\_Dormitório dos operários (1861) e antigo armazém de porcelana
- 15\_Acesso à câmara superior do forno
- 16\_Casa das rodas e pintura
- 17\_Estufa
- 18\_
- 19\_Escritório



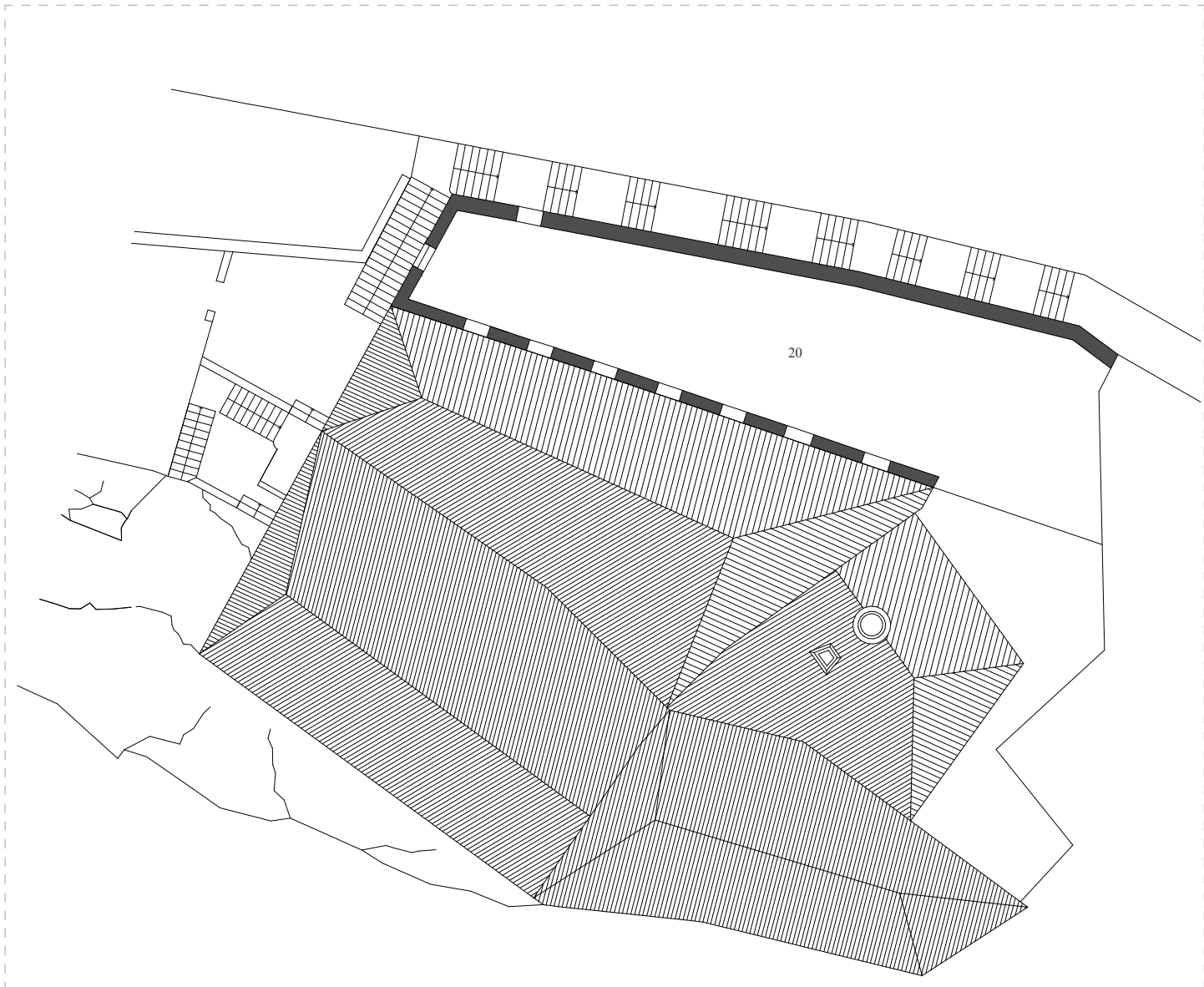
⊙ Planta Cota 12.2M



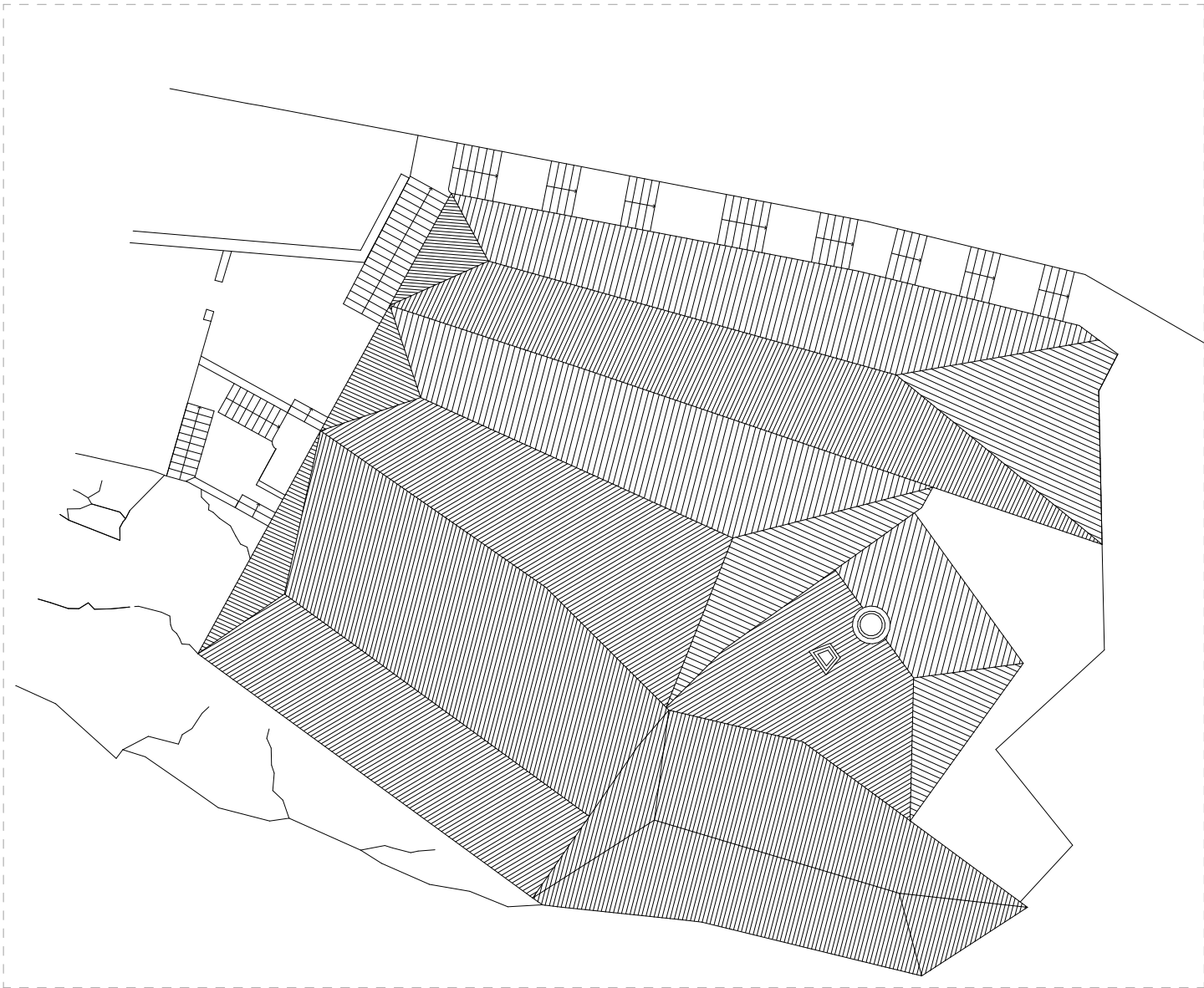
**Planta Cota 16.2M**



⊙ **Planta Cota 20.2M**



**Planta Cota 23.3**

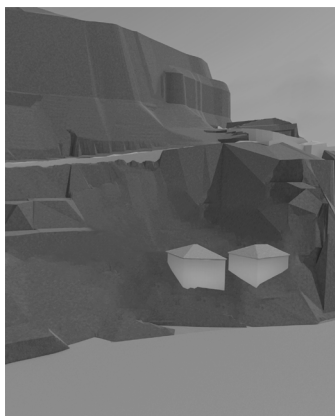
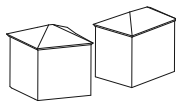


Planta Cota 26.3

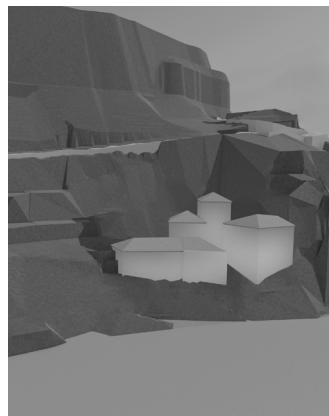
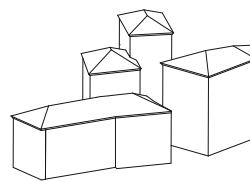


### *III Análise Evolutiva*

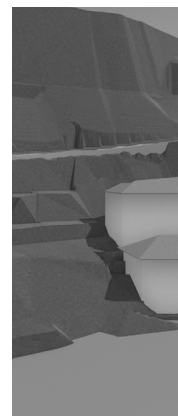
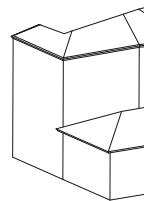
Estudo e representação da evolução volumétrica da  
Fábrica de Cerâmicas do Senhor do Além



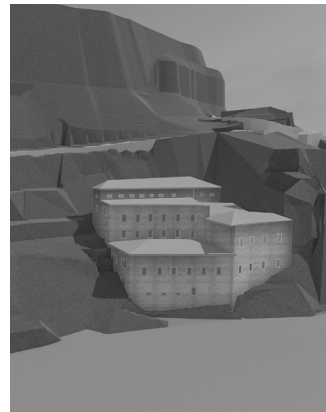
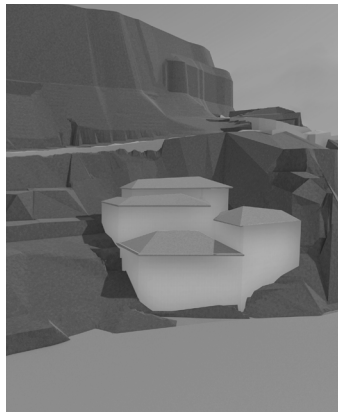
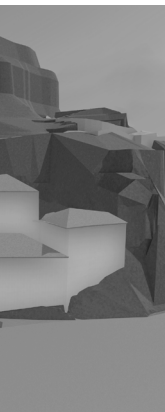
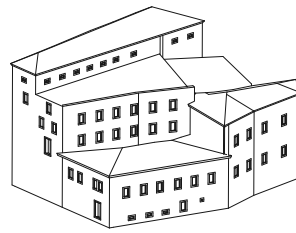
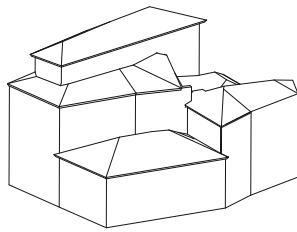
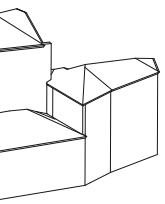
Representação da Ermida de S. Nicolau e a Casa do Ermitão (Século XVI).



Representação do hospício das Carmelitas Calçadas (Século XVIII/XIX).



Representação p  
imagem de Fr  
(Meados do Séc  
XIX).



partindo de uma  
ederick Flower  
culo

Representação da possível  
ampliação do edifício para  
a adaptação da fábrica (2<sup>a</sup>  
Metade do Século XIX).

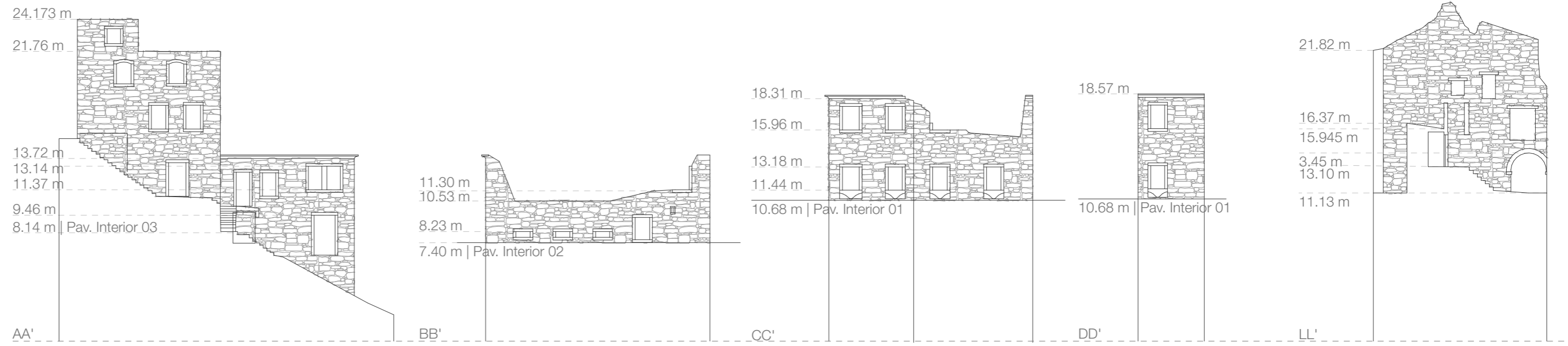
Representação do edifício em  
1886.



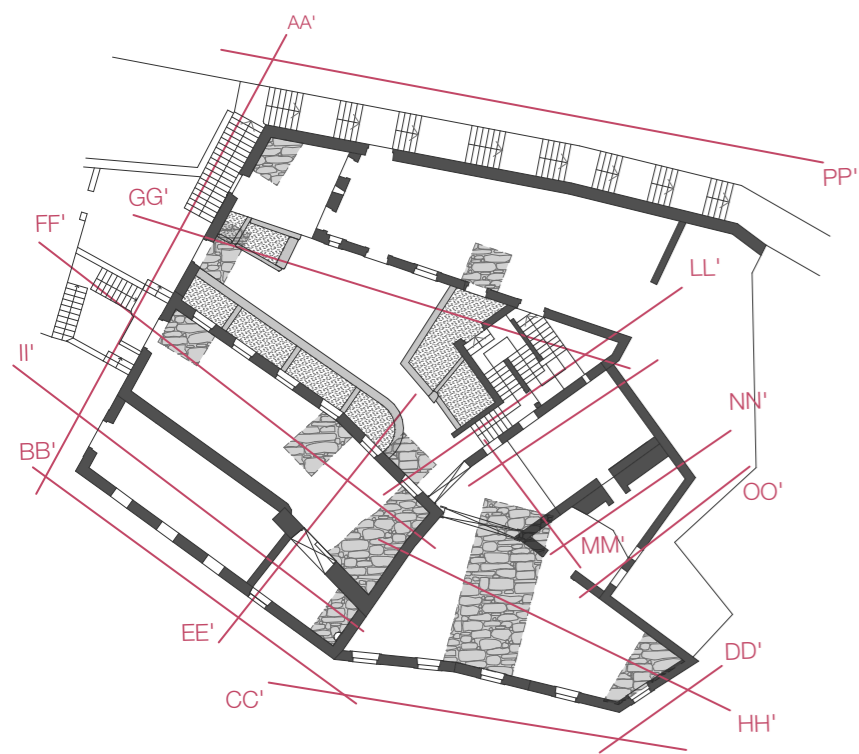
## *IV\_Levantamento Fachadas*

Estudo realizado graças aos documentos fornecidos pela Arquiteta Bianca Schiavoni utilizados na sua Tese de Mestrado

(Re)Interpretar uma Memória

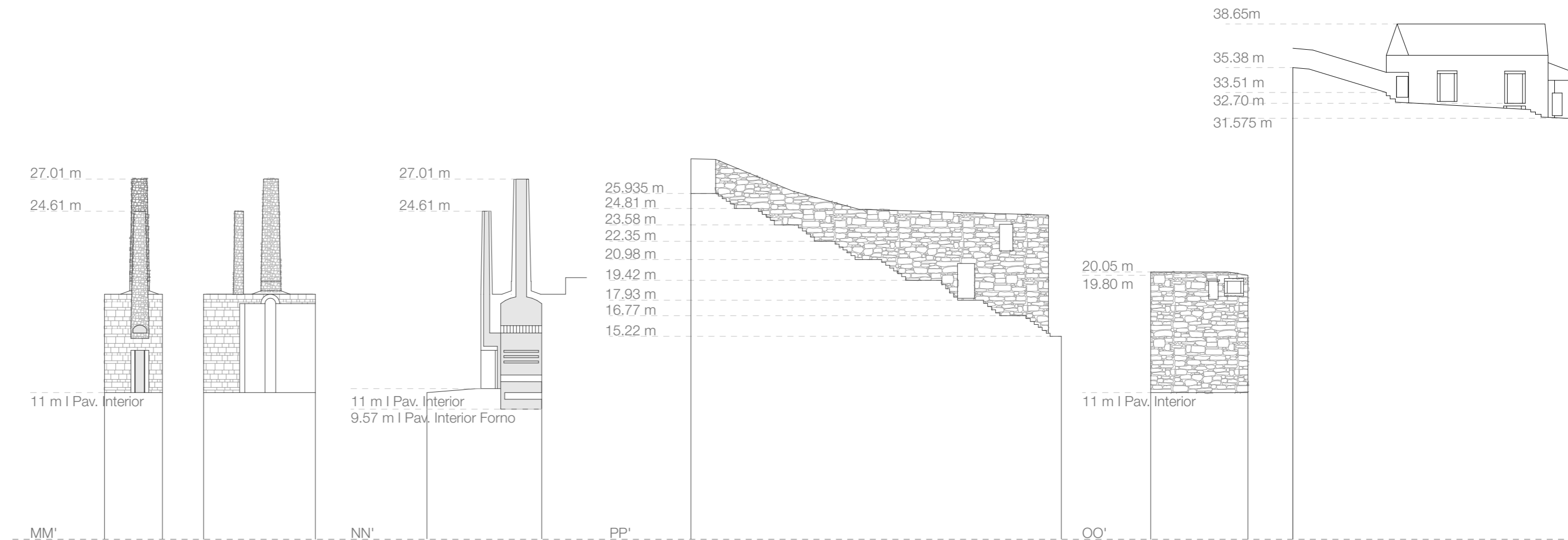


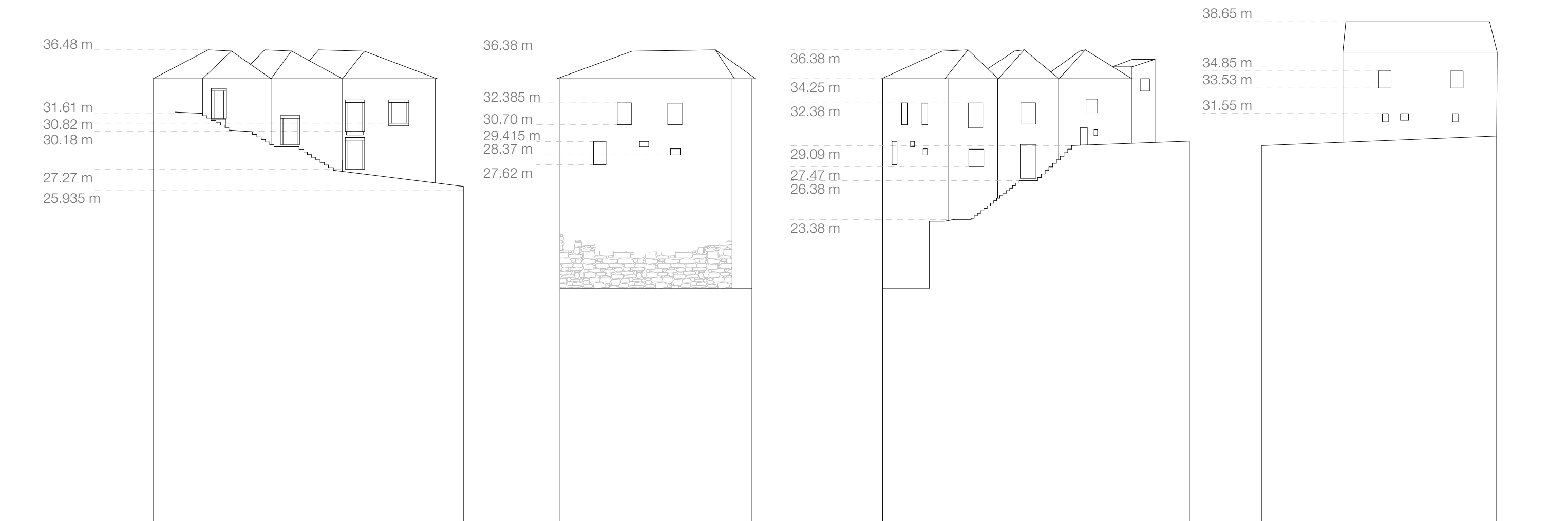
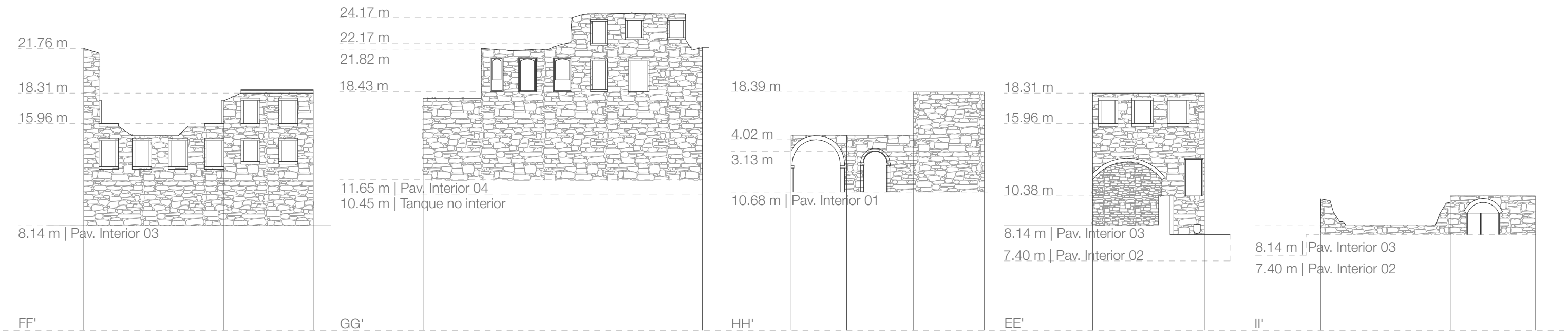
Planta Edifício Principal da Fábrica de Cerâmicas do Senhor do Além



Legenda:

- Paredes/Limites Fábrica
- Limite dos Tanques
- Localização das Sondagens Arqueológicas
- Interior dos Tanques



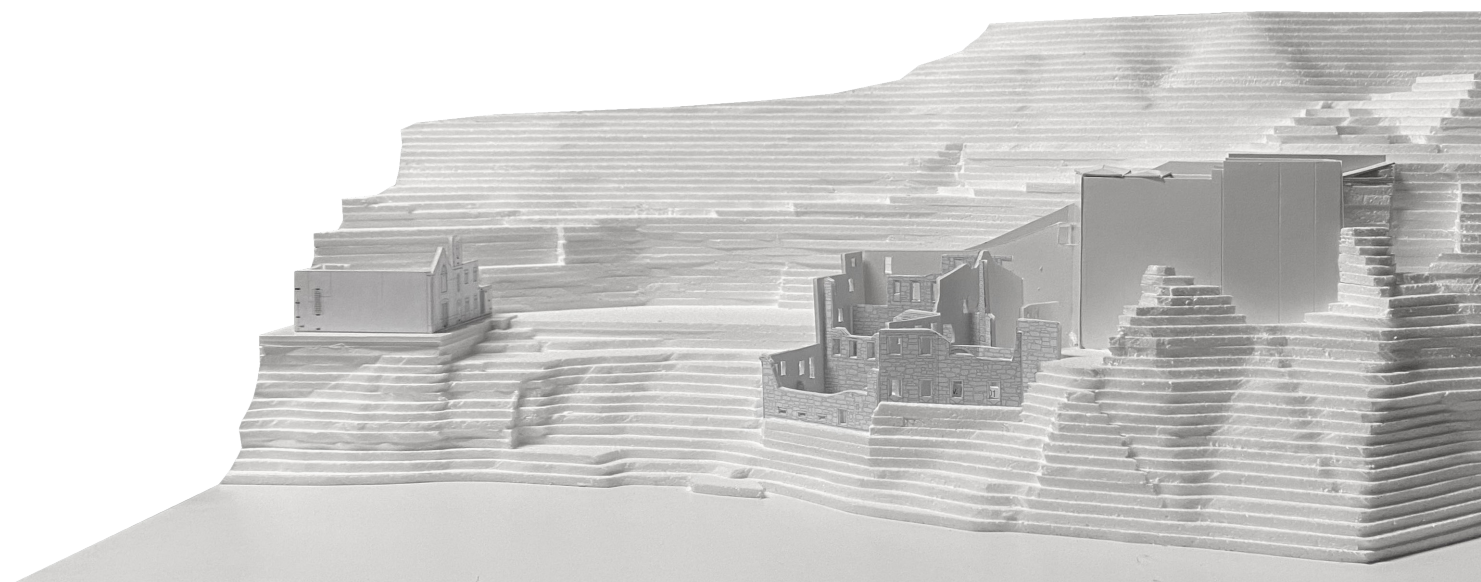
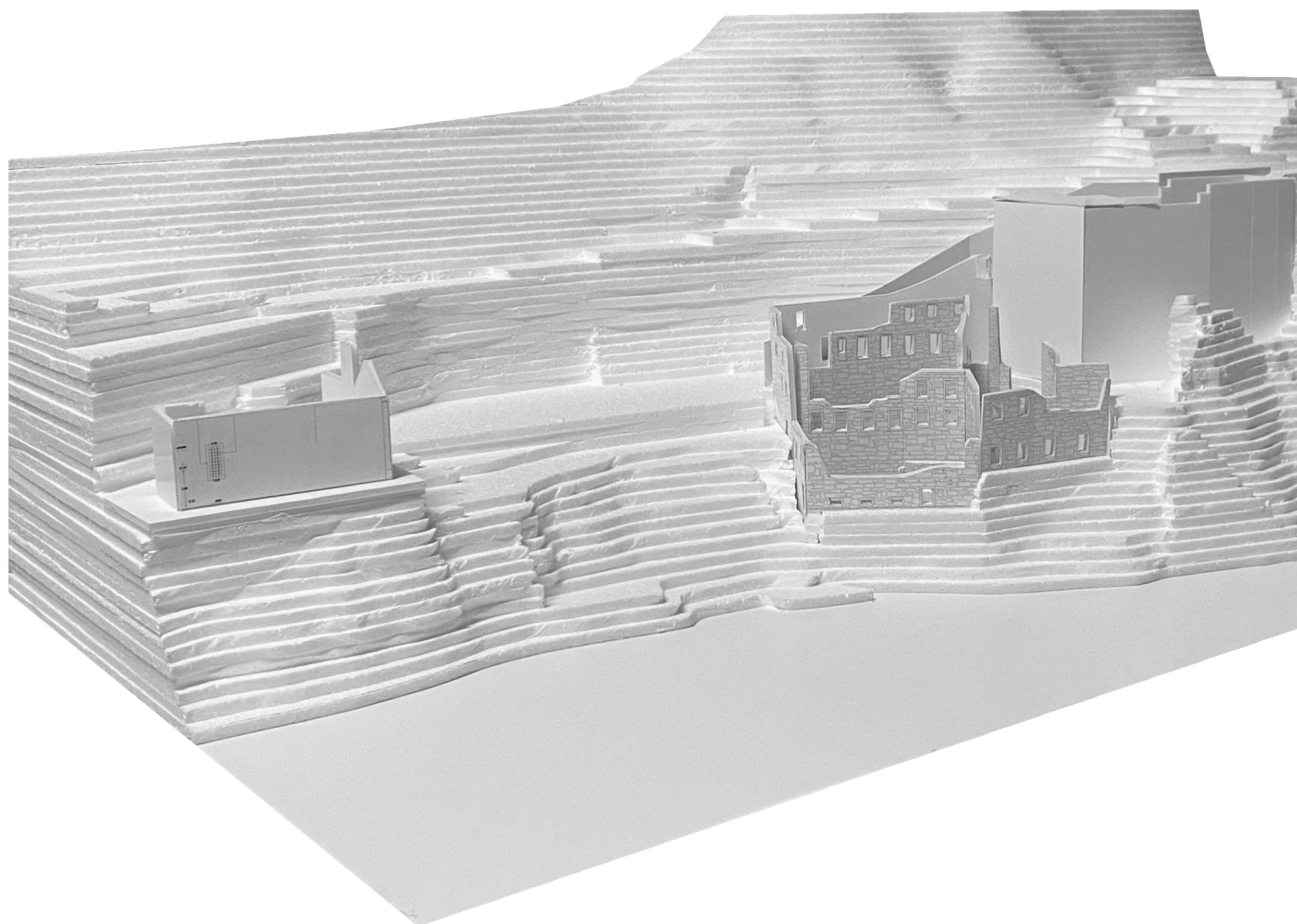


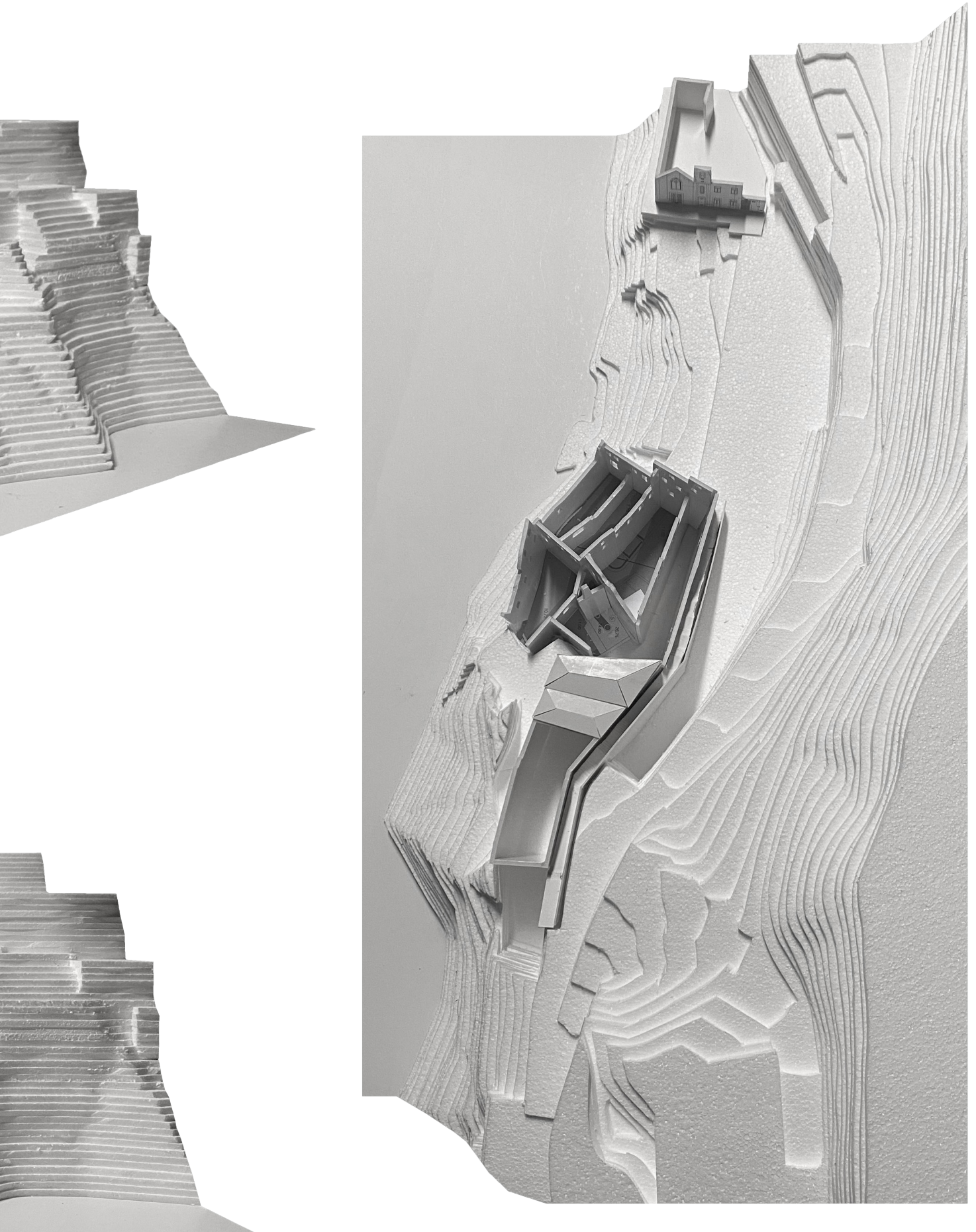


## *V\_ Fotografias da Maquete*

Maquete de estudo da volumetria da escharpa existente e dos edifícios do Complexo da Fábrica de Cerâmicas do Senhor do Além

Escala 1/200



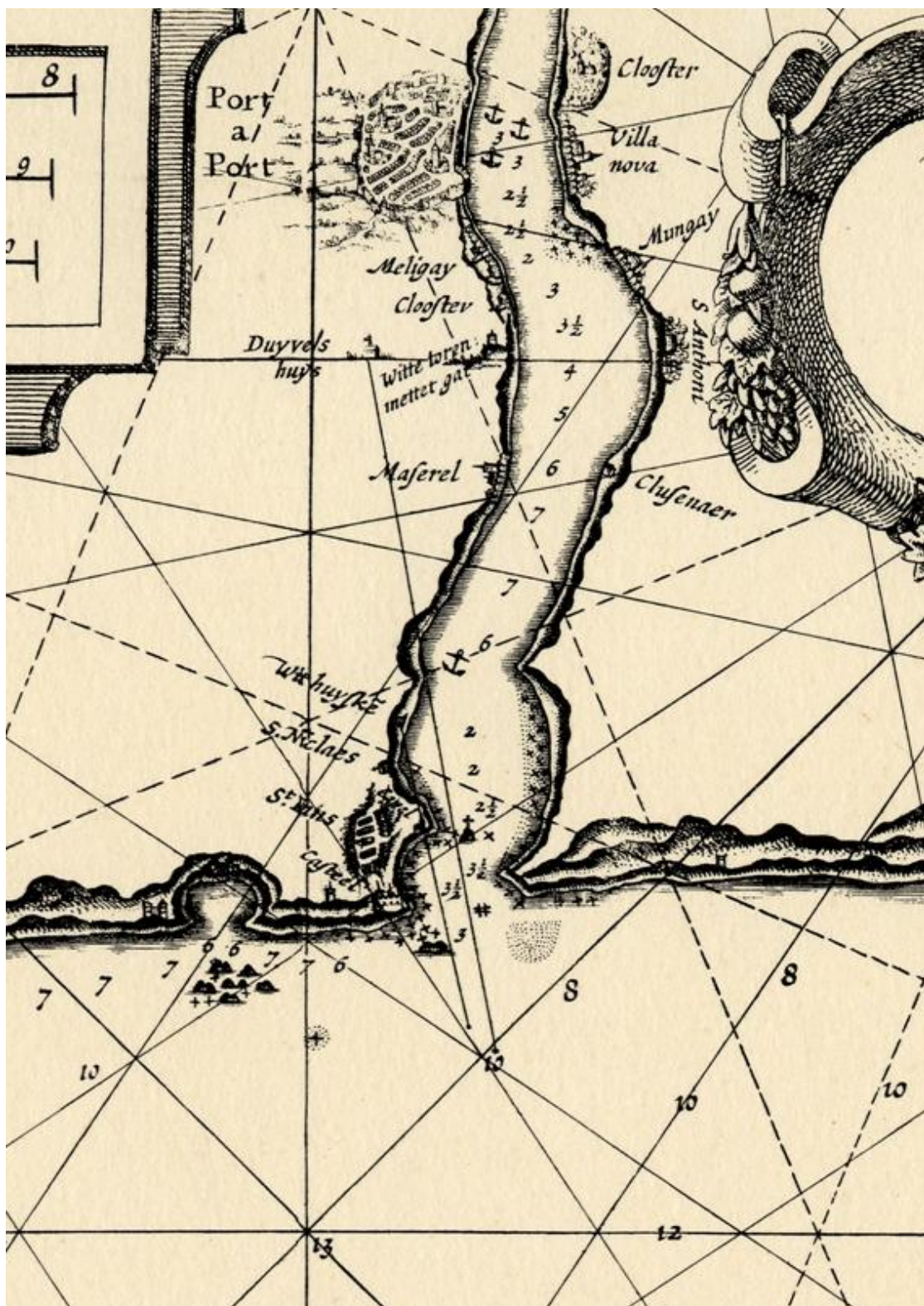




## *CORPO DE APÊNDICES*



*VI\_Cartografia*



Cartografia.01 - Carta do Rio Douro e perspectiva da cidade do Porto em 1639  
Mapa da coleção Zeespiegel de Willem Jansz Blaeu



Cartografia.02 - Planta do Porto e Vila Nova de Gaia da passagem do exército britânico pelo rio Douro em 1809  
Autoria de James Wyld publicada em 1840 em Londres

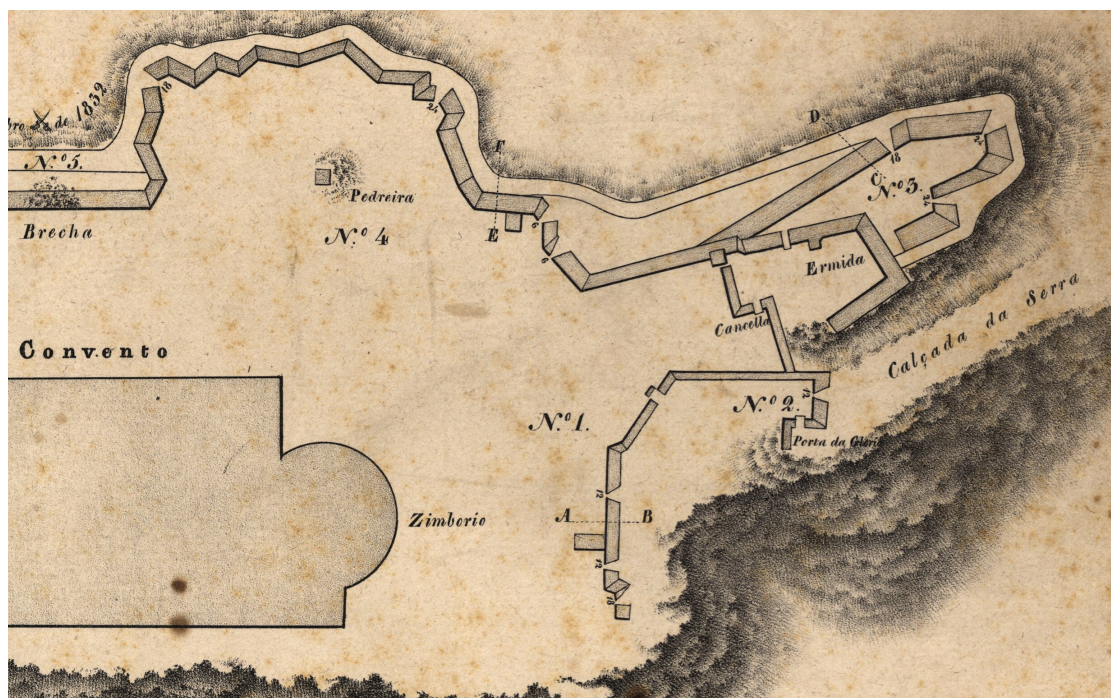


Cartografia.03 - Mapa do Porto e Vila Nova de Gaia com a indicação da localização original da 1ª Capela de S. Nicolau e com a 2ª Ermida na escarpa norte já representada à biera rio Plano topographico da cidade do Porto impresso em Londres em 1813





**Cartografia.05 - Planta do Porto e Vila Nova de Gaia (parcial)**  
em 1825 com indicação de volumes na área do Senhor do Além  
Autoria de José Francisco de Paiva

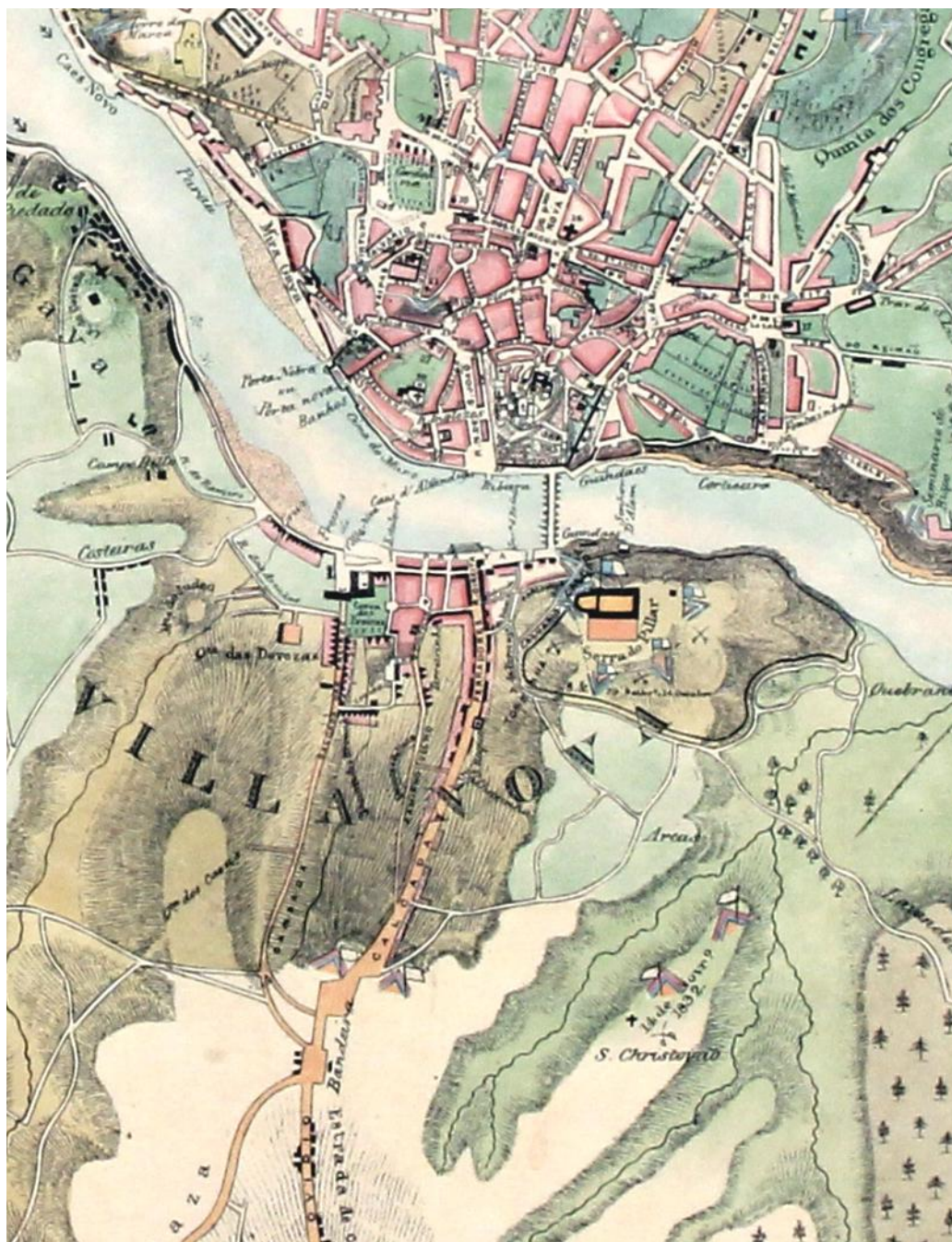


Cartografia.06 - Planta do edifício da Serra do Pilar com indicação da localização da 1ª Ermida em 14 de Outubro de 1832 (aprox.)

Autoria de António Carvalho de Lemos



Cartografia.07 - Planta do Porto e Vila Nova de Gaia em 1833 com indicação da 2ª capela dedicada a S. Nicolau e representação da Ponte das barcas  
Autoria de William Barnard Clarke (desenho) e Josiah Henshall (gravura)



Cartografia.08 - Planta do Porto e das suas vizinhanças  
Reprodução do mapa de 1833







*VII\_ Gravuras e Fotografias*



**Imagem01** - Vista da Serra do Pilar representando uma pequena  
“capela” no lado direito, em Vila Nova de Gaia em 1838  
Autoria de James Holland



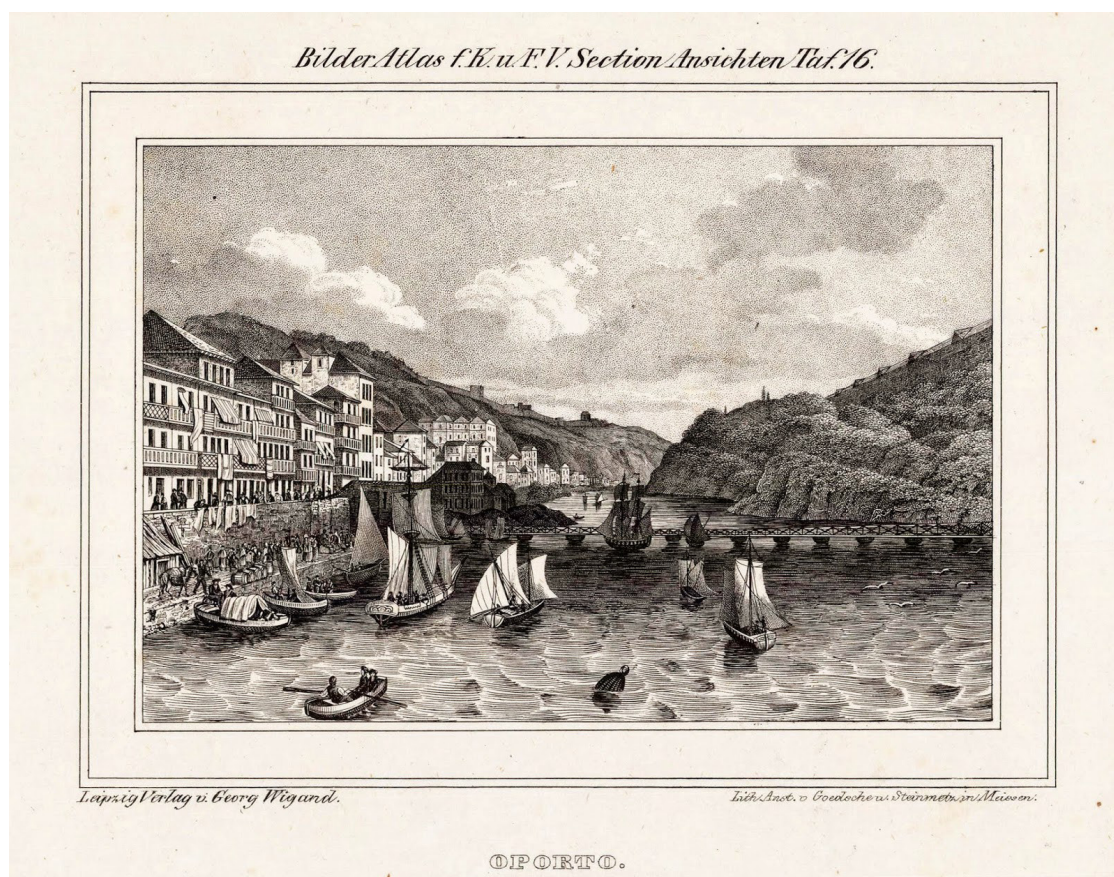
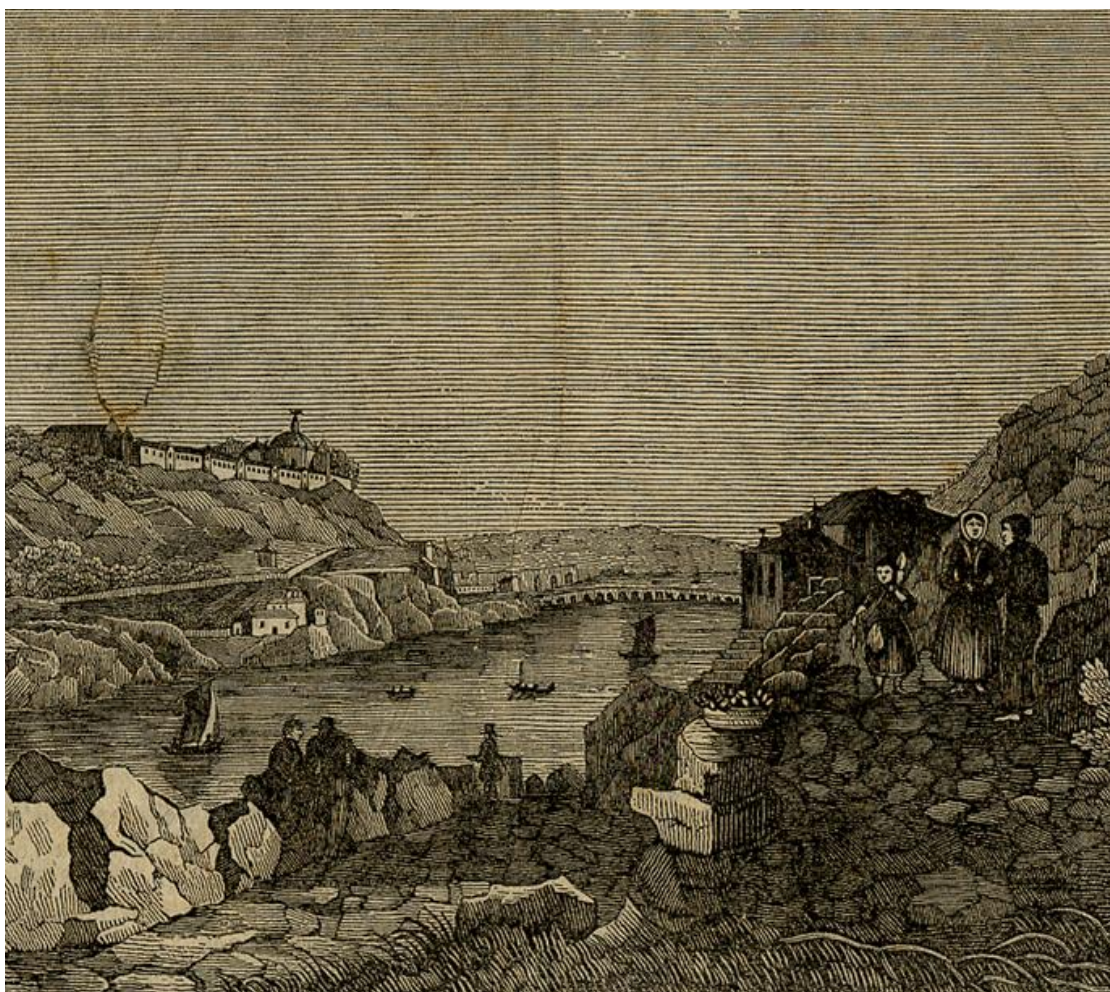


Imagem03 - Ponte das Barcas em 1830  
Autoria de Leipzig Verlag, Georg Wigand



**Imagem04** - Reprodução de gravura publicada em 1789, com representação de uma capela perto do Convento da Serra  
Autoria de Teodoro de Sousa Maldonado (des.) e Manuel da Silva Godinho (grav.)



**Imagem05** - Vista do rio Douro e da Serra do Pilar, na primeira metade do século XIX, tirada das Fontainhas, representada uma das primeiras fases do complexo da Fábrica  
Autoria de Joseph James Forrester



Imagem06 - Vista da entrada da barra da cidade do Porto, tirada da parte do norte da Torre da Marca  
Autoria de Manuel Marques de Aguiar (des. e grav.)



**Imagem07** - Reprodução da gravura publicada em 1829, em primeiro plano as fontainhas, em segundo o complexo do Hospício do Senhor do Além  
Autoria de Robert Batty (des.); Thomas Jeavons (grav.)



**Imagem08** - Vista da ponte das barcas e da cidade do porto a partir de Vila Nova de Gaia em 1835  
Autoria de Joseph James Forrester

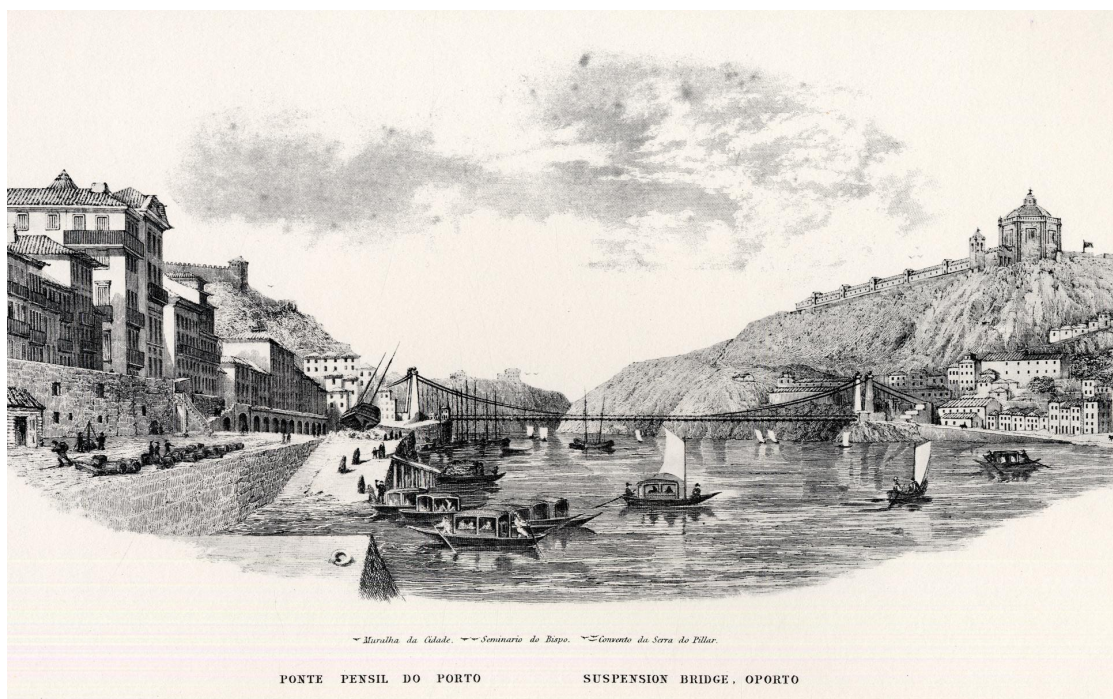
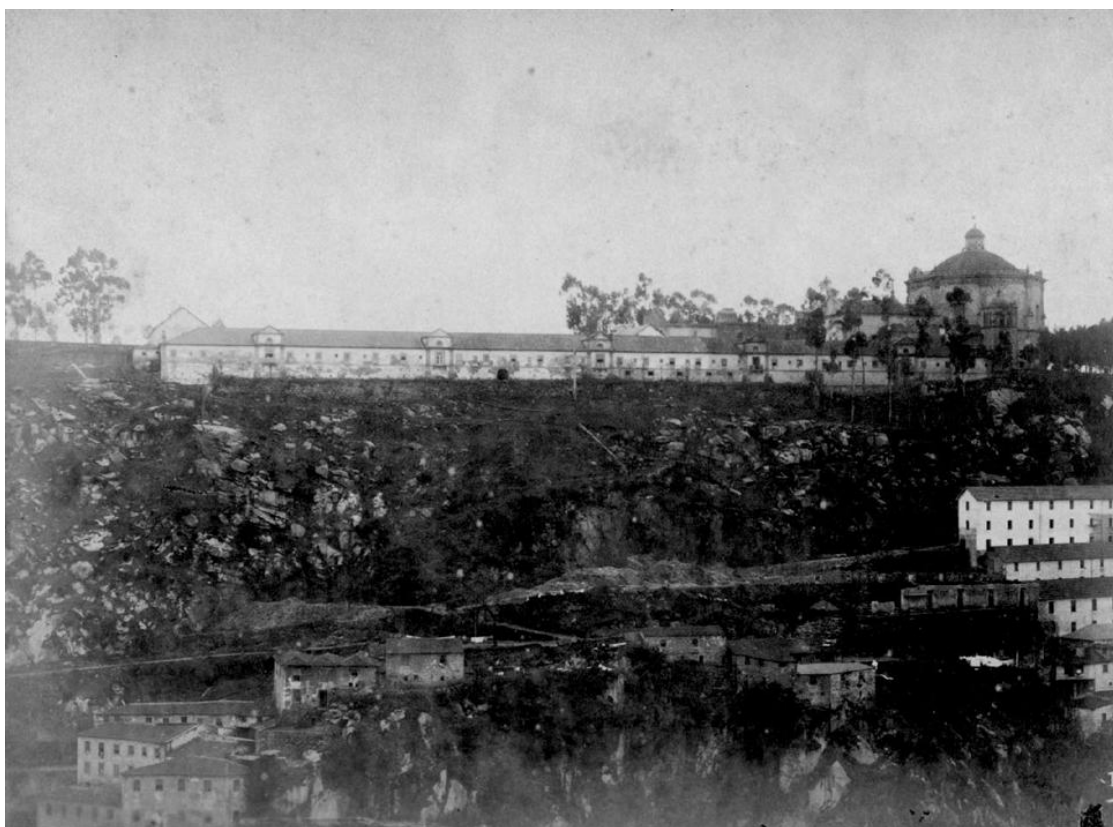


Imagem09 - Reprodução da gravura publicada em 1850, representação do rio Douro, Ponte Pênsil e de embarcações sobre o cais (provavelmente devido a uma cheia)  
Autoria de Joseph James Forrester



**Imagem10** - Fotografia da Fábrica de Cerâmicas do Senhor do Além e Convento da Serra do Pilar



**Imagem11** - Reprodução da gravura publicada em 1829, atividades no cais da alfândega, ponte das barcas e a serra do pilar  
Autoria de Robert Batty (des.) e Robert Wallis (grav.)

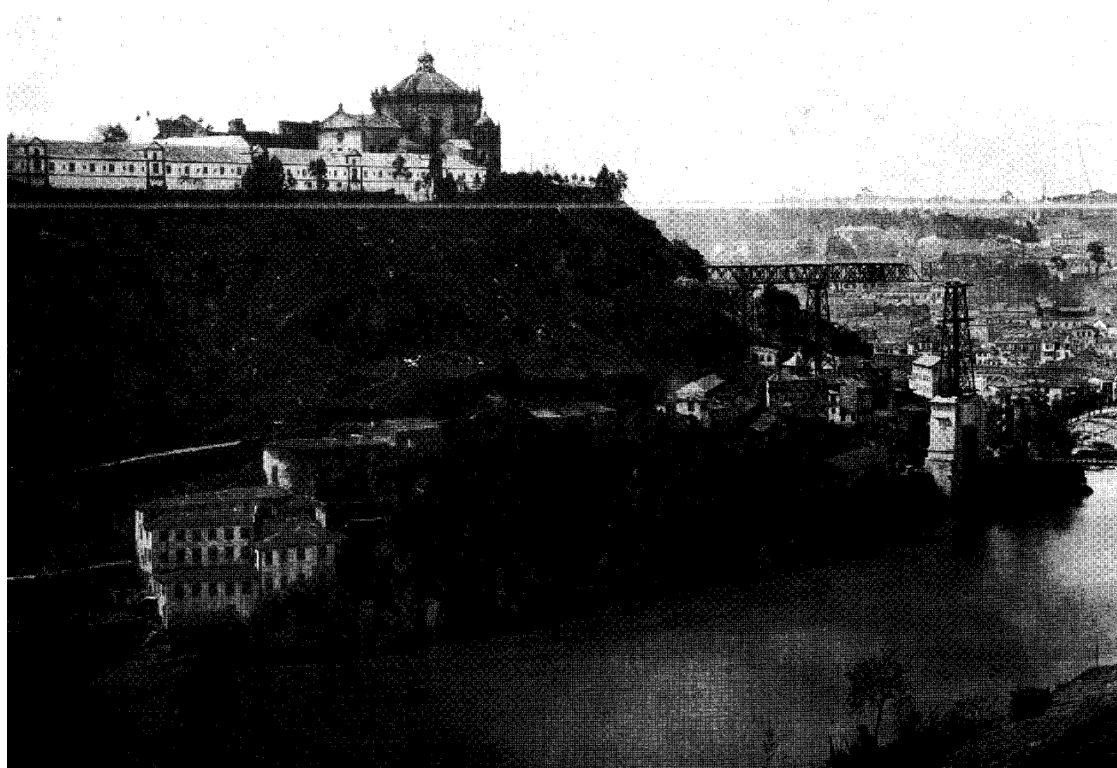


Imagem12 - Fotografia da Fábrica do Senhor d'Além, na década de setenta no século XIX



**Imagem13** - Fotografia de um rebelo no rio Douro e em segundo plano a Fábrica de Louça do Senhor do Além

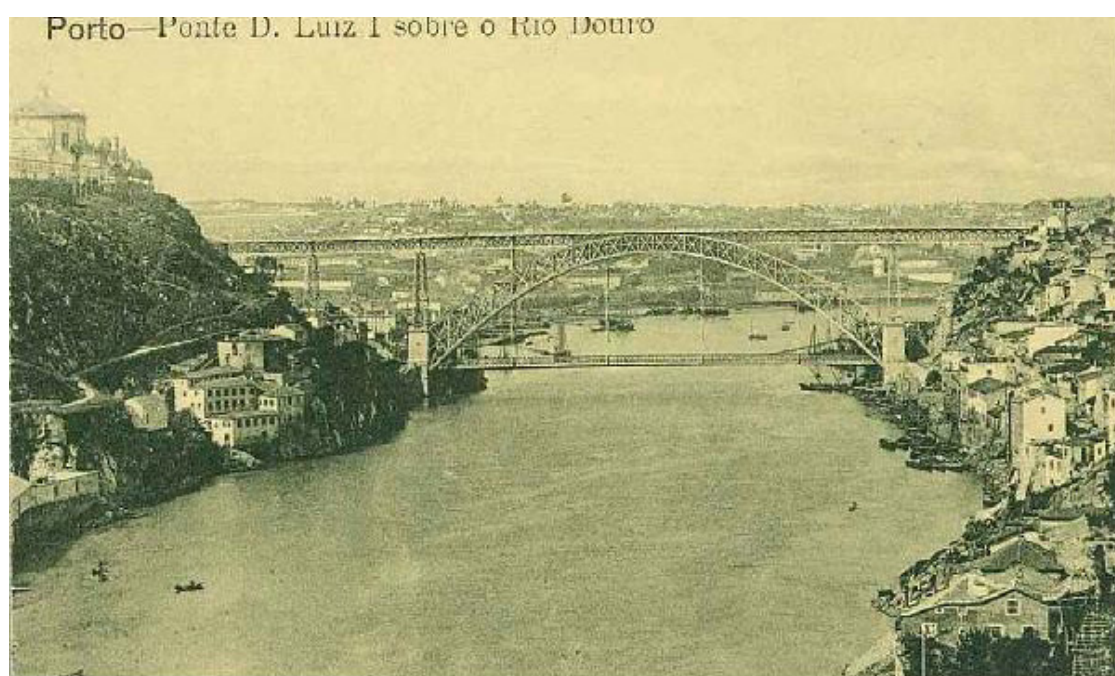
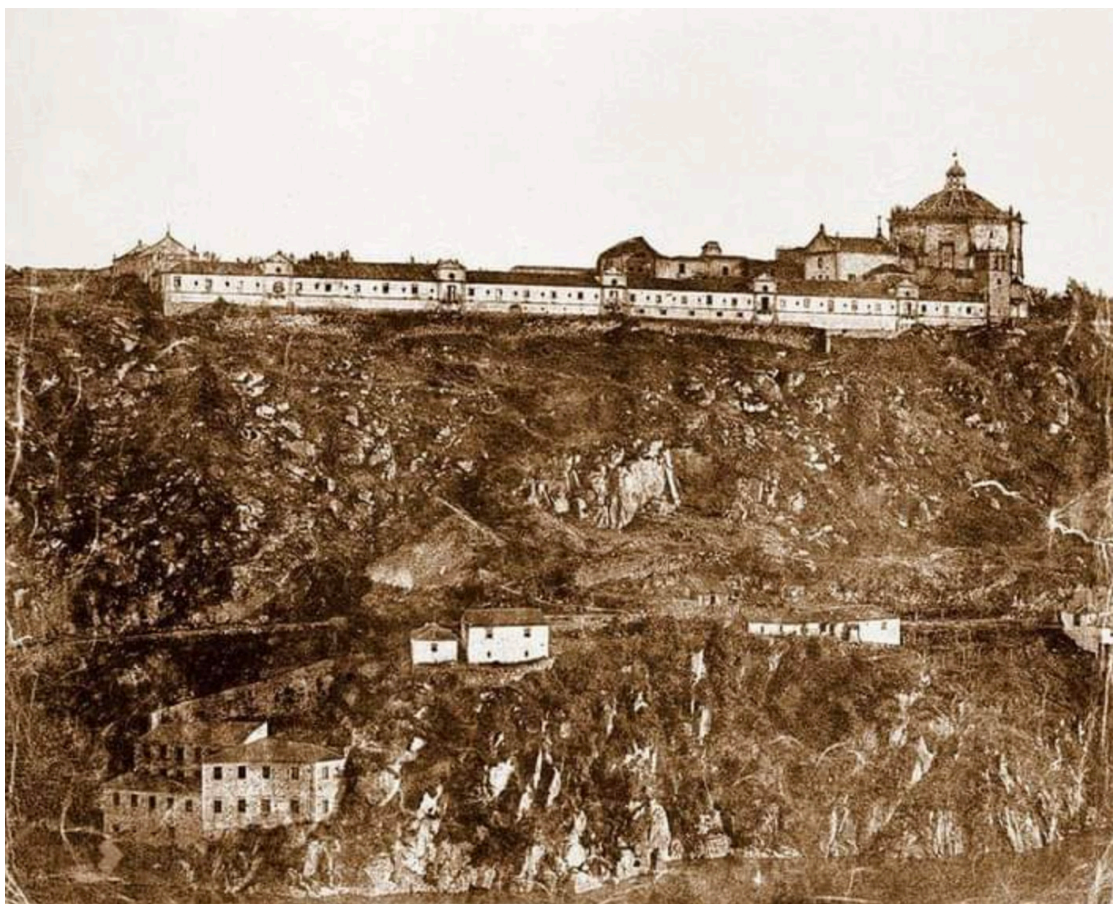


Imagem14 - Postal do rio Douro com a Fábrica de cerâmicas e a capela do senhor do Além representadas em 19-?



**Imagem15** - Fotografia do mosteiro da Serra do Pilar e do volume do edifício da fábrica de cerâmicas correspondente em 1849/1859

Autoria de Frederick William Flower



**Imagem16** - Fotografia do mosteiro da Serra do Pilar e do volume da fábrica ainda sem a última construção da capela do Senhor do Além em 186?



**Imagem17** - Fábrica na última fase de ocupação onde se pode ver o acesso ao cais (autor desconhecido)





### *VIII\_ Documentos de Apoio*

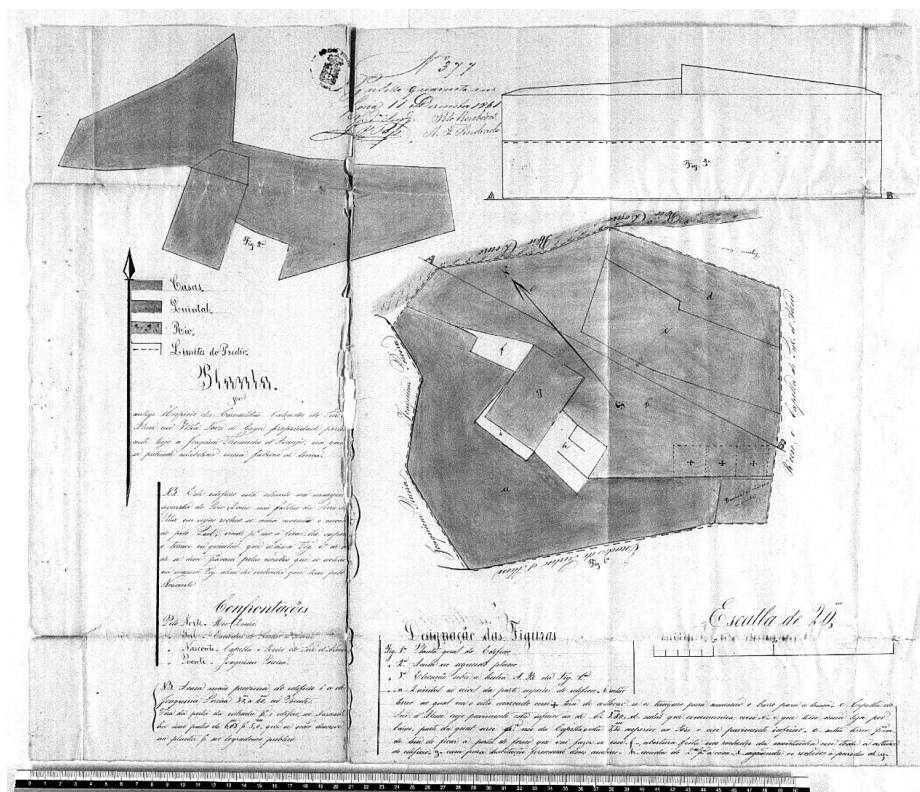
Foram selecionadas algumas páginas mais relevantes dentro de Teixeira, R., & Fonseca, V. (2013). Relatório Final - Intervenção Arqueológica Fábrica de Cerâmica do Senhor d' Além. Matosinhos: Arqueologia e Património



1861

**Pedido de Licença e fabrica de faiança e azulejos pertencente a António Rodrigues dos Santos**

(ADP. Governo Civil: M1488, 14v-20v) (Transcrição de Dr. Luís Mariz, revista com transcrição do Dr. Manuel Leão (LEÃO 2003))



Autos (...) de licença de fabrica de faiança e azulejos pertencente a António Rodrigues dos Santos. 24 de Outubro de 1861.

Diz ARS (...) montar uma fábrica de louça de faiança e azulejos no antigo edifício dos Carmelitas Calçados do Senhor d'Além em Vila Nova de Gaya, margem esquerda do rio Douro e hoje propriedade de Joaquim Fernando d'Araujo (...) pretende licença.

Nas fraldas da serra do Pilar, em cujas rochas se acha assente, vindo a ficar-lhe superior o terraço que se vê na figura 1 - a - donde se descer por uma escada de pedra - h - para a casa (...)

1916

**Pedido de licença de José Pereira Valente**

(ADP. Governo Civil; M1488, transcrição de Teresa Silva e Pedro Maia)

(Folha 1)

Termo de preparo

Aos cinco dias do mez de Fevereiro do ano de mil novecentos e dezasseis, foram-me preparados estes autos com cinco escudos para os termos a seguir. Eu João Ferreira Guimarães o subscrevi.

(Folha 2)

Exmo. Sr. Administrador do Concelho de Gaia [...] 5-2-916 [...]

José Pereira Valente com fabrica de louça na Rua do Senhor d' Além desta Vila, vem perante v. Excia pedir para poder ter a fábrica em laboração, e respectiva licença, visto que a fabrica se acha comprehendida na 2ª classe do decreto de 21 de Outubro de 1863.

A fabrica é situada na Rua do senhor d' Além desta vila e confronta a Norte com o Rio Douro, Sul e Nascente com as Escadas denominadas do Senhor d' Além e do Poente com Rita Joaquina Vieira Braga, proprietária nestes termos:

Gaia 18 de Janeiro de 1916 / [...] a V. Excia. Deferimento / O requerente / José Pereira Valente

(Folha 3)

**Memória Descritiva**

As condições gerais do fabrico da louça de barro, consiste na mistura de diversos barros, dando-se-lhe formas apropriadas ao fim a que se destinam, deixam-se secar, sendo depois cozidas em forno proprio.

Os maquinismos ou aparelhos uzados são **tanques, formas, rodas** a servirem de tornos verticais, e tabuas para construção dos objectos fabricados a secadouras.

Os produtos que se fabricam são: pratos, tijelas, bacias, canecas, e outros semelhantes.

Gaia 18 de janeiro de 1916 / José Pereira Valente

(Folha 4)

Concelho de Gaia – Freguezia de Santa Marinha – Logar do Senhor d'Além

Planta a que se refere o requerimento de José Pereira Valente (Imagem)

(Folha 5)

Conclusão

Aos cinco dias do mez de Fevereiro do ano de mil novecentos e dezasseis faço conclusos estes autos ao cidadão administrador respectivo. Eu José Ferreira Guimarães o subscrevi. / Conclusos / Publiquem [...] / 5-2-916/ [...]

Recebimento

No mesmo dia, mez e ano, recebi estes autos com o despacho *Supra* [S]eu João Ferreira Guimarães, o subscrevi

Termo de junção

Aos dezoito dias do mez de Fevereiro do ano de mil novecentos e dezasseis, juntei a estes autos o traslado do edital e a certidão de aplicação do mesmo edital ao diante. / Seu João Ferreira Guimarães. o subscrevi.

(Folha 6)

Traslado do edital do teôr seguinte:

Edital – Dionisio Ferreira dos Santos Silva administrador do concelho de Gaia faço saber que José Pereira Valente,

da rua Senhor d'Além d'esta Vila, requereu a esta administração licença para a laboração da sua fabrica de louça fina e ordinária, sita na referida rua Senhor d'Além, a confrontar ao Norte com o Rio Douro, Sul e Nascente com as Escadas denominadas do Senhor d'Além e do Poente com Rita Joaquina Vieira Braga, mas como estes estabelecimentos se acham compreendidos na tabela de segunda classe anexa ao Decreto de vinte e um de Outubro de mil oitocentos sessenta e três, com a designação de "louça fina ou ordinaria (fabrica de), "sendo os seus inconvenientes" muito fumo e perigo de incêndio pela acumulação de combustível e exalação insalubres, **quando na fabrica se prepara o oxido de chumbo para vidrar louça ordinária**". São por isso convidadas as autoridades, os chefes e gerentes de quaesquer estabelecimentos e todas as pessoas que pretendam opôr-se à concessão da licença requerida, a reclamar por escripto perante esta administração dentro do prazo de trinta dias, a contar desta data. E para constar mandei passar

(Folha 6v.)

este e outro de igual feôr a fim de serem afixados no logar do estilo. Gaia e administração do concelho, 18 de Fevereiro de 1916. Seu João Ferreira Guimarães, secretário o subscrevi. (a) / Dionisio Ferreira dos Santos Silva / Esta conforme / Gaia administração do concelho, 18 de Fevereiro de 1916 / O Secretário / João Ferreira Guimarães

(Folha 7)

Certidão

Certifico que no dia de hoje afixei dois editais[...] um na porta do edificio desta administração e outro na da igreja [...] desta Vila em que José Pereira Valente morador na rua do Senhor d'Alem desta mesma Vila, requereu a esta administração licença para a laboração da sua fabrica de louça fina e ordinaria sita na mesma morada do Senhor d'Alem, em que estão convidadas as autoridades, chefes e gerente de qualquer estabelecimento e todas as pessoas que pretendam opor-se a concessão da referida licença / Gaia 18 de Fevereiro de 1916 / O oficial de diligencias / Joaquim Manuel [...]

Termo de junção

Aos dezasseis dias do mez de Março de mil novecentos e dezasseis juntei a estes autos dois exemplares de jornaes, sendo um, "Cinco d' Outubro" e o outro "Jornal de Noticias" ao diante. Seu João Ferreira Guimarães, o subcrevi.

(Folha 13)

Certidão

Certifico que, no prazo dos trinta dias designados na lei, não foi apresentada nesta administração, reclamação alguma contra a concessão da licença requerida por José Pereira Valente, para estabelecer fabrica de louça fina ou ordinaria, na rua Senhor d'Alem, freguesia de Santa Marinha, desta vila. / Gaia, a administração do concelho, 21 de Março de 1916 / O Secretário / José Ferreira Guimarães

(Folha 14)

Conclusão

Aos vinte e um dias do mez de Março de mil novecentos e dezasseis, faço conclusos estes autos ao cidadão administrador respectivo. Seu José Ferreira Guimarães o subscrevi / Conclusos / [...] / 24-3-916 / [...] / Recebimento No mesmo dia, mez e ano, recebi estes autos com o despacho supra. Seu João Ferreira Guimarães, o subscrevi

(Folha sem número)

Termo de remessa

Aos vinte e cinco dias do mez de março de mil novecentos e dezasseis, faço remessa destes autos, ao [Senhor] subdelegado de saude. Eu João Ferreira Guimarães o subscrevi

**Pode ser concedida a licença requerida observando-se as seguintes condições:**

1º O recinto destinado aos diversos **fornos** será separado das outras officinas por paredes de pedra que se elevarão em guarda fogo, sem que por cima dos mesmos fornos haja mais do que o telhado.

2º Os fornos deverão ter **chaminé** construída de tijolo e sem nenhuma ligação com o madeiramento do telhado.

3º **A chaminé deve elevar-se num [nicho] pelo menos acima do espigão do telhado mais alto das [casas] [...] mais de 40 metros.**

4º O recinto dos fornos [será] convenientemente ventilado

5º A **trituração** de [...] e feldspato será feita em recipientes fechados ou debaixo d'agua e em [...] bem ventilados.

6º A aplicação de esmalte será feita em recintos resguardados [...] vidro.

7º As **mós** devem ficar instaladas a distancia não inferior a 10 metros de qualquer habitação.

8º Deve ser proibido o trabalho ás crianças sem [licoes] [...] [protejem] a esmaltagem e onde se produza desenvolvimento de pó.

9º Devem ser [...] [achados] para [...] nas devidas condições

10º Deve ser [...] para o pessoal

Gaia 29 de Março de 1916 / O subdelegado de saude / [...]

Recebimento

Aos trinta dias do mez de março do ano de mil novecentos e dezasseis recebi estes autos com o parecer supra. Seu João Ferreira Guimarães, o subscrevi.

Conclusão

Aos trinta e um dias do mez de março do ano de mil novecentos e dezasseis, faço conclusos estes autos ao cidadão administrador respectivo. Seu João Ferreira Guimarães, o subscrevi.

Conclusos Vistos estes autos mostra-se que foram cumpridas as formalidades requerido processo, e, conformando-se com o parecer fl 140; [voto] pela concessão da licença com as form, aliás, com as condições indicadas no mesmo parecer. Remeta-[nos] [...] Governador Civil do Distrito. / Gaia 31 de Março de 1916 / [Dionisio] [...]

Recebimento

Aos cinco dias do mez de abril do ano de mil novecentos e dezasseis, recebi estes autos com o despacho supra.

Seu João Ferreira Guimarães, o subscrevi. / Remessa à conta / Aos cinco dias do mez de Abril de mil novecentos e dezasseis, faço remessa destes autos à conta. Seu João Ferreira Guimarães, o subscrevi. / Conta / [...]

1918

Alvará

(ADP. Governo Civil: M1488, transcrição de Teresa Silva e Pedro Maia)

Alvará de 18 de Fevereiro de 1918 / Governo civil do Porto / N° 2358 / Administração do Concelho de Gaia / Freguesia de Santa marinha. / Administrador – Dionizio Ferreira dos Santos Silva / Secretário – João Ferreira Guimarães

Autos administrativos de impetração (?) de licença para fabricação de louça fina ou ordinária na rua Senhor d'Além, freguesia de Santa Marinha, deste concelho.

Impetrante – José Pereira Valente

Autuação

Aos cinco dias do mez de Fevereiro do ano de mil novecentos e dezasseis, nesta administração do concelho de Gaia, autuei o requerimento, memória descritiva e a planta ao diante junta, que me foram apresentados pelo impetrante José Pereira Valente. Eu Joao Ferreira Guimarães o subscrevi.

SEI 11:14 FAX

000



**Assunto:** Alteração e reconstrução de vários prédios situados na Rua Cabo Simão nº53/55/57/59/61/63 e 65 e antiga fábrica sem numeração, Freguesia de Santa Marinha em Vila Nova de Gaia

**Requerente:** José Mana Ferreira Dias -

**Local:** Antiga Fábrica de Cerâmica do Senhor do Além -

**Servidão Administrativa:** ZEF da Igreja e Claustro da Serra do Pilar (D.G., 2ª série, n.º 137, de 16 de Junho de 1949)

**Inf. n.º:** S-2007/174806 (C.S.498414) **Cód. Manual**  
**N.º Proc.:** DRP-DS/2002/13-17/10317/POP/20243 (C.S.71778) **Data Ent. Proc.:** 23/05/2007

Director(a) Regional Paula Silva a 15/06/2007

Trata-se de um projecto já apresentado anteriormente objecto de meu parecer em 08/06/2007. Emite-se parecer favorável condicionado à apresentação de plano de trabalhos arqueológicos.

Chefe de Divisão Fernando Maia Pinto a 05/06/2007

Concordo com o teor da informação À consideração superior

Apresenta-se novo aditamento à proposta de construção de complexo habitacional na encosta norte da Serra do Pilar, no Lugar do Senhor d'Além, precisamente no espaço ocupado pelas ruínas da antiga Fábrica do Senhor d'Além e edifícios contíguos.

A fábrica cerâmica instalou-se na escarpa do Douro, nas ruínas do hospício dos Carmelitas do Senhor d'Além, a partir de 1861.

Contudo, da análise da documentação enviada verifica-se, uma vez mais, continuarem em falta, quer o Plano de Trabalhos Arqueológicos, quer o levantamento detalhado do edificado existente, solicitado em todos os anteriores pareceres deste Instituto.

Recorde-se que a análise do referido registo prévio de existências por este Instituto constitui também um elemento determinante para a autorização de eventuais trabalhos de demolição que o projecto preveja.

Face ao exposto, e enquanto não forem apresentados os elementos em falta, considera-se não se encontrarem reunidas condições para a emissão de parecer favorável à pretensão pelo que, uma vez mais, se reitera a necessidade de que o requerente proceda ao envio urgente dos mesmos.

Porto, 1 de Junho de 2007

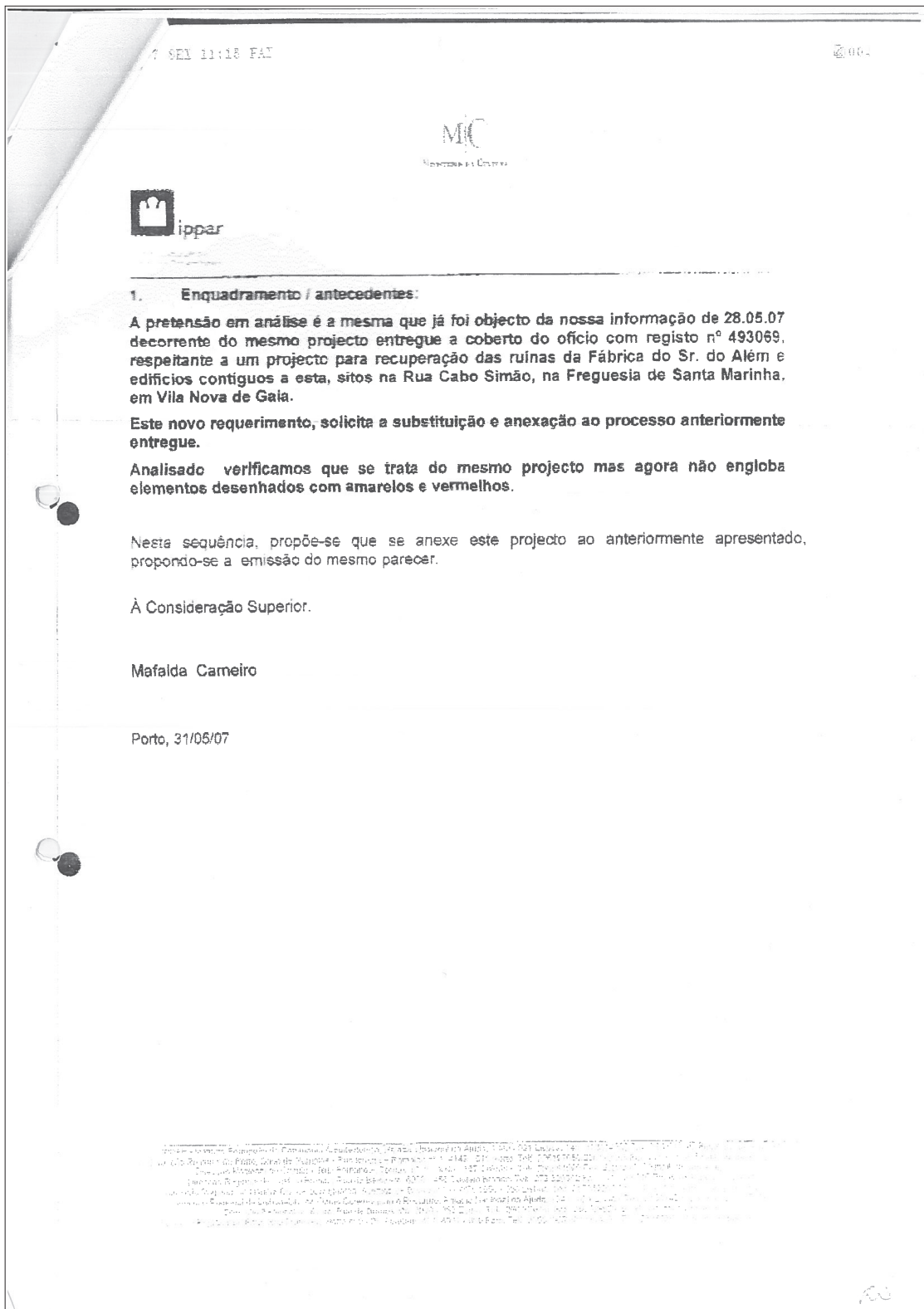
À consideração superior

A Técnica Superior

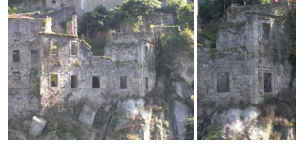
Belém Campos Paiva

Este documento é propriedade exclusiva do Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAA) e não pode ser utilizado sem a autorização expressa do mesmo. O IPPAA não se responsabiliza por danos materiais ou morais decorrentes do uso indevido deste documento. O IPPAA não se responsabiliza por danos materiais ou morais decorrentes do uso indevido deste documento. O IPPAA não se responsabiliza por danos materiais ou morais decorrentes do uso indevido deste documento.

ru



Edifício 01  
Nível 2 e 3 do edifício



Alçado Oeste - Nível 2 e 3



Alçado Norte - Nível 2 e 3



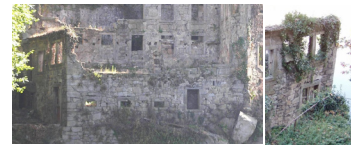
Alçado Este - Nível 2 e 3



Alçado Sul - Nível 2 e 3



Edifício 02  
Nível 1 e 2 do edifício



Alçado Oeste



Alçado Norte



Alçado Este



Alçado Sul



(Re)Interpretar uma Memória



Edifício 05 e 06  
Nível 2 e 3 do edifício



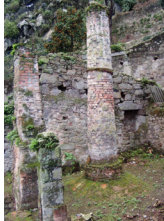
Alçado Norte (Forno)  
Nível 2 e 3



Alçado Este  
Nível 2, 3 e 4



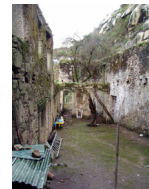
Alçado Este - Nível 4 (chaminé e entrada para câmara superior do forno)



Alçado Oeste  
Nível 2, 3 e 4



Edifício 09 e 10  
Nível 4 e 5 do edifício



Edifício 09 - Alçado Oeste  
Nível 4



Alçado Sul  
Nível 4 e 5



Edifício 10  
Alçado Norte - Nível 5



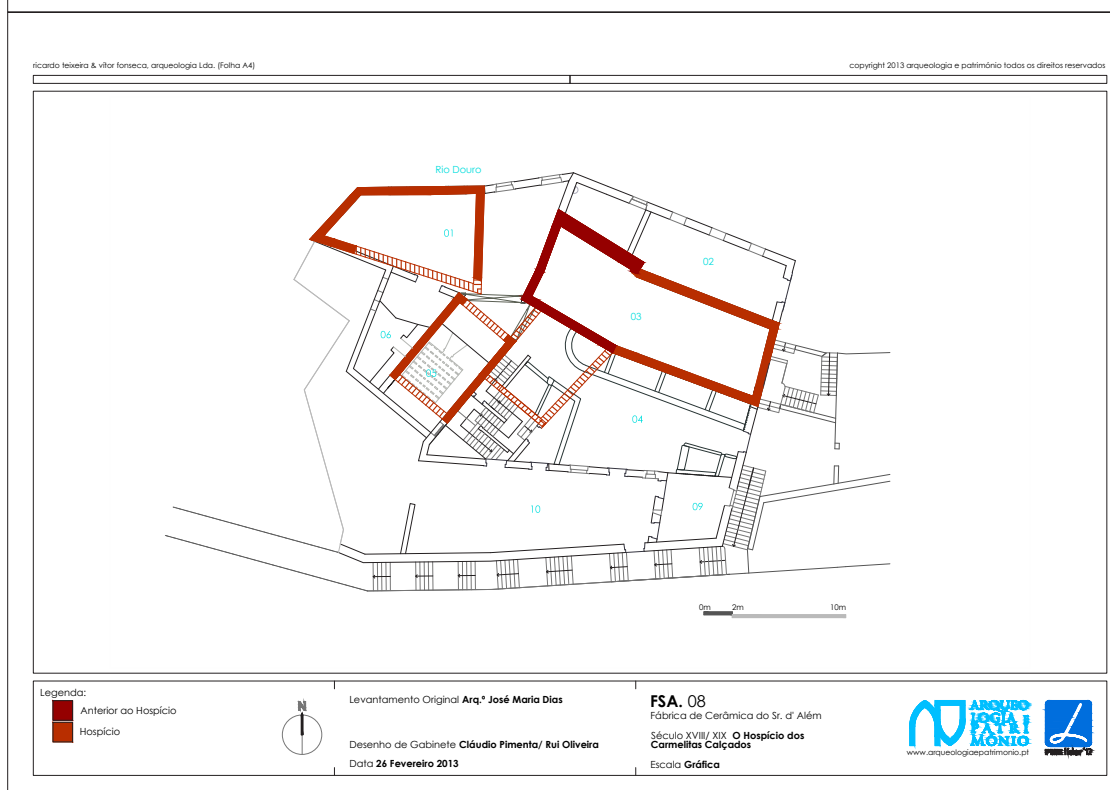
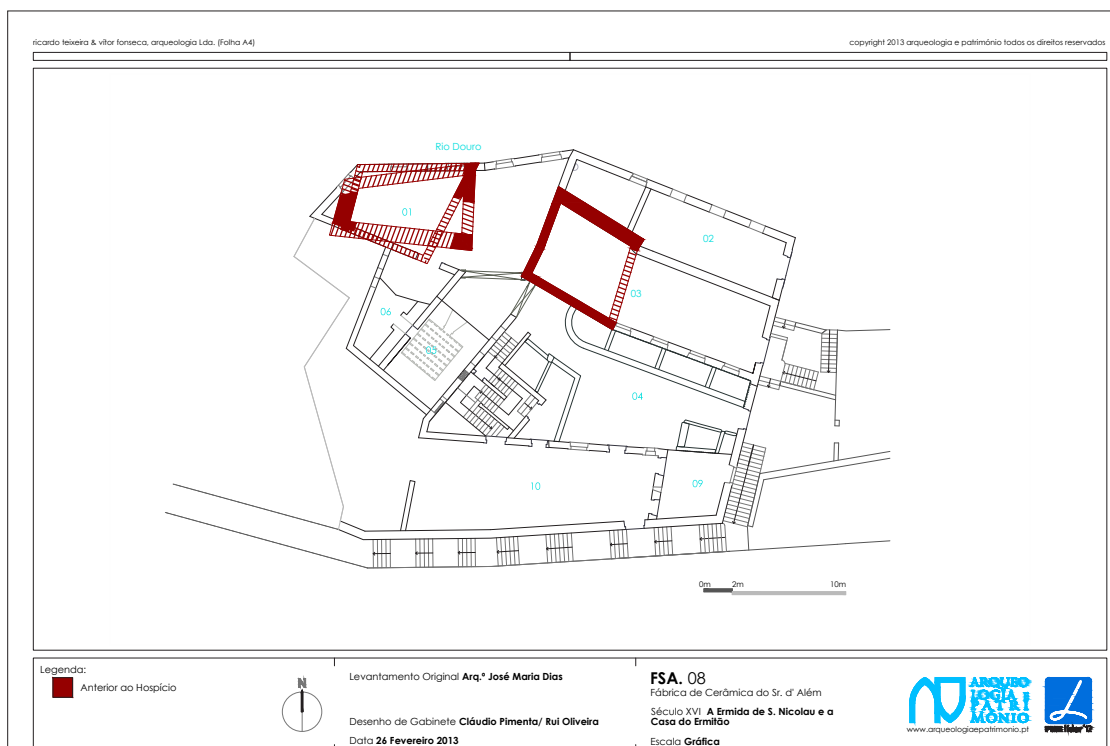
Alçado Sul e Oeste  
Nível 4 e 5

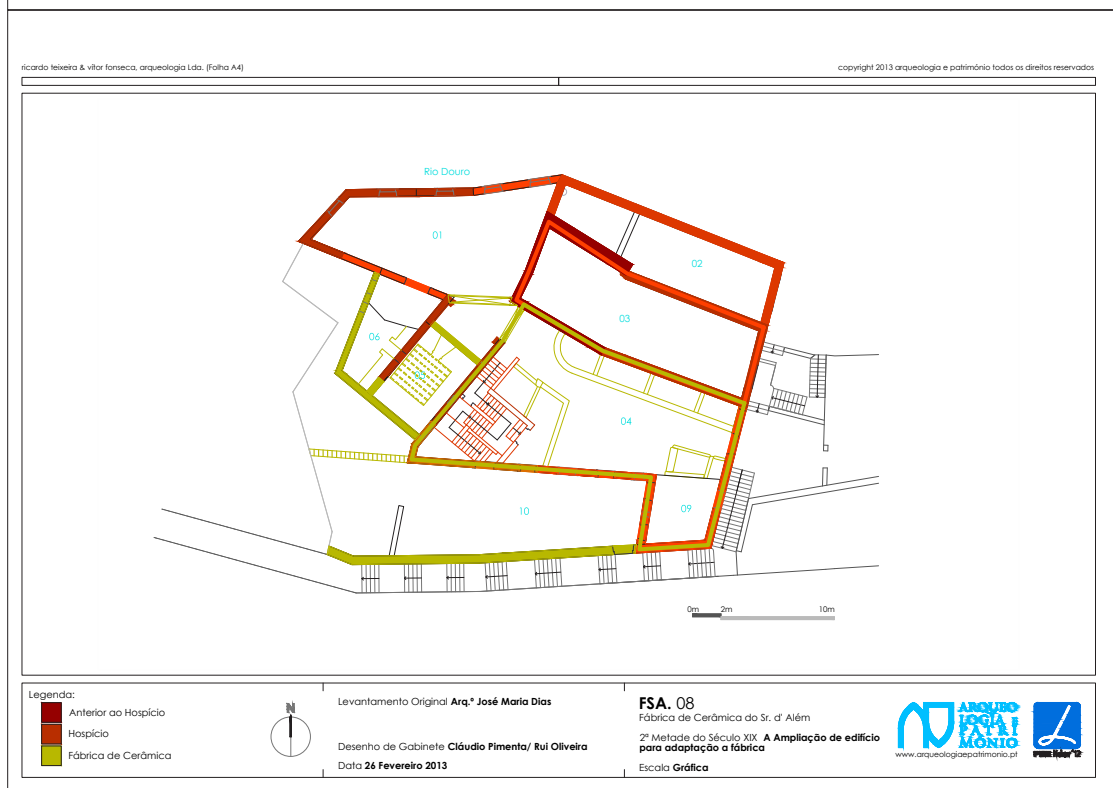
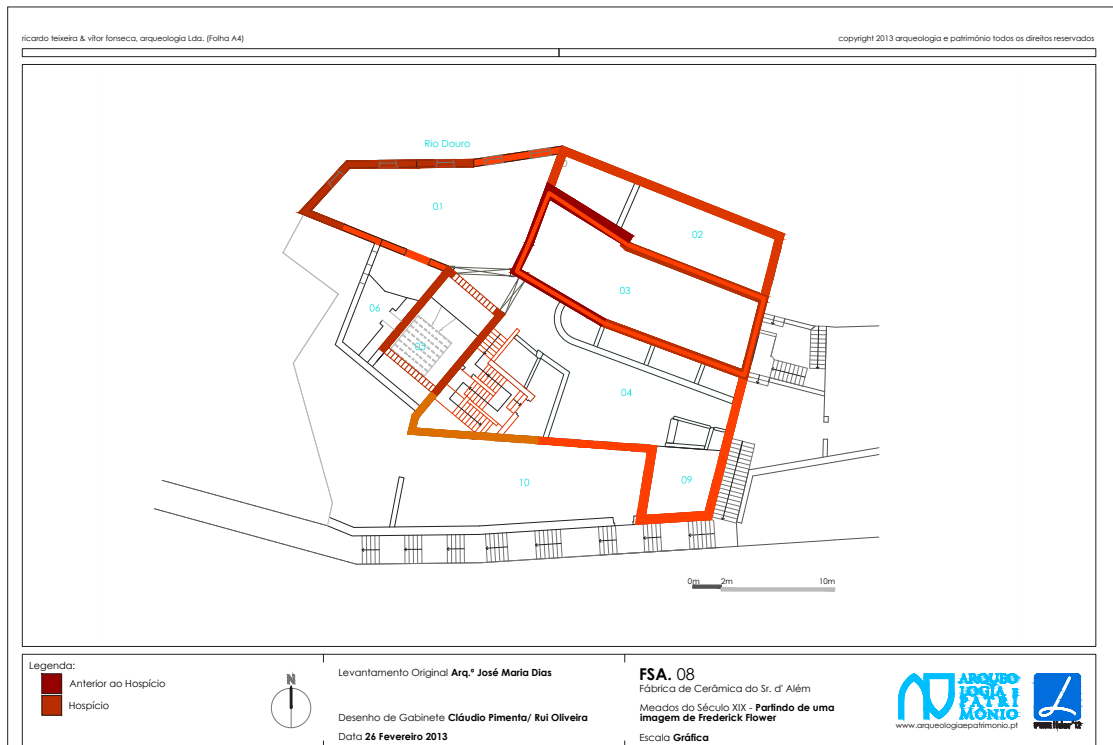


Alçado Sul - Nível 4

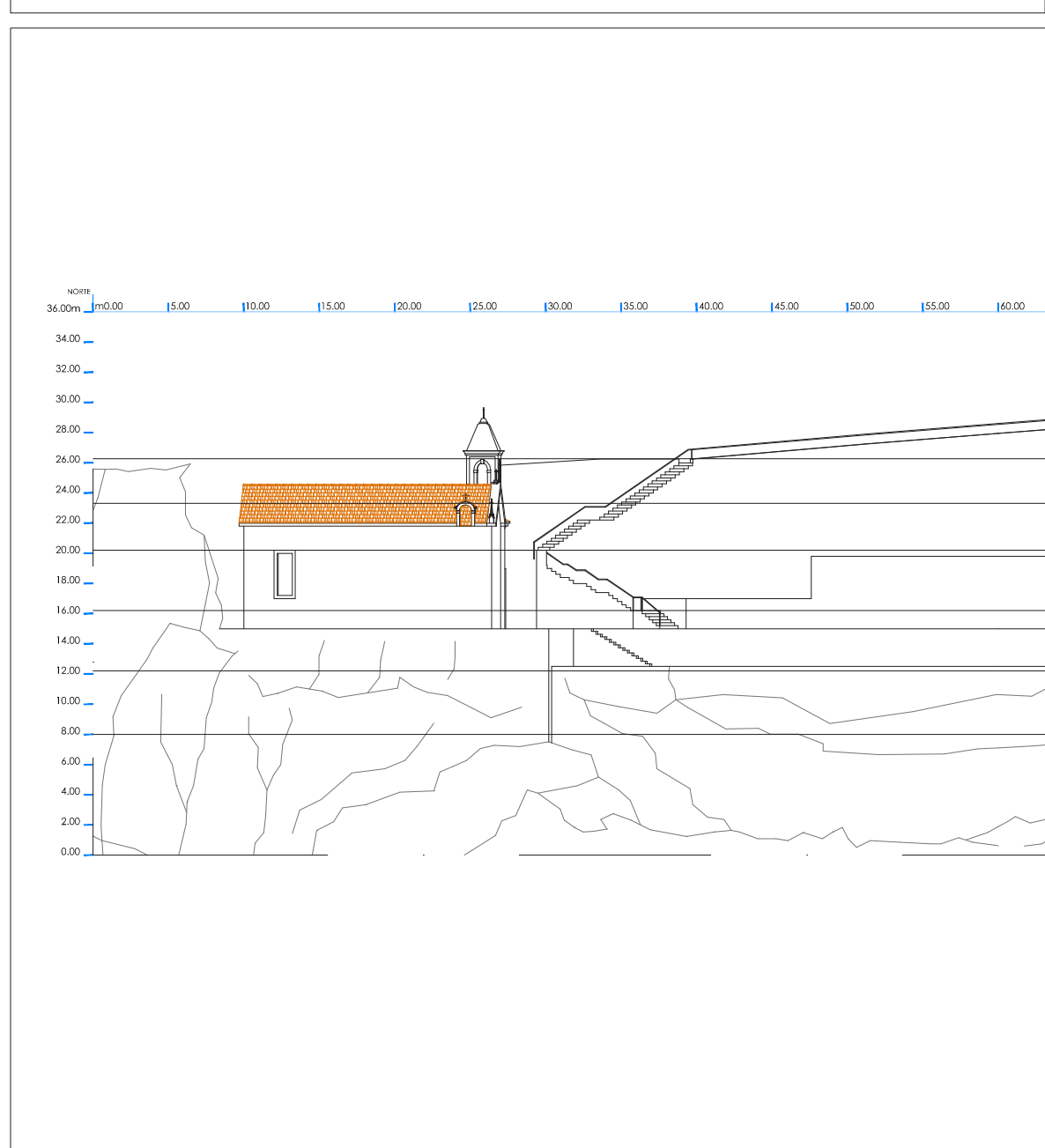


(Re)Interpretar uma Memória





ricardo teixeira & vitor fonseca, arqueologia Lda. (Folha A4)

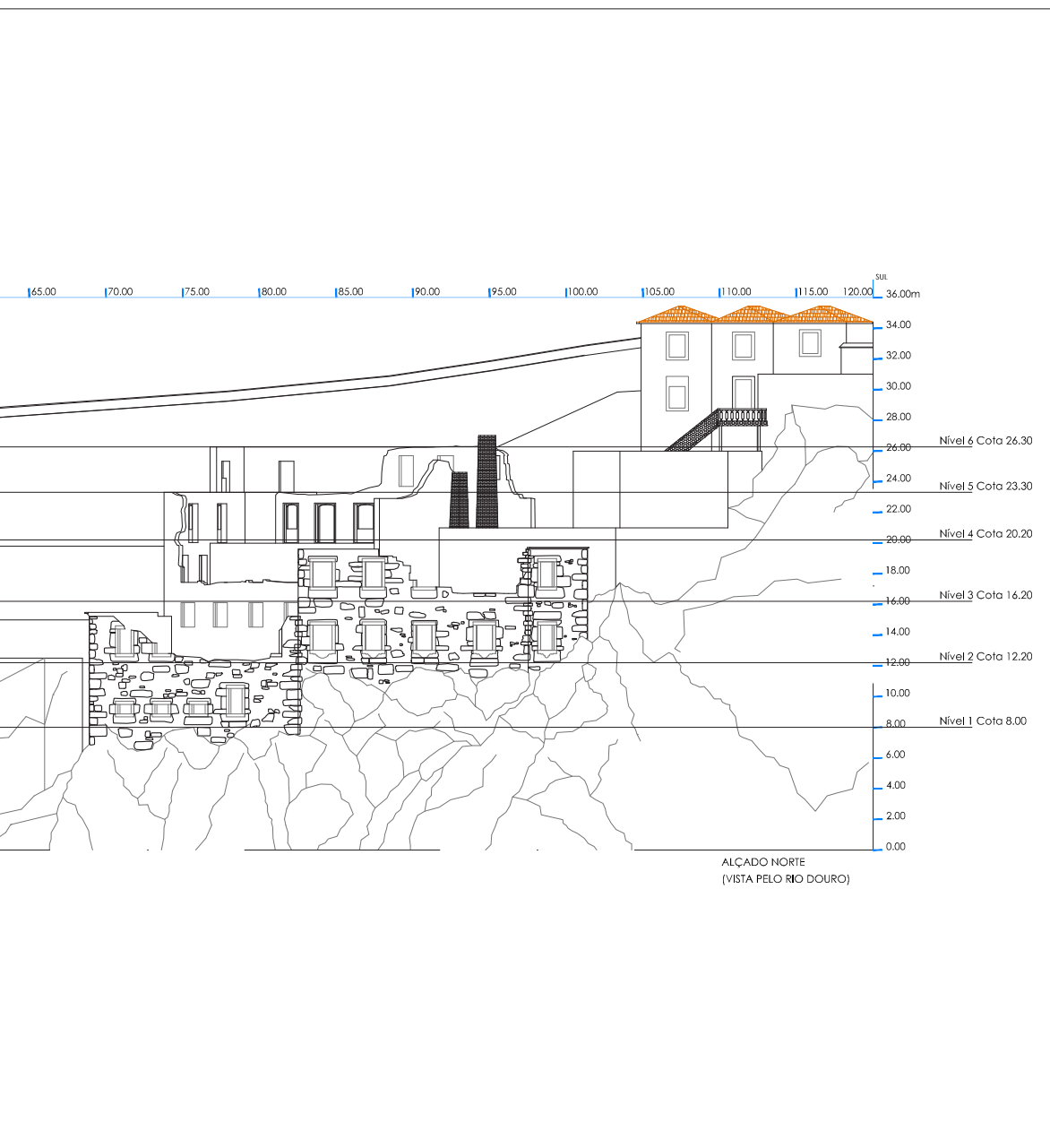


Levantamento Original **Arq.º José Maria Dias**

Desenho de Gabinete **Cláudio Pimenta/ Rui O**

Data **20 Fevereiro 2013**

copyright 2013 arqueologia e património todos os direitos reservados



ALÇADO NORTE  
(VISTA PELO RIO DOURO)

**FSA. 08**

Fábrica de Cerâmica do Sr. d' Além

Alçado Norte

Cotas **Absolutas**  
Escala **Gráfica**



liveira